UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANDRÉA CLARICE RODRIGUES PEINE JARA

Uma representação da identidade docente em *Malhação*

SÃO PAULO

2013

ANDRÉA CLARICE RODRIGUES PEINE JARA

Uma representação da identidade docente em *Malhação*

- VERSÃO CORRIGIDA -

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Mestre em Educação.

Área de concentração: Didática, Teorias de ensino e
Práticas Escolares.

Orientador: Prof. Dr. Jaime Francisco Parreira Cordeiro

SÃO PAULO

2013

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

-
371.1
J37r	Jara, Andréa Clarice Rodrigues Peine Uma representação da identidade docente em <i>Malhação</i> / Andréa Clarice Rodrigues Peine Jara; orientação Jaime Francisco Parreira Cordeiro. São Paulo: s.n., 2013. 282 p. ils.; graf.; tabs.; anexos; apêndices Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 1. Representação (Educação) 2. Identidade (Educação) 3. Professores (Representação) 4. Televisão I. Cordeiro, Jaime Francisco Parreira, orient.
-

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: Andréa Clarice Rodrigues Peine Jara

Título: Uma representação da identidade docente em *Malhação*

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Mestre em Educação.

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus pais, Geraldo e Maria Elena, que com tanto esforço e amor, deram-me uma infância feliz e oportunidades. Também aos meus filhos, Bruno e Caio, que sempre foram pacientes e compreensivos em muitos momentos em que estive ausente e ao meu marido, Alfredo, pelo companheirismo e colaboração.

AGRADECIMENTOS

Durante os anos que busquei concretizar o meu sonho de cursar a pós-graduação na Universidade de São Paulo, fui beneficiada com a companhia de muitas pessoas que colaboraram com a conclusão desta pesquisa e, infelizmente, não será possível citar todos os nomes. Contudo, acredito que elas sabem o quanto as agradeço pelo carinho e por confiarem na minha capacidade.

Ao estimado professor Dr. Jaime Francisco Parreira Cordeiro pelas inúmeras leituras cuidadosas, pelas revisões e observações pertinentes que contribuíram consideravelmente na qualidade deste trabalho. O seu apoio e orientação foram de suma importância no processo desta pesquisa. Bem como pertencer ao seu grupo de estudos é um privilégio para mim.

Sou muito grata a minha amiga e irmã Cléo Tibiriçá por acreditar que eu seria capaz, pelo companheirismo desde 2006, pela paciência que sempre ouviu as minhas angústias, por disponibilizar a sua vasta e muito útil biblioteca e pelas inúmeras revisões feitas nesta dissertação.

Ao meu marido Alfredo Jara e aos meus filhos, Bruno Rodrigues e Caio Rodrigues, pela compreensão, pelo amor e pela solidariedade. Cada instante que vocês afirmaram que se sentiam orgulhosos por mim, me deu força para suportar o cansaço e me manteve firme no meu propósito.

Aos caros colegas do grupo de estudos coordenado pelo prof. Jaime Cordeiro: Vânia, Vanússia, Geraldo, Daniele, Larissa, Martha e a prof^a. Dr^a Marieta Pena que sempre me incentivaram a continuar e dividiram suas experiências comigo. Principalmente, ao querido Cosme Freire pela atenção e carinho que sempre me atendeu. E a querida Diva Calles pela disponibilidade, pelo compartilhamento de bibliografias e os telefonemas que me animavam. Estendo esse agradecimento a estimada Luciana Porfírio por disponibilizar bibliografia e repartir comigo a sua experiência em pesquisar um programa televisivo.

À Prof^a Dr^a Denice Catani, que fez sugestões valiosas para este trabalho durante a disciplina que cursei com ela e no exame de qualificação também demonstrou um cuidado especial para com esta pesquisa.

À prof^a Dr^a Cristina Mungoli pelas observações pontuais na banca de qualificação e a disponibilidade.

O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis.

José de Alencar

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.

Paulo Freire, Pedagogia do Oprimido, 1981.

RESUMO

JARA, Andréa Clarice Rodrigues Peine. **Uma representação da identidade docente em *Malhação***. São Paulo, 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação.

Esta dissertação apresenta os resultados de investigação acerca da representação da identidade docente em um programa televisivo. Tal análise articulou-se em torno das representações veiculadas acerca da docência na telenovela *Malhação* das temporadas de 1999/2000 e 2010/2011. Adotei episódios consecutivos de duas semanas da telenovela como amostra: capítulo 1 ao 5 de 1999/2000 e a semana de 21 de fevereiro a 25 de fevereiro de 2011. A hipótese com que se trabalhou nessa pesquisa é a de que esses episódios podem ser compreendidos como bastante representativos das maneiras como esse programa de televisão, a *cultura da mídia* em geral e mesmo o público costumam perceber e representar a profissão docente. A questão que norteou esta pesquisa foi: como são representados os docentes na telenovela *Malhação*? Essas temporadas foram examinadas como textos com sentidos e representações culturais e sociais sobre a profissão docente, baseando-se nos pressupostos de Roger Chartier e Pierre Bourdieu, abrangendo os seguintes escopos: a) analisar a composição do ser professor e as representações sobre a docência a partir dessa telenovela; b) aventar questões indicativas às temporadas a partir de informações comuns ao universo escolar, referentes ao ser professor e ao exercício da docência; c) vislumbrar os múltiplos discursos e representações socialmente ativas sobre a profissão docente. Assim, em um primeiro momento, desenvolveu-se uma cronologia dessa telenovela e a importância dos bens simbólicos difundidos pela televisão apropriando-se dos conceitos de *cultura da mídia* desenvolvido por Douglas Kellner; codificação, decodificação, ressignificação das mensagens midiáticas apresentadas por Stuart Hall e Martin Barbero. Em um segundo momento, expô-se a antropologia da docência e da instituição escolar, a partir de uma perspectiva sócio-histórica por meio da reflexão de autores como António Nóvoa, Denice Barbara Catani, Jaime Francisco Parreira Cordeiro, Maurice Tardif e Claude Lessard, entre outros. A seguir, apresentou-se a análise dos dados a respeito da atuação docente em *Malhação*, por meio de tabelas e gráficos. Verificou-se que a caracterização da representação da identidade docente na telenovela *Malhação*, ocorre de forma estereotipada, visando fixar sentidos e significados para a identidade dessa profissão por meio de uma circularidade de temas e abordagens nas temporadas que utilizaram como cenário central os colégios *Múltipla Escolha* e *Primeira Opção* para a maioria das tramas.

PALAVRAS-CHAVE: representação; identidade; profissão docente; televisão.

ABSTRACT

JARA, Andréa Clarice Rodrigues Peine. **A representation of teacher identity in *Malhação***. São Paulo, 2013. Dissertation (Master degree in Education) – Universidade de São Paulo, College of Education.

This dissertation presents the results of the investigation regarding the teacher representation on a TV show. Such analysis was articulated around the soap opera *Malhação* teachers' representation shown on 1999/2000 and 2010/2011 seasons. I adopted consecutive episodes from two different weeks as samples: chapters 1 to 5 from 1999/2000 and the week from February 21st to 25th, 2011. The hypothesis that was worked on this research is that those episodes could be understood as highly representative of the way that TV shows, *media culture* in general and even the public are used to perceive and represent teachers. The question that drove this research was: how are the teachers presented in the soap opera *Malhação*? These seasons were examined as text with sense and cultural and social representation about the teacher profession, basing on Roger Chartier and Pierre Bourdieu's conjectures, comprising the following scope: a) Analyze the composition of being a teacher and its representation based on this soap opera; b) Suggest indicative questions regarding the seasons, bases on usual information to school universe, referring to being a teacher and its practice; c) discern the multiples speeches and representation socially active about the teacher profession. So, in the first moment, it was developed the soap opera's timeline and the importance of symbolic goods spread by television, appropriating concepts of *media culture* developed by Douglas Kellner; coding, decoding, re-signification of the mediatic messages presented by Stuart Hall and Martin Barbero. On a second moment, teacher's anthropology and the school institution is exposed, based on the socio-historic perspective through thoughts from authors such as António Nóvoa, Denice Barbara Catani, Jaime Francisco Parreira Cordeiro, Maurice Tardif and Claude Lessard, among others. Afterwards, data analysis was presented regarding teachers' acting on *Malhação*, using tables and graphics. It was verified that teachers' identity representation on the soap opera *Malhação* happens in a stereotyped manner, aiming to fix senses and meanings to this profession's identity, using recurring topics and approach in the seasons that used *Múltipla Escolha* and *Primeira Opção* high schools as main scenario on most of its plots.

KEYWORDS: representation; identity; teacher; television.

RESUMEN

JARA, Andréa Clarice Rodrigues Peine. **Una representación de la identidad docente en *Malhação***. São Paulo, 2013. Disertación (Maestría en Educación) – Universidade de São Paulo, Facultad de Educación.

Esta disertación presenta los resultados de investigación acerca de la representación de la identidad docente en un programa televisivo. Tal análisis fue articulado alrededor de las representaciones difundidas acerca de la docencia en la telenovela *Malhação* en las temporadas de 1999/2000 y 2010/2011. Adopté episodios consecutivos de dos semanas de la telenovela como muestra: capítulo 1 al 5 de 1999/2000 y la semana de 21 de febrero hasta 25 de febrero de 2011. La hipótesis que fue trabajada en esta investigación es de que estos episodios pueden ser comprendidos como muy representativos de las formas con que este programa de televisión, la *cultura de media* en general y mismo el público acostumbran percibir y representar la profesión docente. La pregunta que direccionó esta investigación fue: ¿cómo son representados los docentes en la telenovela *Malhação*? Estas temporadas fueron examinadas como textos con sentidos y representaciones culturales y sociales sobre la profesión docente, basándose en los presupuestos de Roger Chartier y Pierre Bourdieu, abarcando los siguientes objetivos: a) analizar la composición del ser profesor y las representaciones sobre la docencia a partir de esta telenovela; b) aventar cuestiones indicativas a las temporadas a partir de informaciones comunes al universo escolar, referentes al ser profesor y al ejercicio de la docencia; c) vislumbrar los múltiples discursos y representaciones socialmente activas sobre la profesión docente. Así, en un primero momento, se desarrolló una cronología de esta telenovela y la importancia de los bienes simbólicos difundidos por la televisión apropiándose de los conceptos de *cultura de media* desarrollado por Douglas Kellner; codificación, decodificación, resignificación de las mensajes mediáticas presentadas por Stuart Hall y Martin Barbero. En un segundo momento, fue expuesta la antropología de la docencia y de la institución escolar, a partir de una perspectiva socio-histórica por medio de la reflexión de autores como António Nóvoa, Denice Barbara Catani, Jaime Francisco Parreira Cordeiro, Maurice Tardif y Claude Lessard, entre otros. En seguida, se presentó el análisis de los datos a respecto de la actuación docente en *Malhação*, por medio de tablas y gráficos. Se verificó que la caracterización de la representación de la identidad docente en la telenovela *Malhação*, ocurre de forma estereotipada, visando fijar sentidos y significados para la identidad de esta profesión por medio de una circularidad de temas y abordajes en las temporadas que utilizaron como escenario central los colegios *Múltipla Escolha* y *Primeira Opção* para la mayoría de las tramas.

PALABRAS-CLAVE: representación; identidad; profesión docente; televisión.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Personagens protagonistas da temporada 1999/2000: <i>Tatiana e Rodrigo; Érica e Touro</i>	93
Figura 2 - Personagens secundárias: Professores da temporada de 1999/2000.....	94
Figura 3 - Protagonistas da temporada 2010/2011: <i>Pedro e Catarina</i>	96
Figura 4 - Professores da temporada 2010/2011	97
Figura 5 - <i>Smart board</i> (temporada 2010/11).....	126
Figura 6 - Sala de aula (temporada 1999/2000).	123
Figura 7 - Sala de aula (temporada 2010/2011)	127
Figura 8 - Fachada do colégio na temporada de 2010/2011.....	238
Figura 9 - Sala dos professores – colégio Primeira Opção (2010/2011).....	238
Figura 10 - Planta denominada construtivista do colégio Primeira Opção (2010/2011)	238

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Média da audiência do programa Malhação (2001 - 2010)	51
Gráfico 2 - Comparativo do tempo de exibição docente nas temporadas de 1999/2000 (esquerda) e 2010/2011 (direita)	110
Gráfico 3 - Comparativo do tempo de exibição docente por localidade nas temporadas de 1999/2000 e 2010/2011	111
Gráfico 4 - Comparativo do tempo de exibição docente em diversas ações nas temporadas de 1999/2000 e 2010/2011	115
Gráfico 5 - Comparativo de tempo de exibição docente em ações dentro da sala de aula nas temporadas de 1999/2000 e 2010/2011	118
Gráfico 6 - Comparativo do tempo de exibição docente em ações fora da sala de aula nas temporadas de 1999/2000 e 2010/2011	120

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Permanência dos professores por temporada (1999 – 2011).....	49
Tabela 2 - Tempo de exibição docente nos episódios (temporada 1999/2000).....	109
Tabela 3 - Tempo de exibição docente nos episódios (temporada 2010/2011).....	109
Tabela 4 - Tempo de exibição docente por localidade (temporada 1999/2000).....	110
Tabela 5 - Tempo de exibição docente por localidade (temporada 2010/2011).....	111
Tabela 6 - Tempo de exibição docente em diversas ações nos episódios (temporada 1999/2000).....	114
Tabela 7 - Tempo de exibição docente em diversas ações nos episódios (temporada 2010/2011).....	114
Tabela 8 - Tempo de exibição docente em ações dentro da sala de aula nos episódios (temporada 1999/2000).....	116
Tabela 9 - Tempo de exibição docente em ações dentro da sala de aula nos episódios (temporada 2010/2011).....	116
Tabela 10 - Tempo de exibição docente em ações fora da sala de aula (temporada 1999/2000)	119
Tabela 11 - Tempo de exibição docente em ações fora da sala de aula (temporada 2010/2011)	120

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - PROFESSORES DA TELENÓVELA	223
Quadro 2 - 1ª TEMPORADA: de 8 DE ABRIL DE 1996 a 28 DE MARÇO DE 1997.....	239
Quadro 3 - 2ª TEMPORADA: de 24 DE ABRIL DE 1995 a 29 DE JANEIRO DE 1996...	242
Quadro 4 - 3ª TEMPORADA: de 31 DE MARÇO DE 1997 a 27 DE MARÇO DE 1998 ..	244
Quadro 5 - 4ª TEMPORADA: de 30 DE MARÇO DE 1998 a 2 DE OUTUBRO DE 1998	247
Quadro 6 - 5ª TEMPORADA: de 5 DE OUTUBRO DE 1998 a 15 DE OUTUBRO DE 1999	249
Quadro 7 - 6ª TEMPORADA: de 18 DE OUTUBRO DE 1999 a 7 DE ABRIL DE 2000 ..	251
Quadro 8 - 7ª TEMPORADA: de 10 DE ABRIL DE 2000 a 4 DE MAIO DE 2001	253
Quadro 9 - 8ª TEMPORADA: de 7 DE MAIO DE 2001 a 19 DE ABRIL DE 2002	255
Quadro 10 - 9ª TEMPORADA: 22 DE ABRIL DE 2002 a 25 DE ABRIL DE 2003	256
Quadro 11 - 10ª temporada: 28 DE ABRIL DE 2003 a 16 DE JANEIRO DE 2004.....	257
Quadro 12 - 11ª temporada: 19 DE JANEIRO DE 2004 a 14 DE JANEIRO DE 2005	259
Quadro 13 - 12ª TEMPORADA: de 17 DE JANEIRO DE 2005 a 13 DE JANEIRO DE 2006	261
Quadro 14 - 13ª TEMPORADA: de 16 DE JANEIRO DE 2006 e 12 DE JANEIRO DE 2007	263
Quadro 15 - 14ª TEMPORADA: de 15 DE JANEIRO 2007 a 12 DE OUTUBRO DE 2007	265
Quadro 16 - 15ª TEMPORADA: de 15 DE OUTUBRO DE 2007 a 9 DE JANEIRO DE 2009	267
Quadro 17 - 16ª TEMPORADA: 12 DE JANEIRO 2009 a 6 DE NOVEMBRO DE 2009 ..	268
Quadro 18 - 17ª TEMPORADA: de 9 DE NOVEMBRO DE 2009 a 20 DE AGOSTO DE 2010	269
Quadro 19 - 18ª TEMPORADA: de 23 DE AGOSTO DE 2010 a 26 DE AGOSTO DE 2011	270

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	16
INTRODUÇÃO	22
CAPÍTULO 1: TELENÓVELA <i>MALHAÇÃO</i> – DA ACADEMIA PARA A ESCOLA..	36
CAPÍTULO 2: BABÁ, PLIM-PLIM E FANTÁSTICA: JANELAS PARA O MUNDO	53
2.1. Telenovela e sociedade.....	62
CAPÍTULO 3: IDENTIDADE DA PROFISSÃO DOCENTE.....	73
3.1. O espaço de lecionar: a escola.....	80
CAPÍTULO 4: <i>MALHAÇÃO</i> – REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE E ESCOLAR.....	88
4.1. <i>Múltipla Escolha</i> e <i>Primeira Opção</i> : colégios de <i>Malhação</i>	93
4.2. <i>Malhação</i> e a representação juvenil	100
4.3. A atuação docente em <i>Malhação</i>	106
4.4. A sala de aula e as práticas de ensino em <i>Malhação</i>	125
4.5. As representações docentes em <i>Malhação</i>	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
REFERÊNCIAS	155
Fontes	155
Bibliográficas	155
Fontes eletrônicas	160
APÊNDICES	162
APÊNDICE A - TRANSCRIÇÕES	162
APÊNDICE B - PERSONAGENS/PROFESSORES	223
Quadro 1 – PROFESSORES DA TELENÓVELA	223
APÊNDICE C - LISTA DE EPISÓDIOS GRAVADOS EM DVD	235

ANEXOS	237
ANEXO A - AVALIAÇÃO	237
ANEXO B - FIGURAS	238
ANEXO C - ELENCO POR ANO E TEMPORADA.....	239
ANEXO D - REPORTAGENS COM DICAS ESCOLARES	271
ANEXO E - REPORTAGENS SOBRE A AUDIÊNCIA DE <i>MALHAÇÃO</i>	277
ANEXO F – REPORTAGEM SOBRE OS PROFESSORES DOS “PROFESSORES” DE <i>MALHAÇÃO</i>	282

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação de mestrado é fruto da realização de uma necessidade primeiramente pessoal e de uma busca incessante da concretização de um sonho de muitos anos.

Nascida em uma família de classe econômica baixa com escassos recursos para entretenimento, vestimenta e muitas vezes até para a alimentação, desde muito cedo fui incentivada a estudar, pois para os meus pais era somente por meio da escola que eu teria um futuro melhor do que o deles e assim posso pensar que “[...] para as classes subalternas, a educação constitui um objetivo” (EZPELETA, 1989, p.56). Afinal, meu pai, que atualmente é aposentado por ter trabalhado mais de 30 anos em uma metalúrgica na área de produção, e minha mãe, que fez muitas faxinas para colaborar com o orçamento familiar, porque nós éramos uma gangue composta por seis filhos biológicos e uma filha adotiva com todas as necessidades e exigências associadas à função dos pais, não queriam que eu e meus irmãos fôssemos expostos aos mesmos problemas que eles enfrentavam e que acreditavam serem devidos à falta de escolaridade de ambos. Lembro-me dos inúmeros relatos, principalmente do meu pai, a respeito da escola do bairro onde morávamos, pois ele acompanhou de perto a formação, explicando com muita ênfase que no início eram barracões separados pelo bairro, mas depois de muito tempo e com muita luta construíram-se em um local único as salas de aula. Meu pai sempre acreditou na força da educação, tanto que participava da APM (Associação de Pais e Mestres) da escola e a minha mãe frequentava todas as reuniões e apoiava cada decisão tomada pelos professores. Sendo assim, aos seis anos de idade, fui matriculada na Escola Estadual de 1ª grau professor *João Silva*, assim como os meus irmãos mais velhos e depois a minha irmã caçula, e segui os meus estudos em escolas públicas até concluir o ensino médio. Já minha graduação e pós-graduação (*Lato Sensu*) foram cursadas em uma universidade particular. De fato, foram meus pais que me incentivaram e incentivam a continuar essa busca infinita pelo conhecimento, e foi por causa dessa vontade de conhecer e de meu fascínio pela televisão que cheguei à pós-graduação da Universidade de São Paulo.

Lembro-me do primeiro dia de aula, no qual a minha mãe levou-me até o portão, juntamente com o meu irmão, Marcelo, que estava no 2º ano. Fiquei com muito medo, pois havia tanta gente, porém, fui recebida com carinho pela servente. Entrei e ouvi a ordem para que formássemos as filas e eu muito perdida recorri ao meu irmão, que saiu perguntando onde era a fila da minha série. Cantamos o hino nacional e fomos para a sala de aula. Lá tive o primeiro contato com a profissão docente: a minha professora, que para mim é a imagem mais

doce e feliz que tenho, Dona Maria dos Reis. Ela foi marcante em minha vida por muitos motivos, mas o mais relevante é que foi dela que ganhei o meu primeiro livro com uma dedicatória. Confesso que adorava ir para a escola, pois sabia que a minha professora estaria lá. Com o tempo apreciava, além da escola, assistir alguns programas como *Sítio do Picapau Amarelo*, entre outros no aparelho televisor usado que meu pai comprou na década de 80.

Como afirmei, sempre tive apreço pela televisão e por alguns produtos que ela veicula, mas lecionando para jovens do ensino Fundamental II e Médio em meados dos anos 90, vivi o período no qual a telenovela *Malhação* alcançava altos índices de audiência e gerava inúmeros comentários dos alunos em minhas aulas e isto me levou a considerar o que afirma M.Matellart & A.Matellart (1981) que a popularidade das novelas não se mede somente pela audiência, mas exatamente pelo espaço que ocupam nas conversas e debates de todos os dias. Sendo assim, isso despertou ainda mais o meu empenho em acompanhar os episódios e observar seus personagens, mesmo porque já tinha interesse em estudar questões relacionadas à *cultura da mídia*, especificamente a difundida pela televisão, e aos Estudos Culturais, haja vista as muitas críticas vindas dos colegas de profissão, quanto ao uso da televisão e à programação veiculada por esse meio de comunicação. Noto que essas críticas persistem entre os colegas do ensino superior nas conversas que mantenho nas salas dos professores da instituição em que trabalho atualmente.

Porém, apesar do que se dizia naquela época, notava que alguns programas conseguiam mobilizar a atenção dos educandos e proporcionavam discussões bem interessantes em sala de aula. Era evidente que a televisão projetava a cultura, ainda que a dominante, em seus programas, e que influenciava a disseminação de uma identidade social. E partindo desse meu apreço pela televisão e do interesse em entender por que havia tanta resistência a esse meio de comunicação no espaço escolar, dediquei-me a esboçar um projeto de pesquisa. Entretanto, naquele período não havia escolhido *Malhação* como uma fonte de pesquisa, mas sim o meio de comunicação que atraía tanto a atenção dos meus alunos e gerava tanta polêmica entre os meus colegas de profissão.

Dediquei muitas aulas de *Língua Portuguesa* para discutir a linguagem televisiva, os programas e o impacto deles no cotidiano dos discentes. E, nessas discussões, observava o quanto os alunos participavam, traziam novidades e apresentavam reflexões muito interessantes. Lembro-me que no ano de 2005 utilizei em uma das provas da 8ª série¹, que

¹ Cf.anexo - A.

atualmente é denominada de 9º ano, um texto que abordava questões que provocam o senso crítico: os 15 minutos de fama na televisão, se havia discussão em casa sobre a grade televisiva, quanto tempo os alunos assistiam à televisão, entre outros questionamentos. A partir da leitura das respostas dadas pelos alunos nessa avaliação, constatei que a televisão me forneceria subsídios para uma possível pesquisa e que os jovens, de fato, tinham discernimento a respeito do que eles assistiam. Nessa mesma ocasião, adotei para os alunos da 5ª série, denominada 6º ano pela nova nomenclatura, o paradidático *O menino sem imaginação*, de Carlos Eduardo Novaes, no qual o autor narra a aventura de um garoto (*Tavinho*) que era muito dependente da televisão a ponto de possuir três televisores (*Babá*, *Plim-Plim* e *Fantástica*) em seu quarto e que só conseguia imaginar algo por meio da televisão. O menino se desespera quando as transmissões são interrompidas por causa de uma interferência nacional. Ele tenta de todas as maneiras recuperar as imagens dos televisores e chega a planejar uma fuga de casa para um outro país em que as transmissões televisivas estivessem funcionando. Mas, no decorrer do enredo, *Tavinho* consegue exercitar a imaginação de outras formas e percebe que a televisão é um olhar a respeito do mundo e não o próprio mundo. Por meio desse livro, novamente provoquei que os discentes analisassem o poder e magia que a televisão exercia ou não na sociedade, buscando com eles formas de interpretar as imagens e mensagens que esse meio de comunicação veicula. Esses alunos também elaboraram reflexões muito boas que ressaltaram que não eram meros telespectadores como uma parcela da sociedade acredita que sejam. Então, baseada nessas experiências, pensei em analisar a televisão e a sua interferência no contexto escolar e, como mencionei anteriormente, foi esse objetivo que me trouxe à Universidade de São Paulo.

No entanto, para chegar a esta fase enfrentei inúmeras dificuldades e muitos processos seletivos. O primeiro em que me inscrevi foi em 2005 na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Para este processo precisei ler várias obras de que tinha o mínimo de conhecimento, mas aceitei o desafio e superei algumas barreiras como o léxico da comunicação e o discurso empregado neste meio, apresentando o projeto de pesquisa, que na época se propunha a analisar o uso da televisão na escola, conforme afirmei anteriormente. Fui dispensada da prova de proficiência, porque possuo o diploma de graduação em Letras com licenciatura plena em Português e Inglês. Confesso que foi um alívio, pois tive mais tempo para dedicar-me aos textos para a prova específica. No dia marcado pela instituição compareci à unidade e fiz a referida prova e, para a minha alegria e surpresa, após alguns dias descobri que havia obtido a média. Então, me preparei para a entrevista com a orientadora,

professora Lucilene Cury, que havia indicado na inscrição, por causa do seu currículo *Lattes* que apontava o interesse pela análise da televisão. Mas, infelizmente, não fui aceita pela docente. Mas, apesar da recusa do meu projeto, essa professora me convidou para trabalhar com ela e seus orientandos no grupo de pesquisa *Cibernética Pedagógica*, que é coordenado por ela até o momento. Aceitei e comecei a participar das reuniões, a fazer as leituras, colaborar com a elaboração de projetos comunitários do grupo e a reescrever as minhas ideias no projeto de pesquisa. Inclusive, essa professora tentou inúmeras vezes me convencer a trabalhar com o Ensino a Distância, mas eu sempre resistia à ideia, porque a televisão era algo que me despertava a curiosidade.

Na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo vivi boas experiências e prestei mais dois processos seletivos, além do narrado nesta apresentação, nos quais obtive bons resultados em todas as etapas, exceto nas entrevistas. Mas, ressalto que, principalmente, construí um vínculo considerável de amizade com a professora Cléo Tibiriçá, na época orientanda dessa docente, e uma grande estima pela professora Lucilene Cury. Entretanto, percebi que aquela faculdade não seria o lugar em que poderia desenvolver a pesquisa, conforme as ideias que pensava.

No ano de 2006, decidi escrever para a docente Teresa Rego, da Faculdade de Educação desta universidade, da área de Psicologia da Educação, para que me autorizasse a ser aluna ouvinte em sua disciplina, pois eu havia lido um livro dela em meu curso de graduação e nutria interesse pelo autor que ela abordava. Obtive uma resposta positiva e comecei a frequentar as aulas participando de todas as atividades, fazendo todas as leituras propostas, bem como pedi que avaliasse o meu projeto de pesquisa e o trabalho de conclusão de disciplina. Neste mesmo período, novamente, me inscrevi no processo seletivo da Faculdade da Educação. Então, li mais obras, fichei-as, reescrevi o projeto, fiz a prova de proficiência, porque nessa faculdade o meu diploma de graduação não valia para solicitar a dispensa, a avaliação específica e aguardei a análise do meu currículo e do projeto. Em todas as etapas descritas do processo seletivo tive um resultado satisfatório. Mas, como das outras vezes, não fui admitida após a entrevista. Contudo, continuei frequentando a universidade sob a tutoria dessa docente, que ao término da disciplina, me indicou a outra docente, professora Maria da Graça Setton, alegando que o meu tema era do interesse do grupo que ela coordenava. Segui o conselho da professora Teresa e procurei a Prof^a. Graça Setton. Após uma longa conversa, fui convidada a participar de seu grupo, intitulado *Estudos avançados da cultura da mídia*.

Nas reuniões desse grupo, que frequentei por aproximadamente dois anos, uma vez por semana, deparei-me com a perspectiva da sociologia da educação e me apropriei de mais conceitos desconhecidos. E eles colaboraram com o esboço de um novo projeto de pesquisa. Claro que nestes dois anos tentei ingressar mais vezes na pós-graduação, porém, o resultado era sempre o mesmo. Isto me causava incômodo e desânimo, entretanto, não o suficiente para desviar-me do meu objetivo: cursar o mestrado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Em um dos muitos diálogos entre mim e a professora Graça, fui aconselhada por ela a procurar o professor Jaime Cordeiro. Ela teceu inúmeros elogios ao trabalho dele na universidade e se prontificou a me apresentá-lo, pois tinha a convicção que ele poderia me ajudar a configurar melhor o projeto. Agradei a indicação e passados alguns dias, aconselhada pela docente, escrevi ao professor Jaime Cordeiro solicitando uma reunião para discorrermos sobre as minhas pretensões no meu projeto. Marcamos essa reunião e foi um momento, que hoje vejo inicialmente como engraçado, pois cheguei antes do horário e fiquei esperando pelo professor sentada em uma das cadeiras situadas no *hall*, perto dos elevadores no segundo andar. Entretanto, o professor Jaime Cordeiro subiu pelas escadas do lado oposto do primeiro andar e assim não consegui vê-lo chegar e entrar em sua sala. Como não nos conhecíamos pessoalmente, mesmo ele me notando naquele local, não tinha como saber que eu era a aluna que havia solicitado a reunião e estava a sua espera. O horário marcado passou e os minutos avançaram, e eu fiquei mais ansiosa e preocupada. Mas, passados alguns instantes, o professor veio até ao local em que o esperava, perguntou se eu era a aluna que havia marcado o encontro e, finalmente, tivemos a nossa conversa.

Nesse encontro expliquei a ele quais eram os meus propósitos, mostrei o meu projeto de pesquisa e ouvi dele o seguinte: “Pode vir aos encontros do grupo de estudos, pois gostei do seu pré-projeto e acho que poderemos trabalhar juntos”. Nesse dia encontrei o mentor que me conduziu e conduz a melhorar meu projeto, e que tem me orientado a caminhar pelos difíceis caminhos da pesquisa. Acredito que ele muitas vezes procura amenizar as dificuldades pertinentes a este espaço, pois tem a generosidade de doar seus conhecimentos e conhece as minhas limitações e percalços.

Já sob a tutoria do professor Jaime Cordeiro, inscrevi-me para os dois processos seletivos de 2008, mas nesse ano houve uma novidade. Em um dos exames do semestre não consegui aprovação na prova específica, entretanto, no segundo semestre, finalmente, consegui ingressar e assim iniciei meus estudos no ano de 2009, no mês de agosto. É

indescritível a alegria que senti no momento em que soube de minha aprovação. Mas posso garantir que a emoção tomou conta e não consegui conter as lágrimas. Afinal, eu havia concluído a primeira fase do que havia me proposto anos antes. Desde então, tenho me dedicado praticamente em tempo integral à conclusão desse objetivo que almejei por tanto tempo.

Atualmente, leciono para o ensino superior em uma universidade particular, como já observei anteriormente. Mas, sempre recordo e agradeço aqueles alunos que colaboraram e me instigaram a curiosidade de investigar as imagens e mensagens que são projetadas pela televisão diariamente, buscando identificar por meio delas as representações de sociedade e, especificamente para esta pesquisa, uma representação da identidade docente em um programa televisivo chamado *Malhação*.

INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta os resultados de investigação acerca da representação da identidade docente em um programa televisivo. Tal análise articulou-se em torno das representações veiculadas acerca da docência na telenovela *Malhação* nas temporadas de 1999/2000 e 2010/2011². Adotei episódios consecutivos de duas semanas da telenovela como amostra: capítulo 1 ao 5 de 1999/2000 e a semana de 21 de fevereiro a 25 de fevereiro de 2011³. A hipótese com que se trabalhou nessa pesquisa é a de que esses episódios podem ser compreendidos como bastante representativos das maneiras como esse programa de televisão, a *cultura da mídia* em geral e mesmo o público costuma perceber e representar a profissão docente. Optei por esses momentos da telenovela, porque foi no período de 1999/2000 que a instituição escolar apareceu pela primeira vez como cenário principal da trama; já na temporada de 2010/2011 houve pela última vez a exposição do espaço escolar como centralizador das tramas. Porém, houve uma nova reformulação no segundo semestre do ano de 2012, quando essa pesquisa já estava em produção da versão final do texto, na qual um colégio de ensino médio, *Quadrante*, voltou a participar das tramas com mais frequência. Entretanto, esta etapa não foi analisada na dissertação.

A Rede Globo, produtora dessa telenovela, ora define *Malhação* como série ora como telenovela. Porém, ela apresenta características de telenovela: é uma ficção seriada e possui linguagem, narrativa, temática e abordagem de telenovela (LOPES, 2004; MACHADO, 2005; PALLOTTINI, 1998). Sua característica de série seriam as temporadas, mas ela difere das séries tradicionais, pois nessas as temporadas se configuram em novas tramas com as mesmas personagens. Já as temporadas de *Malhação* são caracterizadas pela mudança de atores, personagens e histórias. Então, mediante essas características do programa, pode-se considerar que cada temporada de *Malhação* é uma telenovela. Ela é exibida, geralmente, das 17h30 até 18h15, de segunda a sexta-feira.

Durante a observação dos episódios, que acompanhei por anos, notei, como citado anteriormente, que a escola, a partir de 1999, tornou-se um ambiente de destaque dentro da trama de *Malhação* com as respectivas personagens que circulam neste ambiente, como diretores, professores, inspetores, pais e alunos. Essa mudança me chamou a atenção porque, entre os anos de 1995 e 1998, o enredo era encenado em uma academia de ginástica, sem

² Cf. capítulo 3.

³ Cf. apêndice - A.

nenhum apelo direto ou referência à cultura escolar. O que inicialmente gerou meus questionamentos foi a identificação que os meus alunos tinham com os personagens exibidos pelo programa. Entretanto, após o levantamento dos trabalhos disponíveis com a telenovela *Malhação*, do fichamento das leituras sugeridas pelo meu orientador e das disciplinas da pós-graduação, desloquei a minha curiosidade para a forma como a identidade da profissão docente era representada nos episódios dessa telenovela, pois acredito que esse seja o diferencial desta pesquisa com relação ao que foi produzido até o momento. Assim, surgiu o recorte do tema que norteia esta investigação. Contudo, novos questionamentos apareceram no decorrer da minha coleta e na observação dos vídeos, além da que julgo ser a problemática maior dessa pesquisa: como é representada a identidade docente em um programa televisivo, especificamente na telenovela *Malhação*?

Além da problemática maior já citada, outras questões suscitaram a minha curiosidade no decorrer desta pesquisa e também nortearam as análises apresentadas nesta dissertação:

- ✓ Como a cultura da mídia, especificamente na televisão, apresenta a cultura escolar?
- ✓ Há uma constância na representação da identidade docente nessa telenovela?
- ✓ Qual é a origem dessa representação? Fez-se por meio de uma construção sócio-histórica que se impregnou no imaginário coletivo?
- ✓ Quais são as disciplinas que aparecem com mais frequência nos episódios?
- ✓ Por que a telenovela *Malhação* utilizou em várias temporadas a escola como cenário principal da trama? Será uma forma de validar o programa como um disseminador cultural e educativo ou uma maneira de atrair o público prioritariamente jovem?
- ✓ Por que mesmo utilizando os colégios *Múltipla Escolha* e *Primeira Opção* como cenário central, o nome do programa permanece como *Malhação*?
- ✓ Quais são as categorias de professores exploradas em *Malhação*? Essas categorias são estereotipadas?

- ✓ Há semelhanças entre a rotina e o tempo escolar dos colégios retratados com a escola da vida real?

Ressalto que para esta pesquisa fiz um levantamento de todas as temporadas com os respectivos elencos⁴. Em seguida, gravei 119 episódios⁵, por meio da plataforma *Youtube* e pelo *site* da emissora detentora do produto, do período de 1995 até julho de 2011, que privilegiam várias fases do programa mencionado em que se identifica a presença docente, constituindo assim um arquivo diacrônico da referida telenovela. Mas nem todos foram utilizados para uma análise mais minuciosa, conforme mencionado, porque percebi a repetição de situações e alguns episódios não possuíam boa qualidade de áudio ou imagem, pois o *download*, na maioria das vezes, ocorreu por meio da plataforma já citada. Após as gravações, iniciei o processo de transcrição dos episódios selecionados.

Nessas transcrições constam as falas dos professores e dos alunos, pelas quais procurei recuperar ao máximo o tom desenvolvido pelas personagens que os representam, o tema explorado e a postura corporal adotada no contexto descrito. Bem como descrever os cortes das cenas e os espaços explorados nesses deslocamentos.

O artigo de Maria Thereza Fraga Rocco (1991) foi muito útil para melhor compreender a linguagem televisiva. Ela afirma que, além das imagens, a televisão atua também com palavras que se constituem como complementação das imagens. Ainda que as imagens sejam o seu núcleo definidor, elas não existem sem o verbal, que ancora o visual. Então, palavras, imagens e sonoridades diversas compõem um conjunto de elementos que se formam em recursos de linguagem. A autora ressalta que o estudo das palavras nesse veículo é essencial porque “há momentos na televisão em que as imagens não conseguem expressar o poder polissêmico de uma palavra” (p. 240).

No livro *Televisão e Educação*, Joan Ferrés (1996) afirma que a leitura e a televisão não deveriam ser consideradas práticas opostas, mas, sim complementares, porque são atividades culturais e recreativas compatíveis. No entanto, elas seguem parâmetros comunicativos diferentes, argumentando que a linguagem verbal é uma abstração da experiência, enquanto que a imagem é uma representação concreta da experiência.

Para a apreciação do material coletado para este relatório elegi a análise de conteúdo, estruturando-a em três blocos sugeridos por Ferrés (1996):

⁴ Cf. anexo - C.

⁵ Cf. apêndice - C.

- ✓ **Leitura situacional**, na qual se delimita o filme, a série ou os episódios;
- ✓ **Leitura fílmica**, na qual se pretende observar de forma mais objetiva as imagens e os sons. Nesta leitura há a construção de outros eixos como a narratividade, a análise formal e a leitura temática. Na narratividade o produto é considerado como história observando os personagens e os espaços. Na análise formal é analisado o tratamento dado a história. Na leitura temática procura-se entender o significado dado, a intenção embasada nos dados levantados nas fases anteriores;
- ✓ **Leitura avaliadora**, nesta leitura considera-se o todo, observando os embates entre os personagens, o que esses personagens representam, como se projetam socialmente, quais os valores expostos por eles e os eixos estruturais da narrativa.

Entretanto, a análise de imagens e sons requer alguns conhecimentos específicos da área da comunicação, pois é por meio deles que é possível identificar o enquadramento e os motivos que a produção da telenovela o utilizou, por exemplo. É uma tarefa difícil expressar, por meio do texto escrito, as entonações das falas, os gestos e as atitudes atribuídas às personagens. Portanto, acredito que nem todos os requisitos foram plenamente atendidos na leitura fílmica sugerida pelo autor.

A proposta foi a de aferir os episódios como textos culturais, criando sentidos e representações culturais, nos quais se evidenciam representações sociais da profissão docente. Por meio das inúmeras assistências e da análise desses episódios, elaborei tabelas e gráficos que apresentam o tempo de exibição docente e as atividades exercidas por ele nas respectivas temporadas. Portanto, esses episódios são as fontes da pesquisa empírica. Os episódios são entendidos como representações que a *cultura da mídia* constrói sobre atuações concretas da atividade docente. Ou seja, trata-se de uma análise de representações sobre a profissão docente a partir da perspectiva de uma telenovela.

Sob a perspectiva sociológica, identificam-se na obra de dois autores definições sobre a formação da identidade. Em Stuart Hall (2005), há a referência às múltiplas identidades do sujeito, que sofrem deslocamentos constantes, passando pela mediação de aspectos objetivos presentes nas normas, nas instituições, enfim, nas estruturas sociais contextualizadas em um determinado tempo e lugar, num processo de busca incessante por identificação, argumentando o autor que as identidades não são coisas com as quais nascemos,

mas são formadas e transformadas no interior da representação. Na abordagem de Zygmunt Bauman (2005), há o conceito de identidade flutuante e identidades plurais, porque o autor define que estas assumem posturas diversificadas frente à diversidade de situações culturais, profissionais, religiosas e sexuais; que identidade é algo a ser inventado e não descoberto, sendo fruto de um esforço contínuo de manter-se atualizado, operante em um mundo globalizado. Portanto, no que diz respeito a esses autores, cabe salientar que as identidades dos agentes estão vinculadas a seus papéis sociais.

Roger Chartier (1990) afirma que há uma noção aparente de que se pode ir do discurso ao fato na construção de uma história cultural e que para isso é preciso pensar o discurso como um depoimento da realidade, mas, para o autor, na verdade, ele é um mero mediador e em suas pesquisas Chartier vai se concentrar no estudo do discurso, sem se dirigir a uma realidade exterior. Nesta pesquisa, o discurso, ou seja, os episódios também serão ponderados como mediadores da realidade, como portadores de representações e não como mensageiros de verdades.

Entretanto, como se suscitam as representações? Chartier entende que um determinado grupo social, inserido em certas condições, práticas e processos que dependem de uma técnica, de uma ciência e de um espaço e tempo histórico, terá um determinado modo de usar a mente – “utensilagem mental” – e vai a partir desse modo construir sentidos, gerando um mundo como representação. Esse mundo como representação estará em relação com o real por meio de modelos discursivos, modelos esses que estão vinculados às suas condições de produção, suas categorias de delimitação, sua historicidade e sua intenção. O objeto da história cultural, portanto, não é o real, mas o modo como um grupo o pensa e o transpõe. Ou seja, é um mundo como representação. Essa história escapa aos sujeitos individuais e manifestará o conteúdo “impessoal” do pensamento, uma mentalidade coletiva que rege as representações dos sujeitos sociais sem que estes o saibam.

Sendo assim, Chartier (1990) afirma que as representações sociais – entendidas como discursos que apreendem e estruturam o mundo – são determinadas pelos grupos, são percepções do social, discursos que produzem práticas e buscam legitimar ou justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas, ou seja, as representações demandam práticas que resultam na construção de um mundo social e de uma identidade. O autor chama a atenção para o fato de tratar-se o elemento analisado como um objeto cultural, procedendo-se a uma arqueologia que guarda marcas de produções e usos.

Penso que esta afirmação ressalta a necessidade de se estudar com um olhar sócio-histórico o produto televisivo, pois, no caso de *Malhação*, os episódios são manifestações culturais, são representações do real, impregnadas de símbolos, que são ações intencionais produzidas nas interações do homem com a situação social, no interior dos discursos e designam o modo pelo qual em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada e dada a ler por diferentes grupos sociais. Cada episódio se vale de símbolos, discursos e imagens, ou seja, um conjunto de significados elaborados para compreender a realidade e apropriar-se dela, gerando a noção de representação por meio de uma obra televisiva ou literária, por exemplo.

Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2009) afirma que há uma recusa intelectual com relação ao estudo da telenovela, considerada como pouco séria para a academia. Combater essa premissa é essencial por ser a telenovela um ambiente privilegiado para o exame de conflitos e contradições que dinamizam a cultura em nossa sociedade.

O produto televisivo, para Maria de Lourdes Motter (2004), será integrado à memória individual em nosso agir no mundo e esse fato repercutirá em uma memória coletiva, tornando-se em uma memória registrada de uma época com seus costumes, temas e valores dominantes, podendo assim tornar-se um *documento de época* e uma fonte de pesquisa rica e interessante. Para a autora (2000) a telenovela brasileira possui caráter histórico, não enquanto ciência, mas como uma “forma de memória que registra, no curso do tempo, o processo de transformação da sociedade brasileira.” (p. 76). Essa memória seria, ao mesmo tempo, documental por seu caráter de registro físico e contexto histórico; individual por que remete às experiências de identificação e subjetividade relacionadas ao grupo de pertinência; e coletiva devido à difusão de valores e saberes a um vasto público. Então, esta proposição da autora sugere que a realização de trabalhos que visam a demonstrar e compreender a forma como a identidade da profissão docente é representada pela mídia atualmente pode tornar-se uma considerável contribuição para o meio acadêmico, porque a televisão e a escola por ela imaginada são entendidas como elementos dessa cultura, e a produção de significados sobre o que seja ensinar pode trazer contribuições para a reflexão sobre as relações que perpassam a educação escolar em suas múltiplas formas, desvelando aspectos da própria cultura que a envolve⁶.

Porém, essas representações nem sempre podem ser consideradas fidedignas e imparciais, porque como destaca Roger Chartier (1990), as representações não são neutras.

⁶ Cf. Porfírio, 2004.

Elas, contudo, contribuem para criar sentidos ao passo que estão ligadas às vivências sociais por meio de narrativas constituídas de imagens e textos veiculados pela televisão que se apropriam da prática escolar, a formação docente e o papel social da escola. Sendo assim, acredito que a contribuição desta pesquisa é a de tentar demonstrar e analisar uma representação da profissão docente na telenovela *Malhação*, baseando-se na concepção de representação explanada por Chartier (1990) que contribuiu para compreender como essas narrativas impregnadas de signos funcionam, porque, conforme o autor, as representações do mundo social são definidas pelos interesses dos grupos que as constroem, que nesse caso posicionam os interesses da mídia, particularmente, da televisão.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. (CHARTIER, 1990, p.17)

Nas palavras de Pierre Bourdieu (1990, 2006), os discursos enquanto símbolos têm o poder quase prestímano para imposição. Além de compreender a realidade por meio desses símbolos, os agentes são impregnados por eles, que, de maneira mágica, impõem modelos, atitudes e comportamentos. Este *poder simbólico* é um ponto crucial de toda a sociologia desse autor, que busca explicar a questão da dominação, sobretudo, o poder de disseminação do discurso da classe dominante que impõe aos dominados uma forma de ver e descrever as coisas, partindo do pressuposto de que todas as relações sociais são mediadas pela linguagem. Refletindo a respeito da linguagem como mediadora dessas relações, creio que a televisão é uma fonte interessante de observação, porque ela utiliza múltiplas linguagens para atrair o público.

A televisão vale-se de falas e símbolos sociais veiculados por meio de comerciais, telenovelas e seriados que, apesar de parecerem variados, apresentam uma constância estrutural com uma capacidade de produção de discursos ajustados a uma situação e não um simples discurso. Por outro lado, percebe-se que a TV é uma deslocadora de traços culturais de valores tradicionalmente estabelecidos, um elemento de perturbação, tendo sido, por isso, objeto de preocupações relativas ao seu conteúdo⁷.

⁷ Cf. Setton, 2004.

Apesar de ser um meio de comunicação que projeta o meio social, a televisão apresenta as contradições dessa mesma sociedade, pois divulga as categorias sociais divergentes, as diferenças culturais e econômicas dessas categorias. E, assim, evidencia-se uma significativa característica desse meio de comunicação: “fazer do ser humano uma mercadoria e, concomitantemente, colocá-lo diante desta mesma realidade” (PENTEADO, 2000, p. 38). De acordo com essa autora, a indústria da TV tanto está a serviço das demais indústrias, quanto, pelo menos em termos de possibilidade, a seu desserviço.

A televisão, enquanto canal de comunicação sociocultural, produz a notícia, o entretenimento e a informação com a intenção de mobilizar a ação de seu público, ou seja, sua produção encontra-se a serviço da sociedade em que se localiza e de uma ideologia predominante. Este uso político da televisão também foi explorado por Bourdieu (1997, p.28), quando afirmou “[...] que a imagem tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam o ‘efeito de real’, ela pode ver e fazer crer no que faz ver. Ela pode fazer existir ideias ou representações, mas também grupos [...]”.

Joan Ferrés (1996, p.43) afirma que “quando o telespectador avalia um programa está avaliando a si mesmo. Produz-se, inclusive, um paradoxo de que ele acode à pequena tela para fugir de si mesmo e na realidade acaba se encontrando, mesmo que seja de forma inconsciente”. Ou seja, o autor apresenta a televisão como um espelho no qual vemos projetadas as nossas imagens, as nossas angústias mesmo que queiramos esquecê-las. Já Arlindo Machado (2000, p.13) afirma que a “televisão é e será aquilo o que fizemos dela”, argumentando que nem ela nem qualquer outro meio estão predestinados para qualquer coisa fixa.

A mídia considerada como “[...] todo o aparato material e simbólico relativo à produção e veiculação de mercadorias de caráter cultural” (SETTON, 2009, p.64), por meio da instauração de mensagens e bens de consumo, em grande parte veiculada pela televisão, atualmente integra-se às outras instâncias socializadoras como a escola e a família em uma relação de interdependência. Essa relação se estabelece por meio de uma forma dinâmica que pode favorecer a redução de tensões pela catarse e pode ser também indutora de reações por meio da mimese, e que merece o olhar atento dos pesquisadores para as configurações sociais que a estrutura.

Não se trata apenas da forma de difusão, mas de como ela produz e veicula a cultura de um povo na contemporaneidade. Com o aparecimento da *cultura da mídia*, que produz novos modos de experiência e subjetividade, os indivíduos que são submetidos a uma intensa

absorção de imagens e sons dentro de seus lares, e a um novo mundo virtual que está reordenando percepções de espaço e tempo, nem sempre reconhecem com nitidez a distinção entre realidade e imagem (KELLNER, 2001). Assim, penso que nessa relação a mídia televisiva fornece a toda a sociedade, por meio de signos, modelos de condutas, de pensamento, de integração social e desenha estereótipos sociais.

Ferrés (1996, p. 63) conclui que a:

televisão que é um espelho deformador quando reforça estereótipos negativos, pode ser também um meio integrador se apresentar de forma positiva personagens pertencentes a grupos minoritários [...] Assim, ela pode também contribuir para a formação de uma sociedade mais humana e pluralista, ajudando as crianças a assumirem a realidade em toda a sua complexidade.

O autor ressalta que a televisão nega a realidade quando a reduz a estereótipos, pois eles falsificam a realidade simplificando ou deformando com base em condicionamentos culturais derivados sempre de um jogo de interesses explícitos ou implícitos.

Umberto Eco (1990, p.177) faz uma solicitação quando afirma “que a civilização democrática somente terá salvação se fizer da linguagem da imagem uma provocação à reflexão crítica, não um convite à hipnose”. Ou seja, quando ela tomar distância no que se refere aos próprios sentimentos, souber identificar os motivos da magia, compreender o sentido explícito e implícito das histórias e, principalmente, ter condições de estabelecer relações coerentes e críticas entre o que projeta a tela e a realidade do mundo fora da televisão. É a partir dessa perspectiva que procurei realizar a análise de uma representação da identidade docente no produto televisivo *Malhação*.

Sendo assim, analisar um programa de televisão, nesse caso *Malhação*, significa verificar como é a sociedade. Isto porque o discurso televisivo, formado por imagens, falas e personagens, difunde representações sociais que encontram seu cerne não na produção do espetáculo televisivo, mas na própria sociedade.

Para analisar as narrativas sobre uma representação da identidade docente “em um programa de televisão, torna-se necessário admitir que a cultura de massa seja uma condição posta pela sociedade industrial” (PORFÍRIO, 2004, p.4). Sendo assim, acolhida essa condição, me preocupei em pensar nas inúmeras formas de analisar a linguagem oferecida pela televisão. Adotei a estratégia de realizar um estudo em educação, que não se detém exclusivamente no campo da escola institucional, mas que busca enfatizar as produções

simbólicas propagadas sobre a profissão docente em um determinado espaço da cultura, a *cultura da mídia* (KELLNER, 2001).

Julguei pertinente utilizar o conceito de *cultura da mídia* exposto por Kellner (2001, p.52), pois:

A expressão cultura da mídia tem a vantagem de designar tanto a natureza quanto a forma das produções da indústria cultural (ou seja, a cultura) e seu modo de produção e distribuição (ou seja, tecnologias e indústrias da mídia). Com isso, evitam-se termos ideológicos como ‘cultura popular’ e ‘cultura de massa’ e se chama a atenção para o circuito de produção, distribuição e recepção, por meio do qual a cultura da mídia é produzida, distribuída e consumida.

Esse modo de ver o mundo pela mídia, ao qual o autor cita, encontra ressonância em pesquisas feitas por alguns estudiosos vinculados aos Estudos Culturais⁸, surgidos nos anos 1960 como um projeto de abordagem da cultura a partir de perspectivas críticas e multidisciplinares desenvolvidas na Inglaterra pelo *Birmingham Centre for Contemporary Cultural Studies* e outros centros de pesquisa similares, e que situam a cultura no âmbito de uma teoria da produção e reprodução social, especificando os modos como as formas culturais servem para aumentar a dominação social ou para possibilitar a resistência e a luta contra a dominação. Os Estudos Culturais em educação apresentam embasamentos para a concepção de novas maneiras de conhecimento na pesquisa educacional e consentem a apreensão da pedagogia “mais como uma forma de produção cultural do que como a transmissão de uma determinada habilidade, corpo de conhecimentos ou conjunto de valores.” (PORFÍRIO, 2004, p.4), sendo entendida como uma prática cultural.

Por natureza, o homem é um ser que precisa da vida social por não ser autossuficiente em tudo o que faz e porque é na convivência em sociedade que aprende a ser humano. Por isso, há a inclinação natural de procurar associações: nascemos numa família; buscamos e cultivamos círculos de amizade; somos inseridos na escola; participamos de eventos culturais e esportivos; formamos equipes de estudo e de trabalho; enfim, os elos sociais têm como objetivo não só manter as tradições, hábitos e costumes como também promover meios de viver melhor e estar em contínuo aperfeiçoamento e

É, portanto, no âmago das próprias práticas sociais que se transformam as conceituações de indivíduo, de sociedade, de sujeito, de subjetividade, que emergem de categorias e objetos de reflexão e investigação, característicos da modernidade [...] (SMOLKA, 2002, p.105).

⁸ Cf. Tomaz Tadeu da Silva (2006), Douglas Kellner (2001).

É possível conceber que as práticas sociais modelam os indivíduos por meio da cultura (KELLNER, 2001), cultivando e realçando seus potenciais e capacidades de atuação e criatividade. A *cultura da mídia*, “que explora a visão e a audição, participa igualmente desses processos [...]” (PORFÍRIO, 2004, p. 05). Essa cultura midiática produzirá “nos indivíduos determinados modos de ver o mundo, determinando modos de ser, fazer, sentir e desejar, fazendo com que as vivências humanas se deem [...]” (ibid, p.05), e pode-se pensar que se propaguem por meio das “lentes da mídia” (ibidem, p 05). Assim, nas reflexões de Kellner (2001), a forma mais apropriada de construir e desenvolver teorias sobre mídia e cultura é por meio de uma análise particular de acontecimentos concretos, contextualizados nas alternâncias da sociedade, realizando pesquisas das maneiras como ela concebe produtos que refletem os discursos sociais embutidos nas subversões e nas lutas basilares de determinados períodos.

No que concerne à profissão docente, é importante ressaltar para esta pesquisa o que Antônio Nóvoa (1991) analisa como os esforços dos professores para melhorar seu estatuto profissional e sua situação socioeconômica, considerando como peremptórias nesse processo as suas relações com o Estado que criou as condições necessárias para que a docência se tornasse uma atividade profissional do funcionalismo público. Com essa medida, estabeleceram-se critérios de seleção mediante a licença para ensinar, o que acabou por gerar a necessidade de uma formação específica, fornecida por instituições destinadas a difundir conhecimentos acerca do exercício da docência. Tais instituições desempenharam uma função importante na profissionalização da docência, assim como as associações profissionais que constituíram normas e manuais para os professores que orientavam a prática da profissão. A produção de manuais e revistas, por meio de discursos no campo educacional, contribuiu para a concepção de uma postura idealizada e mais adequada do exercício da profissão docente (CATANI, 2003; CORDEIRO 2002; SILVA, 2001). Essas propostas teóricas, veiculadas nas revistas, partem de determinadas representações, sobre a escola, o professor e a prática pedagógica.

Jaime Cordeiro (2002) na pesquisa em que analisou três periódicos educacionais, marcados pela discussão do *novo* e do *tradicional* na educação, afirma que essas alocações terminam criando representações da realidade existente nas escolas que, ao mesmo tempo, ao ganharem força e prestígio, passam a ser partes constitutivas dessa mesma realidade, não podendo ser dela separadas. Ressalta também que essas disposições discursivas causam um duplo resultado. De um lado, ao elaborarem determinadas compreensões acerca da escola, do

papel dos docentes e da função da mudança frente ao já estabelecido no ensino, permitem a constituição de saberes pedagógicos, voltados para a orientação das práticas educativas concretamente efetivadas nas escolas. De outro lado, no mesmo movimento, constituem diferentes estratégias de legitimação dos autores das diversas propostas nas lutas então travadas no âmbito do campo educacional e que incluíam, dentre outras, a disputa da autoridade de prescrever os rumos das mudanças no sistema escolar, além de adicionarem prestígio e poder, que se expressa na obtenção de verbas, na consagração de certos temas e linhas de pesquisa.

Para Nóvoa (1991), a partir dessas perspectivas é possível entender o desenvolvimento evolutivo da imagem social e do estatuto profissional dos professores. Contudo, pode-se propor que o discurso pedagógico abrange outros contextos, porque um texto, um programa de televisão ou um filme que trata de questões educacionais, consiste em um esforço prático de orientar, de induzir ou de prescrever a ação pedagógica e construir ou reafirmar representações sobre a profissão docente mesmo que não apresente uma intenção declarada para este fim. Especialmente, por volta dos anos 70, em função do avanço do discurso capitalista e do surgimento das novas tecnologias midiáticas, sobretudo o acesso aos programas televisivos que exploram inúmeros temas, dentre eles a educação, a atuação do professor é questionada dentro e fora do ambiente escolar. De agente de difusão dos saberes escolares, o professor passa a ser percebido mais como um intermediário e a ocupar o lugar de pesquisador, orientador, parceiro, cada vez mais pertencendo à categoria dos profissionais em constante reflexão sobre sua atividade, e, por esse motivo, a sensação da incompletude faz parte de seu cotidiano (HARGREAVES, 1986).

Há ainda uma representação ética do trabalho docente, atrelada à atuação eficaz da profissão, inerente à sua personalidade e às representações que o professor admite, tanto nos aspectos subjetivos do ensino como nos conflitos e dilemas intrínsecos ao processo. Tardif (2002, p. 149) afirma que:

[...] o professor não é um trabalhador que se contenta em aplicar meios e se comporta como um agente de uma organização: ele é sujeito de seu próprio trabalho e ator de sua pedagogia, pois é ele quem a modela, quem lhe dá corpo e sentido no contato com os alunos (negociando, improvisando, adaptando).

Ou seja, acolhendo propósitos dúbios, heterogêneos, contendo por sua própria natureza um objeto humano complexo, singular e social, e capaz de oferecer reação, o trabalho docente não pode ser analisado nem reduzido aos seus componentes funcionais

(CALLES, 2012). Tardif (2008, p. 150) ressalta que “ensinar é uma tarefa emocional, exercida com, sobre e para seres humanos, e que demanda engajamento afetivo.”

Lawn (2001) afirma que a identidade “oficial” do professorado é um efeito das necessidades do Estado de constituir o sistema educacional, além de estabelecer-se num método eficaz de controle sobre os docentes. Deste modo, as maneiras como os discursos acerca dos professores se instalam podem revelar quais intentos de consolidação de representações sobre a Nação, por meio do papel da escola na formação dos cidadãos, são prevaletentes. O papel atribuído ao professorado modificará, também, quando são necessárias modificações nos sistemas educativos.

Mediante as ambiguidades da profissão docente citadas acima, há a necessidade de redescobrir uma identidade coletiva dos profissionais docentes, pareceu-me pertinente examinar, por meio dos episódios de *Malhação*, movimentos de atuação de professores. No caso da presente pesquisa, tal processo identitário e de representações é estudado em diferentes temporadas, com o intuito de tratar de temas recorrentes às identidades docentes e às práticas pedagógicas assumidas nas mais diversas situações.

A partir desses questionamentos e conceitos este trabalho é composto pelos seguintes capítulos:

O capítulo 1 descreve a cronologia de *Malhação* até a presente temporada destacando algumas situações, temáticas e personagens, exemplificando por meio de tabela e gráfico a relevância dessa telenovela e a permanência das personagens professores.

A seguir, no capítulo 2, apresento considerações embasadas por autores que afirmam e defendem o poder comunicativo da televisão e o uso dessa ferramenta como instância socializadora ao lado da escola e da família. Também, aponto algumas críticas recebidas por esse meio de comunicação com o objetivo de caracterizar que esse é um meio de comunicação que desperta muitas teorias e conflitos no meio acadêmico. Defendo a ideia de que é preciso estudar os programas que a televisão produz por meio de uma leitura apurada, pensando que a codificação/produção segue alguns parâmetros e dissemina produtos culturais, mas que a decodificação/recepção não é feita de forma passiva pelos telespectadores, mas em níveis variáveis, conforme os seus paradigmas e valores. Depois, abordo o gênero telenovela descrevendo o seu surgimento como um produto latino-americano, que ganhou uma característica brasileira muito marcante, por meio da Rede Globo de televisão, tornando-a

uma fonte de entretenimento, integração social e pauta de muitos assuntos do cotidiano, que levam o público a muitas reflexões.

No decorrer do Capítulo 3 descrevo a genealogia da profissão docente, por meio de autores que revelam os embates políticos e ideológicos da profissionalização docente e da criação da instituição escolar, buscando caracterizar como esse espaço se configurou socialmente com o mais apropriado para o exercício da docência, não deixando de mencionar que inicialmente a prática dessa profissão era exercida em outros locais e em condições diversas.

Início o capítulo 4 apresentando um histórico dos trabalhos desenvolvidos com a telenovela *Malhação*, expondo as suas características com o objetivo de delinear o interesse do campo científico por essa telenovela. Demonstro, por meio de trechos transcritos dos episódios, tabelas e gráficos das temporadas selecionadas de 1999/2000 e 2010/2011, as análises da representação da identidade na telenovela *Malhação*, caracterizando a atuação docente, a sala de aula e o ensino, as categorias de professores apresentadas no respectivo produto televisivo.

A seguir, há as considerações finais desta pesquisa, demonstrando por meio dos dados coletados e analisados a representação docente em *Malhação*, utilizada como ferramenta para o desenvolvimento desta dissertação, que assinalam certas categorias de professores exibidas nessa telenovela e avalia que a produção televisiva recorre aos modelos estereotipados da identidade da profissão docente para compor essas personagens nas tramas de *Malhação*.

CAPÍTULO 1: TELENVELA *MALHAÇÃO* – DA ACADEMIA PARA A ESCOLA

Por ter um longo período de exibição na televisão, penso que é pertinente descrever a cronologia da telenovela *Malhação*, cujo título, no início, fazia referência ao próprio cenário, já que começou em 1995 contando as histórias de vidas de jovens de classe média alta, frequentadores de uma academia de ginástica da cidade do Rio de Janeiro, no bairro da Barra da Tijuca. Essa academia era o cenário principal das tramas que envolviam as personagens principais e coadjuvantes. Inicialmente estavam previstos três anos de exibição para a telenovela, o que a caracterizava, a princípio, como uma série⁹, cuja proposta inicial era abordar temáticas relativas ao universo juvenil, fato que se repete até as temporadas analisadas nesse trabalho. O primeiro capítulo estreou no dia 24 de abril de 1995 e a temporada estendeu-se até 29 de março de 1996¹⁰.

O programa inaugurava um novo conceito na teledramaturgia da TV Globo, conforme o “site” *Memória Globo*, pois era um seriado com algumas semelhanças com as *soap operas* americanas com data de término em aberto, com maior flexibilidade para mudanças nas narrativas paralelas e no perfil das personagens. Em vez de uma carga dramática típica desse tipo de produção, o novo programa tinha uma abordagem leve e bem-humorada para as questões delicadas que pretendia discutir. Para desenvolver uma história com essa nova estrutura, foi instituída uma segmentação por semanas, ou seja, a trama iniciava na segunda-feira e terminava na sexta, quando surgia o fio condutor para o assunto da próxima semana. Esse formato permaneceu em *Malhação* pelos dois primeiros anos. Já no terceiro ano, as ações passaram a ser contínuas, sem a preocupação de concluir a história. Desde o início, também se arriscou na troca de experiências entre atores veteranos e iniciantes como uma marca registrada, tornando-se assim um laboratório para novos talentos que, após saírem da *Malhação*, são escalados para os elencos de outras telenovelas da Rede Globo como no caso de Priscila Fantim, Juliana Didone, Bruno Ferrari, entre outros atores. Essa prática persistiu até a temporada analisada nessa pesquisa.

⁹ Informações cedidas pelo “site” Memória Globo: <<http://memoriaglobo.globo.com>>. Acesso em: 06/12/11 às 12h30.

¹⁰ Escrita por Andréa Maltarolli, Patrícia Moretzsohn, Márcia Prates e Emanuel Jacobina, com roteiro final de Charles Peixoto. Direção de Leandro Neri e Flávio Colatrello Jr., e direção-geral de Roberto Talma. Supervisão de texto de Ricardo Linhares e Ana Maria Moretzsohn.

Não existia um enredo único, as tramas eram geradas nos relacionamentos que aconteciam nos intervalos entre as aulas e os exercícios, marcados pelos encontros e desencontros próprios da idade, paixões não correspondidas, amizade, traições, envolvimento com drogas, gravidez, preconceitos, relacionamentos amorosos, desentendimentos entre pais e filhos, ciúme, virgindade, aborto, AIDS e outras doenças, desempenho escolar, entre outros temas. Até a temporada observada para essa pesquisa, a saída das personagens antigas e a chegada de novas personagens, principalmente as protagonistas, que geralmente são alunos na trama, determinam o fim e o início de uma temporada. Todas as personagens têm sua história encerrada quando saem do programa, concluindo as suas participações como alunos, pais, diretores, inspetores ou docentes do colégio *Múltipla Escolha* ou *Primeira Opção*, independentemente do período em que isso ocorre. Não há a preocupação de respeitar um tempo escolar para terminar a participação de uma personagem aluno, por exemplo, colocando na trama o fim do semestre que coincida com o calendário escolar da vida real. Na trama de *Malhação* não há uma demarcação clara do calendário acadêmico, apesar de utilizar-se um colégio como cenário. Essa assertiva será melhor esclarecida mais adiante.

O primeiro formato dessa telenovela girava em torno das atividades físicas proporcionadas por uma academia e as consequentes amizades, paqueras e desencontros do público adolescente que a frequentava. Exibiam-se à exaustão personagens em constantes exercícios como judô, natação, aeróbica, ginástica olímpica, musculação, enfatizando-se a importância do corpo bem esculpido por esforços físicos e dietas alimentares rígidas numa procura de imitar e corresponder aos modelos padronizados de beleza e saúde. Nesse período, uma das personagens principais era o professor *Dado*¹¹, que lecionava judô, filho de pais ricos e que resistia à ideia de aceitar a sua condição econômica e viver como os outros rapazes de sua classe social. Ele tinha a simpatia de seus alunos e fazia o possível para manter uma relação de amizade e proximidade, e propunha-se a fazer trabalho voluntário com crianças carentes da comunidade, dando-lhes aulas de artes marciais. É nesse momento que aparece a primeira representação de professor na telenovela – o que é, de fato, o objeto analisado nessa pesquisa – porém, não vinculada à educação formal numa instituição escolar, mas a uma prática não formal de educação. Nesse período, a concepção de família nuclear formada por pai, mãe e filhos não estava presente, e as tramas contemplavam famílias com outra configuração, numa quase totalidade lideradas por mulheres, viúvas ou separadas, que tinham a responsabilidade pela criação dos filhos, seja na família da classe média alta, dona da

¹¹ Interpretada por Cláudio Heinrich.

academia, ou da camada popular, no caso da faxineira. Nessa temporada o casal que teve destaque na trama era formado por *Hércles*¹², um rapaz considerado ingênuo, do interior que foi para o Rio de Janeiro e arranjou um emprego na academia para pagar os seus estudos e, nesse local conheceu *Isabella*¹³, bailarina da academia e noiva de *Romão*¹⁴, campeão de *jiu jitsu*, conhecido por gerar muitos conflitos. Mobilizaram-se várias cenas nessa disputa entre *Hércles* e *Romão* pelo amor de *Isabella*. Nesse período, uma personagem que teve destaque e que, até a atualidade é uma referência quando se menciona *Malhação*, foi o *Mocotó*¹⁵. Ele fazia parte do núcleo cômico dessa telenovela. Era descrito como um conquistador de mulheres que contava vantagens para os amigos. Essa personagem difundiu bordões que ficaram famosos e se tornaram notórios entre os jovens que assistiam ao programa naquela época como “Isso é coisa de frutinha”, entre outros. Essa personagem permaneceu em muitas temporadas de *Malhação*, inicialmente como frequentador da academia, apresentador do programa ao vivo descrito mais adiante nesse trabalho, depois como aluno do colégio *Múltipla Escolha*, a seguir como proprietário do *Gigabyte* e, finalmente, no início da temporada do ano de 2013, ressurgiu passando-se pelo novo orientador pedagógico do colégio *Quadrante*. Entretanto, não aparece na trama atualmente.

Outra personagem que teve muito destaque foi *Artur Malta*¹⁶, o *Cabeção*, filho do professor *Afonso Malta*¹⁷ e aluno do colégio *Múltipla Escolha* da temporada de 2000. Ele já era fisicamente uma personagem diferenciada em relação aos estereótipos exibidos dos outros alunos desse colégio, pois todos apareciam como bonitos e perfeitos. *Cabeção* usava aparelho ortodôntico e auditivo, não era considerado um bom aluno, não possuía nenhum talento aparente que o diferenciasse dos demais. Essa personagem permaneceu na trama durante cinco anos. O ator que a interpretou declarou em uma entrevista¹⁸ que ele ainda é reconhecido pelas pessoas nas ruas por causa dessa personagem.

O professor *Afonso Malta* lecionava História, era viúvo, pai de três filhos e tornou-se diretor do colégio *Múltipla Escolha* na temporada de 2001. No entanto, durante o final da

¹² Interpretada por Danton Mello.

¹³ Interpretada por Juliana Martins.

¹⁴ Interpretada por Luigi Baricelli.

¹⁵ Interpretada por André Marques.

¹⁶ Interpretada por Sérgio Hondjakoff.

¹⁷ Interpretada por Giuseppe Oristânio.

¹⁸ Disponível em < <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2012/05/longe-da-tv-sergio-hondjakoff-revela-estou-ganhando-zero-reais.html> > Acesso em: 11/05/12 às 22h.

temporada de 2000, ele envolveu-se com a professora *Linda*¹⁹, responsável por ensinar Geografia. Ela era divorciada e também tinha uma filha. As personagens casaram-se no final do período unindo as famílias em uma só casa, a qual se tornou um dos locais principais da telenovela nessa temporada. No entanto, esse relacionamento entre os professores não teve tanta ênfase nos episódios quanto o outro relacionamento amoroso entre os professores *Vítor* e *Isa*, que ocorreu durante a temporada de 1999/2000 e que será abordado nas análises do capítulo 3.

Já no ano de 1996, na segunda temporada, o professor de judô *Dado*, citado anteriormente nesse capítulo, e a aluna da academia *Luíza*²⁰ formaram o casal de protagonistas da telenovela. Houve algumas mudanças no cenário. Nessa temporada a cantora Alanis Morissette fez uma participação especial interpretando ela mesma na história a convite do diretor Wolf Maya.

A produção da telenovela procurou manter o formato de academia até o início do ano de 1998, quando a personagem *Paula*²¹ vendeu a academia para um empresário, que logo faleceu. Assumiram o negócio a filha dele, *Joana*²², e sua mulher, *Zizi*²³ que possuíam temperamentos opostos e estavam sempre em conflito. A seguir, surgiu na trama um empresário chamado *Fausto*²⁴ que se declarou proprietário da metade da academia. Mais tarde, descobriu-se que ele era meio irmão de *Joana*. Nesse período, devido à baixa audiência²⁵, a telenovela passou para a supervisão do autor de novelas Carlos Lombardi, que decidiu deixar a trama centrada nas personagens principais *Dado*, professor de judô, *Vodu* e *Patrícia*, alunos da academia²⁶. Nessa terceira temporada, *Maria*²⁷, aluna da academia, enfrentou o drama de tornar-se mãe solteira na adolescência. *Mocotó* ganhou mais espaço na trama e arrumou uma namorada, fato que adquire destaque, pois, apesar de afirmar que tinha muitas namoradas, conforme já mencionando, na verdade ele vivia sempre sozinho.

Na primeira fase da temporada de 1998, a academia cedeu lugar a uma produtora de

¹⁹ Interpretada por Giselle Tigre.

²⁰ Interpretadas por Fernanda Rodrigues.

²¹ Interpretada por Sílvia Pfeifer.

²² Interpretada por Samantha Monteiro.

²³ Interpretada por Elizângela.

²⁴ Interpretada por Norton Nascimento.

²⁵ Informação disponível em: < <http://15anosmalhacao.blogspot.com/search/label/Audi%C3%A2ncia>>. Acesso em: 06/07/12 às 13h.

²⁶ Personagens interpretadas por Pedro Vasconcelos e Luana Piovani.

²⁷ Interpretada por Talita de Castro.

vídeo. Os protagonistas são jovens acima dos 20 anos, jornalistas, que trabalhavam em uma produtora de vídeos e encontraram dificuldades para viver seu relacionamento. O piloto de carros *Bruno* apaixonou-se pela jornalista *Julia*. *Rui*²⁸ foi o antagonista, que tentava separar o casal e atrapalhar o romance dos dois. O programa continuou abordando temas do universo jovem, seus conflitos e descobertas. Houve mais tomadas externas e mais aventuras. A praia de *Mucum* e o restaurante *Radical* tornaram-se os pontos de encontro e a exposição do corpo permaneceu sendo explorada nos incontáveis encontros do pessoal na praia. Há a repetição de arranjos familiares apresentados na trama anterior, mulheres chefes de família e, principalmente, muitos jovens, filhos de pais ausentes, que não aparecem e nem mesmo são citados.

Houve uma nova alteração em 1998, na qual a academia voltou a ser o cenário principal e foi a última vez em que ela apareceu com evidência na trama. Nessa temporada, abordaram-se as dificuldades financeiras de algumas personagens, insistiu-se nos dilemas comuns da adolescência, priorizou-se a interatividade e utilizou-se pela primeira vez a técnica de retrospectiva do capítulo anterior apresentando o núcleo da ação dramática – o “plot” dramático – do último episódio exibido. Houve a presença de convidados importantes que fizeram palestras sobre temáticas sociais. Uma das convidadas foi Valéria Piassa Polizzi²⁹, portadora de HIV, para falar sobre AIDS, e a palestra dada por um dos filhos da família Gracie, famosa e reconhecida mundialmente por sua academia de *jiu jitsu*, defendendo e reforçando a cultura da paz.

Apesar de ter obtido um bom índice de audiência nesse horário, considerando os padrões da empresa detentora da telenovela, divulgados por órgãos que medem a audiência, a mudança na trama e no cenário foi uma tentativa de não só permanecer com o público juvenil, mas também conquistar os pais, principalmente as mães que poderiam estar interessadas em problemas como a gravidez na adolescência, o desemprego, a violência urbana e custo das mensalidades escolares. Enfim, um público específico de mães de jovens que respondeu às muitas chamadas para a nova *Malhação*.

²⁸ Interpretadas por Rodrigo Faro, Cássia Linhares e Hugo Gross.

²⁹ Valéria Piassa Polizzi é autora de “Depois daquela viagem”, um relato de sua convivência e seus dramas enquanto soropositivo.

Malhação teve um período em que foi exibida ao vivo³⁰, comandada pela personagem *Mocotó*, já citada anteriormente, intitulada *Malhação.com*, porque passou a explorar a comunicação pela internet. O cenário estava centralizado em um quarto intitulado *Muquifo do Mocotó* onde, comandando uma espécie de retrospectiva das temporadas anteriores, a personagem recebia a visita de antigos frequentadores da *Academia Malhação* e contava com a participação dos telespectadores que davam suas opiniões por telefone e pela internet. Houve a participação de atores como Bruno Gradim, Alexandre Barillari, Luíza Mariani e Juliana Barone, que eram alunos da academia, *Tadeu (Barrão)*, *Isa* e *Cacau*, respectivamente. A academia foi demolida no final da temporada, após o antigo dono tê-la vendido e fugido com o dinheiro.

Bruno Gradim, que interpretou a personagem *Barrão*, voltou a participar de *Malhação* na primeira fase do ano de 2011 como um professor de Artes na Organização não Governamental (ONG) da Comunidade dos Anjos.

No segundo semestre de 1999, o colégio *Múltipla Escolha*, instalado nas antigas dependências reformadas da academia da temporada de 1998, tornou-se o polo centralizador do novo formato,³¹ que saiu da academia e passou a incluir ambientes como as salas de aula, o pequeno restaurante *Guacamole* e o apartamento onde residia uma família nuclear formada por pai, mãe, filhos – que eram alunos do colégio – e a empregada, vivendo todos os dilemas do cotidiano familiar. Esse período abordou a vida adolescente, não só em seus problemas de relacionamento com o corpo e com o outro sexo, a questão da virgindade, como também problemas escolares e familiares: alunos rebeldes, suspensões, relacionamento amoroso entre aluna e professor, machismo, separação dos pais, desemprego e preconceitos. O tema da gravidez precoce foi muito discutido nesse período, pois a aluna *Marina*³² engravidou do aluno *Marquinhos* e eles tiveram um bebê. Após o nascimento da criança, o casal foi morar sozinho e enfrentou todos os dilemas de um casamento como a convivência diária, a rotina doméstica, os cuidados com uma criança recém-nascida e um acidente que deixou *Marquinhos* em uma cadeira de rodas. Destacou-se o par romântico *Rodrigo* e *Tatiana*³³, alunos do colégio *Múltipla Escolha*, que viveu o conflito de se apaixonarem quando *Rodrigo*

³⁰ Exibido de 5 de outubro de 1998 a 15 de outubro de 1999. Escrita por: Patrícia Moretzsohn, Mariana Mesquita, Andréa Maltarolli, Maria Mariana, Yoya Wursch e Ricardo Hofstetter, com a direção de Flávio Colatrello Jr.

³¹ Escrita por: Maria Elisa, Emanuel Jacobina, Patrícia Moretzsohn, Maria Mariana e Ricardo Hofstetter, com direção de Edson Spinello.

³² Interpretadas por Daniel de Oliveira e Natália Lage.

³³ Interpretadas por Mário Frias e Priscila Fantim.

namorava *Érica*³⁴, a melhor amiga de *Tatiana*. *Érica*, estudante do colégio *Múltipla Escolha*, também obteve destaque com o pretexto de discutir o uso de preservativos para a prevenção às DST (Doenças sexualmente transmissíveis), pois ela teve uma relação sexual sem proteger-se com a personagem *Papa-Léguas*³⁵, o antagonista da trama. É nessa temporada que se incluiu pela primeira vez personagens que interpretaram professores de educação formal. As cenas iniciais da citada temporada exibiam os docentes reunidos na sala dos professores conversando, tomando café, namorando ou lendo. No entanto, o destaque entre o corpo pedagógico do colégio *Múltipla Escolha*, foi para o mantenedor do colégio, que também lecionava Português. Penso que a mudança de cenário principal nessa temporada foi uma maneira de proporcionar uma maior identificação do público-alvo com a telenovela, porque os jovens que estudavam no colégio *Múltipla Escolha* lembravam, de fato, jovens entre 12 e 17 anos. O cenário escolar permitiu que as personagens fossem vistas como tais, ponderando-se que, socialmente, espera-se que somente jovens, dentro dessa faixa etária, frequentem um colégio como o retratado na trama. Dessa forma, abordar as personagens em um ambiente escolar legitima seu lugar enquanto jovens e previne que eles sejam identificados como adultos. Também ocasiona uma identificação com a sociedade em geral, pois a imagem física de escola, difundida por *Malhação* com o colégio *Múltipla Escolha*, estava mais próxima das escolas reais da classe média, o que conduz a uma identificação mais aceitável, porque é um ambiente em que, na maioria das vezes, somos inseridos no início de nossa infância e assim não nos causa estranhamento esse cenário.

Acredito que a mudança no cenário também buscou consolidar a audiência com o público adulto, considerando que alguns pais costumavam assistir aos episódios em busca de elementos para poder conversar com os filhos a respeito de assuntos comuns da adolescência e que, muitas vezes, são vistos como proibidos. Esse fato pode ser analisado e comprovado, visto que a Rede Globo faz consultas periódicas ao IBOPE quanto ao público e as divulga no *site*³⁶ comercial da empresa por meio de boletins periódicos para publicitários. Também com a inserção da uma escola na trama e de outros cenários considerados neutros como casas, hospital, *shopping*, entre outras localidades, abriu-se a possibilidade de se abordar outros temas que não estavam necessariamente relacionados à juventude como a prevenção ao câncer de próstata e mama, que acomete geralmente adultos, crises conjugais e outros

³⁴ Interpretada por Samara Felippo.

³⁵ Interpretada por Matheus Rocha.

³⁶ Disponível em: <http://comercial.redeglobo.com.br/bip_online/bip555/bip555_pg01.php>. Acesso em: 09/01/12 às 23h.

assuntos. Esse objetivo de servir de apoio para conversas entre pais e filhos constou entre os objetivos da emissora quando o programa foi reformulado. Isso é atestado em uma matéria publicada em dezembro do ano 2005,³⁷ chamada “Um programa bem maduro”, a qual relacionou a reformulação de *Malhação* a uma preocupação pedagógica.

Porém, mesmo com essa alteração de cenário, o nome do programa não foi alterado e continua o mesmo até a atualidade com raras e pequenas modificações, que serão explanadas nesse trabalho. Acredito que o formato, a academia, que originou o nome *Malhação*, já consolidado entre os jovens, mantém-se como forma de sustentar o vínculo com o público.

Ressalto que no primeiro episódio dessa nova configuração no ano de 1999, há uma cena do professor *Pasquelete*, mantenedor e professor de Português citado anteriormente, parado em frente ao portão do colégio *Múltipla Escolha* conversando com o inspetor de alunos e, nesse diálogo, o mantenedor enfatiza que decidiu inaugurar o colégio por conta da insistência de sua filha *Isa*, professora de Geografia, mas que o principal motivo era o investimento financeiro. Sendo assim, penso que é possível afirmar que para ele a escola tinha como razão de existir o lucro que traria ao seu patrimônio. Portanto, não havia especificamente uma motivação educacional no empreendimento, apesar de *Pasquelete* ser professor, ao contrário da sua filha, que, na cena acima descrita, aproxima-se dos dois e interrompe a conversa para observar que a região precisava de um colégio com o padrão de qualidade *Múltipla Escolha*. O professor *Pasquelete* apareceu em várias temporadas. Contudo, ele não exercia sempre a função de professor, mas de mantenedor do colégio.

Na segunda fase do colégio *Múltipla Escolha*, no ano de 2000, alunos novos se misturaram aos alunos veteranos. Chegaram novos professores, entre eles *Afonso Malta*, mencionado anteriormente nesse trabalho. A trama se manteve centrada no casal de alunos *Rodrigo* e *Tatiana*, incluindo um novo par romântico, *Touro*³⁸ e *Érica*, também alunos do colégio. O fim dessa temporada é demarcado pelos casamentos dos pares citados. Ressalto que *Érica* e *Touro*, enfrentaram inúmeras dificuldades para se casar, principalmente o preconceito do pai do rapaz em ver o filho se casando com uma portadora do vírus HIV.

Ao apresentar amores impossíveis, traições conjugais e triângulos amorosos, pode-se perceber a tentativa da *Malhação* em fazer uma sensível modificação em sua estrutura, adotando o formato das telenovelas tradicionais.

³⁷ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/050105/p_102.html>. Acesso em: 10/11/12 às 20h30.

³⁸ Interpretada por Roger Gobeth.

Nas temporadas seguintes o formato do colégio *Múltipla Escolha* foi preservado, havendo somente as alterações habituais de alguns atores e atrizes do elenco e dos redatores, sem, contudo, incorporar outros ambientes, além da sala dos professores e da sala de aula. Entretanto, na temporada de 2004, foram adicionados novos espaços: uma nova cantina, um *deck*, uma biblioteca e uma quadra poliesportiva. Mas o formato de telenovela foi mantido, privilegiando os assuntos pertinentes ao mundo jovem e alguns conflitos familiares.

Nas demais temporadas, o colégio *Múltipla Escolha* continuou como cenário da trama, com algumas inserções citadas a seguir, e não houve modificações relevantes no elenco. Mantiveram-se as temáticas já citadas, acrescentando-se a polêmica sobre os erros médicos, romances entre alunos, cujas famílias eram inimigas, remetendo ao clássico *Romeu e Julieta*; maioridade penal, desavenças entre irmãos, a descoberta e o tratamento da leucemia de uma personagem, entre outros.

No ano de 2007, *Malhação* manteve o colégio *Múltipla Escolha* como um cenário da trama, porém com aulas noturnas de um curso profissionalizante. Entretanto, o cenário da academia voltou e as cenas dos episódios de 2007 foram divididas entre a sala de aula e a academia do colégio. As personagens dessa temporada praticavam natação, ginástica, artes marciais assim como nas temporadas iniciais dessa telenovela. As protagonistas são três jovens amigas, alunas do colégio *Múltipla Escolha*.

No entanto, durante a temporada de 2008, o colégio *Múltipla Escolha* fundiu-se ao colégio *Ernesto Ribeiro*, que passou por um incêndio que quase o destruiu totalmente. Esse colégio foi apresentado na trama com o conceito de caro e tradicional. Em decorrência dessa fusão, considerada pelos sócios como a integração entre o tradicional do colégio *Ernesto Ribeiro* e o moderno do colégio *Múltipla Escolha*, característica ressaltada pelo diretor desse colégio, foram exibidos nos episódios vários embates administrativos, pois a instituição teve que conviver com uma diretora e um diretor que possuíam visões diferentes a respeito da educação. Nutriam entre si, no entanto, uma paixão disfarçada de antagonismo e envolveram-se no final da temporada. O novo colégio, *Múltipla Escolha Ernesto Ribeiro*, era mais comprometido com uma educação clássica – tinha aulas de música, teatro e artes plásticas –, possuía os mais sofisticados recursos tecnológicos e trabalhava em regime misto com alunos de turnos fixos que convivem com alunos internos que moram no alojamento do colégio. Um sistema de bolsas baseado na excelência acadêmica propiciava condições para que estudantes pobres estudassem no colégio *Múltipla Escolha Ernesto Ribeiro*. Essa temática de inclusão de alunos pobres foi repetida nas temporadas de 2010 e 2011. Nesse espaço de pluralidade, as

novas histórias se desenvolveram a partir das diferenças entre as culturas, discussões entre pontos de vista divergentes e as expectativas das personagens. Nessa temporada, excluem-se o restaurante *Gigabyte*, cenário habitual nas temporadas anteriores, e o clube vizinho ao colégio, cenário também recorrente nos episódios, além da escola. Neste período, utilizou-se pela última vez a técnica de retrospectiva, já mencionada nesse trabalho. O restaurante *Gigabyte* foi reformado e passou a chamar-se *Vilma's Café*, na temporada de 2004. Porém, retomou o antigo nome na temporada seguinte.

Em uma nova reformulação, em 2009, o colégio *Múltipla Escolha*, que havia sido fundido com o colégio *Ernesto Ribeiro*, teve a sua falência decretada e foi comprado pela empresária *Olga Miranda* para que seus filhos, *Juliana* e *Oswaldo*³⁹, trabalhassem para garantir seu sustento. *Juliana*, formada em Pedagogia, decidiu manter o colégio *Múltipla Escolha*, porém o seu irmão, *Oswaldo*, usou uma parte da área do colégio, especificamente onde estava situada a quadra poliesportiva, para construir o *Shopping Gran Plaza*. No final da temporada, o colégio foi fechado por ordem judicial, e o *shopping* foi ampliado. Durante toda essa temporada a personagem *Oswaldo* se empenhou em fechar a instituição para construir o empreendimento comercial.

Ao chegar ao colégio, *Juliana* se deparou com uma grande desorganização nas salas, no auditório, a quadra alugada para eventos, dívidas imensas, pichações, lixo espalhado pelo chão. Tudo isso porque, desde que o colégio faliu, os funcionários se retiraram. *Montanhas*⁴⁰, inspetora do colégio, fez de tudo para mantê-lo, pois ela afirmava ter lá vivido os melhores momentos de sua vida. Porém, ela não possuía senso de administração e acabou criando o caos. Em uma das tentativas da inspetora para manter sob controle ao menos as menores dívidas do colégio, por exemplo, ela alugou o auditório da instituição para a companhia de balé de *Paula*⁴¹ se apresentar.

A primeira meta de *Juliana* foi contratar novos funcionários. Como inspetora do colégio continuou *Montanhas* que, nessa temporada, conviveu com a evasão constante de alunos para o *shopping* recém-construído. Além de *Montanhas*, *Juliana* convidou alguns amigos para lecionarem no colégio, dentre eles *Suzana*⁴², a nova professora de Música que era

³⁹ Interpretados por Rosaly Papadopol, Georgiana Góes e Pablo Padilha.

⁴⁰ Interpretado por Eliane Costa.

⁴¹ Interpretado por Lisa Favero.

⁴² Interpretado por Esther Dias.

cobiçada pelos alunos por causa de sua beleza e pouca idade, *Kátia*⁴³, professora de Dança, e *Rodrigo*⁴⁴, o professor de Sociologia, Filosofia e História que nutria uma paixão pela nova dona, diretora e professora de Português do colégio.

Em 2010, houve a alteração no nome da telenovela, que passou a chamar-se *Malhação ID*. Vale ressaltar que, em nenhuma das temporadas anteriores, alterou-se o nome no logotipo da telenovela, mesmo ao utilizar-se como cenário central da maioria das tramas uma instituição escolar. Contudo, a inserção da abreviatura ID remetendo à palavra identidade, não suscitou nenhuma discussão ou alusão à construção da identidade multifacetada, referente aos diversos aspectos do comportamento juvenil citados nos episódios analisados. Neste ano, o colégio *Múltipla Escolha* foi fechado e o enredo começou a se desenvolver no colégio *Primeira Opção*, em que persistiram as tramas e conflitos juvenis, mas foi dada ênfase à formação da consciência política dos jovens, utilizando-se o tema da corrupção como um pretexto, e as reivindicações dos jovens em sua luta para conquistar mais autonomia e liberdade dentro do colégio. Por exemplo, em um dos episódios dessa temporada, os alunos reivindicaram um espaço no colégio chamado de *Escondidinho*, que servia para os jovens acessarem a internet e manterem encontros secretos. Porém, quando o diretor *Livramento*⁴⁵ descobriu o *Escondidinho* decidiu acabar com ele. Essa atitude acabou gerando revolta entre os alunos, mas eles conseguiram convencer o diretor a aceitar o *Escondidinho* com algumas novas regras. Inclusive, a primeira relação sexual das personagens principais, *Bernardo Oliveira* e *Cristiana Araújo*⁴⁶, aconteceu nesse local.

Nessa temporada também houve um evidente investimento na discussão das redes sociais, com a criação do *Twitter* do colégio e mais *blogs*, por meio dos quais as personagens, geralmente as mais requisitadas nas tramas, as mais populares e o autor mandavam mensagens e interagiam com os telespectadores e seguidores, adiantando os conflitos e desfechos possíveis que apareceriam no enredo, estimulando maior interatividade com o público. Essa abordagem interativa permanece até a temporada atual.

No segundo semestre de 2010 ocorreu novamente uma reformulação no cenário, no tema musical, na abertura, no nome que volta a ser somente *Malhação*, e no elenco. Contudo, permaneceu o colégio *Primeira Opção* como palco de muitos conflitos vividos pelos jovens.

⁴³ Interpretado por Antônia Fontenelle.

⁴⁴ Interpretado por Guga Coelho.

⁴⁵ Interpretada por José de Abreu.

⁴⁶ Interpretadas por Filipe Kartalian Ayrosa Galvão “Fiuk” e Cristiana Peres.

O roteiro foi retomado pelo autor Emanuel Jacobina, responsável pela temporada de 1999, que obteve uma excelente aceitação do público naquela época. Nos primeiros capítulos, os alunos e professores envolveram-se em atividades conjuntas como pintar as paredes externas da escola, procurando-se assim passar a imagem de um novo espaço educacional. Manteve-se a página na rede social, e os *blogs* das personagens preferidas do público começaram a ser utilizados mais intensamente como os do aluno e jogador de futebol *Maicon*, dos alunos *Pedro* e *Catarina*, protagonistas dessa temporada, e da aluna *Duda*⁴⁷. Também, encontravam-se no *site*⁴⁸ dicas de como produzir uma redação que garanta um bom resultado no colégio e no vestibular, como não dormir em sala de aula na volta às aulas, dicas para recuperar notas baixas, as datas do vestibular, informações sobre o *Bullying* e outros assuntos ligados ao universo escolar e juvenil⁴⁹.

No início de 2011, a telenovela permaneceu com as personagens surgidas na temporada anterior e o colégio *Primeira Opção* continuou servindo de cenário para o embate e solução de conflitos como o desaparecimento da aluna *Raquel*, meia-irmã de *Catarina* e antagonista da trama, o envolvimento amoroso da diretora Teresa com o pai de duas alunas do colégio, a gravidez indesejada da *Babi*, a obrigatoriedade de frequentar a escola imposta ao *Maicon* pelo clube em que ele jogava, entre outros assuntos. Entretanto, no início do segundo semestre desse ano, novamente, há alterações significantes de cenário, de atores, que representam jovens em fase universitária, de temática, que passa a explorar elementos místicos, e a telenovela passa a ser chamada de *Malhação – Conectados*. A escola não é mais empregada como cenário principal das tramas que envolvem os jovens, projetando rapidamente em poucos episódios o pátio da universidade em que algumas personagens estudam. Entretanto, elas raramente aparecem conversando a respeito de sua vida acadêmica.

Malhação passou por uma nova modificação no início da temporada de agosto de 2012 e, novamente, as tramas acontecem no cenário do colégio *Quadrante*, voltando a explorar muitos ambientes escolares como o pátio, sala do diretor e professores. Abandonou-se o perfil de alunos universitários e concentrou-se novamente nos jovens estudantes de nível médio. Retoma-se, enfim, a temática do cotidiano juvenil e seus conflitos familiares, escolares, amorosos, sexuais, entre outros.

⁴⁷ Interpretados por Marcello Melo Junior, Daniela Carvalho, Bruno Gissoni e Nathalie Jourdan.

⁴⁸ <http://especial.malhacao.globo.com/personagens/>

⁴⁹ Cf. anexo - D.

Há uma recorrência das temáticas em muitas temporadas, entretanto, algumas aparecem com mais destaque como a gravidez na adolescência e a prevenção à AIDS, conforme apontou uma pesquisa feita por Cristiane Machado Módolo e Renata Leite Raposo Frederico em 2007⁵⁰. A repetição de temas é identificada por muitos estudiosos como uma prática comum do pós-modernismo, conforme constatou Fischer (1996). Conforme a autora, essa ação está presente em todos os meios de comunicação, e remete à banalização dos temas, porque quanto mais se reproduzem os mesmos assuntos ou se mostram opiniões semelhantes, mais irrelevantes essas temáticas vão se tornando, sendo tratadas de maneira superficial. Essa repetição temática torna-se mais evidente nessa telenovela quando há uma mudança de temporada. Observando cada nova temporada de *Malhação*, nota-se que, mesmo que o ponto central condutor do enredo tenha sido modificado, os demais assuntos a serem abordados não são inovados. A repetição extenuante de temas, embora com uma forma diferente,

produz a sensação que tudo se mescla, liquidifica [...]. A pulverização dos assuntos e sua permanente 'reciclagem' configuram-se como uma estratégia de economia de criação, cujos investimentos se voltam para uma multiplicação da forma e para a repetição, *ad nauseam*, dos mesmos temas. (FISCHER, 1996, p. 214)

Vale ressaltar que, apesar de manter esse formato voltado para a juventude, no dia 5 de outubro de 2010, o diretor Ricardo Waddington defendeu que a telenovela *Malhação* não é um programa para o jovem, mas que o objetivo é falar com o maior número de pessoas possível⁵¹ e penso que esse seja o principal motivo das inúmeras alterações, buscando aumentar a audiência da telenovela. Concordo com a assertiva do diretor, pois penso e o Boletim Periódico para Publicitários⁵² atesta que o público dessa telenovela é diversificado, porque ela faz uma releitura de assuntos que podem fazer parte do cotidiano de muitas famílias brasileiras.

A emissora responsável por *Malhação*, a TV Globo, escala para os papéis jovens atores que são descobertos em suas oficinas, mas também arregimenta profissionais considerados de alto escalão do *casting* e, normalmente, são dadas a eles as personagens adultas que têm funções de mais responsabilidade e poder dentro da trama como de pais, diretores do colégio, donos da lanchonete ou responsáveis pela inspetoria do colégio. Penso que essa seja uma forma de manter o formato da telenovela o mais próximo possível da

⁵⁰ Trabalho apresentado a INTERCOM.

⁵¹ Informação cedida pelo Observatório da Imprensa. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/folha_de_s_paulo__40651> Acesso em: 05/10/2010

⁵² Disponível em: < http://comercial2.redeglobo.com.br/biponline/BIP/bip562_internet.pdf > Acesso em: 23/02/10 às 21h.

realidade vivida pelos espectadores, evitando assim possíveis estranhamentos e afastamento do público.

No decorrer dos episódios de *Malhação*, nos quais se utilizou a escola como cenário, houve muitos professores retratados nas cenas. Contudo, a permanência desses docentes não foi muito regular, conforme demonstro na tabela 1 abaixo:

Tabela 1 – Permanência dos professores por temporada (1999 – 2011)

Professor	Matéria	Colégio Múltipla Escolha								*	* *	Colégio Primeira Opção		
		1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Paulo Pasqualette	Português / diretor	x	x	x		x	x	x						
Isabel Pasqualette	Geografia	x	x											
Vítor Maia	Matemática	x	x	x										
Gustavo	Educação Física	x	x	x										
Humberto (Beto)	-	X	x											
João (Jalecão)	Matemática		x	x	x									
Afonso Malta	História / diretor		X	x	x	x								
Linda Albuquerque	Geografia		x	x	x	x								
Afrânio	Biologia			x	x	x	x		x	x				
Marcão	Capoeira				x	x	x							
Letícia	Português				x	x								
Isaura	Geografia				x	x								
Daniela Amorim	Matemática / diretora					x	x							
Maciel	Geografia					x	x							
Sabrina	Geografia						x	x						
Oscar Medeiros	Literatura						x	x						
Cláudia	Educação Física						x	x						
Beth	Inglês						x	x	x	x				
Rodrigo	Educação Física							x	x					
Adolfo	Português							x	x					
Raquel Valença	História								x	x				
Adriano	Língua Portuguesa / diretor								x	x				
Peixotão	Educação Física								x	x				
Dionísia Pimenta	Língua Portuguesa / Lit.									x				
Duba	Mecânica (curso profis.)									x	x	x		
Forte	Educação Física									x	x	x		
Eneida Marmontel	Teatro									x	x	x		
Tereza Lopes	Teatro									x	x	x		
Orfeu	Música									x	x	x		
Juliana	Literatura												x	
Suzana	Música												x	
Rodrigo	Sociologia, Filosofia, História												x	
Kátia	Dança												x	
Livramento	Filosofia / diretor												x	x
Serjão	Educação Física												x	x

Continua

Continuação

Professor	Matéria	Colégio Múltipla Escolha								*	*	Colégio Primeira Opção		
		1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Casca	Química											x	x	
Letícia dos Santos	Biologia											x	x	
Thales Alvim	Matemática e Física											x	x	
Lise Fischer	Português e Literatura											x	x	
Clóvis	Geografia											x	x	
Odilon	Geografia												x	x
Romero	Português												x	x
Antônio	Física e Matemática												x	x
Agenor Leal	Educação Física												x	x
Márcia Carneiro	História												x	x

* *Múltipla escolha Ernesto Ribeiro*

** *Múltipla escolha + Shopping*

Geralmente novos professores surgiam a cada nova temporada. Uma das poucas exceções é o professor *Pasqualete*, que não era sempre exposto na trama como professor, mas como o mantenedor do colégio, conforme mencionado anteriormente. O professor *Afonso Malta* também permaneceu por mais tempo, porém, essa permanência foi em decorrência do cargo de direção assumido por ele quando o professor *Vítor*, que lecionava Matemática e por um período também tinha a responsabilidade de dirigir o colégio *Múltipla Escolha*, saiu da trama. A professora *Linda* também apareceu em mais de uma temporada, pois formou o par romântico com o professor *Afonso Malta*. Houve o professor *Afrânio*, responsável por lecionar Biologia, e a professora *Beth*, que lecionava Inglês, que tiveram uma participação em um maior número de temporadas de *Malhação*. Entretanto, afirmo, por meio da análise da tabela 1, do quadro 1⁵³ e das observações dos episódios gravados, que a permanência de alguns professores em mais de uma temporada de *Malhação*, deveu-se ao fato de eles exercerem, além da docência, a função de diretor dos colégios *Múltipla Escolha*, *Múltipla Escolha Ernesto Ribeiro* e *Primeira Opção*.

Não há como negar que todas suas reformulações foram provocadas pelas oscilações de audiência, conforme demonstra o gráfico 1 a seguir, e resultaram das constantes pesquisas feitas junto a seus espectadores, conforme apontam algumas reportagens que registram os

⁵³ Cf. apêndice B.

comentários dos telespectadores dessa telenovela nos meios de comunicação⁵⁴, numa demonstração de cumplicidade e negociação de sentido (BARBERO, 2003) entre o meio e o espectador que continua garantindo a audiência. Cumplicidade e negociação que não são condições desconhecidas da mídia, nem tampouco desconhecidas do espectador que espera, na maioria das vezes, um final feliz.

Gráfico 1 – Média da audiência do programa Malhação (2001 - 2010)

FONTE: IBOPE⁵⁵

Posso supor que ao explorar o imaginário juvenil, apropriando-se de seus conflitos e questionamentos no contexto social e familiar, e o campo escolar com as suas representações, a Rede Globo obteve bons resultados. O que comprova essa afirmação são os números da audiência, mesmo com algumas oscilações, demonstrados no gráfico 1, e o tempo que o produto permanece no ar em um horário fixo. Seria ingênuo acreditar que a empresa que detém esse produto o manteria por tantos anos em exibição sem que ele estivesse dando-lhe um retorno financeiro considerável para o investimento feito com atores, figurinos e cenário.

⁵⁴ Cf. anexo - E.

⁵⁵ Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística.

É possível conceber que, com negociações de sentido ou não, o público, composto por jovens e adultos, como demonstrou o Boletim de Informações para Publicitários, citado anteriormente, tem garantido a audiência em um horário considerado muito difícil para a mídia. É relevante destacar que uma audiência que vêm se mantendo entre 19 e 32 pontos percentuais, como evidenciado no gráfico acima, nesse período, é bastante significativa para esta análise.

Atualmente o canal de TV a cabo *Viva*, que é de propriedade da Rede Globo, tem reprisado as temporadas de *Malhação*, fato que caracteriza a importância que essa telenovela possui na emissora. No entanto, não é objeto dessa pesquisa deter-se na análise da audiência atual.

CAPÍTULO 2: BABÁ, PLIM-PLIM E FANTÁSTICA: JANELAS PARA O MUNDO⁵⁶

Como já mencionei na apresentação deste trabalho, um livro que me ajudou a refletir sobre como a televisão produz imagens e significados em nosso imaginário foi *O menino sem imaginação*. Esse livro narra a história de uma família que busca reconstruir seu cotidiano sem a TV, pois todas as emissoras pararam de funcionar por causa de um estranho fenômeno que provocou uma pane no sistema de telecomunicações, deixando uma boa parte do mundo sem a transmissão de sinais, o que causou pânico entre as pessoas dessas localidades. Esse fato ocorreu em um dia de jogo de Copa do Mundo, quando toda a família de *Tavinho* estava reunida em frente à *Abelha Rainha*, nome que o garoto deu à televisão da sala de estar da família. Tavinho, um dos filhos do casal retratado no livro, era um garoto que cresceu acompanhado pela televisão. Ele tinha três televisores que ficavam em seu quarto: *Babá*, *Plim-Plim* e *Fantástica*. Lá, ele passava a maior parte de seu tempo vendo programas de televisão e tratava esses televisores como se fossem pessoas que tinham sentimentos, desejos e emoções. A relação que ele mantinha com a televisão é descrita nesse livro como muito especial, pois, como *Tavinho* dizia: “A televisão imagina por mim!” (p.32). Portanto, quando aconteceu a pane no sistema de telecomunicações, ele não conseguia imaginar mais nada. Tudo para ele se tornou sem brilho e sem graça. Inclusive, há uma passagem no livro que descreve o garoto sentado em frente aos televisores, mesmo sem imagem nenhuma, somente olhando os chuviscos nas telas. *Tavinho* descobriu que não possuía imaginação nenhuma ao se deparar com a ausência de programação na televisão e que todas as imagens que ele conhecia tinham sido fornecidas pela TV. Então, com as transmissões fora do ar, ele foi obrigado a encontrar uma forma de voltar a imaginar. Nessa busca pela imaginação sem a TV, ele teve a ajuda de sua irmã, que estudava Psicologia, e começou a ensinar a ele outras maneiras de desenvolver a imaginação, reelaborando a terapia que ela havia prescrito ao garoto. A irmã de *Tavinho* foi descrita pelo autor do livro como criativa e imaginadora.

Durante todo o enredo dessa obra, a personagem buscou recuperar a sua imaginação, porém, há um momento em que o garoto fica desesperado por não ter mais as imagens da televisão e pensa em fugir para um país em que houvesse a emissão de sinal. Nessa tentativa, ele pediu ajuda à empregada da família, mas no fim ele não teve sucesso em sua fuga, pois os

⁵⁶ Nomes dos televisores de Tavinho no livro *O menino sem imaginação* de Carlos Eduardo Novaes (2002). Optei por usar esses nomes no capítulo por acreditar que muitos de nós construímos conceitos, suposições a partir de imagens difundidas por aparelhos televisores.

seus planos foram descobertos pela família. A história termina com o reestabelecimento da emissão de sinal para os televisores e o garoto descobrindo outras formas de imaginar situações, pessoas, locais, além das imagens que a TV proporcionava a ele. Contudo, o leitor percebe que *Tavinho* entendeu que os televisores, que lhe davam tanto prazer, eram apenas uma possibilidade a mais de enxergar o mundo, ou seja, eles eram as suas janelas para o mundo.

A história de *Tavinho*, apesar de fictícia, nos remete ao que Kellner (1995, 2001) apresenta a respeito das imagens que, com o aparecimento da *cultura da mídia*, as pessoas são submetidas a uma quantidade incomensurável de imagens e sons desde o despertar até o adormecer, reordenando percepções de espaço, tempo e anulando distinções entre realidade e imagem. A imagem veio a ocupar posição central na cultura veiculada pela mídia e na vida diária e seus textos não são simples veículos de uma ideologia dominante, nem tampouco são formas de entretenimento puro e inocente. De fato, são produções intrincadas que congregam discursos sociais e políticos e por isso deveríamos aprender a lê-las. De acordo com esse autor, a análise da *cultura da mídia* na sua produção e recepção auxilia a explicar suas produções, usos e implicações, assim como os contornos e as tendências dentro da conjuntura sociopolítica mais vasta. Ele também menciona que se atribuiu primariamente esse fenômeno à televisão, mas que existem outras máquinas de imagens que se integraram ao meio social com diferentes naturezas. Kellner (1995) abaliza a necessidade de a educação ficar mais atenta a essa *cultura*, com o objetivo de desenvolver uma pedagogia crítica que estivesse preocupada com a leitura de imagens e que pudesse compreender o núcleo de nossas experiências e comportamentos, cooperando para a compreensão de como somos construídos socialmente.

A televisão apresenta certa autoridade e primazia na sociedade e a respeito desta questão existem duas perspectivas nomeadas por Eco (1990): a dos apocalípticos e a dos integrados. Os apocalípticos são os que acusam os exemplos fabricados pela mídia como os responsáveis pelo empobrecimento de preceitos morais e éticos da juventude, e chegam a denominar esse meio de comunicação como “segundo deus”. E os integrados, que a consideram como uma oportunidade para a democratização do conhecimento e da cultura, para a ampliação dos sentidos, para a potenciação da aprendizagem. Porém, esse autor ressalta que a televisão não pode ser descrita simplesmente com a visão dos apocalípticos e nem com a dos integrados, pois, para Eco, os meios de comunicação de massa como a televisão não são bons ou maus em si, pois suas consequências dependem dos usos que são

dados pela sociedade. Considerando essa afirmação de Eco, acredito que a televisão, apesar de também apresentar em sua grade de programação produtos televisivos que vendem bens e serviços, apresenta elementos que contribuem para a construção de significados e identificação no cotidiano do público que a assiste. Ela proporciona entretenimento, mas também pode ser utilizada como fonte de informação e ocupa um lugar estratégico nas dinâmicas da cultura cotidiana na transferência e no modo de construir o imaginário e a identidade.

Joan Ferrés (1996) afirma que a televisão é um símbolo de identidade e uma geradora de exigências, que muitas vezes servindo como totem, provoca uma ambivalência afetiva. Ou seja, ela é ao mesmo tempo amada e odiada, desejada e desprezada. E isso se manifesta na multiplicidade de expressões com que é chamada como: a escola paralela, a sala de aula sem paredes, a aula eletrônica, a caixa sábia, a caixa tola, a caixa mágica, a babá eletrônica. Isso mostra que, enquanto há uma parte da sociedade que condena a televisão e os meios de comunicação por supostos prejuízos educacionais observados em crianças, adolescentes e adultos nas últimas décadas, existe uma outra parte que lhe confere um papel importante na difusão de conhecimento na sociedade.

Os argumentos que contestam a televisão são compartilhados por alguns autores como Jarvik⁵⁷, que desqualificam os produtos televisivos. Para ele, mesmo que o programa tenha cunho educativo, a televisão seria um meio intrinsecamente deseducativo. Portanto, provocaria empobrecimento na linguagem oral e escrita, desinteresse pela escola, atitudes socialmente desaprovadas, incapacidade para reflexão e análise, entre outros. E Bourdieu (1997), que apresenta a televisão como um ambiente que não é propício ao pensamento, quando afirma que esse meio de comunicação privilegia os *fast-thinkers* e que existe um elo negativo entre o pensamento e o tempo. Esse autor salienta ainda que “[...] é um velho tópico do discurso filosófico: a oposição feita por Platão entre o filósofo que dispõe de tempo e as pessoas que estão no ágora, a praça pública, e que são tomadas pela urgência. Ele diz, mais ou menos, que na urgência não se pode pensar [...]” (p.39). Conforme a sua reflexão, os telespectadores não conseguem selecionar e refletir a respeito do conteúdo exibido, pois o ato de pensar não pode ser feito de maneira tão complexa em pouco tempo.

Por outro lado, Greenfield (1988) argumenta contestando o preconceito do qual a televisão é alvo e enaltece o seu poder de desenvolver habilidades cognitivas específicas em

⁵⁷ Apud Souza, 2001 – Trabalho apresentado a INTERCOM.

função da linguagem utilizada. E Arlindo Machado (2000) ressalta que “dizer que na televisão só existe banalidade” pode ser considerado um equívoco. Já Motter (2004), fazendo uma analogia com uma praça pública em Marrakesh, onde os habitantes se juntam para ouvir histórias, observa que a TV pode ter o mesmo valor desse espaço, mas em um horário considerado nobre por causa da relevante audiência, onde são discutidos temas e contadas histórias similares à realidade, transformando-se em um local de encontro entre familiares e amigos para a discussão e reflexão a respeito do cotidiano.

A televisão pode ser considerada o primeiro meio de comunicação capaz de exercer uma “força sinestésica” (MCLUHAN, 1971) na sociedade, isto é, capaz de unificar os sentidos e a vida imaginativa. Dessa forma, ela afeta a totalidade das nossas vidas, isto é, as esferas social, pessoal e política, trabalhando diretamente com as nossas emoções, mas sem ignorar os processos conscientes do ser humano. É verdade que, geralmente, essas instâncias se confundem de modo que a percepção seja classificada como o lugar onde o desejo cria uma ilusão de realidade objetiva (FERRÉS, 1996).

Entretanto, acredito que a televisão enquanto canal de comunicação sociocultural produz a notícia e a informação com a intenção de mobilizar a ação de seu público, ou seja, a “sua produção encontra-se a serviço da sociedade em que se localiza” (PENTEADO, 2000, p.34).

A televisão “difunde informações acessíveis a todos sem distinção de pertencimento social, classe ou região” (LOPES, 2003, p.18). Ao fazê-lo, ela torna disponíveis repertórios anteriormente da alçada privilegiada de instituições socializadoras tradicionais como a escola, a família, a igreja, o partido político e o aparelho estatal. A televisão dissemina a propaganda e orienta o consumo que inspira a formação de identidades (CANCLINI, 1995). Nesse sentido, a televisão, e a telenovela em particular, são emblemáticas do surgimento de um novo espaço público, no qual o controle da formação e dos repertórios deixou de ser monopólio de uma parte da sociedade considerada privilegiada por ter mais acesso às informações e ao entretenimento.

Esse meio de comunicação tem um forte alicerce no gosto popular e na maioria dos lares brasileiros é possível encontrar pelo menos um aparelho de televisão⁵⁸. E a disposição de

⁵⁸ Samuel Pfromm Netto destaca no livro *Telas que Ensinam* que a expansão da televisão, videocassetes e videodiscos digitais no Brasil foi extraordinária nas últimas décadas. O total de receptores de TV no país elevou-se em 120 mil em 1954 para 22 milhões em 1983 e cerca de 66 milhões em 2003. Em 2006, 94% das residências brasileiras possuíam um receptor colorido de televisão.

assistir diariamente às telenovelas, seriados e filmes é incutida desde a infância, havendo um investimento importante de algumas emissoras em produtos direcionados para o público infantil e juvenil. Além disso, a família tem um papel muito importante na transmissão do gosto de certas práticas culturais, conforme Pierre Bourdieu (2008) salientou em seu estudo sobre o gosto e estética popular.

Martin Barbero (2003) afirma que a televisão revolucionou ao permitir aos mais jovens estarem presentes nas interações com os adultos, pois é como se a sociedade inteira houvesse tomado a decisão de autorizar os jovens e as crianças de participarem do mundo dos adultos assistindo às guerras, aos enterros, aos jogos de sedução, aos interlúdios sexuais, às intrigas amorosas. Ele ressalta que a “telinha” os expõe aos temas e aos comportamentos que os adultos se esforçaram para ocultar-lhes durante séculos. O autor destaca que antes da televisão esse acesso aos assuntos dos adultos era feito por meio dos livros, entretanto, as crianças e os jovens dependiam do uso e do entendimento de um código complexo, pois a cultura letrada do texto criou espaços de comunicação exclusiva dos adultos, instaurando uma marcada segregação entre adultos, jovens e crianças. Porém, a televisão provoca um “curto-circuito nos filtros da autoridade parental, transformando os modos de circulação da informação no lar.” (p.55)

Apesar de ser um meio de comunicação que projeta o meio social, a televisão apresenta as contradições dessa mesma sociedade, pois expõe as categorias sociais divergentes e as diferenças culturais e econômicas dessas categorias, montando um mosaico da estrutura social dominante e dominada. Neste contexto, tanto histórico quanto analítico, a televisão aparenta ter a consciência de seu papel, que seria tematizar, tornar habitual e promover o pertencimento e a participação (LOPES, 2004). Além disso, observo que ela contém os elementos referenciais e descritivos relativos à dimensão do narrar e do comentar. E nesse contexto encontrado na televisão, a ficção televisiva como a telenovela apresenta-se como o gênero por excelência em que a identidade é representada (MOTTER, 2000, 2001 e 2004). Conforme Lopes, a televisão tem a capacidade de sincronizar os tempos sociais da nação, construindo um ritmo próprio que mimetiza o dos espectadores, ou cria rituais coletivos. Isso porque ela tem a capacidade de conectar situações do presente, do passado e do futuro por meio de uma memória coletiva, trazendo assim o sentido de pertencimento e contribuindo para a construção da identidade individual e coletiva. Não porque narra conteúdos ou porque constrói tempos sociais, mas por propiciar espaço às representações, às quais as diversas camadas sociais podem ter acesso ou nas quais são representadas. E assim se

dá uma significativa observação a respeito desse meio de comunicação: fazer do ser humano uma mercadoria e, ao mesmo tempo, colocá-lo diante desta mesma realidade (PENTEADO, 2000).

A televisão é um veículo de comunicação bastante eficaz e que apresenta entretenimento, informação e busca educar e, muitas vezes o faz, mesmo que esse não seja o seu principal objetivo. Ressalto que ela invade o mundo de muitas pessoas em diversos lugares e aponta realidades que podem ou não coincidir com as do receptor daquelas imagens e falas, portanto não se pode ignorar a capacidade que esse veículo possui, que merece minuciosa observação e mediação da escola. Portanto, acredito pertinente e necessária a inserção da observação e da discussão sobre a linguagem televisiva no currículo escolar, tentando instrumentalizar inicialmente os professores para essa prática, pois será por meio deles que os alunos poderão entender e explorar com mais consciência crítica e autonomia as mensagens veiculadas por esse meio de comunicação. Esse entendimento e observação das imagens é o que Kellner (1995) denomina de alfabetismo crítico em relação à mídia que contribua para tornar os indivíduos mais autônomos e capazes de se emancipar de formas de dominação, pois ao sermos absorvidos por tantas imagens, que são veículos de significados e mensagens simbólicas, o alfabetismo crítico nos forneceria habilidades que nos capacitariam a ler as tendências atuais na sociedade, analisando tanto a maneira como as imagens são construídas e operam em nossas vidas, a observar as mudanças que são importantes, nos fazendo desconstruir os textos culturais com o conteúdo que eles comunicam e compreender como eles funcionam, como significam e produzem significado.

O cinema já explorava as imagens e posteriormente o som, mas a televisão amplificou e ressignificou uma ruptura cultural da comunicação que se fazia pela informação verbal direta. As imagens televisivas e fílmicas distribuem informações visuais que nem sempre estão relacionadas ao ambiente nos quais são apresentadas, dando a sensação de um hiato entre a representação do mundo e ele próprio, como se houvesse uma liberação dos laços que unem o meio natural do social. Como assegura Barbero, “trata-se da não contemporaneidade entre os produtos culturais que se consomem e o lugar, o espaço social e cultural a partir do qual esses produtos são consumidos, observados ou lidos pelas classes populares na América Latina” (2003, p.121). Esse autor afirma que é na televisão que se encontram as matrizes e os protótipos das novas concepções de mundo.

O autor afirma que as pessoas vão ao cinema por afinidade com as situações e figuras representadas, então proponho que elas também assistem à televisão para ver imagens que lhes mostrem situações, modos de se comportar e vestir, paisagens, e com essas imagens constroem parâmetros culturais. A imagem televisiva, com a sua fluidez, sua precisão e seu dinamismo específico, converte-se cada vez mais em modelo de representações humanas. É, muitas vezes, na televisão que se encontram as matrizes e os exemplos das outras percepções de mundo. Vale ressaltar que a televisão não deve ser considerada uma observadora passiva, conforme destacam Barbero (2003) e Marcondes Filho (1988). Ela pode colaborar ativamente com o evento que se desenrola e, assim, torna-se particularmente responsável pelo que acontece.

Esse meio de comunicação se vale de movimentos que servem como um recurso de captação da atenção do olhar humano, tornando-se este um dos principais atrativos da televisão. E ao citar movimento, faço referência tanto ao movimento dos elementos dentro da tela, como ao movimento da câmera, ou ainda àquele que provém da mudança constante de cenas para o meio da montagem (FERRÉS, 1996). Ou seja, com o uso primordial das imagens, é a forma como elas aparecem aos olhos do público que dará o modo de caracterização próprio e peculiar. É certo que o espectador de teatro também tem olhos e vê a imagem da personagem, por exemplo, mas a vê do ângulo que prefere, selecionando a imagem que deseja ver naquele dado momento, a qual pode ser a da personagem principal ou do seu antagonista, o cenário ou simplesmente observar a plateia. No entanto, na televisão é o diretor que escolhe o que, quem e como será visto, portanto, como a equipe produtora seleciona as imagens serve, entre outras coisas, para caracterizar a personagem: sua aparição mais frequente ou não no vídeo, as expressões faciais, os *closes* e suas peculiaridades.

Apesar de considerada um local de registro histórico (MOTTER, 2000), a televisão constituiu-se como um instrumento de criação da realidade no sentido de que faz crer no que faz ver e, ao apresentar repetidamente, em seus programas de entretenimento, seus filmes e propagandas, ideias e valores com a aspiração de mobilizar a opinião pública em seus momentos cruciais. Seus inúmeros recursos dão-lhe também a capacidade de eliminar ou diminuir o nível de frustrações, substituindo a necessidade individual à medida que oferece ao público momentos de identificações com heróis que vivem nas histórias representadas as próprias necessidades do espectador (ECO, 1984).

Samuel Pfromm Netto (2011) afirma que a televisão no Brasil desempenha um papel significativo na mudança de concepções tradicionais, estruturas sociais, padrões individuais e sociais de pensamento e comportamento. Ele ressalta que a TV serve como um meio de integração nacional. Porém, aponta que esse meio de comunicação possui alguns vícios e uma qualidade questionável, como ao apresentar programas com excesso de violência em sua programação e poucos programas com a ênfase na educação, no sentido de utilizá-la como instrumento educacional. Ou seja, Pfromm Netto acredita que a televisão disponibiliza em sua grade mais programas que incitam a violência e não dá ênfase aos programas que poderiam difundir conhecimento e informação ao público. O autor defende que é preciso inserir no currículo escolar e no espaço físico da escola a televisão como fonte de conhecimento e aprendizado, usando como exemplos alguns trabalhos realizados em vários países, inclusive no Brasil, como a *Vila Sésamo* e o projeto Telescola da Fundação Padre Anchieta. Entretanto, destaca que esse formato de programas não prosperou no país por falta de incentivo financeiro e por não haver pessoal habilitado para a concepção dos mesmos. Esses programas seguiam o modelo de palestras, aulas e conferências, porque se acreditava que a TV educativa serviria de meio de comunicação para a educação formal.

Porém, Vânia Lúcia Quintão Carneiro (1999) destaca que esses programas esbarraram na resistência dos telespectadores, que não se interessaram em trocar canais de televisão comercial por emissoras educativas. E que eles abrangiam um público que já possuía intimidade com a educação formal, então, conforme a autora, a TV Cultura apropriou-se da ideia de que para que programas de educação não formal tivessem sucesso de público e garantissem aprendizado eficaz, precisavam entreter e ser transmitidos em horários de lazer do público. Também deviam apresentar a mesma qualidade como em outros programas televisivos, analisando que, a maioria dos brasileiros que tem acesso apenas à grade de programação gratuita da televisão aberta como fonte de informação e diversão, ficava privada de opções. Para Carneiro (idem, p.57) “a capacidade de aprender com programas de televisão independe da existência da intenção de ensinar na produção dos mesmos. Nesse sentido, uma televisão educativa podia ser então considerada como também de entretenimento.”

Barbero (2004) considera a televisão como mais um instrumento de comunicação, uma instância socializadora sob a dependência dos condicionamentos sociais e individuais responsáveis pelos resultados que poderão advir de seu consumo. Nessa perspectiva, os receptores das mensagens e imagens televisivas não são considerados meros e ingênuos consumidores passivos, mas decodificadores ímpares que, ao assisti-la, especificamente às

telenovelas, “recebem algumas influências positivas e negativas” (BORDENAVE, 1994, p.19). Mas são telespectadores que possuem o discernimento para decodificar as imagens, símbolos e discursos produzidos por este meio de comunicação.

Insistindo em que não existe uma forma rígida de decodificação por parte desse telespectador, Stuart Hall (2000) afirma a pluralidade socialmente determinada das modalidades de recepção dos programas televisivos, argumentando que podem existir três hipotéticas posições de interpretação da mensagem:

- 1) **Dominante ou preferencial**, quando o sentido da mensagem é decodificado de acordo com as referências da sua construção;
- 2) **Negociada**, na qual o sentido da mensagem entra em determinados acordos com as condições particulares dos receptores;
- 3) **Oposição**, quando o receptor entende a proposta dominante da mensagem, mas a interpreta conforme uma estrutura de referência alternativa contrária à dominante.

Stuart Hall (2000) afirma que:

o signo é complexo, porque apresenta a combinação de dois tipos de discursos: o visual e o auditivo, bem como é icônico por possuir algumas características do conceito representando e assim torna-se mais apto a ser interpretado como natural (p.392),

pensando que a significação que se dá ao conceito representado é mais no nível conotativo do signo, de modo que as ideologias e a cultura corroboram e alteram esse conceito do objeto ou da personagem representada, ou seja, o sentido, o significado atribuído ao signo é subjetivo articulando-se com o meio social e cultural do espectador. Sendo assim, mesmo que a produção televisiva pretenda uma determinada hegemonia ou a leitura de um signo, construído dentro de alguns limites e parâmetros, não terá a garantia que isso ocorra, porque não consegue conter todas as leituras possíveis da mensagem produzida.

Essa consideração de que não há decodificação fixa é reforçada por Ferrés (1996) quando afirma que o espectador não é passivo e que um mesmo estímulo pode provocar reações diversas. O autor avalia que a experiência televisiva é o resultado de um jogo de interações com a participação ativa do indivíduo por meio da seleção e da interpretação, selecionando aquilo que for significativo para ele e construindo o sentido de acordo com o seu ponto de vista, interpretando os conteúdos a partir de seus próprios valores, ideias, convicções. Dessa maneira, esses fatores agem como filtro com que se confrontam as

imagens produzindo hipóteses, previsões e se completam os vazios deixados pelas elipses narrativas, estabelecendo relações entre as imagens e a realidade que rodeia esse indivíduo.

2.1. Telenovela e sociedade

Analisando a programação televisiva, Renata Pallottini (1998) afirma que as telenovelas são histórias contadas por meio de imagens televisivas com diálogos e ação, criando conflitos provisórios, que serão resolvidos no decorrer da trama; e conflitos definitivos que serão solucionados no final da história. Geralmente, as telenovelas têm mais de cem capítulos e menos de duzentos capítulos. No entanto, *Malhação* já superou no dia 21 de janeiro de 2013 os quatro mil, quinhentos e oito capítulos⁵⁹. A autora afirma que os capítulos de uma telenovela costumam durar, aproximadamente, 60 minutos, dos quais 45 minutos são de ficção com a história propriamente dita, e os demais são de publicidade, repetições e chamadas.

Motter (2000) afirma que as telenovelas nada mais são que novelas transformadas em imagens o que adicionou ao gênero melodrama a dimensão social e um alto grau de verossimilhança, transformaram-se em uma preferência para a maioria dos telespectadores e têm sido empregadas não só para vender produtos, mas também, para propagar ideias, significados, identificação e formar opinião. Elas incorporam em sua narrativa vários elementos que rearticulam dados da memória coletiva na produção de sentidos renovados, firmando-se assim como um documento histórico (MOTTER, 2004). Essa autora afirma ainda que a telenovela é um verdadeiro documento de época, pois possui caráter histórico, não no sentido de história ciência, mas como uma forma de memória “que registra, no curso do tempo, o processo de transformação da sociedade brasileira” (2000, p.76). Essa memória seria documental, individual e coletiva:

- 1) Documental pelo seu caráter de registro físico e contexto histórico;
- 2) Individual porque remete às experiências de identificação e subjetividade relacionadas ao grupo de pertença;
- 3) Coletiva devido à difusão de valores e saberes a um vasto público.

⁵⁹ Cf. <<http://www.105jequie.com.br/novelas/malhacao.html>>. Acesso em: 22/01/2013 às 23h.

A autora destaca que o alcance dessas três esferas vai muito além do espectador que despende o seu tempo assistindo às tramas, pois esse telespectador negocia a decodificação do produto televisivo. Entretanto, a telenovela representa um centro de reconstrução, recuperação, atualização, manutenção e difusão da memória.

Maria Lourdes Motter (2004) lembra que o célebre escritor Machado de Assis, em um de seus exercícios metalinguísticos, nomeou o folhetim como “frutinha de nosso tempo” e que para ele o roteirista do folhetim seria um “contador de histórias” moderno, responsável por transmitir emoções e por manter a tradição. Ou seja, as histórias contadas não são simples produtos de uma fantasia, mas se ancoram em questões de interesse humano e social. Essas características estão presentes no gênero telenovela, herdeiro da radionovela, que por sua vez havia buscado inspiração no folhetim. Pois a telenovela, baseando-se em tramas incorporadas do cotidiano para instaurar verossimilhança, procurando compreender e explicar os acontecimentos presentes e passados, propiciando uma base para a sustentação dos capítulos, que no caso específico estudado já atinge um número considerável de histórias conforme destacado anteriormente, se perpetua na sociedade como uma forma de retrato da realidade.

Para Matellart e Matellart (1981), a telenovela é um tipo de ficção melodramática mais dedicada aos padrões e expectativas do universo feminino, todavia, isso não impede que os homens façam parte de seu público assíduo.

A história da telenovela brasileira está ligada diretamente à história da televisão em nosso país. A televisão iniciada no Brasil assumiu características diferentes de outros países como os Estados Unidos, Inglaterra e França, porque não havia mão de obra técnica nem artística especializada, então, no início, a maioria dos profissionais que trabalhavam no rádio foi utilizada na televisão. Também não havia equipamentos ou investidores dispostos a apostar nesse meio de comunicação. Entretanto Assis Chateaubriand que era bastante conhecido e admirado por seu empreendedorismo, numa iniciativa ambiciosa, iniciou a implantação da primeira empresa televisiva brasileira em 1950, adquirindo equipamentos e montando a diretoria da futura emissora. Como não havia em São Paulo, naquela época, televisores suficientes para assistir à primeira transmissão, ele teria contrabandeado aparelhos para tornar possível a veiculação da programação, que sequer possuía continuidade para o dia seguinte, conforme relatos que descrevem os obstáculos enfrentados pelo primeiro empresário de televisão do país (COSTA et. al., 1986; MARQUES, 2008).

Inicialmente, as estações brasileiras de televisão funcionavam de maneira autônoma em diferentes regiões do país e cada uma tinha a sua programação. A TV Excelsior foi a primeira que criou uma *network*, ou seja, uma rede que produzia programas para todas as suas afiliadas (COSTA et. al., 1986; FILHO, 2001).

É pertinente considerar que desde o início houve influências da produção americana no padrão de programação adotado em nosso país, porque aquele modelo serve como base, como referencial a ser copiado pela produção televisiva mundial (BARBERO, 2003). Inclusive, Álvaro de Moya⁶⁰ citou, em entrevista dada ao programa *Intervenção Web*, que trabalhou na estação de televisão americana CBS com o objetivo de aprender e observar a grade de programação desse canal, com a finalidade de retornar ao Brasil e implantar o mesmo sistema na televisão brasileira. Ao regressar, tornou-se funcionário da TV Excelsior e nessa emissora contribuiu para a implantação do modelo de programação americana.

O gênero telenovela foi criado na década de 1950, nos Estados Unidos, e serviu como peça de publicidade para que a Procter e Gamble ganhasse a concorrência para a venda do sabão *Oxydol*. Por isso a telenovela passou a ser chamada de *soap opera* nesse país, transformando-se ela também, rapidamente, em produto de grande consumo (ALVES, 2000). Já no Brasil a telenovela é herdeira das características da radionovela, que é uma narrativa folhetinesca sonora com muito sucesso na primeira metade do século XX em uma era pré-televisiva, nascida da dramatização do gênero literário novela (CHAVES, 2007). Autores dedicados ao estudo do gênero destacam que as radionovelas foram fundamentais para que a história do rádio brasileiro se configurasse. Foi ao ar no Brasil, em 5 de junho do ano de 1941, a primeira radionovela, de origem cubana, *Em busca da felicidade*, adaptada por Gilberto Martins e radiofonizada às segundas, quartas e sextas, às 10h30min, pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Os ouvintes das radionovelas, que eram estimulados em sua imaginação por meio de efeitos sonoros produzidos pela sonoplastia da radionovela, posteriormente, migraram para a produção televisiva⁶¹.

Porém, destaca-se que a primeira telenovela no Brasil foi *Sua vida me pertence*, escrita, produzida e interpretada por Walter Forster no papel de herói, e Vida Alves, no de heroína, que estreou em 21 de dezembro de 1951, exibida pela extinta TV TUPI em São

⁶⁰ Disponível no link:

<http://www.youtube.com/watch?v=xZSTmKE8q4o&list=UUTZZ8JBtjIcbBcuQoHeMBww&index=11&feature=plpp_video>. Acesso em: 25/11/2011.

⁶¹ Ibidem.

Paulo. Contudo, os capítulos tinham a duração de 15 minutos e eram exibidos ao vivo duas vezes por semana no horário das 20h00min. Ela foi composta por 20 capítulos e a sua última transmissão aconteceu em 15 de fevereiro de 1952. Foi nessa telenovela que houve a ousadia, para aquela época, de um beijo considerando ardente entre os atores.

Moya afirmou na mesma entrevista que o responsável por trazer a telenovela latino-americana diária para a televisão brasileira foi um importante radialista chamado Edson Leite⁶², diretor artístico da TV Excelsior, que importou um texto de Alberto Migre, com adaptação em língua portuguesa de Dulce Santucci para a exibição diária, intitulada *2-5499 Ocupado*. Essa telenovela estreou no mês de julho de 1963 sob a direção de Tito Miglio no canal 9 de São Paulo e canal 2 do Rio de Janeiro, às 19h30min, inicialmente às segundas, quartas e sextas-feiras. Mas, a partir de 9 de setembro de 1963, a TV Excelsior começou a apresentá-la diariamente, tendo como enredo a história de uma presidiária, interpretada por Glória Menezes, que vivia um par romântico com o herói da trama, interpretado por Tarcisio Meira. A razão do título é a função da telefonista do presídio, exercida pela heroína, por quem o herói se apaixona, por meio do contato possível – a voz – sem saber de sua condição real no presídio. Edson Leite também se tornou muito reconhecido, porque foi o responsável por inúmeras modificações históricas nesse canal de televisão, como a criação de uma imagem que fizesse a emissora ser reconhecida pelo público ao, simplesmente, mudar de canal e ver o logotipo da emissora. Criou, também, o horário da programação fazendo com que ele fosse respeitado, fato que não acontecia nas outras emissoras daquela época.

Samira Youssef Campedelli (1987) afirma que os anos de 1963 e 1964 são decisivos para a implantação do gênero telenovela no Brasil, cujo auge ocorreu no segundo semestre de 1965, com a expressiva audiência de *O direito de nascer*, com o original do cubano Felix Caignet adaptado para a televisão por Teixeira Filho e Talma de Oliveira.

A produção desse gênero televisivo continuou a ascender nos anos subsequentes com inúmeras obras como *Onde nasce a ilusão*, *A indomável*, *Vidas Cruzadas*, *A deusa vencida*, *A grande viagem*, *Almas de pedra*, *Anjo Marcado*, *As minas de prata*, *Os fantoches*, *O terceiro pecado*, *A muralha*, *Dez vidas*, entre outras (CAMPEDELLI, 1987).

Apesar de a telenovela brasileira exibir uma vasta produção durante todos esses anos, entretanto, vale ressaltar que no ano de 1974 foi exibido pela primeira vez o gênero telenovela com fim educativo na produção intitulada *João da Silva*. O objetivo desse programa era

⁶² Disponível no link:< <http://www.museudatv.com.br/biografias/Edson%20Leite.htm>>.

atender ao público do curso supletivo do 1º grau da Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa no Rio de Janeiro. *João da Silva* teve 100 capítulos com um conteúdo direcionado para língua portuguesa, matemática e conhecimentos gerais sob a forma de centros de interesses como família, saúde, trabalho, comunidade, recreação e cidadania. Esse projeto envolveu também a produção de material impresso. A transmissão podia ser acompanhada pelos estudantes em telepostos, cuja emissão do sinal deu-se por estações comerciais, porque naquele período não havia um canal educativo na cidade do Rio de Janeiro. Essa produção recebeu em 1974 o prêmio Japão no Concurso Internacional de Programas de Televisão e Rádio Educativo, promovido pela *Nippon Hoso Kyokai* (NETTO, 2011).

Netto (2011) ressalta que antes de *João da Silva* foram produzidas duas séries em formato de telenovela também com cunho educativo, que foram exibidas simultaneamente pela Rede Globo e pela TV Cultura de São Paulo, baseadas em textos de Benedito Rui Barbosa e Origenes Lessa: *Meu pedacinho de chão* e *O feijão e o sonho*. Mas, que a telenovela *João da Silva* foi a primeira tentativa, no país, de cobrir os primeiros quatro anos de educação fundamental.

Maria Immacolata de V. Lopes (2009) afirma que a consolidação da telenovela como o gênero mais popular e lucrativo da televisão está fortemente vinculada a uma mudança de linguagem realizada por autores brasileiros a partir do trabalho acumulado no rádio e no cinema. O que a autora classifica como o “recurso comunicativo” da telenovela brasileira foi sendo construído a partir da novela *Beto Rockfeller* exibida na extinta TV Tupi no ano de 1968. Ela afiança que esse modelo trouxe a trama das telenovelas para o universo contemporâneo das grandes cidades brasileiras. Por meio de gravações externas introduziu a linguagem coloquial, o humor inteligente, certa ambiguidade dos personagens e, principalmente, um repertório compartilhado pelos brasileiros. A autora ressalta que “horário da novela” foi uma criação da TV Globo nos anos 1970, quando passou a produzir três novelas diárias. Utilizando essa abordagem, essa emissora sincronizou e fixou o horário de cada novela e acabou por determinar hábitos específicos, apesar de que a TV Tupi já utilizava essa estratégia. Porém, foram Walter Clark e José Bonifácio que estabeleceram um horário fixo para as telenovelas na grade de programação, na qual se tivesse o telejornal, *Jornal Nacional*, exibido em rede, no meio da programação do nomeado “horário nobre”, durante o qual se obtinha um número mais expressivo de audiência. Atualmente, esse horário de telenovela se estende por uma faixa delimitada entre 17h30min com a exibição da telenovela *Malhação* e 23h00min normalmente com alguma nova versão de uma obra já exibida

anteriormente como *O astro*, *Gabriela*, entre outros. No caso da Rede Globo de televisão, há uma produção considerável de telenovelas, sendo a emissora, inclusive, exportadora do gênero para diversos países como Portugal, Itália e China.

Conforme mencionei anteriormente, o conteúdo básico das telenovelas é o mesmo das radionovelas, e caracteriza-se por uma trama na qual o tema principal é uma situação amorosa. Amor quase sempre impossível pela desigualdade de classe social ou pela diferença de idade dos envolvidos. À trama central mesclam-se patologias sociais, lares desfeitos, doenças incuráveis, entre outros temas. O importante do enredo é que no final o amor e a bondade representados pelos mocinhos da trama sempre vençam, apesar de que em algumas telenovelas essa fórmula já foi subvertida, pois Pallottini (1998) ressalta que a telenovela é uma obra em aberto, ou seja, é aquela que apresenta a possibilidade de várias organizações, que não se mostra como uma obra concluída, numa direção estrutural dada, mas se supõe que possa ser finalizada e escrita dia a dia pelo autor com uma intensa participação dos atores envolvidos e principalmente o público, que pode interferir no desfecho da história. No caso de *Malhação*, ficou aparente essa característica de obra em aberto na temporada de 2010/2011 quando um dos autores dessa telenovela, Ricardo Hofstetter, interagiu com os espectadores pelo *Twitter*, buscando indicar o futuro da trama, bem como acenava com a possibilidade do público opinar sobre possíveis desfechos das tramas, caracterizando o que Pallottini destaca como uma obra em aberto.

A telenovela estrutura-se em linguagem híbrida incorporada da literatura, das artes plásticas, do rádio, do folhetim, do cinema (BALOGH, 2002). A essas linguagens acrescentaram-se recursos tecnológicos que permitem a manipulação da imagem e do som. Este gênero televisivo se apropria de elementos da representação de personagens da literatura para compor o imaginário identitário de uma nação ou de uma profissão.

As telenovelas, geralmente, apresentam uma mensagem normativa, obedecendo a uma estrutura maniqueísta com a bonificação para os bons e virtuosos, quando o sacrifício e a abnegação são atitudes sempre reforçadas, e o castigo e o descrédito social são destinados aos maus. Há uma preocupação em tornar a novela um *símile* da realidade, quer por meio da representação do real, quer na explicação desta realidade, exercendo a função de reproduzir as condições da formação social. Há algumas variações dessa estrutura, porém, não é uma constante nas telenovelas brasileiras, conforme mencionado anteriormente. O gênero telenovela possui um traço distintivo das minisséries que é o fato de haver uma quantidade maior de tramas e subtramas e, finalmente, a extensão, porque ela tende a ser maior, mais

longa e mais redundante (Pallottini, 1998).

A telenovela, conforme Barbero (2003), impõe-se como uma produção cultural autenticamente latino-americana, contrapondo-se às produções norte-americanas. Em outras palavras, o formato da telenovela na América Latina apresenta características próprias, firmadas na cultura local. Pallottini (1998) afirma que se analisarmos, por exemplo, as telenovelas europeias, veremos que nelas se cria uma história de interesse, passível de longa duração, com muitos incidentes e tendo o seu núcleo duas ou três personagens fortes e marcantes, caracterizando-se como um longo filme de ação, de aventura ou de época. No entanto, a telenovela brasileira, já apresenta em seus primeiros capítulos a história principal e várias histórias secundárias que ocorrerão ao lado da principal, ligando-se a ela. Essa apresentação de tramas secundárias garante ao gênero a possibilidade de extensão e complicação da história. Ou seja, a telenovela precisa e se vale de múltiplos enredos dentro da trama principal. Nesse aspecto, *Malhação* apresenta essa característica ao enfatizar em cada temporada um casal ou casais que protagonizarão o maior número de imagens, porém, inserem-se nessa trama nuclear outros personagens que corroboram com o suspense e o desfecho das histórias.

Analisando o modelo brasileiro evidencia-se a existência de dois níveis constitutivos⁶³:

- 1) O *melodramático, romântico e sentimental*, tendendo ora para o sério, ora para o cômico;
- 2) O *realista*, constituído pela estrutura do cotidiano, em que os elementos da realidade se constroem como representação do cotidiano vivido, numa busca de fidelidade com o efeito de verossimilhança potencializado ao máximo.

Ou seja, busca-se distanciar e promover a ideia de representação e de ficção para aproximar da realidade construída dramaturgicamente. Criam-se as histórias introduzindo elementos de temáticas sociais que muitas vezes são marginalizadas, como tabus, mitos, preconceitos, encantamento, objetos de desejo ou temor, entre outros. Esses dois níveis constitutivos surgem nos episódios da *Malhação*, pois há tramas que abordam relações amorosas, desencontros, formados pela estrutura do cotidiano, criando a representação de que a situação retratada é real.

⁶³ Níveis ou estratos constituídos por Motter (2004).

Apesar de manter uma audiência cativa, a telenovela brasileira já passou por uma época áurea quando, na década de 80, novelas como *Roque Santeiro* chegaram a 90 pontos no IBOPE. Hoje a telenovela, de acordo com estatísticas divulgadas pela mídia, convive com índices considerados medianos de audiência variando, dependendo do produto exibido, e quando atinge 40⁶⁴ pontos, já se considera um sucesso de audiência. No caso de *Malhação*, ela apresenta uma média anual de 19 a 32 pontos⁶⁵, dependendo da temporada, conforme se mostrou no gráfico 1.

Torna-se difícil medir o quanto a televisão influencia o comportamento dos indivíduos e ainda mais complexa esta tarefa é se o receptor está passando por um momento de construção de personalidade como é o caso dos jovens, inicialmente consumidores-alvo do produto televisivo estudado por esta pesquisa. Entretanto, esse público tornou-se mais heterogêneo com o tempo e com as modificações feitas pela empresa detentora do produto, e atualmente, conforme já mencionado nessa pesquisa, tem a audiência de homens e mulheres adultos e também de crianças. Entretanto, o caráter híbrido proporciona à identidade não cristalizada do jovem uma capacidade de assimilação muito maior do que qualquer outro tipo de mensagem sendo ele influenciado em muitas de suas ações por estímulos externos vindos das músicas, dos filmes, dos livros, das telenovelas, entre outros. Nessa perspectiva discorrem autores, como Bordenave (1994, p. 21), que afirma:

[...] as telenovelas, aliás, são formas de comunicação com um complexo papel social. Para alguns, elas constituem oportunidades de catarse emocional, isto é, uma ocasião para experimentar surpresas, alegrias, sofrimentos e até para dar vazão a sentimentos agressivos. A identificação do ouvinte com os personagens e suas alegrias e sofrimentos parece produzir uma sensação positiva, já que significa compartilhar os próprios problemas com alguém mais importante. O sucesso obtido pelos personagens parece cumprir a função de compensar e aliviar carências e fracassos dos ouvintes [...].

[...] As telenovelas são também escutadas como fonte de orientação e conselho [...] (1994, p.21).

A telenovela *Malhação*, enquanto meio e mensagem, é aqui considerada como instrumento para se examinar uma memória da representação da profissão docente nos últimos 14 anos, como é demonstrado nesse trabalho, e de uma identidade juvenil, que não foi examinada nesta pesquisa, em que se utilizou como um dos cenários principais a escola e a sua respectiva cultura, tornando-se assim um depósito de ideais, que podem ser

⁶⁴ Fonte: <http://www.almanaqueiboep.com.br/asp/index.asp>

⁶⁵ Dados disponíveis no Almanaque IBOPE e em alguns *blogs* especializados em *Malhação*. Os anos de 1995 até 1999 não estavam disponíveis para consulta pública no IBOPE.

considerados fidedignos ou não, de uma postura docente, de ser jovem e de uma instituição escolar.

Para entender o processo de recepção dos produtos culturais no mundo do capital, no mundo do consumo globalizado, num mundo de muitos velhos e novos referenciais, é necessário entender o receptor como um consumidor de mensagens, de imagens e de informações e como, de acordo com seus referenciais e suas necessidades, ele negocia os sentidos dos produtos que consome. Assim, o receptor a ser examinado não é o receptor genérico, mas um receptor específico, dentro de sua significação política, econômica, cultural, social e geracional. É para este receptor, consumidor específico e diferenciado, que os meios de comunicação estão elaborando as suas mensagens.

Por natureza, o homem é um ser que precisa da vida social por não ser autossuficiente em tudo o que faz e porque é na convivência em sociedade que aprende a ser humano e aprende a atuar dentro da sociedade. Por isso, há a inclinação natural de procurar associações: nascemos numa família; buscamos e cultivamos círculos de amizade; somos inseridos na escola; participamos de eventos culturais e esportivos; formamos equipes de estudo e de trabalho; enfim, os elos sociais têm como objetivo não só manter as tradições, hábitos e costumes como também promover meios de viver melhor e estar em contínuo aperfeiçoamento. E por meio destas relações vamos criando determinadas disposições. Ou seja, cada ação possui sentido, ainda que inconsciente ou dissimulado, pela posição que se ocupa, ou pela própria característica do contexto. O indivíduo age motivado por razões, ainda que essa racionalidade não lhe seja clara e que o motivo não esteja na base de suas ações. Assim ao considerar que a televisão é um meio de comunicação que propaga modelos de identidade e ideias e registra a nossa memória (MOTTER, 2000) na sociedade, posso pensar que os jovens, que, a princípio, formam o público mais assíduo do produto televisivo, sem descartar os outros espectadores adultos ou crianças, buscam de alguma forma, nas representações dos personagens de *Malhação* esse conjunto de disposições de ser jovem, aluno e professor ou uma maneira de adquiri-los e assim ter a ascensão ou pertencimento ao meio social.

Mas chama a atenção esta fase chamada de juventude, que Jesus Palácios (1995) identificou como fruto do século XX, porque ela não deixa de ser um período do desenvolvimento que ocasiona muitas reflexões, afinal há uma transição muito complexa, pois os jovens começam a procurar os seus iguais, a definirem seus hábitos e, parte dessas reflexões, dessa procura e dessa mudança é explorada e reinterpretada socialmente pela

televisão. Então, a difusão de uma cultura juvenil em programas como *Malhação*, que nos 18 anos de exibição demonstra jovens de classe média, sendo que durante 14 anos tem exibido estudantes de um colégio com uma estrutura similar aos estabelecimentos de ensino na vida real, cujos ideais, dúvidas e embates são idênticos aos dos jovens reais, pode propiciar aos espectadores uma configuração do que é ser jovem e o que é necessário se fazer para ser aceito na sociedade em que vive. Pois, conforme Fischer (2005, p. 49),

conscientemente ou não, temos na TV, nas revistas de ampla circulação, nos programas de rádio, um lugar de aprendizado a respeito de nós mesmos e da vida que vivemos, um aprendizado de como vamos perceber e ler as pessoas classificadas para nós como heróis ou vilões, cidadãos corretos ou transgressores da ordem. Isso também ocorre com as personagens narradas no cinema e na literatura. [...].

Então, supondo que os autores das telenovelas buscam apropriar-se de situações idênticas às vividas pela juventude, geralmente no espaço escolar, chego à definição de semelhança abordada por Bourdieu (2005) que ressalta que algo se torna real ou semelhante quando as suas regras coincidem com a representação objetiva, ou seja, o sistema social produzido por meio do convívio.

Conforme destacado anteriormente, Kellner (2001) assegura que com o surgimento da *cultura da mídia*, que produz novos modos de experiência e de subjetividade, os indivíduos submetidos a uma intensa absorção de imagens e sons dentro de seus lares, e a um novo mundo virtual que está reordenando percepções de espaço e tempo, nem sempre reconhecem com nitidez a distinção entre realidade e imagem. Então, é preciso refletir sobre o processo de globalização, que interfere nas produções televisivas, para compreender as dualidades e mudanças de identidade individual e coletiva. E esta reflexão apresenta novos espaços e novos tempos destacados por Stuart Hall (2005, p.75):

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’.

O produto televisivo, conforme Motter (2003), participa do cotidiano brasileiro ao oferecer para o público conflitos, pessoas, situações que parecem similares à vida real “[...] buscando soluções, reconciliando-se, mostrando um modo de ver e agir diante das possibilidades de escolha de respostas às questões que a cada passo propõe a complexidade do mundo no interagir social” (p.33). Com isso, ele passa a ser um lugar privilegiado onde se narra a nação real, representada, imaginada e disseminada.

Essa produtora de significados e produtos culturais viabiliza e projeta ao seu público, por meio das mensagens de seus programas, a reprodução da cultura dominante e especificamente em *Malhação* há a difusão de uma cultura juvenil predominantemente de classe média com acesso aos bens culturais e mercadorias (FISCHER, 2002). Contudo, além de uma cultura juvenil, esse programa também traz marcas, ou melhor, uma representação da cultura escolar e da profissão docente. Nessa telenovela, a escola é um dos ambientes onde as personagens jovens estão sempre presentes, aparecendo geralmente como um espaço de encontro para eles, onde surgem as discussões, as uniões e as polêmicas. Entretanto, também é um espaço de aprendizagem e de acesso ao conhecimento formal entre professores e alunos com o objetivo de prepará-los para a o mercado de trabalho.

CAPÍTULO 3: IDENTIDADE DA PROFISSÃO DOCENTE

Para analisar a representação docente na telenovela *Malhação*, julguei necessário entender como a profissão docente constituiu-se através dos tempos, assim esse capítulo destina-se a descrever o percurso da atividade docente e o espaço escolar, pois esse local é o cenário principal dos episódios analisados nessa pesquisa.

Assumo o termo história da profissão docente por considerar o seu caráter elucidativo, enquanto “noção unificadora das várias dimensões do exercício profissional do magistério, cuja concepção exige a análise simultânea e integrada dessas mesmas dimensões.” (CATANI, 2000, p.587).

Do ponto de vista histórico, a própria origem da atividade educacional permitiu que fosse vista como “missão nobre”, “sacerdócio” e, a partir deste modelo, foi se construindo a identidade para a profissão docente no Brasil. Logo, a história da profissão docente é “indissociável do lugar que seus membros ocupam nas relações de produção e do papel que desempenham na manutenção da ordem social.” (NÓVOA, 1991 p.123)

O cinema, a televisão, a literatura, entre outros têm apresentado um conjunto de imagens do bom professor ou da boa professora. Essas imagens, geralmente, são de uma pessoa dedicada à profissão, capaz de abdicar de sua vida pessoal a favor dos alunos. Ser professor, normalmente, nessas representações aparece muito mais como missão do que profissão. Mary Dalton (1996) faz uma abordagem em torno do currículo exibido por Hollywood, expondo determinadas características do bom professor que ali são construídas. Mesmo com essa abordagem específica, a autora descreve algumas cenas em que se pôde notar um conjunto de representações comuns sobre os jovens e a escola, e a respectiva relação que se estabelece entre os agentes nesse dia-a-dia escolar. Não nos faltariam modelos dessa imagem impressa citada por Dalton nas telas e na literatura, conforme a análise feita por Diva Calles (2012) em sua tese de doutorado.

Porém, diante dessas imagens e representações como se pode entender o significado da profissão docente? Para buscar compreender um pouco mais o que está intrincado nesse significado, é importante recorrer à formação da profissão docente, a qual tem sido mostrada pela história da educação em inúmeros trabalhos, demonstrando como o ofício docente foi se compondo como profissão desde o século XIX, pois nesse período encontram-se vários modelos de escola e assim surgiram tipos diferentes de docentes.

Conforme Nóvoa (1991), a gênese da profissão docente é anterior à estatização da escola, pois desde o século XVI, vários grupos sociais, leigos e religiosos dedicaram cada vez mais tempo e energia à atividade docente. É uma ação de longa duração, realizada, sobretudo, em algumas congregações religiosas que elaboraram um conjunto de normas e de valores, influenciados por crenças, atitudes morais e religiosas e um saber técnico.

Os padres jesuítas podem ser considerados como o exemplo mais perfeito ou o mais próximo de mestres que foram cuidadosamente preparados para exercer o ofício de professor, enxergando este trabalho como sagrado. Assim, acreditava-se que era necessário ter a vocação e não preocupar-se com a remuneração. Este modelo de docente permaneceu no Brasil por um longo tempo, findando após a expulsão dos jesuítas, quando surgiram os professores régios.

A docência ao longo dos séculos, conforme Nóvoa (1991), foi-se esboçando e estruturando-se como profissão, à medida que se ia definindo a quem competia a função de educar. Por volta do século XVI, essa atribuição estava a cargo da Igreja, cabendo a algumas congregações religiosas a responsabilidade específica pela educação formal, o que testemunham alguns colégios particulares não laicos que ainda restaram em quase todas as cidades do Brasil. Somente em meados do século XVII é que, em processo gradativo, os docentes foram transformados em funcionários públicos, ou seja, o Estado assumiu a educação. Conforme o autor, essas diversas mudanças na atividade docente acarretaram a criação de associações profissionais:

a emergência deste ator corporativo constitui a última etapa do processo de profissionalização da atividade docente, na medida em que corresponde à tomada de consciência do corpo docente de seus próprios interesses enquanto grupo profissional. (NÓVOA, 1991, p.125)

É nesta perspectiva que Nóvoa, em seus estudos sobre a profissão docente, destaca o processo de criação de uma identidade profissional. A identidade do professor, conforme o autor, foi construída por meio da criação de associações, da organização enquanto grupo com ideias e valores sobre a profissionalização docente. Entretanto, esse é só um aspecto entre outros que, historicamente, embasam debates e discussões sobre questões educacionais, sobre as relações entre educação e sociedade, e professor na sociedade.

O fim do século XVIII representou para o conjunto das sociedades, considerando as especificidades, um período importante na história da educação e, conseqüentemente, na profissão docente, porque se propagou a questão de saber o que significa ser um bom docente, conforme destacado por Nóvoa (1991):

- a) Deve ser leigo ou religioso?
- b) Deve fazer parte de um corpo docente ou não ser mais que um mestre dentre outros?
- c) Como deve ser escolhido e designado?
- d) Como deve ser pago?
- e) De qual autoridade deve depender?

A tarefa de ensinar, inicialmente, cabia aos homens que dispunham de algum tempo e tinham conhecimentos como leitura, escrita, matemática e noções de religião, mas não encaravam essa função como predominante, ou seja, era um cargo que eles exerciam em horas vagas e que lhes rendia algum tipo de pagamento. Não havia a preocupação de prepará-los ou remunerá-los adequadamente.

Com o Estado assumindo a instituição escolar e, conseqüentemente a educação formal, criam-se algumas exigências legais para o exercício da profissão docente como habilitações literárias e um exame para a concessão da autorização para lecionar. Por exemplo, no Brasil imperial, a fundação do Colégio Pedro II em 1837, que era um centro formador de professores que conferia um diploma para lecionar após sete anos de estudo. E essas exigências fizeram com que os homens se interessassem por outras ocupações mais atrativas. Esse curso preparatório recebeu a crítica de um docente do ensino público, Manuel José Pereira Frazão, que a registrou no livro denominado *Cartas do professor da Roça: artigos relativos à instrução publica da côrte, publicadas no Constitucional de março e abril de 1863*⁶⁶, o qual afirmou que esse curso preparatório ignorava pontos importantes na formação do professor e que isso resultou em uma má aplicação para os alunos. Porém, com a evasão masculina das salas de aula, abriu-se espaço para as mulheres em meados do século XIX também exercerem a profissão, porém, elas não eram tratadas igualmente aos homens que permaneciam no campo educacional da época. Considerava-se que a renda das mulheres, por exemplo, era suplementar e assim as professoras não recebiam a mesma remuneração dada aos docentes homens. Apesar dessa mudança no gênero docente, permanecia o discurso de que a docência era um *sacerdócio*, ou seja, “as motivações originais não desapareceram e apenas parcialmente são substituídas por valores e crenças alternativas” (NÓVOA, 1991, p.120).

⁶⁶ Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00725800#page/1/mode/ocr>>. Acessado em: 26/08/2012 às 22h30.

Frazão (1864) também fez uma referência ao magistério como uma profissão mal remunerada e por conta disso o autor alegou que um homem com cabedal de conhecimentos deixava ocupações mais vantajosas para “dar-se à uma vida inglória e penosa, a um sacerdócio todo de abnegação.” (p.30). Ele também questionou o papel representativo do professor naquela sociedade, criticou as provas de capacidade intelectual e dissertou sobre os tipos de docentes que lecionavam naquele período: como uma segunda carreira ou porque estavam muito desgastados pela outra profissão na repartição pública. Portanto, analisando as afirmações do autor, nota-se que o magistério não era exercido como uma carreira principal, mas como uma forma de complementar a renda ou por um descontentamento com a outra atividade exercida. Assim, percebe-se que o descrédito e a desvalorização da profissão docente já se estabeleceram e estavam mais aparentes nesse período.

Em seu estudo sobre a profissionalização docente com uma abordagem que nomeia de sócio-histórica que propõe um conceito de profissão no campo do saber e ético que pode ser estudada de forma diacrônica e sincrônica, Nóvoa (1991) afirma que, em Portugal, deu-se pelos seguintes momentos:

- a)** As Reformas Pombalinas da Instrução Pública, particularmente a reforma dos estudos menores, no século XVIII, que marcam a intervenção pioneira do Estado português, no sentido da constituição de um sistema estatal de ensino, em todos os domínios do Reino, e pelas quais se cria um primeiro quadro de professores recrutados e pagos pelo Estado. Ênfase será dada aos professores dos estudos secundários, prolongando-se a análise, no caso de Portugal, para a reforma de Jaime Moniz, no termo do século XIX;
- b)** A emergência das escolas normais, no século XIX, e sua consolidação, na primeira metade do século XX, considerando-se que tais escolas vão constituir-se nas primeiras instituições voltadas para a formação prévia e específica dos professores (no caso, os professores primários) e surgem mais ou menos na mesma época, com características bastante semelhantes, em diferentes contextos nacionais, inclusive no Brasil e em Portugal;
- c)** A consolidação do processo de profissionalização dos professores, que ocorre, no Brasil, entre os anos de 1920 a 1960, sob o impacto do ideário da Escola Nova e que impulsiona um projeto de cientificização do campo da educação. Nesse caso específico, dados os contextos políticos bastante diferenciados entre Brasil e Portugal ao longo do período, o esforço de comparação será

particularmente interessante, tentando-se, inclusive, perceber as influências recíprocas entre os dois países;

- d)** As questões que marcam a atual problemática da formação de professores e do exercício da profissão docente, buscando pensá-la na contemporaneidade, tendo sempre presente o fato de que os professores constituem uma categoria com uma longa história, que deixou marcas profundas na forma de conceber hoje o ofício de professor, e entendendo que a história da profissão docente se encontra em curso.

Conforme citado, o modelo português influenciou a formação da profissão docente no Brasil, porém destacam-se alguns períodos, conforme Denice Catani (2000):

- a)** A construção do campo educacional republicano e a organização da profissão (1890 – 1930);
- b)** A especialização do conhecimento para o trabalho docente: dos saberes da experiência à supremacia da pesquisa educacional (1930 – 1970);
- c)** A transformação das condições de trabalho e os novos desafios impostos à profissão: a formação contínua, a tese de proletarização e relações de gênero.

Cabe ressaltar que o processo de profissionalização da docência no Brasil viveu momentos cruciais, como em 1945, com a redemocratização do país que se seguiu à queda do Estado Novo, quando os professores secundários se afirmaram como parte expressiva da categoria e passaram a disputar uma posição no processo de organização, inserindo-se nas lutas para definir a sua identidade, pois até aquele momento estavam vinculados aos professores primários.

Nóvoa (1991) destaca que, contrariamente a outros grupos de profissionais, os docentes não codificaram, de maneira formal, um conjunto de regras inerentes à profissão, porque o comportamento ético lhes foi passado do exterior, em princípio pela Igreja e depois pelo Estado, que exerceram assim a função de mediadores do exercício da docência. Ele afirma que a partir de um momento da profissão, os docentes adotaram este discurso que lhes foi atribuído por estas instâncias, tornando-o um objeto próprio.

A produção de revistas e manuais pedagógicos exerceu considerável influência na formação da identidade da profissão docente, pois essas publicações apresentavam modelos de como se comportar, ensinar; e neste espaço construiu-se o que Chartier (1991) denomina “lutas de representações”, pois atenta para os modelos e estratégias simbólicas de dominação,

e como os próprios docentes viam e descreviam o exercício docente. Ou seja, instituía-se um modo de ver e divulgar o discurso pedagógico. Nessa transposição, são construídos saberes norteadores da prática docente ou, como diria um dos autores analisados por Silva (2003), Rafael Grisi, saberes capazes de “fazer a Pedagogia ‘descer do céu à terra’” (p.38). Ou discursos que se dispunham a ressaltar o que era *novo* e *tradicional* no discurso pedagógico, conforme o estudo feito por Jaime Cordeiro (2002) que aponta intervenções de questões políticas e marcos históricos na publicação de três revistas: *Caderno de Pesquisa, Educação & Sociedade* e *Revista da ANDE*. Neste aspecto, a ideia de apropriação tal como é explicitado por Chartier (1991) é importante para se entender as leituras feitas pelos seus produtores quando se refere à liberdade ao mesmo tempo criadora e regulada dos leitores, bem como as múltiplas interpretações das quais um pensamento é suscetível. Considerando que, por meio desses discursos produzidos nesses manuais e revistas, impregnados de símbolos que foram incorporados sob a forma de disposições permanentes à identidade docente, instituiu-se um modo de falar, de se portar, de aplicar conteúdo, de dirigir a aula; ou seja, surgiu um “habitus professoral” que passa por ajustes históricos, mas que persiste na trajetória da profissão docente.

Ainda tratando das ambivalências intrínsecas à atividade docente, António Nóvoa (1999) destaca que, se por um lado os professores são assinalados como importantes agentes para assumirem tanto a melhoria da qualidade do ensino e para o progresso social e cultural, como os desafios do futuro, constituindo o centro das atenções e preocupações políticas e sociais, por outro são observados com descrédito, estigmatizados por sua má formação acadêmica e atuação mediana, num verdadeiro desgaste de imagem pública. O autor citado, analisando a realidade discursiva sobre professores em contraste com as práticas e políticas educativas, também salienta que a abundância de discursos constrói a ideia de profissão docente que, muitas vezes, não corresponde à intencionalidade declarada.

Para Martin Lawn (2001), o Estado tem manobrado de forma muito habilidosa a identidade docente, por meio da construção de um discurso oficial a respeito dos docentes, considerando-o como um funcionário bastante especial atuando na dianteira nas localidades em que passa a lecionar. Partindo desse pressuposto, torna-se estratégico controlar a identidade docente e a imagem que a sociedade e os próprios professores fazem da profissão.

No final do século XX mudam-se as formas de administração da identidade do professor, introduzindo o conceito de que o docente que possui um conjunto de qualidades foi

substituído pelo professor que deve ser capaz de adotar determinadas atitudes frente ao seu trabalho. Esse modelo nos remete à afirmação de Lawn (2001, p.128):

A substituição do conceito de qualidades, no anterior critério, pelo de atitude constitui uma alteração significativa. Hoje em dia o professor tem de ter as atitudes adequadas, que são então traduzidas por competências. Por exemplo, tem de ser capaz de trabalhar em equipe, de estar motivado e de ser responsável.

Além dos elementos relativos ao Estado, também é preciso destacar como os professores se relacionam com a carreira docente. Neste aspecto Michel Huberman (2007) aponta algumas tendências no desenvolvimento das carreiras profissionais docentes, destacando algumas fases, a saber:

- ✓ **Entrada na carreira:** destaca-se a sobrevivência na profissão diante do choque da realidade, que costuma ser marcada pelo entusiasmo inicial;
- ✓ **Estabilização:** começa a se perceber e ser percebido como professor, acompanhada pelo sentimento de competência pedagógica. Pode durar um período de 8 a 10 anos;
- ✓ **Diversificação:** os trajetos pessoais são mais discordantes. Costuma ocorrer maior experimentação didática e maior motivação para mudanças. Há uma ambição maior pessoal em relação à carreira;
- ✓ **Questionamento:** Geralmente acontece no meio da carreira, vivida por uma sensação de rotina culminando em uma crise pessoal e profissional. Vale destacar que nem todos os docentes passam por essa fase;
- ✓ **Serenidade:** expressa uma modo mais tolerante do profissional perante as dificuldades. Ela calha com um decréscimo da ambição e do investimento profissional. As fases seguintes podem ou não acontecer, dependendo de como essa serenidade se desenvolve.
- ✓ **Conservadorismo e lamentações:** o profissional se apossa exageradamente de práticas rotineiras e costuma avaliar a sua trajetória como insatisfatória baseada em gratificação ou resultados;
- ✓ **Desinvestimento:** pode ser considerada com uma continuidade da anterior, resultando em um fim de carreira que o profissional tende a exibir representações positivas a respeito de seu percurso.

De acordo com Huberman, essas fases devem ser consideradas como tendências gerais e que elas variam de acordo com cada pessoa e não são vividas de maneira homogênea e nem na mesma sequência por todos os docentes.

Atualmente, vive-se um descompasso entre as rápidas mudanças na sociedade, inclusive na área educacional, que se refletem ao que se definia como a atividade de ensinar e consequentemente deliberava a identidade profissional dos docentes. Além dessas alterações, a profissão sofre o descrédito e a desvalorização dos saberes específicos dos professores. Então, pesquisar a representação da identidade docente na *cultura da mídia*, especificamente em *Malhação*, torna-se importante para analisar e refletir a respeito das imagens e valores propagados sobre essa profissão nesse ambiente.

3.1. O espaço de lecionar: a escola

Conforme já mencionado, a formação da profissão docente precede a estatização da escola. Porém, Maurice Tardif e Claude Lessard (2005) afirmam que “desde que a docência moderna existe, ela se realiza numa escola, ou seja, num lugar organizado espacial e socialmente separado dos outros espaços da vida social” (p.55).

Em sua concepção a escola foi organizada em função do saber dominante da época, pois não havia escola para todos e somente os *escolhidos* que tinham situação econômica privilegiada para a época poderiam frequentar essa escola. Assim, no currículo escolar eram reproduzidos e incorporados a cultura e o *capital cultural* dominante. António Nóvoa (1998, p.27) descreve esse modelo que se impôs como via única e parece não haver a probabilidade de encontrar um cenário diferente desse:

Alunos agrupados em classes graduadas, com uma composição homogênea e um número de efectivos pouco variável; professores actuando sempre a título individual, com perfil de especialistas (ensino secundário); espaços estruturados de acção escolar, induzindo uma pedagogia centrada essencialmente na sala de aula; horários escolares rigidamente estabelecidos, que põem em prática um controlo social do tempo escolar; saberes organizados em disciplinas escolares, que são as referências estruturantes do ensino e do trabalho pedagógico.

A instituição escolar foi criada sob a tutela da igreja por um período, depois passou para o governo como uma forma de o Estado gerenciar a ação dos cidadãos, alimentar a identificação nacional no plano de governados e governantes, desempenhando um papel centralizador na dinâmica de transformação da massa de governados em população produtiva e disciplinada, porque anterior a essa instituição “as sociedades humanas reproduziam as características e as normas culturais da vida coletiva do grupo através de uma espécie de impregnação cultural” (NÓVOA, 1991, p.10). Essa impregnação cultural não pode ser considerada como uma ação educativa, porque o autor destaca que ela se fazia, sobretudo, por um conjunto das interações que se produziam no ambiente da criança, sem que o adulto tenha a consciência da ação educativa que está a exercer.

Portanto, com o Estado assumindo a escola, foi atribuído ao professor esse papel de mediador dos interesses do Estado e de um profissional responsável pela difusão e transmissão do conhecimento, transformando-o em funcionário público e colocando-o no cruzamento de interesses e aspirações socioeconômicas frequentemente contraditórias, pois são funcionários do Estado e agentes da reprodução da ordem social dominante, mas também personificam as esperanças de ascensão social das diferentes camadas.

Rita Gallego (2008) ressalta essa preocupação do Estado de assumir o ensino público, especificamente o ensino primário, instituindo leis que procuravam erigir regras e datas para essa instituição no Brasil. No entanto, ela destaca que a escola brasileira teve influência dos modelos da Inglaterra, Suíça, Alemanha, França e América do Norte. Esse modelo procurava integrar as atividades domésticas, as festas religiosas e as atividades escolares, porém, destaca que o tempo escolar foi ritmado por um longo período pelo tempo litúrgico. O que se chamava de escola de ensino primário ou elementar, normalmente, era um estabelecimento bastante simples, composto de uma sala única, que era alugada pelo professor ou que funcionava na residência do docente. Reunia alunos de idades e graus diferentes dividindo esse mesmo espaço e o professor ensinava a ler e escrever, bem como alguns conhecimentos de aritmética.

Nóvoa (1991) cita que a escola moderna, no século XV, nasceu no seio do movimento social e de suas interações culturais, com o objetivo de tomar a cargo a educação das crianças, da qual a escola, que existia já na Idade Média, não se ocupava. Na Idade Média, “a socialização da criança, a qual compreendia a educação, não se fazia na família, mas em um círculo comunitário mais amplo e com uma forte carga sentimental” (p.110).

A escola, desde o seu surgimento, tem se dedicado a alcançar finalidades bastante ambiciosas como “difundir as Luzes graças à alfabetização, promover uma nova ética social, formar cidadãos esclarecidos, melhorar o destino das classes trabalhadoras, formar pessoas equilibradas.” (TARDIF; LESSARD, 2005, p.77). Porém, os autores afirmam que não são apenas objetivos gerais e ambiciosos, mas também heterogêneos e algumas vezes contraditórios: assegurar o bem-estar de todos e garantir o respeito às diferenças, favorecer o sucesso da maioria dos alunos, valorizando, ao mesmo tempo, os alunos mais dotados, funcionar de acordo com um princípio de igualdade e de cooperação, e ao mesmo tempo, estimular a competição. Eles ressaltam que a escola tal como a conhecemos é o produto de uma evolução histórica bastante longa e

somente no fim do século XVIII que essa nova organização social se consolida e se difunde. Os séculos XIX e XX garantem a sua expansão pelo viés da estatização, da obrigatoriedade escolar e da democratização do ensino. (p.56).

Estes destacam que há algumas características presente na escola desde o século XVII que predominam até os dias atuais como um espaço social fechado, autônomo e separado do ambiente comunitário e o que surge na escola moderna são novas relações sociais educativas. Essas relações sociais educativas são denominadas pelos autores como pedagogia escolar que incluem exercícios, memorização, repetição, correção, exames, deveres e apresenta três características: codificada, endereçada a coletividade, impessoal, regimental que vale para mestres e alunos. E, por meio dessas práticas, vão se configurando atitudes e comportamentos sociais que se tornarão, em seguida, tipicamente escolares, definindo-se, por meio dessas atitudes e comportamentos, uma relação entre os agentes: os que ensinam e o que aprendem. Ou seja, essas relações são escolarizadas e não mais aquelas relações que uniam os pais e filhos ou os padres que ensinavam nas paróquias.

A partir do século XIX, a escola, que se tornou obrigatória, dispõe de um poder que só é concedido a outras duas instituições: a igreja e ao exército (NÓVOA, 1991). Entretanto, o docente desse período se vê isolado e com necessidade de identidade, pois é atribuído a ele um poder superior ao aldeão devido ao seu ofício, mas a baixa remuneração não lhe dá condição de um modo de vida burguês. Conforme o autor, a feminização do corpo docente em meados do século XIX contribuiu para uma desvalorização relativa da profissão, porque a renda dessas profissionais, já citada anteriormente, era considerada como suplementar e não como renda principal familiar. Além disso, a carreira docente era nesse período uma das únicas vias abertas às mulheres. Porém, as mudanças sociológicas do corpo docente primário

produzidas nesse século criaram condições para o nascimento das primeiras associações profissionais.

No entanto, antes da obrigatoriedade, que foi instituída no Brasil em 1854, a escola concorreu por um longo período pela dedicação do tempo das crianças com a família e a igreja. Então os professores apoiavam a obrigatoriedade, porque dessa maneira esperavam garantir uma frequência dos alunos, pois a lei assegurava que as crianças de 07 aos 14 anos de idade deviam frequentar a escola e havia penalidade de 20 a 100 réis para as famílias que não cumprissem a determinação. (GALLEGO, 2008)

No projeto histórico que inscreveu a preocupação com a ação educativa no centro do processo de modernização do Estado, a escola tornou-se instrumento importante para construir a noção de subjetividade e forjar a invenção de uma cidadania que se passou a pensar em nível do Estado-nação, que serviu de justificativa para uma política de homogeneização cultural, porque “é a escola que incumbe o trabalho de reprodução das normas e da transmissão cultural. Não obstante, esta função de reprodução acompanha-se sempre de uma ação de produção de sociedade.” (NÓVOA, 1991, p.114).

Ao longo do século XX, concepções pedagógicas, psicológicas e sociológicas da infância foram misturadas com as ideologias da salvação, nutrindo a ilusão de que a instituição escolar era um lugar de redenção e de regeneração pessoal. Simultaneamente, a demissão das famílias e das comunidades de suas funções educativas e culturais transferia uma grande quantidade de missões para a escola. E, nesse período, ela teve que lidar com outros saberes e um conjunto infinito de programas sociais e culturais, além do currículo tradicional (NÓVOA, 2008). Nesse período, o autor destaca que havia “escolas sem sociedade”, pois estávamos diante de uma ruptura do pacto histórico que permitiu a consolidação e a expansão dos sistemas públicos de ensino e que constituiu uma das marcas desse século. Esse fato aconteceu, porque “para muitos alunos e muitas famílias, a escola não tem nenhum sentido, não se inscreve num conceito coerente do ponto de vista dos seus projetos pessoais ou sociais.” (p.221). Ou seja, para muitos jovens a escola não tem sentido, não se insere em seu projeto de vida, não lhes propicia a certeza que ela construirá marcas produtivas. Entretanto, há uma projeção social que ainda recai sobre os professores e a essa instituição uma missão que se torna complicada ao ser realizada isoladamente, sem a participação dos alunos. E esse paradoxo gera inúmeras discussões.

Hoje, no século XXI, a escola atinge todas as camadas da sociedade e está presente em lugares com grande diversidade cultural, econômica, ideológica e geográfica, podendo ser considerada uma escola de massas. Ela tem exercido múltiplas funções dentro dessa sociedade múltipla, pois há inúmeros projetos que colocam a escola a serviço da comunidade, bem como convidam o meio em que ela está inserida a participar do processo educativo, que se iniciou no século anterior, portanto não são somente os professores que atuam na escola moderna. Inclusive, muitos desses projetos são apresentados e incentivados por meio da televisão, como o projeto Amigos da Escola. Entretanto, esta instituição ainda pode ser considerada como um aparelho a serviço do Estado e da reprodução dos seus interesses. Ela passa também por conflitos internos com a inserção de novos agentes como coordenadores e psicólogos, por exemplo; e isso gera uma tensão e luta pela identidade que se soma a pressão externa advinda da sociedade, que espera que a escola atenda todas as exigências impostas pelo Ministério da Educação e as demandas do campo de trabalho (TARDIF; LESSARD, 2005). Ou seja, há grupos internos e externos que interferem na cultura da instituição escolar.

A escola representa uma cultura própria dentro da realidade socioeconômica em que está inserida, podendo excluir, filtrar ou rejeitar conteúdos que julgue inúteis, então não é possível ignorá-la, pois

a escola é lugar que não pode ser definido somente como espaço físico, mas também um espaço social que define como o trabalho dos professores é repartido e realizado [...]. Esse lugar também é o produto de convenções sociais e históricas que traduzem em rotinas organizacionais relativamente estáveis através do tempo. (TARDIF; LESSARD, 2005, p.55)

Porém, ao mesmo tempo em que tem uma cultura própria, atualmente sofre interferências externas, citadas anteriormente, e vê-se colocada em destaque e observação por outras culturas como a *cultura da mídia*.

Nóvoa (2008) aponta que vivemos hoje o fim do “Estado educador”. Esse movimento não se refere ao fechamento das escolas dentro de redes privadas como a família, mas uma abertura para novas possibilidades que renovem o espaço público da educação. Assim, em muitos momentos, a escola é obrigada a discutir e mediar um tipo de conhecimento que não foi produzido por meio da ciência ou pesquisa, mas que interfere em sua cultura e em seu *status* de detentora do conhecimento sistêmico e formadora de opinião. Tal fato é reconhecido pelos meios de comunicação, em programas que utilizam esse espaço como pano de fundo de narrativas conjuntas e individuais, exemplificado pela telenovela

utilizada nesta pesquisa, bem como é relevado por estes meios o papel que a família desempenha na educação de crianças e jovens.

Redefinir a cultura dominante, que é exibida também pela televisão, poderia ser uma das funções do professor da atualidade, por meio da escola. Seja pela prática pedagógica em sala de aula ou por uma postura metodológica.

A escola, conforme referido anteriormente, tem como função primordial dar acesso ao código, ou seja, proporcionar o aprendizado e o domínio da linguagem escrita e verbal usando os recursos existentes no idioma. Este é um obstáculo para a escola, pois o Brasil tem uma cultura bastante diversificada e difundir o conhecimento observando aspectos regionais traz muitas dificuldades, pois reitero que essa instituição foi concebida e inicialmente frequentada somente por aqueles que pertenciam a uma classe privilegiada da sociedade, portanto, todo o seu trabalho era voltado para validar a cultura dominante. Tardif e Lessard (2005) destacam que ao olharmos a evolução da escola ao longo de um século, constatamos que a célula básica, a classe, permaneceu intacta, mas que ao redor desse ambiente considerado central pelos autores, multiplicaram-se grupos, estruturas e dispositivos organizacionais cada vez mais complexos. Pois, atualmente, a escola enfrenta a questão de dar acesso ao código⁶⁷ a todos e absorver inúmeros problemas sociais, com inúmeras *culturas* interagindo no mesmo espaço, e cabe a ela definir as prioridades e metas para seu trabalho em meio a tantos conflitos ideológicos, econômicos e sociais, pois ainda persiste a cultura dominante, a qual muitos buscam ter o acesso por meio da escola; mas é também uma necessidade do público que a frequenta discutir as outras intervenções e as diferenças e representações sociais expostas pelos veículos de comunicação, dentre eles a televisão. Portanto, não cabe mais a ela, atualmente, dedicar-se somente à instrução, mas passa a ter a função de orientar esse público.

António Nóvoa (2008, p.221) destaca dois conceitos distintos de projetos educativos: “a reconstrução da educação como espaço privado e a renovação da educação como espaço público”, colocando-os de forma puramente analítica para o esclarecimento das correntes do debate educativo, porque não tem a intenção de voltar àquela discussão entre escola particular e escola pública, mas explicar o conceito de ensino público e privado. Para exemplificar as tendências de privatização do ensino, o autor (2008) apresenta três categorias identificadas nos Estados Unidos, mas também em alguns países europeus e latino-americanos:

⁶⁷ Nesse contexto seria a Língua Portuguesa e os conhecimentos das áreas introduzidos por meio das linguagens (matemática, verbal e não verbal).

- 1) **A escola em casa:** já utilizada pelas elites no século XIX, na qual as práticas de ensino são aplicadas em casa;
- 2) **Os cheques-estudo (“vouchers”):** constituem-se como a fórmula mais conhecida de escolha educacional, mas limitada. Dispõe-se uma soma em dinheiro para que as famílias escolham a escola de seus filhos.
- 3) **As *charter schools*:** um movimento iniciado há alguns anos com mais de 2.500 escolas, compreendendo cerca de 600.000 alunos. Considerada uma das mais radicais na transformação do sistema educativo. Possui um discurso híbrido entre o público e o privado. São dotadas de uma “carta de princípios” de grande autonomia, que se comprometem a atingir objetivos determinados.

Nóvoa (2008, pp. 225 e 226) afirma que

podemos contar a história da escola como uma ‘invenção’ de grupos de peritos (docentes, pedagogos, psicólogos, médicos, etc.), que conceberam um maquinismo especializado na transformação das crianças em alunos, afastando as famílias e as comunidades locais da gestão dos processos educativos. Isso contribuiu, de um modo ou de outro, para asfixiar o espírito associativo e as práticas de autonomia das instituições escolares. Hoje, é preciso recuperar o lugar das dinâmicas associativas, desenvolvidas no seio de um conceito público de educação, permitindo evitar as tendências burocráticas e corporativistas, sem cair numa visão fragmentada dos alunos como ‘clientes’ e das escolas como ‘serviço privado’.

Portanto, há de se considerar uma nova caracterização e transformação desse espaço educativo em virtude da mudança que ocorre na sociedade, que atualmente lida com o processo de globalização, mas que ainda precisa atender às exigências determinadas em sua concepção histórica que é pautada pelo desenvolvimento de habilidades e formação de cidadãos preparados para as exigências da sociedade moderna. Porém, a escola procura se adequar a uma nova cultura, que está mesclada e se desenhando a cada dia. Ela precisa tornar-se um novo espaço de conhecimento, compreendendo o impacto das novas tecnologias de informação, compondo-se de espaços físicos e virtuais, ligada a outras instituições culturais e científicas com a presença da comunidade, que obrigará a redefinir o seu papel e o exercício da docência em nossa sociedade.

Atualmente, os docentes atuam em instituições escolares mais complexas e mais amplas, nas quais precisam aprender a funcionar como grupos diferentes. Isso nos sugere que “a escola, enquanto organização de trabalho, apresenta uma forma híbrida” (TARDIF; LESSARD, 2005, p.99) e, provavelmente, diferente das demais organizações de nossa sociedade. Portanto, é preciso

não alimentar ilusões nem sonhos de redenção social: a escola vale o que vale a sociedade. Não deixar-se levar pelo fatalismo, principalmente quando se disfarça com vestes científicas: a escola é um lugar insubstituível na formação de crianças e dos jovens. Entre esses dois extremos, há um campo imenso de possibilidades. (NÓVOA, 2008, p.233)

Com essas considerações, pretendo ressaltar a importância que a instituição escolar e a profissão docente assumem em nossa sociedade, porque são detentores do conhecimento sistêmico e de aspectos que interferem na formação de opinião, fato que é reconhecido pelos meios de comunicação por meio de documentários e programas que se dedicam a discutir a escola, a formação docente e a educação no Brasil⁶⁸. Assim, a escola com os seus respectivos integrantes torna-se um cenário interessante e muito empregado em programas televisivos com a estratégia de aproximar o público da sua realidade.

Desse modo, é significativo compreender como a constituição das representações identitárias desses professores e professoras, que são considerados personagens principais ao lado dos alunos no espaço escolar, se compõe em uma telenovela. Reitero, que, conforme Hall (2005), as identidades são produzidas no interior de formações discursivas, revelando muito pouco as razões pelas quais os indivíduos ocupam determinadas posições e não outras.

⁶⁸ A Rede Globo de televisão, por meio do Jornal Nacional, apresentou durante uma semana do mês de maio de 2011 reportagens que se propunham a apresentar a realidade das escolas e dos professores em várias cidades brasileiras.

Entrevistas e reportagens sobre o uso do *Kit Gay* pela escola pública exibidas na Rede Record (maio/2011).

Iniciou-se no mês de novembro de 2011, no programa do Fantástico, uma série especial chamada *Conselho de Classe*, que acompanha a rotina de quatro professores em tempo real.

CAPÍTULO 4: MALHAÇÃO – REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE E ESCOLAR

A telenovela *Malhação* suscitou muitos trabalhos (TCC, dissertações, teses e artigos científicos) nesses 18 anos de exibição. Contudo, durante o processo de levantamento dos trabalhos que utilizaram como fonte de pesquisa os episódios dessa telenovela, constatei que a maioria deles teve como objetivo central entender a força da produção televisiva, buscando no público juvenil a interpretação ou apropriação das imagens e mensagens veiculadas pela telenovela, ou seja, eles dissertavam a recepção do programa por meio de entrevistas, grupos focais com jovens de escolas públicas e privadas. Dentre esses trabalhos, descritos a seguir, somente um originou uma tese de doutorado:

Na tese de doutorado de Maria Inês Masaro Alves (2000) o objetivo foi fazer uma reflexão sobre o papel da mídia televisiva, particularmente da telenovela *Malhação*, enquanto uma possível fonte de modelo para o adolescente, no que se refere ao estabelecimento das representações sobre sexualidade e família. A autora discutiu com um grupo de jovens espectadores os temas apresentados em *Malhação*. Ela apontou que eles percebem que o texto midiático não é a realidade, mas uma representação dela. Manifestaram a consciência de que ao ligar a televisão para ver a telenovela *Malhação* estavam fugindo do cotidiano, que estavam sendo “seduzidos por uma fantasia que os colocava num mundo idealizado, vivendo por meio dos personagens, experiências como se fossem deles em uma tentativa de viver através dos heróis suas próprias expectativas.” (p.194). Essa afirmação da autora vai ao encontro da análise realizada por Rosa Fischer (2005) que indica que os jovens espectadores de *Malhação* identificam-se com as jovens personagens do programa, mesmo os que possuem perfis socioeconômicos destoantes do representado, isto é, meninos e meninas de classes populares.

Contudo, Alves (2000) ressalta que, ao falar da manipulação da TV, os discursos dos jovens defensores de tais ideias pareciam ensaiados, retirados de um repertório cultural acumulado por meio da escola ou da família. Essa constatação levou-a a acreditar que existe uma consciência do poder da televisão, mas não há segurança suficiente para identificar se este processo está acontecendo ou não na própria vida deles. Entretanto, na conclusão de sua análise, ela aponta que os discursos são quase unânimes na afirmação de que “apreender ou não os modelos e as ideias passadas pela televisão, depende da cabeça de cada um.” (p.195).

Na sua dissertação de mestrado, Nara Kohlsdorf (2002) dedicou-se a analisar o discurso televisivo utilizando a temporada intitulada *Malhação Múltipla Escolha*, buscando compreender a função e a atuação dos agentes socializadores, especificamente a televisão, por meio de representações que veiculam um discurso dominante. A autora destacou a importância de perceber que o mundo centrado no consumo tem seus agentes publicitários visando o consumo, e não o regramento e ordenamento da sociedade.

Eva Aparecida de Oliveira, em sua dissertação de mestrado (2003), teve como finalidade a busca da compreensão da frequência do programa preferido pelos jovens, partindo da hipótese que a presença de elementos da cotidianidade do mundo jovem no programa *Malhação* operava como atrativo principal para o público dessa faixa etária. Ela concluiu, por meio de uma pesquisa exploratória, que havia a identificação e o reconhecimento de suas realidades, sonhos e fantasias por parte dos jovens. Assim o programa se tornava um espaço poderoso para inserir *merchandising* comercial e social e, nesse aspecto, *Malhação* atenderia a uma necessidade do capitalismo de mercado, contribuindo para promover a reprodução e a confirmação dos processos sociais característicos da chamada sociedade “pós-moderna”: consciência fragmentada, sobreposição do saber fazer sobre o saber pensar (pragmatismo), do superficial, do insignificante, do passageiro e do consumismo desenfreado.

Juliana Bogdanovicz Mahfoud (2003) verificou em seu trabalho de conclusão de curso em Comunicação Social se o conteúdo abordado na telenovela *Malhação* era utilizado como fonte de informação para os estudantes de sétima e oitava séries de um colégio particular. A autora destaca que, apesar dos resultados da análise não revelarem que *Malhação* influencia diretamente os jovens, ela pode ser considerada como um meio de informação para eles, pois oferece exemplos do cotidiano, tabus sociais, temas polêmicos, contribuindo com possíveis soluções.

A dissertação de mestrado de Camila Vital Menegaz (2006) investigou os temas dos episódios e os personagens, especificamente alunos, nas temporadas de *Malhação* de 1995 a 2005, bem como o conteúdo das narrativas de adolescentes entrevistados com o objetivo de verificar como acontecem os laços estabelecidos com os jovens telespectadores e os seus efeitos e como eles se mantêm na cultura da “descartabilidade”. Por meio dos dados obtidos nas entrevistas e análises de capítulos, a autora constatou que essa telenovela exerce uma função de ícone de consumo na cultura, modelos de ser ou formas de subjetivação dos jovens pesquisados.

Em uma pesquisa de recepção, de Paulo de Jesus e Nara Silvana Albuquerque Patriota (2007), os autores preocuparam-se em verificar como os estudantes de cursos agrários ressignificavam as mensagens urbanas veiculadas pela telenovela *Malhação* e se essas mensagens influenciavam no cotidiano desses alunos como extensionistas rurais no que se refere a sua formação profissional.

Um artigo científico de Cristiane Machado Módolo e Renata Leite Raposo Frederico apresentou uma breve retrospectiva dos doze anos de *Malhação*. O intuito desse artigo foi levantar as temáticas recorrentes apresentadas ao público no período 1995 a 2006, visando retratá-las empiricamente. As autoras demonstraram que a gravidez na adolescência foi um assunto recorrente nos períodos analisados, bem como outros temas ligados à sexualidade. Esse artigo foi relevante para a análise dos temas expostos em *Malhação* nessa pesquisa.

Cirlene Cristina de Souza (2007) dissertou em seu mestrado sobre como a experiência de “ser jovem” pode ser problematizada como um processo de interseção atravessado por discursos, representações e pelas singularidades dessas experiências vividas cotidianamente buscando perceber como a temática ‘jovem e escola’ articulava as representações do “ser jovem” no programa *Malhação*, propondo-se ao mesmo tempo a identificar e analisar os campos problemáticos levantados por esse mesmo tema na fala dos jovens.

Silvia Regina de Assis (2008) investigou a relação cultural de jovens com a referida telenovela e elementos de projeção e de identificação desencadeados em alunos de uma escola pública, buscando fazer a articulação entre o saber escolarizado e a vivência juvenil.

No ano de 2009, Lidia Miranda Coutinho investigou para a sua dissertação de mestrado como as representações midiáticas de jovens e de escola produzem endereçamentos e interferem no consumo cultural de programas de redes abertas destinados aos adolescentes utilizando *Malhação*, analisando como esse público consome e ressignifica as mensagens dessa telenovela.

Magda Rodrigues Marques (2011) buscou em sua monografia de conclusão de curso em jornalismo, identificar qual o lugar da televisão na rotina diária dos adolescentes pesquisados; conhecer a percepção que esses jovens têm da televisão e das mensagens veiculadas por ela, principalmente da telenovela *Malhação*; verificar o grau de relevância desse meio para estes jovens e como ele opera na mediação. Procurou saber se o conteúdo

ficcional da teledramaturgia estava colaborando na educação e na formação da identidade do jovem da periferia.

Também no ano de 2011, Solange Prediger apresentou em sua dissertação de mestrado um estudo centrado no entendimento de jovens de classe popular e de sua relação com o meio de comunicação televisão, enfatizando o papel da classe social e investigando a representação social juvenil com o objetivo de compreender quais são as representações de juventude e de classe social construídas por *Malhação* e de que modo elas colaboravam na construção da representação social do jovem. Além disso, a autora afirmou que os objetivos específicos consistiam em verificar como era construída a representação de juventude e de classe em *Malhação*; demonstrar como o programa representava a relação do jovem com as categorias família e relações afetivas, consumo e escola; verificar como o jovem se via representado no programa e como construía representações juvenis a partir disso, no que diz respeito à sua relação com cada uma das categorias citadas acima.

Além dos trabalhos citados acima, deparei-me com outras pesquisas que buscaram em algumas novelas analisar a representação de professores, porém, nesses trabalhos não constava o espaço escolar como tema central. Ao contrário da telenovela *Malhação*, que está em exibição há 18 anos, e que apresenta nos últimos 14 anos esse cenário como um ponto central e articulador da história.

A partir da leitura dos trabalhos mencionados e bibliografias, das observações citadas acima, as notas e indicações do Prof. Jaime Cordeiro, a participação em algumas disciplinas na pós-graduação e a constatação de que não havia um trabalho, conforme citei anteriormente, que dissertasse a respeito da representação docente nesse produto televisivo, julguei pertinente pesquisar essa temática nessa telenovela, acreditando que é necessário discutir e analisar as imagens que a cultura, especificamente a *cultura da mídia*, difunde a respeito da profissão docente em um programa que, primordialmente, veicula o cenário escola como polo centralizador da maioria das tramas exibidas em suas temporadas ao longo dos anos citados anteriormente. Portanto, acredito que a contribuição dessa pesquisa é apresentar essa representação por meio de análises empíricas dos episódios de duas temporadas específicas.

Contudo, como já exposto anteriormente, *Malhação* possui um considerável tempo de exibição e foi uma tarefa difícil selecionar as temporadas que serviriam de base para a análise. Então, seguindo o modelo proposto por Ferrés (1996) que compreende três fases: a leitura situacional, leitura fílmica e a leitura temática, iniciei a seleção do material para análise empírica.

Por meio da leitura situacional, na qual se delimita o filme, a série ou episódios que serão analisados, decidi, após assistir 40 episódios de vários períodos da telenovela *Malhação*, selecionar os episódios das temporadas de 1999/2000, pois houve o surgimento do ambiente escolar na trama, e a de 2010/2011, porque, no período em que se estava desenvolvendo o levantamento de dados para esse trabalho, foi a última temporada a exibir a escola como cenário principal, conforme já foi exposto nesse trabalho. Para a leitura fílmica, na qual se pretende observar de forma mais objetiva as imagens e os sons, transcrevi uma semana de episódios, buscando demarcar o tempo de exibição docente e entender o contexto histórico expresso nas cenas e o papel que as personagens desempenhavam na trama. Durante a leitura temática, busquei entender o significado dado à representação da identidade docente nessa telenovela embasada nos dados, por meio de gráficos e tabelas que quantificaram a presença docente nos episódios analisados, as ações que os professores faziam no espaço escolar, considerando todos os ambientes além da sala de aula, bem como os espaços externos ao colégio, retratados como a cantina, o clube, entre outros locais. Portanto, esse trabalho tem como objetivo principal demonstrar a imagem que a escola e, principalmente, a representação da identidade docente têm nesse programa televisivo, usando como base os elementos mencionados acima que demarcam a presença da representação da identidade docente durante os episódios. Sendo assim, não é o escopo basal dessa pesquisa analisar o programa em si como gênero televisivo e a sua recepção.

Ressalto que a maioria dos trabalhos lidos tratou de analisar a recepção dessa telenovela por meio de entrevistas com os jovens que assistiam ao programa *Malhação*. Porém, nenhum deles analisou a representação docente, bem como os professores raramente foram citados nas apreciações e nas descrições das temporadas avaliadas nas respectivas pesquisas. Também, não há nenhuma pesquisa que compare em duas temporadas a representação docente como exibido nesse trabalho.

Contudo, para pesquisar a representação docente em *Malhação*, creio que é preciso demarcar algumas características dos episódios escolhidos como fontes para essa pesquisa. Também é pertinente entender o enredo, as temáticas, as personagens e os papéis dos docentes nas respectivas temporadas, analisando a importância que eles tinham ou não na trama.

4.1. *Múltipla Escolha e Primeira Opção: colégios de Malhação*

Malhação, na primeira fase da reformulação no ano de 1999⁶⁹, reestreeu com colégio *Múltipla Escolha* sendo este o palco principal da ação do programa. Esse fato ocorreu porque *Mocotó* adquiriu uma parte do terreno onde ficava a academia *Malhação* com o dinheiro de alguns investimentos e vendeu essa cota ao professor *Pasqualeta*, permitindo assim que fosse construído nos escombros da academia o colégio *Múltipla Escolha*, que era uma filial de um dos colégios mais antigos e reconhecidos da cidade. Esse colégio era dirigido pela *Isa*, professora de Geografia e filha do mantenedor e professor *Pasqualeta*. Essa temporada contabilizou o total de 125 capítulos no período de 18 de outubro de 1999 a 07 de abril de 2000.

As personagens protagonistas dessa temporada eram a aluna *Tatiana Meirelles*, uma jovem de 16 anos, recém-chegada ao colégio *Múltipla Escolha*, que se descobriu apaixonada por *Rodrigo Chaves*, artilheiro do time de polo aquático e namorado de sua amiga de infância, *Érica Schmidt*. Eles sofreram com essa situação, porém isso se resolveu quando *Érica* se apaixonou por *Touro*, aluno e líder do time de polo aquático do colégio.

Figura 1 - Personagens protagonistas da temporada 1999/2000: *Tatiana e Rodrigo*; *Érica e Touro*⁷⁰

Doc Comparato (1995) afirma que, se considera uma personagem como protagonista quando ela ocupa a maioria dos primeiros planos da trama, e a ela são dedicados muitos episódios. Ou seja, ela torna-se o centro das ações da telenovela e, por conseguinte, são as mais trabalhadas e desenvolvidas durante o enredo. Portanto, as personagens *Tatiana*

⁶⁹ Cf. Memória Globo. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-249899,00.html>> Acesso em: 21/01/2013 às 22h30.

⁷⁰ Disponíveis em: <<http://canalviva.globo.com/programas/malhacao/fotos/index.html>>. Acesso em: 23/01/2013 às 22h40.

Meirelles, Rodrigo Chaves, Érica Schmidt e Touro demarcam essas características de personagens protagonistas dessa temporada, pois elas estiveram presentes na maioria das cenas e, basicamente, as histórias vividas por essas personagens eram enfatizadas durante todos os episódios dessa temporada.

Tatiana residia com o pai *Rubem*, a mãe *Cláudia*, o irmão mais novo *Marquinhos*, e a empregada *Maria Maravilha*⁷¹ em um apartamento recentemente comprado pelos pais. A família retratada nessa temporada foi um dos principais núcleos dramáticos. *Rubem*, pai de *Tatiana*, era um homem jovial e mulherengo e, em um período da telenovela, teve uma relação extraconjugal, que se transformou numa crise familiar.

Marquinhos, irmão de *Tatiana*, e *Marina*, que era a irmã mais nova de *Mocotó*, se envolveram. Inicialmente, era somente um namoro sem compromisso, que *Marquinhos* demorou em assumir publicamente, porém *Marina* engravidou, e ele decidiu sair da casa dos pais, reconheceu a paternidade e constituiu uma família.

Entre os professores, além do professor *Pasqualeta*, que lecionava Português e era mantenedor do colégio, havia *Vítor Maia*, professor de matemática, apreciado pelos alunos, que namorava *Isa*, filha de *Pasqualeta*, professora de Geografia e diretora do colégio *Múltipla Escolha*; e *Guto*, professor de Educação Física que também nutria um interesse pela diretora.

Professor *Pasqualeta*

Professora *Isa*

Professor *Vítor Maia*

Professora. *Guto*

Figura 2 - Personagens secundárias: Professores da temporada de 1999/2000⁷²

O objeto dessa pesquisa, os professores de *Malhação*, e os alunos *Marquinhos* e *Marina* eram as personagens secundárias ou coadjuvantes dessa temporada, apesar de alguns

⁷¹ Interpretada por Paulo Gorgulho, Lília Cabral, Daniel de Oliveira e Silvia Pongetti.

⁷² Disponíveis em: < <http://canalviva.globo.com/programas/malhacao/fotos/index.html>>. Acesso em: 18/01/2013 às 22h40.

capítulos serem dedicados a explorar o relacionamento entre os professores *Isa* e *Vítor*, e o casamento de *Marquinhos* e *Marina*. Porém, elas só ganharam destaque na medida em que foi se construindo o enredo e isto lhes atribui à característica secundária ou coadjuvante dentro da trama principal (COMPARATO, 1995).

Comparato (1995) assegura que o antagonista é o contrário do protagonista, ou seja, é o seu oponente. Contudo, afirmar que o “antagonista é o oposto do protagonista é uma afirmação estereotipada e didática; no entanto, está mais próxima da realidade” (p.136). Porém, o antagonista deve ter o mesmo peso dramático que o protagonista, mas não é preciso desenvolvê-lo com a mesma profundidade dramática. Destaco que não houve, nesse período, uma personagem que exercesse somente o papel de antagonista do casal protagonista durante toda a trama, entretanto, a personagem *Érica*, durante algumas cenas, era um fator complicador para que o relacionamento de *Tatiana* e *Rodrigo* se consolidasse. O pai do aluno *Touro* também apareceu na trama com a função de impedir o relacionamento dele com a aluna *Érica*, conforme explicitado anteriormente.

Nessa temporada, *Malhação* retratou o preconceito racial por meio de um romance proibido entre a jovem branca e rica, *Helô*,⁷³ com um menino negro e pobre *Sávio*, filho do inspetor da escola; e a AIDS, abordada quando *Érica* descobre e expõe publicamente que é portadora do vírus HIV. Essa personagem continua sofrendo preconceito na temporada seguinte, pois se envolveu com o aluno *Touro* e eles decidem se casar. Porém, o pai do rapaz rejeita essa união por causa da condição de saúde da *Érica*. Mas ao fim da temporada o pai aceitou o casamento, conforme o padrão das tramas das telenovelas.

O colégio *Primeira Opção* surge em uma nova temporada na trama de *Malhação* em seu primeiro episódio exibido em 23 de agosto de 2010, reassumindo a sua autoria Emanuel Jacobina, que foi o autor da primeira temporada de 1999/2000, e todas as personagens eram novas, ou seja, não permaneceu nenhuma da temporada anterior.

Utilizando os critérios destacados anteriormente por Comparato (1995) afirmo que as personagens protagonistas dessa temporada eram *Pedro*, bolsista do colégio e *DJ*⁷⁴, que morava no subúrbio com a mãe *Lurdes*, dona-de-casa; o pai *Geraldo*, pedreiro; e o irmão caçula *Theo*. Pedro tinha uma amiga chamada *Ângela* que o assediava constantemente e frequentava o colégio *Primeira Opção* também na condição de bolsista; e a personagem

⁷³ Interpretada por Fernanda Souza.

⁷⁴ Abreviatura de Disc Jockey.

Catarina, uma jovem estudiosa, determinada, que vivia mandando nos irmãos mais novos, *Fred*, e a “skatista” *Duda*, que acaba vivendo um triângulo amoroso com o ex-namorado de *Catarina*, *Eric*, e sua melhor amiga *Joseane*.

Figura 3 - Protagonistas da temporada 2010/2011: *Pedro e Catarina*⁷⁵

Catarina residia em um apartamento de luxo na zona sul do Rio de Janeiro junto à sua mãe, a médica *Cláudia*, o pai empresário *Fausto*, e o divertido avô *Agenor*, professor de Educação Física do colégio *Primeira Opção*. *Pedro* e *Catarina* se amavam e desejavam viver um amor que, a priori, parecia não ser impossível, porém, *Pedro* e *Catarina* eram dois jovens de características e vidas diferentes que tiveram muitas dificuldades para viver esse amor.

Exercendo a função de personagem antagonica na trama em contraposição ao casal *Pedro* e *Catarina*, seguindo os parâmetros de Comparato (1995), surge *Lúcio*, aluno do colégio, apaixonado pela *Catarina* e considerado muito perigoso, que para impedir o relacionamento dessas personagens arquitetou muitas armadilhas. O casal se separou no decorrer do enredo e *Catarina* se envolveu com *Lúcio*. *Pedro* acabou se apaixonando por *Raquel*, meia-irmã de *Catarina*, neurótica, problemática, anoréxica e considerada bastarda pelo pai. Ela também se tornou uma personagem antagonista na trama, porque fez de tudo para manter o seu namoro com *Pedro*, mesmo quando ele não queria mais namorá-la. No fim dessa temporada, em 26 de agosto de 2011, totalizando 265 capítulos, apesar de todos os obstáculos, *Pedro* e *Catarina* ficaram juntos. Nesse último episódio houve a participação especial dos jogadores de futebol Neymar e Paulo Henrique Ganso participando de uma festa de confraternização do colégio.

Paralelo à trama central descrita acima, *Malhação* retratou o preconceito social por meio do relacionamento de *Maicon*, aluno bolsista do colégio *Primeira Opção* e jogador de

⁷⁵ Disponível em: <http://tv.globo.com/novelas/malhacao/2010/personagens/>. Acesso em: 18/01/2013 às 22h40.

futebol, que engravidou a aluna *Babi*, uma garota rica e filha do presidente do clube em que *Maicon* jogava. Ela não pretendia se envolver com um jogador de futebol, porque acreditava que isso não lhe daria futuro e julgava que *Maicon* não era adequado para ela, devido a sua condição financeira e social. *Maicon* morava em um quarto alugado no fundo da lanchonete do *Seu Pintinho* e recebia visitas constantes da mãe, que estava sempre muito preocupada com o desempenho escolar dele. Durante a trama, *Dona Zica*, mãe do *Maicon*, viveu o drama de descobrir que tinha um câncer na mama, passando por uma cirurgia, feita em um hospital público com a ajuda da doutora *Cláudia*, mãe de *Catarina*, e por todos os tratamentos cabíveis para esse caso.

As personagens professores do colégio *Primeira Opção*, que são o objeto dessa pesquisa, foram o *Odilon*, professor de Geografia, que foi casado com a diretora *Tereza*; *Romero*, professor de Português, *Márcia*, professora de História, *Antônio*, professor de Matemática, e *Agenor*, que lecionava Educação Física. Novamente, as personagens professores mencionadas e os alunos citados anteriormente dessa temporada, exceto *Pedro* e *Catarina*, exerceram o papel secundário na trama de *Malhação* 2010/2011, conforme os parâmetros apontados por Comparato (1995).

Professora *Márcia*

Professor *Agenor*

Professor *Antônio*

Professor *Romero*

Professor *Odilon*

Figura 4 - Professores da temporada 2010/2011⁷⁶

Essa temporada mostrou as dificuldades de algumas famílias, o preconceito do homem quanto à mulher trabalhar fora de casa, pois a mãe de *Pedro* decidiu arrumar um

⁷⁶ Disponíveis em: <<http://tv.globo.com/novelas/malhacao/2010/personagens/>>. Acesso em: 18/01/2013 às 23h10.

emprego para ajudar a pagar as contas da família, porém o pai dele não apreciou a ideia, mas reviu esse preconceito no final. Dedicou-se a discutir a maioridade penal por meio da personagem *Theo*, que foi enviado para a Fundação Casa, pois foi acusado de agredir um colega durante uma festa, e a prevenção ao uso de drogas por meio da personagem *Arthur*⁷⁷, que foi rejeitado por muitos colegas do colégio, porque assumiu ser usuário. Novamente abordou o tema gravidez na adolescência e a discriminação social.

Reitero que nessa temporada houve um grande investimento nas redes sociais por meio dos *blogs* das personagens preferidas do público como os de *Maicon*, *Pedro* e *Catarina*, e da aluna *Duda*. Também, encontravam-se no *site* da temporada dicas de como produzir uma redação que garanta um bom resultado no colégio e no vestibular, como não dormir em sala de aula na volta às aulas, dicas para recuperar notas baixas, as datas do vestibular, informações sobre o *Bullying* e outros assuntos ligados ao universo escolar e juvenil⁷⁸.

Uma característica sustentada por *Malhação* durante esse tempo em que tem sido exibida é a repetição dos temas considerados juvenis trabalhados nos episódios. Ao longo das temporadas, os assuntos se repetem, mudam-se as personagens, modifica-se o contexto em que estão inseridas, mas a natureza dos conflitos se mantém. Algumas temáticas que foram exibidas em ambas as temporadas analisadas (1999/2000 e 2010/2011) por essa pesquisa são a gravidez na adolescência, traição, amor por pessoa comprometida, sexualidade. Porém, na temporada de 1999/2000, além das descritas acima, destacaram-se o tema AIDS e preconceito racial. A temporada de 2010/2011 também destacou as temáticas: pobreza, maioridade penal, criminalidade, tráfico de drogas, epilepsia, câncer de mama e anorexia.

Antônio Cândido (1998) afirma que a personagem fictícia precisa nos dar a impressão de que vive, de que é um ser vivo, mas para tanto, deve lembrar ser um ser vivo e viver situações idênticas às reais e cotidianas vividas pelos seres humanos, portanto, ela deve nos parecer real, uma cópia fiel. O autor utiliza a classificação sugerida por Edward Morgan Forster (2005) para analisar a composição das personagens nos romances.

Forster (2005) classifica os padrões de personagem como planas e esféricas ou redondas. Conforme o autor, as personagens planas, no século XVII, eram nomeadas “*humours*”, ou seja, o humor, relacionado ao seu temperamento. Sendo assim,

⁷⁷ Interpretada por Pedro Van-Held.

⁷⁸ Cf. anexo D.

Na sua forma mais pura, são construídos ao redor de uma ideia ou qualidade simples; quando neles há mais do que um fator, apreendemos o início de uma curva na direção dos redondos. [...] Uma grande vantagem dos personagens planos é que eles são facilmente reconhecíveis quando aparecem – reconhecíveis pelo olhar emocional do leitor, não pelo olhar visual que meramente nota a recorrência de um nome próprio. [...] Uma segunda vantagem é que, depois, são lembrados com facilidade pelo leitor. Ficam na cabeça dele como entes inalteráveis pela razão de não terem sido modificados pelas circunstâncias [...]. (2005, p. 91).

Porém Cândido (1998) ressalta que as personagens não são cópias dos seres vivos, mas tipos-ideais de comportamentos e características, ou seja, são modelos de comportamento que estabelecem vínculo com a realidade. As personagens tipos-ideais que representam algum grupo ou personalidade, seja na forma de criar um modelo de pessoa, de profissional, de cidadão ideal para a sociedade e na maioria das vezes, elas não conseguem fugir ao estereótipo.

Analisando a composição das personagens, conforme as características apontadas acima, das temporadas de 1999/2000 e 2010/2011, percebi que elas são, na maioria das vezes, planas, porque são construídas em torno de uma única ideia ou qualidade. Ao contrário das personagens esféricas, que são capazes de nos surpreender de maneira convincente e trazer a imprevisibilidade da vida para a trama (CÂNDIDO, 1998; FORSTER, 2005). As personagens professores, além de planas, se enquadram na categoria que Cândido destaca como tipos-ideais, pois representam um estereótipo do que é ser professor vigente na sociedade. Inclusive, alguns atores, como Guilherme Winter e Otto Junior, que representaram papéis de professores em *Malhação* destacaram em uma entrevista⁷⁹ que buscaram inspiração em seus professores do período escolar. Guilherme Winter, que interpretou o professor de Geografia *Tiago Junqueira*, durante a temporada de 2007, afirmou que se inspirou em um antigo professor de Física que ele adorava para compor sua personagem. Otto Junior ressaltou que, para construir a personagem *Peixotão*, professor de Educação Física, considerado autoritário da temporada de 2006, ele se guiou em antigo professor de um colégio militar.

Pallottini (1998) assegura que existem muitas formas de tratar o tempo ficcional nas obras de caráter dramático, épico-dramático ou ainda naquelas que envolvem o lírico e a sua atemporalidade. Por exemplo, há peças de teatro, em que o tempo real coincide com o tempo do espetáculo. Ou seja, a peça tem duas horas de duração e o enredo encenado terá a mesma permanência. Porém, há diferentes formas de tratar o tempo na ficção televisiva. No caso da telenovela, que é mostrada diariamente, os problemas de tempo são resolvidos, via de regra,

⁷⁹ Cf. anexo F.

no próprio capítulo. Assim, as passagens de tempo se dão no interior do próprio episódio, demarcado com refeições como café da manhã, almoço ou jantar. Partindo desse pressuposto, nos episódios das temporadas analisadas para essa pesquisa, notei essas demarcações assinaladas pela autora, pois houve cenas que exibiam as personagens sentadas à mesa tomando o café da manhã, alunos reunidos nas cantinas dos colégios para almoçarem. Entretanto, além dessas estratégias, na temporada de 2010/2011, houve a introdução de uma vinheta, que cortavam as cenas destacando a mudança de horário exibindo o pôr do sol, por exemplo. Sendo assim, o tempo cronológico é o mais usual nas temporadas de 1999/2000 e 2010/2011.

4.2. *Malhação* e a representação juvenil

Como já foi exposto, quando *Malhação* estreou, em 1995, seu cenário era uma academia de ginástica, muito criticada por evidenciar o culto ao corpo, criar e reforçar modelos de beleza e por não mostrar outros cenários, como se os jovens passassem todo o tempo dentro de uma academia. Conforme apresentado no capítulo 1, após algumas temporadas, foram reformulados os espaços dramáticos, revistas as abordagens de determinados temas e o cenário principal tornou-se uma escola particular de classe média.

Essa inserção do espaço escolar como universo centralizador ocorreu no ano de 1999⁸⁰ com uma alteração do formato do programa, em que apareceu o colégio de ensino médio *Múltipla Escolha*, que foi instalado nas antigas dependências reformadas da academia e torna-se, como afirmado acima, o cenário principal dos acontecimentos vividos pelas personagens. Incluíram-se ambientes como as salas de aula, o pequeno restaurante *Guacamole* e o apartamento onde reside uma família nuclear com pai, mãe, filhos – que eram alunos do colégio – e empregada. Este formato permaneceu até o segundo semestre de 2011 com algumas pequenas alterações, dentre elas o nome da instituição, que passou a ser colégio *Primeira Opção*. E são esses períodos que interessam a essa pesquisa, pois abordam questões educacionais e inserem com mais intensidade a profissão docente como personagem consideravelmente visível. Contudo, reitero que, após novas reformulações no primeiro semestre de 2012, nas quais o colégio *Primeira Opção* não era mais o polo centralizador das

⁸⁰ É escrita por Emanuel Jacobina, Patrícia Moretzsohn, Cláudio Torres Gonzaga, Ricardo Hofstadter e Maria Elisa Barreto. Direção geral de Ricardo Waddington e Flávio Colatrello Jr.

tramas, mas uma temporada com histórias mais voltadas para questões holísticas, a produção de *Malhação*, novamente voltou a investir no ambiente escolar como cenário principal no segundo semestre de 2012, com o colégio *Quadrante*, conforme especificado no capítulo 1 dessa dissertação.

Esse programa é exibido na Rede Globo de televisão há 18 anos demonstrando uma cultura juvenil, e há 14 anos a cultura escolar durante os seus episódios. Mas quais são as estratégias utilizadas para caracterizar esse período? Que atributos esses jovens possuem?

Notei que a abertura dessa telenovela é acompanhada por músicas de bandas que cativam os jovens no período em que a temporada está no ar como *Assim caminha a humanidade*, interpretada por Lulu Santos, que se tornou uma marca registrada do programa entre os anos de 1995 até 1998. Nas temporadas de 1999 e 2000, o tema musical mudou para *Te levar*, da banda Charlie Brown Jr; permanecendo até a metade do ano de 2002. Essa banda voltou a ter uma música como trilha sonora desse programa no ano de 2006. As bandas *Strike* e *NX Zero* também tiveram suas músicas como temas de aberturas de *Malhação*. Durante as temporadas de 2010 e 2011 o tema musical de abertura era *Lourinha Bombril*, interpretada pela banda Paralamas do Sucesso.

A criação de *Malhação* abriu espaço para a discussão de temas diversos e atuais envolvendo a juventude em sua conjuntura, que serão mais detalhados nesse trabalho, mas com as suas reformulações inseriu novos assuntos que envolvessem o mundo adulto em suas tramas. Entretanto, há sempre uma relação direta com o mundo juvenil e seus dilemas. Contudo, apesar de não ser o objetivo principal nesse trabalho analisar a juventude representada em *Malhação*, acredito que é preciso compreender o que se conceitua por juventude dentro de uma perspectiva social.

Construir uma definição da categoria juventude não é fácil, principalmente porque os critérios que a constituem são históricos e culturais e são discutidos por vários autores como Helena Wendel Abramo (1994, p.1), que parte da aceção de juventude conceituando uma primeira noção geral desse período:

A noção mais geral e usual do termo juventude refere-se a uma faixa de idade, um período de vida, em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e uma série de mudanças psicológicas e sociais ocorre, quando este abandona a infância para processar sua entrada no mundo adulto. No entanto, a noção de juventude é socialmente variável. A definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos modificam-se de uma sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através das suas divisões internas. Além disso, é somente

em algumas formações sociais que a juventude se configura como um período destacado, ou seja, aparece como uma categoria com visibilidade social.

Sendo assim, apresenta a juventude como uma categoria social histórica, cuja noção é construída socialmente e variável, definindo-se de sociedade para sociedade, que delimita as faixas etárias do ciclo de vida, conferindo significados a cada grupo. Porém esses grupos não são necessariamente homogêneos, pois as suas estruturas internas podem variar. Ela destaca que nas sociedades primitivas havia rituais de passagens entre o universo infantil e o adulto e os grupos etários tinham funções e lugares definidos no sistema social e, nesses casos, a transição efetuava-se com relativa facilidade. Entretanto nas sociedades modernas onde vigoram as implicações de critérios universalistas de distribuição de papéis e de orientação de valores, a transição da juventude para a sociedade adulta se torna difícil. Abramo (idem) aponta que juventude teve destaque nas sociedades industriais, pois “é a chave do processo de transmissão de herança social, mas um problema para a modernidade” (p.04), porque esse período de transição que ela classifica como “espera” não atende às necessidades da personalidade juvenil, que procura a partir dessa movimentar-se em grupo para elaborarem as suas próprias respostas. Estes grupos podem constituir-se de uma forma pequena ou mais amplos como o movimento estudantil, por exemplo. Porém, nem sempre esses grupos têm um caráter integrativo buscando, por um lado, promover a integração da personalidade e, por outro, a solidariedade e a continuidade do sistema. A autora também ressalta que essa transição faz-se de forma dificultosa devido às atribuições de papéis dados aos jovens e julga que essa fase é confiada à instituição escolar, cujo papel, é a transmissão de conhecimento e valores a fim de preparar o jovem para uma vida futura, inclusive, profissional.

Juarez Dayrell (2003, 2007), que classifica juventude como uma condição, “condição juvenil”, porque se refere à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida, perante a sociedade. Mas, também, se alude às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação, pois acredito que esse período é,

[...] ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado, e, no seu interior, cada grupo social vão lidar com esse momento e representá-lo [...]. (2003, p.42)

Dayrell (2003) afirma que no Brasil a condição juvenil para os jovens das camadas populares não acontece, como nos países europeus, pelo adiamento em relação ao trabalho, porque, muitas vezes, os jovens brasileiros necessitam trabalhar para vivenciar a juventude.

Ou seja, juventude é o modo como tal condição é vivida, experimentada, a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais como classe, gênero e etnia.

Analisando a afirmação de Abramo (1994) a respeito que a fase de transição é confiada à escola, que seria responsável por preparar o jovem para o futuro, inclusive na preparação de uma vida futura, incluindo-se a profissional, notei em *Malhação* essa intenção de difundir a ideia de a escola ter a função de preparar os jovens para um bom desempenho no vestibular e, conseqüentemente, uma carreira profissional promissora. Os próprios nomes dos colégios podem nos remeter ao universo do vestibular, ao trazer à baila a ideia de *Múltipla Escolha* que nos faria alusão às questões das provas dos vestibulares, e *Primeira Opção* como uma forma de acenar a possibilidade de esse colégio ser a melhor alternativa para um bom desempenho nos exames.

A propósito, essa concepção de preparar os alunos para o ingresso na universidade aparece nas falas de algumas personagens de forma implícita e de forma explícita em alguns pontos do cenário dos colégios citados. Isso aparece, por exemplo, no episódio de 24/02/11, onde há uma cena com o professor *Odilon* lecionando Geografia no colégio *Primeira Opção*, em que aparece no fundo da sala de aula um painel com dicas de como passar no vestibular. Em um episódio da temporada 1999/2000 também é mencionada a importância dada ao vestibular pelo mantenedor e professor de Português *Pasqualete* em uma conversa que participam a sua filha *Isa*, diretora do colégio, o professor de Matemática *Vítor* e o inspetor do colégio *Santos*, cujo filho, *Sávio*, é bolsista do colégio *Múltipla Escolha* e, a seguir, com a chegada da aluna *Marilu* no portão do colégio *Múltipla Escolha*, conforme se demonstra na transcrição abaixo:

Pasqualete: Até amanhã, Santos. Estou indo jantar com a minha filhota querida. Ela convidou, eu aceitei. Tenho que aproveitar esses raros momentos de felicidade.

Isa: É. Para pai!

Pasqualete: Mas é verdade minha filha. Desde que você arranhou aquele seu primeiro namorado. Como era mesmo o nome dele? Martelo? Marreta?

Vítor: Marreta? (em tom irônico)

Pasqualete: Bom, não vem ao caso o nome dele. O fato é que desde então eu tenho que me contentado com migalhas da sua atenção, minha filha. A minha sorte é que volta e meia eles terminam com ela e ela vem correndo chorar aqui no ombro amigo do papai.

Isa: Ah, se você chama isso de sorte.

Vítor: Mas é assim mesmo, Isa. Não há pai no mundo que não queira o filho por perto. Mesmo depois de grande.

Santos: Mas filho é difícil mesmo, professor. Mas eles nos dão muita alegria, como o Savinho. Meu filho vai ser doutor e me dar muito orgulho nessa vida.

Pasqualete: Mas você merece, Santos. (bate no braço de Santos amistosamente). Você e o Sávio, que é um excelente aluno, hein. **Você ouça o que estou lhe dizendo. Sávio Santos ainda vai ser um dos primeiros colocados no vestibular, você vai ver.** (grifo meu)

Isa: E por falar em bom aluno, olha quem tá aí.

Marilu: (se aproximando do grupo) Oi gente. Boa noite, professor.

Pasqualete: Tudo bem?

Pasqualete: (orgulhoso) Maria Lúcia Buendia. Marilu. Como vai a estrela maior da minha instituição?! **Primeiro lugar em todos os vestibulares que prestou**, e ainda no 2º ano, hein?! (grifo meu)

Marilu: (aparentando uma falsa modéstia) Ah, foi só sorte. E um pouquinho de genialidade. (A aluna se dirige ao professor Vítor) Professor Vítor, eu precisava falar uma coisinha com você.

Vítor: Claro, Marilu. Pode falar.

Marilu: Mas é que, nada pessoal gente, mas podia ser em particular? (Isa olha contrariada para Vítor)

Vítor: Particular?

Marilu: São só confissões de uma aluna para o mestre, só isso.

Pasqualete: Vai, meu filho. (Santos volta para dentro da escola) Essa menina merece toda nossa atenção. Assim posso ter mais atenção da minha filhota querida.

Marilu: Vamos? Dá licença.

Vítor: Boa noite. (Vítor e Marilu se retiram)

Isa: Eu hein, conversa particular. O que será que a Marilu tanto quer com o Vítor?

Pasqualete: Aula particular eu te garanto que ela não precisa, minha filha.

Vale ressaltar que a personagem *Santos* apresenta de forma implícita em sua fala o conceito de que, estudando, o seu filho *Sávio Santos*⁸¹ “será doutor” e assim terá prestígio e sucesso. Porém, essa concepção a respeito da escola nos remete ao que Pierre Bourdieu (1996, p.39) ressaltava que

a instituição escolar, que em outros tempos acreditamos que poderia introduzir uma forma de meritocracia ao privilegiar aptidões individuais por oposição aos privilégios hereditários, tende a instaurar, através da relação

⁸¹ Interpretadas por Paulo Pompéia e Robson Nunes.

encoberta entre a aptidão escola e a herança cultural, uma verdade nobreza de estado, cuja autoridade e legitimidade são garantidas pelo título escolar.

O professor e mantenedor *Pasqualete*, nos episódios das temporadas de 1999/2000, que são fontes para essa pesquisa, sempre faz menção aos exames vestibulares e à preocupação que os alunos tenham um bom desempenho, apesar de afirmar que o seu maior objetivo é que os alunos aprendam. Porém, a sua filha *Isa* afirma em um episódio analisado que ele tem uma grande apreensão com o índice de desempenho dos alunos nos exames vestibulares.

Durante as temporadas, *Malhação* sempre apresenta um casal de jovens como protagonistas que vivem muitas adversidades organizadas pelo antagonista e para conseguirem ficar juntos ao final de cada período. Os jovens nesse programa televisivo estão sempre envolvidos com algum tipo de dilema emocional como namoro, traição, entre outros e externam suas emoções em conversas no pátio, na cantina e na sala de aula com ou sem a presença docente. Além disso, o consumo de bens simbólicos permeia todo o enredo, em consonância com seu tempo e espaço, em que o agente não mais exerce a cidadania por meio das instâncias participativas tradicionais, mas a partir do acúmulo de bens privados (CANCLINI, 2005). A questão central de *Malhação*, conforme Andrade (2005) é “a inserção do adolescente no universo adulto” e isto “passa pela aquisição de uma postura socialmente ‘adequada’” (p.23) aprendendo a se colocar e portar dentro do padrão de um discurso dominante.

As personagens jovens nessa telenovela valorizam seus familiares, que são vistos como fonte de acesso aos valores, aos bens econômicos e à afetividade. O papel que os jovens exercem dentro da família também é destacado. Essas personagens dialogam com os seus pais a respeito de alguns de seus dilemas e participam dos conflitos da família como na temporada de 2010/2011, onde o aluno *Pedro* começou a organizar bailes no clube próximo ao colégio *Primeira Opção*, pois ele era *DJ* além de estudante, para colaborar com a compra da casa em que morava com os pais no subúrbio do Rio de Janeiro.

Geralmente, as personagens jovens em *Malhação*, das temporadas analisadas, não trabalham e são retratadas como pertencentes à classe média. Há também algumas personagens pertencentes à classe alta, entretanto, não pode se afirmar que é a maioria. Porém, a telenovela procura estabelecer uma relação com a condição dos jovens da classe pobre tentando inseri-los nos colégios como bolsistas como os alunos *Maicon*, *Pedro*, *Theo*⁸²

⁸² Interpretada por Ronny Kriwat.

e *Ângela*⁸³ nas temporadas de 2010/2011 e o aluno *Sávio* nos episódios de 1999/2000. Também são mantidos alguns estereótipos de jovens bonitos, educados, estudiosos, preguiçosos, entre outros. Exceto na personagem *Cabeção*, da temporada de 2000, que fugia a representação da beleza e perfeição, como destaquei no capítulo 1.

Para Fischer (2005), *Malhação*

reitera o quanto adolescente é um ser de classe média, que se reduz a sexo, a escolhas amorosas, a escola, a conflitos familiares, o quanto também a mídia está ali, se propondo como meio predominantemente educativo, pedagógico e didático. (p. 48)

Malhação produz e difunde muitas cenas socioeducativas em seus capítulos que visam colaborar ou conscientizar a população a se integrar com consciência nas perspectivas atuais da sociedade e instrumentalizá-la profissionalmente e intelectualmente. Porém, sem extrair dessa prática o mérito legítimo de, em alguns momentos, estimular o debate sobre assuntos polêmicos e relevantes para a sociedade, acredito que o *merchandising* social⁸⁴ coopera para disseminar a imagem da Rede Globo como uma empresa socialmente responsável.

4.3. A atuação docente em *Malhação*

Início essa análise a respeito da atuação docente na telenovela *Malhação*, argumentando que a identidade do professor simboliza o sistema e a nação que o criou. Reflete a ‘comunidade imaginada’ da nação, em momentos em que esta é crucial para o estabelecimento ou reformulação de seus objetivos econômicos ou sociais, tal como se encontram definidos pelo Estado (LAWN, 2001, p. 70). Contudo, as identidades docentes, e as representações a elas associadas não são atribuídas ao acaso, e não dependem somente da formação recebida, como se tratasse de um aspecto somente técnico. Martin Lawn é um dos autores que divulga por que é tão importante compreender os motivos da vigília em torno das identidades do professorado. Ele afirma que a identidade é produzida através de um discurso, que simultaneamente, explica e constrói o sistema, baseado em suas experiências na Inglaterra.

⁸³ Interpretada por Ana Terra.

⁸⁴ *Merchandising* social consiste em inserir nas tramas das telenovelas temas atuais, socialmente relevantes, explorados com frequência e ênfase.

Michael Young (2007) afirma que ao pensar na instituição escola deve-se questionar: “para que servem as escolas?”. O autor afirma “que elas capacitam ou podem capacitar jovens a adquirir conhecimento que, para a maioria deles, não pode ser adquirido em casa ou em sua comunidade e, para adultos, em seus locais de trabalho.” (p.1294). Contudo, ele enfatiza a seguinte questão: qual conhecimento ou tipo de conhecimento que a escola deve transmitir? Para o autor, o conhecimento especializado tem mais importância na sociedade moderna. E é nesse domínio que a escola atua, propiciando acesso a esse conhecimento.

Portanto, analisando que um programa televisivo, como *Malhação*, possui e constrói discursos – expressos por meio das falas, das imagens, da caracterização das personagens e do cenário – a respeito de uma cultura juvenil e escolar, e de uma identidade docente durante os 14 anos que utiliza um colégio de ensino médio como cenário para as tramas, que são projetados diariamente por meio da televisão, criando e recriando um local de registro histórico (MOTTER, 2000) a respeito do que é uma escola e qual a atuação docente nesse espaço, penso que é pertinente investigar como a *cultura da mídia*, especificamente na televisão, exhibe a cultura escolar e a ação docente nesse espaço, revelando a concepção do que é ensino e, especificamente nessa pesquisa, a representação da atuação docente expressa na telenovela *Malhação*, verificando semelhanças ou não entre a rotina e o tempo escolar dos colégios retratados com a escola da vida real.

Reitero que escolhi a temporada de 1999/2000, porque a foi a primeira a exibir a escola como cenário, e a temporada de 2010/2011 porque apresentava até o momento da coleta de dados para essa dissertação, pela última vez, esse ambiente como cenário com as suas respectivas personagens: alunos, professores, diretores, inspetores de alunos. Ratifico que, após a temporada de 2010/2011, houve uma nova alteração no formato dessa telenovela no segundo semestre de 2011 que privilegiava assuntos holísticos e jovens do ensino superior. No entanto, a atual temporada de 2012/2013 voltou a ter um colégio de ensino médio, *Quadrante*, como cenário da maioria das cenas.

Conforme citado anteriormente, houve a reformulação, em 1999, no formato da telenovela substituindo o cenário do local onde ocorriam as tramas, a academia, pelo cenário escolar, com os professores, diretor e inspetor de uma instituição formal de ensino como personagens participantes das tramas, mas os capítulos de *Malhação* ainda envolviam o cotidiano dos jovens em seus problemas de relacionamento com seu corpo, com o outro sexo e com o seu próprio: virgindade e masturbação; com a gravidez na adolescência e problemas escolares e familiares: suspensões, alunos revoltados, relacionamento amoroso entre aluna e

professor, professor e professora, afastamento dos pais, desemprego e preconceitos. Muitos desses temas são recorrentes em várias temporadas, contudo, gravidez na adolescência, traição, relacionamento amoroso e sexualidade também foram abordados nas temporadas de 1999/2000 e 2010/2011. Por exemplo, na temporada de 1999/2000, na primeira fase do colégio *Múltipla Escolha*, *Marina* engravidou durante o seu namoro com *Marquinhos*, resultando em um casamento. Porém, na segunda fase da mesma temporada, a aluna *Bia*, filha de *Linda*, engravidou do aluno *Perereca*, que não assumiu a gestação. Esse assunto foi retratado mais uma vez durante a temporada de 2010/2011 com a gravidez da aluna *Babi*, filha do dono clube, que se envolveu com o jogador de futebol e aluno *Maicon*. Há essa temática em outras temporadas, além das citadas acima, conforme descreve a pesquisa de Módolo e Frederico (2007).

O fato de a história se passar em uma escola não fez com que os temas relacionados à educação ocupassem o lugar central da telenovela, conforme demonstro nas tabelas que seguem. Quando o ambiente principal de *Malhação* tornou-se o colégio *Múltipla Escolha* algumas cenas foram dedicadas não só a representar o ambiente escolar, como a sala de aula, a quadra de esportes, a sala dos professores e a lanchonete; mas também a retratar uma rotina escolar – aulas, reunião de professores, discussões entre diretor e funcionários (especialmente com os professores e professoras), atividades extracurriculares – e dar ênfase a discussões entre os alunos pelos corredores e sala de aula, namoro entre os professores, docente e diretor ou diretora e pai de aluno, e atitudes cômicas dos jovens. Esse modo de conceber o ambiente escolar foi repetido no primeiro episódio da temporada de 2010/2011 que exibiu os professores junto com os alunos pintando a fachada da escola, professores na sala de reunião, alunos conversando no pátio, entre outros. Vale ressaltar que a exibição do namoro entre professores, professores e diretores, descritos no colégio *Múltipla Escolha* permaneceram no colégio *Primeira Opção*, cenário da temporada 2010/2011.

A partir do exame dos episódios escolhidos para a análise da atuação e representação da identidade docente nas temporadas de 1999/2000 e 2010/2011, obtive os seguintes resultados que estão distribuídos em tabelas e gráficos no decorrer dessa pesquisa.

As tabelas 2 e 3 demonstram, em suas respectivas temporadas, o tempo de duração de cada episódio analisado, e a duração semanal dos episódios. Dentro de cada episódio individual, demonstra-se tempo em que os docentes são exibidos – enquadrados, seja conversando, chegando ou saindo de um espaço como a cantina, o pátio; ou ministrando as

aulas – a soma do tempo de exibição semanal dos professores, e o quanto isso representa em porcentagem dentro de cada episódio e no tempo total da semana.

Tabela 2 - Tempo de exibição docente nos episódios (temporada 1999/2000)

Episódio	Tempo total do episódio	Tempo de exibição dos docentes	% de exibição em relação ao total
1-1999	21min34s	5min17s	24,5%
2-1999	20min15s	4min43s	23,3%
3-1999	20min26s	3min54s	19,1%
4-1999	20min05s	3min48s	18,9%
5-1999	19min32s	4min06s	21,0%
Total da semana	1h41min52s	21min48s	21,4%

Tabela 3 - Tempo de exibição docente nos episódios (temporada 2010/2011)

Episódio	Tempo total do episódio	Tempo de exibição dos docentes	% de exibição em relação ao total
21/2/2011	21min00s	5min38s	26,8%
22/2/2011	21min34s	3min05s	14,3%
23/2/2011	22min59s	7min13s	31,4%
24/2/2011	22min39s	5min03s	22,3%
25/2/2011	22min45s	4min25s	19,4%
Total da semana	1h50min57s	25min24s	22,9%

Observando os números demonstrados nas tabelas 2 e 3 ressalto que os professores não são, inicialmente, personagens centrais na trama da telenovela, mesmo com a ênfase dada ao espaço escolar nesses períodos. Ou seja, atribui-se pouco tempo para exibir a presença docente no exercício da profissão, comparando-se com o tempo total de exibição do episódio. E, mesmo quando o professor aparece nas cenas, na maioria das vezes, conforme apresento nas próximas tabelas, não está em exercício da sua atividade em sala de aula. As duas temporadas mantiveram uma constância da exposição docente em seus episódios como demonstrado no gráfico 2 com o comparativo dos episódios analisados nessa pesquisa.

Gráfico 2 - Comparativo do tempo de exibição docente nas temporadas de 1999/2000 (esquerda) e 2010/2011 (direita)

Advirto que, muitas tramas ocorrem nos colégios retratados nessas temporadas, mas não estão envolvidas diretamente com o cotidiano escolar. Apesar de os colégios *Múltipla Escolha e Primeira Opção* serem o cenário central do programa, as características do bom desempenho escolar não são exibidas como signos de sucesso, ou seja, o programa desqualifica atributos que poderia valorizar a partir do momento em que escolheu a escola como cenário principal dos episódios, conforme apresentam as tabelas 4 e 5 e o gráfico 3, que estabelece uma comparação entre as temporadas analisadas.

Tabela 4 - Tempo de exibição docente por localidade (temporada 1999/2000)

Locais	Tempo de exibição do docente ⁸⁵	Tempo na realização da ação	% de tempo de realização da ação em relação à exibição
Área interna	21min48s	4min20s	19,9%
Diretoria	21min48s	5min10s	23,7%
Sala de aula	21min48s	5min37s	25,8%
Fora da escola	21min48s	6min41s	30,7%

⁸⁵ Cf. tabela 2.

Tabela 5 - Tempo de exibição docente por localidade (temporada 2010/2011)

Locais	Tempo de exibição do docente ⁸⁶	Tempo na realização da ação	% de tempo de realização da ação em relação à exibição
Área interna	25min24s	6min38s	26,1%
Diretoria	25min24s	12min14s	48,2%
Sala de aula	25min24s	2min45s	10,8%
Fora da escola	25min24s	3min47s	14,9%

Gráfico 3 – Comparativo do tempo de exibição docente por localidade nas temporadas de 1999/2000 e 2010/2011

Analisando o gráfico e as tabelas 4 e 5, nas quais levantei os locais em que aparecem os professores durante os respectivos episódios avaliados, verifiquei que, do tempo total dedicado a exibi-los, a maior parte dele foi dedicado a apresentar os professores da temporada de 2010/2011 em reunião na diretoria do colégio *Primeira Opção*. Entretanto, esses encontros na diretoria não eram, na maioria dos casos, para tratar de assuntos relacionados ao desempenho escolar ou planejamento das aulas, por exemplo, mas para discutir problemas particulares de alunos, especificamente o desentendimento entre as irmãs e alunas *Raquel* e

⁸⁶ Cf. tabela 3.

Catarina ou a viagem da diretora *Tereza*, entre outros assuntos, conforme demonstram as duas transcrições a seguir de episódios diferentes⁸⁷:

(Vera, coordenadora, Odilon, professor de Geografia e Tereza, diretora, conversam na sala da diretoria)

Vera: Então quer dizer que você acha mesmo que a Raquel não tá dizendo a verdade. Agora porque motivo essa menina inventaria isso?

Tereza: Eu não sei. Sinceramente. Agora, a Catarina sempre foi uma menina séria, sabe, responsável. Ela não, jamais, iria fazer uma bobagem dessas.

Odilon: **É nessas horas que eu agradeço ser apenas um professor, pra não ter que resolver um problemão desses.** (grifo meu)

(O silêncio cai no ambiente. Odilon começa um novo diálogo com outro tema)

Odilon: E a viagem com o João, como é que foi?

Tereza: Foi ótima.

Vera: Esse é o Odilon, né? Ele nunca chega pra explicar, sempre pra confundir. E a viagem dela com o João não é da tua conta.

Odilon: Já que você falou em explicar ou confundir, você já explicou pra Tereza que o pedreiro que você contratou pra consertar a midiateca sumiu?

Tereza: (faz cara de espanto) Sumiu?

Vera: Não, é exagero dele. Imagina. Ele faltou um dia, hoje.

Odilon: Faltou. Um dia. Justamente depois de colocar a mão no sinal que sua mãe deu pra ele. E a midiateca tá lá, toda quebrada.

Tereza: A midiateca toda quebrada?

Vera: (irônica) Você é um amor de pessoa, Odilon. Mas é um amor.

Odilon: (com sorriso cínico) Obrigado.

(Tereza, professor Agenor, professor Odilon e Vera conversam na sala de diretoria)

Vera: Bom, eu acho que dessa vez essa menina toma juízo, né?

Professor Odilon: Tereza, a Raquel não tem um responsável com quem você possa conversar?

Tereza: Ela é órfã, Professor Odilon! E ela fez a matrícula dela sozinha. Ela é maior de idade.

Professor Agenor: Mas eu, eu lembro que a Maria Eduarda casou, pelo menos duas vezes.

Tereza: É, mas no preenchimento dos documentos ela deixou o campo pai em branco. Ela não reconhece ninguém como pai dela.

Professor Odilon: Será que essa moça vai querer continuar estudando aqui depois de tudo que aconteceu? Desculpa, Agenor, mas ela passou muita vergonha hoje aqui, não foi?

⁸⁷ Episódios exibidos em 22/02/2011 e 23/02/2011.

Professor Agenor: Tudo bem, Odilon. Eu não vou desistir da Raquel e espero que ela também não desista do colégio. (se levanta) Bem, vocês vão me dar licença, mas hoje o dia foi muito puxado, mesmo para um jovem como eu (Vera e Professor Agenor riem). Eu vou para casa.

Professor Odilon: (se levanta também) Eu também já vou indo, meninas. Beijo, beijo. (todos se despedem)

Vera: Ah, que dia, bom, pelo menos acho que está tudo resolvido, né?

Tereza: Nem tudo, né, mamãe. A obrinha que a senhora contratou e pagou tá completamente parada. (Vera sorri sem graça)

(Em seguida aparece a cena com as personagens Vera e Pintinho conversando do lado de fora do restaurante dele)

Destaco, na primeira transcrição acima do episódio exibido em 22/02/2011, a fala do professor *Odilon*, pois demonstra certo alívio, destacando que é apenas um professor e que isso o livraria de ter que resolver problemas como o desentendimento das alunas. Entretanto, acredito que isso é uma representação deturpada da real condição e atuação docente na atualidade, pois muitos conflitos são resolvidos pelos professores em suas aulas, na escola e, muitas vezes, fora dela. É notório por meio de notícias veiculadas pela mídia, seja pela televisão, rádio ou jornal, que ultimamente os professores são alvos de agressão dentro e fora do ambiente escolar por parte dos alunos, exatamente porque em, muitos momentos, se colocam para solucionarem conflitos no ambiente escolar atendendo a objetivos dúbios, heterogêneos, tendo por sua própria natureza um objeto humano, individual e social, complexo e capaz de oferecer resistência, portanto, o trabalho docente não pode ser analisado nem reduzido aos seus componentes funcionais. Conforme destaca Tardif (2002, p.149),

o professor não é um trabalhador que se contenta em aplicar meios e se comporta como um agente de uma organização: ele é sujeito de seu próprio trabalho e ator de sua pedagogia, pois é ele quem a modela, quem lhe dá corpo e sentido no contato com os alunos (negociando, improvisando, adaptando).

O relacionamento amoroso da diretora *Tereza*, inicialmente com o pai de alunas, e depois com o professor *Odilon* também teve destaque nesse período. No entanto, a temporada de 1999/2000 dedicou-se a exibir com maior ênfase os professores fora do ambiente escolar como no portão do colégio *Múltipla Escolha*. Porém, o ambiente externo que aparece com repetição na temporada 1999/2000 foi a cantina *Guacamole*, anexa ao colégio, local onde aconteciam inúmeros encontros dos alunos, algumas conversas informais entre os professores e o mantenedor e professor *Pasqualete*, e o namoro entre a diretora e professora *Isabel Pasqualete*, *Isa*, e o professor *Vítor Maia*.

As tabelas 6 e 7 demonstram nas semanas analisadas o tempo semanal de exibição dos professores, conforme exposto nas tabelas 2 e 3, e quanto desse total de tempo foi

empregado em sala de aula, reunião, conversa com alunos – relacionadas ou não a um conteúdo curricular – e ações não relacionadas diretamente ao ensino como namorando, entre outras⁸⁸ – e o quanto desse tempo foi dedicado para as situações citadas, representou em relação ao tempo total de exibição do professor na semana.

Tabela 6 - Tempo de exibição docente em diversas ações nos episódios (temporada 1999/2000)

Ações dos professores nos episódios	Tempo de exibição do docente⁸⁹	Tempo na realização da ação	% de tempo de realização da ação em relação à exibição
Em sala de aula	21min49s	5min37s	25,8%
Em reunião	21min49s	1min27s	6,7%
Em conversa com aluno	21min49s	8s	0,6%
Não relacionadas ao ensino	21min49s	14min36s	67,0%

Tabela 7 - Tempo de exibição docente em diversas ações nos episódios (temporada 2010/2011)

Ações dos professores nos episódios	Tempo de exibição do docente⁹⁰	Tempo na realização da ação	% de tempo de realização da ação em relação à exibição
Em sala de aula	25min24s	3min47s	14,9%
Em reunião	25min24s	8min56s	35,2%
Em conversa com aluno	25min24s	4min51s	19,1%
Não relacionadas ao ensino	25min24s	7min50s	30,8%

As tabelas acima e o gráfico 4 reforçam a constatação que, nos respectivos episódios das temporadas de 1999/2000 e 2010/2011, houve a repetição de explorar a ação docente ligada a outras atividades externas que não estavam diretamente ligadas ao ato de ensino e aprendizagem, conforme as tabelas 4 e 5 também demonstraram ao apontar as localidades que normalmente encontravam-se os professores nos episódios analisados. Ou seja, nos episódios avaliados, os professores são representados em situações que não os vinculavam ao exercício da docência, mas aos aspectos pessoais, principalmente na temporada de 1999/2000.

⁸⁸ Cf. tabelas 10 e 11.

⁸⁹ Cf. tabela 2.

⁹⁰ Cf. tabela 3.

Gráfico 4– Comparativo do tempo de exibição docente em diversas ações nas temporadas de 1999/2000 e 2010/2011

As tabelas 8 e 9 expõem o tempo total de exibição dos professores nos episódios, e dentro desse total, o quanto foi utilizado em ações docentes dentro da sala de aula – conforme as tabelas 6 e 7. O tempo dessas ações em sala de aula foi subdividido em atos mais concretos como lecionar, observar a conversa paralela entre os alunos, repreensão de alunos, o assédio de aluno, entre outros; e o quanto isso representou do total do tempo de exibição dos professores realizando ações dentro da sala de aula.

Tabela 8 - Tempo de exibição docente em ações dentro da sala de aula nos episódios (temporada 1999/2000)

Ações dentro da sala de aula nos episódios	Tempo de exibição do docente⁹¹	Tempo usado dentro da sala de aula⁹²	Tempo usado na ação em questão	% de tempo usado na ação em relação à exibição total	% de tempo usado na ação em relação a atividades dentro da sala de aula
Lecionando	21min48s	5min37s	3min07s	14,3%	55,5%
Conversa paralela entre alunos	21min48s	5min37s	45s	3,4%	13,4%
Repreensão de alunos	21min48s	5min37s	50s	3,8%	14,8%
Flerte de aluna	21min48s	5min37s	55s	4,2%	16,3%
Jogando futebol (Ed. Física)	21min48s	5min37s	0s	0,0%	0,0%

Tabela 9 - Tempo de exibição docente em ações dentro da sala de aula nos episódios (temporada 2010/2011)

Ações dentro da sala nos episódios	Tempo de exibição do docente⁹³	Tempo usado dentro da sala de aula⁹⁴	Tempo usado na ação em questão	% de tempo usado na ação em relação à exibição total	% de tempo usado na ação em relação a atividades dentro da sala de aula
Lecionando	25min24s	3min47s	2min00s	7,9%	52,9%
Conversa paralela entre alunos	25min24s	3min47s	35s	2,3%	15,4%
Repreensão de alunos	25min24s	3min47s	10s	0,7%	4,4%
Flerte de aluna	25min24s	3min47s	0s	0,0%	0,0%
Jogando futebol (Ed. Física)	25min24s	3min47s	1min02s	4,1%	27,3%

Parte do tempo dos episódios analisados na temporada de 1999/2000 dedicou-se a explorar a sala de aula como cenário, dando ênfase à transmissão de conteúdo curricular com professores priorizando a relação do ensinar e aprender como demonstra a tabela 8.

⁹¹ Cf. tabela 2.

⁹² Cf. tabela 6.

⁹³ Cf. tabela 3.

⁹⁴ Cf. tabela 7.

Este padrão é demonstrado logo no primeiro episódio da temporada de 1999/2000, com o início do segundo semestre do ano letivo, no diálogo entre o professor de Português *Pasqualete* e o aluno recém-chegado ao colégio, *Marquinhos*⁹⁵:

Professor Pasqualete: Então, como eu estava dizendo a vocês o Português vive em mutação.

Alguém sabe como o português muda?

Marquinhos: Ele chama o caminhão de mudança que embala tudo e ele muda (risos de todos os presentes em sala).

Professor Pasqualete: O senhor é muito engraçadinho (demonstra indignação).

O vestibular vem aí e aqui no Múltipla Escolha não vai ter refresco não... Peguem a apostila de vocês e abram na página cinco.

Os alunos Marquinhos e Perereca permanecem rindo e conversando. O aluno Perereca faz comentários sobre ter ou não refresco no colégio e se apresenta para o Marquinhos. Eles são interrompidos pelo professor.

Professor Pasqualete: As duas comadres aí no fundo, será que poderiam fazer a gentileza de prestar um pouquinho mais de atenção na aula?

(A cena é interrompida e inicia-se outra cena em outro cenário)

E permanece sendo um padrão constantemente exibido em *Malhação* durante os episódios analisados da temporada de 2010/2011⁹⁶, destacando-se um dos episódios exibido em 24 de fevereiro de 2011, durante a representação de uma aula de História:

(Na sala de aula a professora Márcia, que leciona História, está em pé, atrás da mesa, em frente ao quadro que contém uma tela interativa com o logo do colégio. A sala está com todas as carteiras ocupadas)

Professora Márcia: Não esqueçam de ler o texto sobre o início do Estado Novo para a próxima aula, ok?

(Todos os alunos levantam-se rapidamente, muitas conversas e a professora sai logo em seguida sem despedir-se).

O gráfico 5, apresentado a seguir, reforça que esse modelo de ensino e aprendizagem é reproduzido em ambas as temporadas analisadas nessa pesquisa.

⁹⁵ Episódio gravado em DVD (capítulo 1/parte 2).

⁹⁶ Cf. tabela 9.

Gráfico 5 – Comparativo de tempo de exibição docente em ações dentro da sala de aula nas temporadas de 1999/2000 e 2010/2011

A transmissão de conteúdos se apresenta, nos episódios analisados, como a base que caracteriza todas as aulas, conforme citado anteriormente; o que distingue uma aula da outra é o recurso didático-pedagógico do professor, como descrito abaixo, na cena de aula com o professor de Matemática *Vítor Maia*, que em sua primeira aparição no segundo semestre da temporada de 1999/2000 está explicando conceitos matemáticos – Teorema de Pitágoras – por meio de uma música:

(Com muita descontração ele está à frente da sala com a lousa ao fundo onde são visíveis algumas anotações sobre o conteúdo da disciplina. Gesticula como se estivesse regendo uma bateria de escola de samba, quando entra na sala uma nova aluna que fica confusa ao ver os alunos cantando com o professor, em ritmo de samba)

Professor Vítor e alunos: Acredito ser a hipotenusa o quadrado do triângulo retângulo que ao quadrado que é igual aos dois dos lados...

Marina: Essa aula é de matemática ou de música, hein?

Tatiana: É de matemática. Mas eu acho que ele gosta de ensinar cantando.

(A conversa termina e a música cantada pelo professor e a turma voltam a ocupar a centralidade da cena)

Professor e alunos: O quadrado somado dos catetos deu, o quadrado somado dos catetos deu HIPOTENUSA.

Professor Vítor: Nãooo (gritando e balançando a cabeça). É hipotenusa ao

quadrado meu povo! Mas foi bonito.

Os alunos aplaudem.

Professor Vítor: Muito bem! Nós temos duas colegas novas que eu gostaria muito que elas se apresentassem. Por favor. (aponta para as alunas).

A aluna levanta e se apresenta:

Marina: Eu sou a Marina, irmã do Mocotó.

(Neste momento todos da sala riem e são advertidos pelo professor)

Professor Vítor: Olha o respeito com a colega, hein! Marina seja muito bem-vinda. Eu sou professor Vítor, professor de matemática. E você? (olhando para a outra nova aluna).

Tatiana: Meu nome é Tatiana Almeida. É o meu primeiro dia de aula aqui, mas eu já tinha aprendido isso na oitava série.

Alunos: Ahhhhhhhh!!! (em tom de desaprovação).

Professor Vítor: Bem, é verdade. Aqui a gente também já aprendeu na oitava série, mas como é o primeiro dia de aula, eu resolvi fazer uma pequena revisão. Tatiana Almeida seja muito bem-vinda.

Tatiana: Obrigada.

(Todos os alunos aplaudem e a cena é transferida para outra parte da escola)

Tabela 10 - Tempo de exibição docente em ações fora da sala de aula (temporada 1999/2000)

Ações fora da sala de aula dos professores nos episódios	Tempo de exposição do docente nos episódios ⁹⁷	Tempo total usado em atividades fora da sala de aula	Tempo usado na ação individual	% de tempo usado na ação em relação ao tempo de exposição total dos docentes	% de tempo usado na ação individual em relação a atividades fora da sala de aula
Reunião	21min48s	6min41s	0s	0,0%	0,0%
Conversas com familiares / diversas	21min48s	6min41s	3min26s	15,7%	51,4%
Namorando	21min48s	6min41s	1min43s	7,9%	25,7%
Protegendo aluno	21min48s	6min41s	0s	0,0%	0,0%
Flerte de aluna	21min48s	6min41s	1min32s	7,0%	22,9%

⁹⁷ Cf. tabela 2.

Tabela 11 - Tempo de exibição docente em ações fora da sala de aula (temporada 2010/2011)

Ações fora da sala de aula dos professores nos episódios	Tempo de exposição do docente nos episódios ⁹⁸	Tempo total usado em atividades fora da sala de aula	Tempo usado na ação individual	% de tempo usado na ação em relação ao tempo de exposição total dos docentes	% de tempo usado na ação individual em relação a atividades fora da sala de aula
Reunião	25min24s	4min20s	35s	2,3%	13,5%
Conversas com familiares / diversas	25min24s	4min20s	1min48s	7,1%	41,5%
Namorando	25min24s	4min20s	1min30s	5,9%	34,6%
Protegendo aluno	25min24s	4min20s	27s	1,8%	10,4%
Flerte de aluna	25min24s	4min20s	0s	0,0%	0,0%

As tabelas 10 e 11, acima, apresentam o tempo total de exibição dos professores, e dentro desse total, o quanto foi utilizado em ações fora da sala de aula, subdividido em atos tais como reuniões, conversas com familiares, protegendo alunos em possíveis discussões ou situações, entre outros; e quanto isso representou do total do tempo de exibição dos professores e das ações fora da sala de aula.

Gráfico 6 – Comparativo do tempo de exibição docente em ações fora da sala de aula nas temporadas de 1999/2000 e 2010/2011

⁹⁸ Cf. tabela 3.

O professor *Vítor*, em muitos episódios, foi assediado constantemente dentro e fora do ambiente escolar por uma aluna do 3º ano do ensino médio, *Marilu*, que nutria uma paixão por ele. Para aproximar-se desse professor, ela solicitava-lhe aulas particulares e levantava questionamentos durante as aulas só para ter sua atenção. Todas as estratégias utilizadas para conquistar o professor nunca eram feitas às escondidas, pois a aluna declarava abertamente aos colegas do colégio que tinha interesse em manter um relacionamento amoroso com o professor. *Isa*, retratada como diretora, professora de Geografia e namorada do professor, demonstrava incômodo com as inúmeras investidas da aluna para conquistá-lo e fez alguns alertas ao professor *Vítor*, mas nunca procurou a aluna para conversar, apesar de ser a diretora da instituição. Somente demonstrava claramente o seu descontentamento por meio de olhares e algumas gesticulações todas as vezes que ficava no mesmo ambiente que a aluna *Marilu*. Inicialmente, o professor *Vítor* aparentou não perceber que havia o interesse da aluna e a atendeu em todas as situações, mas no decorrer dos episódios começou a notar e procurava desvencilhar-se do contato com ela. Entretanto não resistiu por muito tempo e acabou aceitando se relacionar com a aluna no final da temporada, mas este namoro não teve a sua continuidade representada no período seguinte, pois a aluna ingressou na universidade. Penso que há uma dimensão relacional da profissão docente essa dissolução da representação do namoro entre o professor e a aluna, pois muitos colégios mencionam em seus estatutos a proibição desse tipo de relacionamento.

Dedicaram-se muitos episódios na temporada de 1999/2000, conforme os dados apresentados na tabela 10, que ora representavam o casal de professores, *Isa* e *Vítor*, namorando na sala dos professores, ora o professor *Vítor* evitando o assédio da aluna durante e fora de sua aula, ou os professores sentados à mesa na cantina da escola em horários alternados discutindo temas da vida pessoal e escolar. Constatei em minhas análises dessa temporada que há uma preocupação constante dos autores de representarem a vida pessoal dos docentes com os seus relacionamentos amorosos e familiares. E essa abordagem se repete na temporada de 2010/2011, quando se dedicaram muitos episódios para explorar o relacionamento amoroso entre a diretora *Tereza* e *João Paulo*, o pai das alunas *Andréa* e *Milena*. Depois ressaltou o namoro da diretora com o professor *Odilon*.

Notei, também por meio da análise da tabela 10 e do gráfico 6, que se dedicou na temporada de 1999/2000 uma parte considerável do tempo a exibir os professores conversando na cantina, conforme foi citado anteriormente, sobre assuntos pessoais como o professor *Pasqualete* reclamando para a filha dos namorados dela e do ciúme que sentia deles;

e outros ligados ao exercício da profissão como notas, simulados. Eles também conversavam a respeito do desempenho de alguns alunos no vestibular – preocupação inúmeras vezes reforçada pelo mantenedor e professor *Pasqualete* do colégio *Múltipla Escolha* nesses diálogos – e a intromissão do professor *Gustavo* no relacionamento dos professores *Isa* e *Vítor*. No entanto, a temporada 2010/2011 dedicou muitos episódios para discutir, principalmente, o relacionamento amoroso da diretora com o *João*, pai das alunas *Andréa* e *Milena*, depois o seu relacionamento com o professor de Geografia, *Odilon*, entre outros assuntos particulares. Nessa temporada raramente existiram momentos de discussão a respeito do desempenho pedagógico dos alunos ou das atividades curriculares do colégio.

Houve a representação de conversas com familiares dos alunos por parte da instituição de ensino, descrita na tabela 10, na temporada de 1999/2000, como o pai do *Touro*, que frequentou muitas vezes o colégio *Múltipla Escolha*. No entanto, ele procurava a direção do colégio para conversar a respeito do relacionamento do filho com a aluna *Érica*, já mencionado nessa pesquisa, e não para tratar de assuntos relacionados ao desempenho escolar do aluno *Touro*. O professor *Pasqualete* também dialogava bastante com o inspetor *Santos*, pai de *Sávio*, a respeito da condição acadêmica do filho dele. Principalmente, por conta de *Sávio* ter assumido, inicialmente, o incidente de colocarem suco de uva na caixa d'água do colégio *Múltipla Escolha*, ocasionado pelos alunos *Marquinhos* e *Perereca*, que depois foram descobertos e penalizados com uma suspensão das aulas por uma semana pela diretora e professora de Geografia *Isa*.

As visitas de familiares ao colégio *Primeira Opção* também foram exibidas nos episódios analisados da temporada de 2010/2011, porém, elas ocorreram das seguintes maneiras:

- *João*, pai de alunas do colégio *Primeira Opção*, estava interessado em namorar a diretora da escola, *Tereza*, e assim a procurava com o pretexto de conversar a respeito da situação acadêmica de suas filhas, mas a sua verdadeira intenção era estabelecer uma proximidade com a diretora.
- Os pais dos alunos foram à escola para uma reunião com a diretora *Tereza*, pois se aventou a hipótese, por meio de um vídeo falso disponibilizado acidentalmente na rede social, que ela estaria flertando com um aluno do colégio, *Pedro*. Então, os pais queriam satisfações e providências quanto a esse fato da direção do colégio.

A diretora do colégio *Primeira Opção*, *Tereza*, também procurou algumas vezes o professor *Agenor*, pois ele era avô das alunas e irmãs *Catarina*, *Duda* e *Raquel*, para eles conversarem a respeito dos inúmeros desentendimentos entre *Catarina* e *Raquel*, que aconteciam algumas vezes dentro colégio, mas, geralmente, eram na parte externa da escola como na rua ou na casa das personagens, por exemplo.

Alguns episódios também exibiram o professor *Agenor* conversando com a coordenadora da escola, *Vera*⁹⁹, a respeito da preocupação que tinha com o relacionamento conturbado de suas netas, conforme se demonstra na transcrição abaixo¹⁰⁰:

(Lanchonete da escola onde se encontravam Vera, coordenadora, e Agenor, professor de Educação Física)

Vera: Você viu Agenor?

Professor Agenor: Vi, vi e estou muito preocupado.

Vera: E eu então! Você sabia que eu perdi toda a fiação elétrica da midiateca. A sorte é que Seu Vencelau fez em três parcelas. A primeira já dei. Dei o sinal e agora ele jurou de pé junto que em dois dias no máximo vai estar perfeita.

(A coordenadora se refere às obras na midiateca do colégio)

Professor Agenor: Vera me desculpe, mas eu estou preocupado com o braço da Raquel.

(Aluna Raquel apareceu com o braço quebrado no colégio e alegou depois que foi a irmã Catarina que a tinha machucado em uma briga)

Vera: Ahhh, é! Desculpa! Pôxa vida! Mas como essa menina foi quebrar o braço?

Professor Agenor (preocupado): Não tenho a menor ideia. E você reparou como foi estranho o jeito que ela se referiu ao acidente?

Vera: Reparei. Mas eu tava pensando, você acha mesmo que aquilo foi um acidente?

Professor Agenor: Eu espero que tenha sido.

(A seguir aparece uma cena entre Maicon e Babi na rua em frente à lanchonete do Seu Pintinho)

Houve, também, na temporada de 1999/2000 a representação de uma paralisação das aulas iniciada pelos professores do colégio *Múltipla Escolha*, instituição privada, em reivindicação por melhores salários, apoiados pelo grupo de alunos. Na negociação entre os professores e o mantenedor e professor *Pasqualete*, o professor *Vítor* foi o mediador do acordo entre as partes. Houve uma solução acordada entre a escola e os professores, e as aulas

⁹⁹ Interpretada por Cris Nicolotti.

¹⁰⁰ Episódio exibido em 21/02/2011.

voltaram à normalidade. Esse assunto foi exibido em alguns capítulos. Entretanto, não houve menção de repor os dias letivos que os alunos ficaram sem aulas nos episódios posteriores a essa paralisação. Observei que, mesmo com a greve dos professores, os episódios continuavam a exibir os alunos nas salas de aulas, conversando nos corredores e no pátio da escola, organizando uma manifestação em apoio à greve, ou seja, não houve a representação de um abandono desse espaço no período da paralisação por parte dos alunos. Quanto aos professores, eles eram expostos conversando e reclamando sobre as suas exigências e a falta de valorização da profissão docente na sala dos professores. Após essa temporada, não se abordou mais esse assunto.

Na temporada de 2008, ao iniciar um novo ano letivo, os alunos são surpreendidos ao encontrar a escola cheia de poeira, com tinta fresca e salas improvisadas, resultado de uma reforma no colégio, que voltou a ser *Múltipla Escolha*, porque houve um período que passou a chamar-se *Múltipla Escolha Ernesto Ribeiro*, devido à junção do colégio *Múltipla Escolha* com outro colégio, conforme descrito no capítulo 1 dessa dissertação. Ressalto esse novo colégio, porque surgiu a *Rede Múltipla Escolha de Ensino*, que decide implantar um curso noturno profissionalizante. Houve também a proposta, aceita pelo diretor e professor de Português *Adriano*, interpretado por Daniel Boaventura, de que a cada aluno pagante, a escola ofereceria uma bolsa a um aluno carente. Ele acreditava que esta iniciativa seria uma ótima oportunidade para formar novos profissionais e deixar a escola movimentada no período da noite. O curso noturno implantado foi de mecânica, ministrado pela professora *Duba (Maria Eduarda)*,¹⁰¹ que surpreendeu a todos por ser uma mulher que dominava uma área predominantemente masculina. Entretanto, o diretor *Adriano* não sabia dessa condição, pois a contratou por meio de referência e mostrou-se receoso e pouco confiante em sua capacidade, ao saber que seria uma jovem mulher a ministrar as aulas. Atento essa situação descrita, pois ela nos remete ao preconceito vivido pelas mulheres no início da docência, porque a elas inicialmente, conforme destaquei no capítulo 3 dessa pesquisa, cabia o papel de lecionar matérias como corte e costura, boas maneiras, entre outras; e essas professoras não eram remuneradas igualmente aos professores. As matérias consideradas mais complexas como álgebra, por exemplo, ficavam sob a tutoria dos professores. Ou seja, demarcava-se a competência dos professores mediante o seu gênero: masculino ou feminino.

Por meio das análises dos episódios das temporadas de 1999/2000 e 2010/2011, constatei que os professores mais presentes em algumas cenas foram *Isa* e *Vítor* (1999/2000),

¹⁰¹ Interpretado por Larissa Bracher.

Agenor e *Odilon* (2010/2011), enfatizando a vida pessoal desses professores que, ora estão resolvendo assuntos familiares, como no caso do *Agenor*, ou estão se relacionando amorosamente com um colega de trabalho, nos caso de *Isa*, *Vítor* e *Odilon*. O professor *Pasqualete* também se sobressaiu, contudo, era devido ao fato dele ser o mantenedor do colégio e, por estar sempre reclamando ou atrapalhando o relacionamento de sua filha *Isa*. Ou seja, a atuação docente representada nessas temporadas era de professores que, normalmente, estavam resolvendo assuntos e conflitos particulares ou se relacionando amorosamente nos espaços externos, porém próximos, e internos ao colégio.

4.4. A sala de aula e as práticas de ensino em *Malhação*

O espaço sala de aula pode ser apreciado como um ambiente onde se despontam as relações do ensinar e aprender e como um recinto distinto no espaço maior da escola, surgindo como um item do colégio que nos episódios analisados aparece sempre com uma fachada moderna¹⁰². A sala de aula aparece como um cenário para representações mais extensas a respeito do que seja a instituição escolar, e *Malhação* compõe uma certa imagem sobre ela, construindo histórias a respeito das analogias pedagógicas no processo ensino-aprendizagem por meio das personagens envolvidas nele: alunos e professores. É um local facilmente identificado em ambas as temporadas que foi regularmente exibido, conforme demonstrado nas tabelas 8 e 9, por sua precisão geométrica retangular, com portas, carteiras, janelas e paredes, nas quais se podem visualizar avisos, mapas, entre outros. Com uma mesa à frente, quadro negro com giz na temporada de 1999/2000 logo atrás da mesa do professor, porém, houve a alteração do quadro negro para a *Smart Board*, figura 5, na temporada de 2010/2011, demonstrando um alinhamento com as tendências tecnológicas predominantes no período da exibição da temporada. A *Smart Board* funciona como um computador com uma tela *touch screen* ampliada com *softwares* específicos para as disciplinas e acesso à internet. Também o aparelho de televisão, cujo modelo é de última geração, está sempre visível e muitas vezes foi utilizado para a exibição de conteúdos ou filmes.

¹⁰² Cf. figura 8 – anexo.

Figura 5- *Smart board* (temporada 2010/2011)¹⁰³

Na maioria das vezes, no início de cada aula dos respectivos colégios citados na telenovela dessa pesquisa, a câmera focaliza a imagem do professor que começa a explicar determinado conteúdo e os alunos que acompanham. Após esse primeiro conjunto de imagens, nota-se um novo modo de relações dentro da sala de aula: as conversas paralelas entre os alunos. As imagens são do professor trabalhando o conteúdo e dos alunos conversando sobre as suas relações amorosas, inquietações, problemas familiares. O recurso de áudio deixa ao fundo as palavras do professor e sobressaem os assuntos conversados pelos alunos. Algumas vezes, se escutam as duas falas: do docente e do aluno ao mesmo tempo. Outras vezes, a voz do professor silencia ou permanece apenas como um ruído, prevalecendo as falas entre os alunos. Esse movimento de câmera focaliza distanciamentos entre o que é ensinado pelo professor e o que aparece paralelamente ao conteúdo instituído.

Verónica Edwards (2003) pesquisou no México duas classes de 6ª série, uma tradicional e a intitulada 9-14, com o objetivo de observar a interação entre professores e alunos dessas turmas. Os alunos da sala 9-14 estudavam em um sistema similar ao supletivo, instituído pelo governo para reduzir a evasão de alunos. Era composta por 17 alunos, 11 meninos e 6 meninas, distribuídos em uma sala com 5 mesas coletivas. O tempo era controlado pelos alunos, que ditavam o ritmo de cada aula, assim como a disposição física da sala e ficavam livres para mudar de lugar quando fosse confortável para eles. A professora dessa turma não tinha uma mesa e a cada dia se unia a um grupo, entretanto, sabia do

¹⁰³ Disponível em: <<http://tv.globo.com/novelas/malhacao/2010/index.html>>. Acesso em: 06/12/2010 às 21h30.

andamento das atividades dos outros grupos da classe. A turma tradicional da escola tinha 34 alunos, 19 meninos e 15 meninas, em uma sala com 7 mesas coletivas com 4 a 6 alunos em cada. Nessa turma, o professor começava a aula fazendo perguntas aos alunos sobre o conteúdo anterior, que eles deveriam se lembrar e dissertava rapidamente a respeito do novo conteúdo, que os alunos anotavam, e era o professor que controlava o tempo de cada atividade. Não era permitido aos alunos dessa classe se deslocarem de seus lugares ou manterem conversas que não tivessem relação com o conteúdo ministrado. Todavia, a autora aponta que, apesar de configurações similares, o espaço foi apropriado, manipulado e transformado mediante as práticas das respectivas turmas.

Em *Malhação*, houve uma alteração na configuração das carteiras no interior da sala de aula, nos episódios desenvolvidos a partir de agosto de 2010/2011. Desde a temporada de 1999/2000, utilizava-se o padrão de carteiras enfileiradas no estilo universitário, remetendo-nos ao ensino tradicional, demonstrado na figura 6 a seguir. A partir da temporada do segundo semestre de 2010 até o primeiro semestre de 2011, os alunos sentam-se em grupos de quatro, em que podem interagir, fazer exercícios coletivamente em muitos episódios, conforme exemplificado na figura 7, assemelhando-se à situação analisada por Edwards (2003).

Figura 6 – Sala de aula (temporada 1999/2000) ¹⁰⁴

Figura 7 – Sala de aula (temporada 2010/2011) ¹⁰⁵

¹⁰⁴ Disponível em: < http://www.fotolog.com.br/daniel_passione/60389153/>. Acesso em: 06/12/2010 às 21h35.

¹⁰⁵ Disponível em:< <http://tv.globo.com/novelas/malhacao/2010/index.html>>. Acesso em: 06/12/2010 às 21h40.

Verifiquei que a nova configuração do mobiliário de 2010/2011 foi um facilitador para as conversas paralelas a respeito de assuntos cotidianos, porque na temporada de 1999/2000 os alunos eram obrigados a virar-se para trás ou para o lado para manterem um diálogo. Contudo, no momento da avaliação bimestral, por exemplo, na formatação de 2010/2011, assim como na temporada de 1999/2000, eles eram proibidos de conversar ou manifestar qualquer interesse pela atividade do colega que ocupava espaço contíguo, igualmente ao que acontecia na turma tradicional relatada por Edwards (2003). Ou seja, mudou-se o mobiliário do cenário, mas a interação, apropriação e a manipulação desse espaço permaneceram o mesmo da temporada anterior que remetia ao ensino tradicional. Entretanto, essas mudanças observadas no cenário do programa pareciam não estar somente vinculadas à alteração de temporada, mas sinalizavam uma demonstração de que, apesar de não ter compromisso com a representação fiel do real, o programa procura manter uma parcial sintonia com a escola concreta e com as mudanças das teorias educacionais, ressaltando as que estavam em vigência ou mais em voga, provavelmente, numa tentativa de apresentar um discurso que pudesse sanar uma conjecturada crise da educação.

A pesquisa de Walkerdine (1998) que examinou a disposição das carteiras em duas salas de aulas que mantinham ou declaravam teorias educacionais diferentes, a tradicional e a nova, procurou apresentar que uma teoria não é aceita como um todo, mas são utilizadas em partes e adaptadas algumas vezes para outras teorias, de maneira que os discursos que influenciam algumas ações não são todos uniformes. A autora afirma que, ao incorporar aos discursos uma conjecturada cientificidade da psicologia, e a educação começou a apreciar o desenvolvimento da criança, o mobiliário escolar foi disposto com base nesses novos pressupostos. A configuração desse pensamento ressaltado por Walkerdine torna-se visível em *Malhação* quando a configuração da mobília escolar é alterada em suas temporadas procurando atender um “modismo” como a inserção de recursos tecnológicos nas aulas ou uma teoria educacional em evidência no período que estão sendo exibidas.

Conforme Dussel e Caruso (2001, p. 232) essas novas configurações atestam o conceito de que as práticas ou estratégias de ensino e a sala de aula são maneiras de manter sob controle os corpos e as almas, que reconhecem uma história ainda presente na maneira como organizamos nossas práticas já implícitas na *Didática Magna* de Comenius (2006). A título de exemplo, pode-se mencionar o trecho abaixo desses autores:

O legado de Rousseau é complexo. Entretanto, sintetizando-o, poder-se-ia dizer que encontrou boa repercussão no “escolanovismo”. Como vimos no capítulo anterior, vários de seus representantes radicalizaram muito mais suas propostas, sustentando que a autoridade deveria ser completamente banida. Se recordarmos a frase de Célestin Freinet sobre a necessidade de abolir o estrado e de colocar o professor no mesmo nível dos alunos, teremos uma referência dessas propostas.

Assim, conforme os autores, uma ou outra alteração na organização da sala de aula e da própria pedagogia pode ser admitida porque ela contenta uma multiplicidade de pessoas com díspares posições e interesses, sendo aceitos de uma forma popular exatamente porque permanecem muitos interesses e discursos que parecem ser deliberados pela admissão de novas práticas. Então, o espaço da sala de aula, como um elemento da educação, é essencial para a representação da escola em *Malhação*, na qual se organizam os alunos com base no agrupamento para aplicação do hipotético ensino simultâneo, expresso por meio de uma avaliação individualizada de um suposto conteúdo escolar que, organizado ou agrupado, significa a existência de um conjunto de saberes que naquele local precisa se manifestar. Trata-se de uma crise nesse ensino e há tentativas formais para resolvê-la. Contudo, não se combatem as questões estruturais dela, mas somente os efeitos aparentes.

Entretanto, esse exemplo de organização da escolarização por agrupamento de classes, em que se vai transmitir um determinado conjunto de saberes para determinadas turmas, juntamente com o conceito de sala de aula e “as relações que nesse espaço se constituem, apresentam que a pedagogia moderna mantém uma ligação com o passado, porque esse formato está consolidado no imaginário das sociedades escolarizadas.” (PORFÍRIO, 2004, p.122). Então, não é sem propósito que as imagens de sala de aula retratadas pela *cultura da mídia* em aspectos físicos, estruturais e conjunto de elementos diversos, que se supõem comuns a esse ambiente, sejam muito semelhantes, tanto nos filmes do cinema, quanto nas telenovelas e nos programas da televisão.

Apesar de a temporada 2010/2011 intitular a arquitetura da escola como construtivista¹⁰⁶, remetendo a um determinado método de ensino, notei que a participação dos alunos nas aulas era limitada e bastante similar aos episódios da primeira temporada, encenada em ambiente escolar no ano de 1999/2000. Geralmente, há a representação do professor que disserta e dos alunos que ouvem. Diversos professores iniciam e terminam as aulas sem promoverem nenhum diálogo com os jovens, concentrando-se exclusivamente no conteúdo a ser explicado. É o caso da aula de Português: o professor baseia suas aulas em um

¹⁰⁶ Cf. anexo B - figura 6.

resumo que é projetado no quadro interativo de última geração. A câmera enquadra o professor de português apontando o resumo produzido com o recurso *Power Point* na lousa digital *Smart Board*. A fala do docente se limita a esta síntese sobre o hibridismo:

Voz do professor (Prof. Romero): Senhores, hoje nós vamos falar sobre hibridismo. O que é hibridismo? (Fala em tom de pergunta, mas não diretamente aos alunos). Hibridismo é quando duas palavras de línguas diferentes se unem para formar uma nova. Exemplo: Sociologia é dividida assim: Socio vem do latim e logia vem do grego¹⁰⁷.

(Após a explicação do professor Romero, a câmera enquadra os alunos Maicon, Laura e Obama, que iniciam uma conversa transcrita mais adiante nesse trabalho)

Há uma representação de professores que fazem resumos em transparências, prática notada nas temporadas iniciais. Alguns conduzem a aula apenas recorrendo à memória do conteúdo já fixado no quadro negro e outros fazem uso de apostilas e do livro didático.

O livro didático e apostila são sempre representados nos episódios por meio da solicitação dos professores para que os alunos abram o material logo depois de uma breve explicação do tema ou para iniciar a aula. Geralmente, estão sempre nas mãos do professor, mesmo que não os utilize na representação da aula.

Outros professores suscitam a participação e a informação dos alunos, propondo questões ou desafios por meio de alguma atividade, como a representação do professor *Odilon* de Geografia da temporada do segundo semestre de 2010/2011. Algumas aulas são representadas como cansativas, como a de Português, mostrando alunos reclamando do conteúdo ministrado pelo professor ou dormindo como, por exemplo, no episódio de 03/01/2011 que exibiu o aluno *Pedro* dormindo durante a aula, e no episódio 13/10/2011 foi o aluno *Maicon* que apareceu na mesma situação. Em ambos os casos a disciplina lecionada era Português.

Mesmo com essas pequenas variações no modo de trabalhar o conteúdo, o formato de grande parte das exposições em aula demonstra uma expressão simplificada da relação ensinar e aprender no espaço da sala de aula – explorada como local da transmissão do conhecimento, uma relação entre professor e aluno pelo vínculo da cognição. A participação dos alunos é sempre muito limitada nas aulas retratadas nas temporadas de *Malhação*, possivelmente porque as aulas são simplesmente um cenário que enquadra as ações das personagens, quase como uma paisagem de fundo, pois a parte principal da trama, os eventos dramáticos decisivos ocorrem fora desse espaço.

¹⁰⁷ Cena exibida em 15/09/2010.

Raramente os professores interferem nas conversas paralelas dos alunos. Geralmente, a aula começa e termina sem um ou outro interferir nos papéis concedidos de “aprendiz e de ensinante”. Os jovens seguem conversando; alguns que cochilam variam entre olhar para o professor e fechar os olhos. Nesse aspecto, as imagens parecem revelar que cotidianos e aspirações diferentes habitam a sala de aula e escassas vezes se tocam. Essas conversas paralelas, presentes em muitos episódios, demarcam a narração das *histórias cotidianas* dos jovens, que se sobrepõem com o que é proposto pelo professor. Configuram-se como mundos paralelos, e o mundo “real” parece ser bem mais sedutor. Na aula de Português do professor *Romero*, por exemplo, enquanto ele fala sobre estrutura e formação de palavras, os jovens, que estão sentados lado a lado, devido à configuração da sala mencionada anteriormente, começam a conversar¹⁰⁸:

Maicon (aluno): Qué sabê? Pra mim esse negócio de grego é tudo igual “memo”.

Laura (aluna): Também, né Maicon. Chegando atrasado você não vai entender mesmo.

Maicon: E eu tenho culpa se moro longe?!

Obama (aluno): Mas tão longe assim?

Maicon: Analisa. Você já ouviu falar onde Judas perdeu as “bota”? Então eu moro onde ele perdeu as “meia”, dá uns cinco quilômetro pra frente. A aula demora mais ou menos umas 4 horas e eu pra ir e voltar de ônibus demoro umas cinco. No final do ano eu vou ganhar diploma de passageiro, é ou não é? (risos). Eu tô precisando mesmo é arrumar um lugar pra ficar aqui perto da escola, sabia? [...]

(Em seguida, a cena foi deslocada para outros conversando alunos no pátio da escola)

Destaco que nessa cena, o professor *Romero* não se deu conta do que estava acontecendo na sala de aula.

Então, ressalto que o papel da sala de aula em *Malhação* é de expressar uma simples relação de transmissão de conteúdo entre professor e aluno, apesar de algumas variações nas estratégias dos professores já citadas nessa pesquisa. A representação desse espaço em *Malhação* demonstra que é um lugar de conflitos de diferentes naturezas. No entanto, não é ali que os conflitos se resolvem, nem são explicados e nem são esclarecidos. A sala de aula ajuda a manter a tensão dramática da trama, na medida em que sedia a ocorrência e a discussão dos conflitos sem dar a eles o devido tratamento, análise ou reflexão. Ou seja, esse local é exibido nessa telenovela como mero desencadeador ou ponto de passagem das personagens para indicar a reiteração do cotidiano em alguns aspectos gerais como a

¹⁰⁸ Cena exibida em 15/09/2010.

alternância de dia e noite, mas em tempos escolares específicos, isso não fica claro, pois não há uma demarcação de datas de provas ou matrículas. Por outro lado, o jogo *cotidiano* das relações entre os personagens em sala de aula revela imagens que deslocam parte da simplificação da sala de aula notada anteriormente. As aulas dos colégios *Múltipla Escolha e Primeira Opção* apresentam dois momentos fortes: a fala do professor e as conversas paralelas entre os alunos. Quando esses dois momentos se encontram, dá-se o registro de pequenos ruídos entre o currículo institucional e o conjunto de anseios, questões e problemas que a história de cada jovem personagem traz para o dia-a-dia da sala de aula.

Quanto a esse aspecto, Young (2007, p. 1297) afirma que

[...] as escolas devem cumprir um papel importante em promover a igualdade social, elas precisam considerar seriamente a base de conhecimento do currículo, mesmo quando isso parecer ir contra as demandas dos alunos (e às vezes de seus pais). As escolas devem perguntar: ‘Este currículo é um meio para que os alunos possam adquirir conhecimento poderoso?’

Pois, para esse autor, a participação ativa na escola de crianças de lares desfavorecidos pode ser a única oportunidade de adquirirem conhecimento poderoso e serem capazes de caminhar, ao menos intelectualmente, para além de suas circunstâncias locais e particulares e que não há nenhuma utilidade para os alunos em se construir um currículo em torno da sua experiência, para que este currículo possa ser validado e, como resultado, deixá-los sempre na mesma condição. Nas temporadas analisadas houve a inserção de alunos de lares desfavorecidos por meio de bolsa de estudos, possivelmente, como uma forma de aproximar-se da realidade e desse papel incumbido à escola de igualdade social destacado por Young. O autor classifica como conhecimento poderoso o conhecimento que independente de contexto ou conhecimento teórico, desenvolvido para fornecer generalizações e buscar a universalidade. Ele fornece uma base para se fazer julgamentos e é geralmente, mas não unicamente, relacionado às ciências.

Há variantes de uma postura docente como, ao cumprimentar os alunos ou um rápido diálogo com uma personagem-aluno específica, porém, o mais constante no início de cada aula é a câmera enquadrando a imagem no professor que começa a explicar determinado conteúdo e os alunos que ora acompanham a explicação, ora aparentam sonolência, com a cabeça sobre a carteira, ora fazem alguma anotação. A imagem marcante é a do professor que unicamente conduz a aula. O professor explica o conteúdo simplificadamente e, a seguir, a atenção da trama vai para outro ponto da classe e o professor não participa mais. Sua aula se resume a cumprir e explicar alguns conceitos de maneira breve, finalizar a aula e sair.

Bill Green e Chris Bigum (1993) discutem a relação entre a experiência estudantil e a cultura da informação, pois estão preocupados com a emergência do que eles chamam de “sujeito-estudante pós-moderno” (p.209). Eles defendem a ideia que está surgindo uma nova geração, que é constituída de uma forma diferente das anteriores. Os autores a classificam como “cyborg”: meio homem, meio máquina, uma criatura da realidade social e por causa disso, “[...] somos obrigados a reavaliar nossas prioridades, nossos investimentos, nossos compromissos e nossos desejos.” (p. 218). Eles dissertam a respeito de uma melhor compreensão de um fenômeno contemporâneo, que é a configuração de um novo tipo de estudante, com novas necessidades e novas capacidades. Apontam que no interior da escola deve-se operar uma reorganização curricular, explorando o conceito de “currículo cyborg”, que estabeleceria uma nova relação na sala de aula pelos atores sociais ali circulantes: professores e alunos; levando em consideração

[...] que não se trata apenas da crescente penetração da mídia no processo de escolarização, mas também, de forma mais geral, da importância da mídia e da cultura da informação para a escolarização e para formas cambiantes de currículo e de alfabetismo, com todos os problemas e possibilidades daí decorrentes. (p. 214).

Essa penetração da mídia no processo de escolarização aparece na sala de aula de *Malhação* com os telefones celulares, *Smartphones*, com acesso à internet, especificamente na temporada de 2010/2011. Isso se expressa, por exemplo, no episódio do dia 24 de junho de 2011, em que o professor *Romero*¹⁰⁹, que é descrito no “site” da temporada de 2010/2011 como um professor que tem horror a novas tecnologias, retirou o celular do aluno *Lúcio*¹¹⁰, que havia tocado durante a explicação. Ao retirar o telefone do aluno, *Romero* tinha a intenção de desligá-lo, conforme ressalta a fala abaixo:

(Com o aparelho celular na mão, questiona o aluno Lúcio)

Professor Romero: Como é que desliga? Sou péssimo com essas modernidades! Ainda estou sem os óculos pra perto... Bom mesmo era no tempo do telefone de disco!

(Após essa cena, a trama passou a ocorrer no pátio do colégio com alunos conversando)

Entretanto, pelo desconhecimento do manuseio do aparelho, esse professor apertou indevidamente uma tecla e acabou publicando um vídeo da professora *Tereza* com o aluno *Pedro* na rede social, que estava armazenado no celular do aluno *Lúcio*. O vídeo verdadeiro não continha nenhum conteúdo que comprometesse o aluno e a diretora. Porém, as imagens

¹⁰⁹ Cf. figura 5.

¹¹⁰ Interpretado por Gabriel Chadan.

que estavam no aparelho celular do aluno *Lúcio* estavam alteradas e davam a entender que o aluno *Pedro* e a diretora *Tereza* estavam se relacionando amorosamente. Todos os alunos do colégio *Primeira Opção* receberam simultaneamente o vídeo durante a aula, tocando os alarmes de todos os celulares dos alunos que estavam na sala em que estava o professor *Romero*, bem como de todos os outros alunos que estavam no colégio em outros ambientes como a biblioteca, cantina ou pátio. *Lúcio* tinha esse vídeo em seu celular, porque o usava para chantagear *Pedro*, pois ele desejava separá-lo definitivamente de *Catarina*.

Após a publicação acidental do vídeo, houve uma grande confusão na escola envolvendo os alunos, a diretora e os pais. Esse incidente exibido no episódio enfatizou o quanto esse professor possuía aversão a novas tecnologias e demonstrou uma representação do professor que não está atualizado quanto a essas novas formas de interagir do jovem com a cultura e com a sociedade em que vive, e assim mostrou-se despreparado para o manuseio e para inserção dessa ferramenta comunicativa em suas aulas. Também utilizou essa temática para aproximar-se da realidade de alguns colégios reais, que convivem diariamente com a crescente inserção dos aparelhos celulares durante as aulas, o que tem sido alvos de críticas e reclamações por parte de alguns professores.

A relação entre o jovem e a mídia integrando espaço da escola é muito presente nos episódios dessa telenovela: os jovens falam ao telefone celular; recebem e mandam “SMS”¹¹¹ pelos aparelhos, mandam e-mails pela internet; trocam recados e informações pela rádio do colégio.

A afinidade com a mídia se dá tanto no uso, quanto na perspectiva de ponderar os jovens de *Malhação* como elaboradores de mídia. A incubação do projeto da rádio *Múltipla Escolha* durante a temporada de 2003 destacou esse fato do jovem como produtor de mídia. A Rádio *Múltipla Escolha* foi uma concepção de duas jovens que pretendiam auxiliar o colégio na campanha contra a dengue, através de um programa informativo sobre a doença. Além disso, a rádio era pensada como uma estratégia de comunicação entre os alunos: os personagens jovens emitiam e recebiam recados diversos como de amor e encontros, advertências de reuniões, debate de chapas para a disputa do grêmio estudantil, entre outros assuntos. O recurso de usar o rádio também apareceu na temporada de 2010/2011 na cena que *Theo*, aluno do colégio, ajudou *Catarina* a desmascarar sua irmã *Raquel*, divulgando uma conversa ao vivo em que *Raquel* confessava todas as armações que tinham feito para

¹¹¹ Significa Short Message Service. Em português, serviço de mensagem curta, que é uma tecnologia amplamente utilizada em telefonia celular para a transmissão de curtas mensagens de texto.

prejudicar a sua *Catarina* e o namoro dela com o aluno *Pedro*. Entretanto, foi a única vez que a utilização da rádio pelos alunos apareceu nessa temporada durante o período de coleta de dados dessa pesquisa.

Destaco, de acordo com o apresentando, que a sala de aula dos colégios *Múltipla Escolha* e *Primeira Opção* é o lugar mais parecido com as escolas reais: uma sala com várias carteiras formando filas, um quadro negro com anotações e a mesa do professor junto a ele. Porém, mesmo com essa estrutura, que parece mais definida para a realização do ensino, os jovens personagens fazem da sala de aula uma possibilidade de encontro.

4.5. As representações docentes em *Malhação*

Dalton (1996) faz uma abordagem em torno do currículo apresentado por Hollywood, descrevendo algumas características do bom professor que ali são construídas. Mesmo com esse enfoque específico, a autora descreve algumas cenas em que se pôde observar um conjunto de representações comuns sobre os jovens e a escola, e a respectiva relação que se estabelece entre as partes nesse cotidiano escolar. De acordo com a autora, os professores são assinalados nesses filmes como protetores ou salvadores de seus alunos, diferentemente de seus colegas. Esses professores são sempre retratados como alguém que consegue separar os alunos que têm salvação dos que não têm, pois é possível desistir de alguns deles, desde que seja possível resgatar alguns, ainda que, nem sempre os estudantes sejam exibidos como desinteressados pelos estudos. Mas o que a autora busca enfatizar nessas representações sobre o bom professor no currículo de Hollywood é que, mesmo quando há um suposto interesse por parte dos alunos, o professor é uma pessoa que está extraordinariamente distante do papel de transmissor de conhecimento.

No tocante à investigação desta dissertação, essa pesquisa de Dalton (1996) colaborou para um referencial de modelos de professores, que poderiam constar ou não, nos episódios de *Malhação*, buscando localizar uma resposta para a problemática ampla que delimitou essa pesquisa: como é representada a identidade docente em um programa televisivo, especificamente na telenovela *Malhação*? Contudo, novas questões apareceram no decorrer desse trabalho, conforme destaquei na introdução. Dessas questões destaco as seguintes: há uma constância na representação da identidade docente nessa telenovela? Qual é a genealogia dessa representação? Quais são as categorias de professores exploradas em

Malhação? Essas categorias são estereotipadas ou midiáticas? Há eventuais repercussões desses modelos sobre os professores que assistem ao programa?

Analisando os episódios de *Malhação*, constatei que as imagens dos alunos situam-se, em suas relações em sala de aula ao lado de quatro representações ou modelos de docentes: o professor *estimulador*, o professor *conteudista*, professor *performático* e o professor *autoritário*. Penso que é mais adequado utilizar essas nomenclaturas para não resumir esses modelos de professores em tradicional ou inovador, ou bom e ruim, pois em muitos episódios é possível encontrar docentes que não se encaixam em um perfil único, como o professor *Vítor* da temporada 1999/2000 e o professor *Odilon* da temporada de 2010/2011.

O professor *estimulador*¹¹² é aquele que domina o conteúdo, procura trabalhar de forma mais criativa, constitui uma relação de parceria com os alunos, tornando-se muitas vezes uma referência na vida deles. Deseja conferir uma relação de sentido para o ensino, se expressa com uma linguagem que o aproxima do aluno e tenta estabelecer o diálogo com o jovem. Em alguns casos esse modelo de docente pode ser confundido com o do professor “companheiro ou amigo”. Os professores *Odilon* e *Agenor*, da temporada de 2010/2011, e *Vítor* da temporada de 1999/2000, exemplificam essa representação de professor. O professor *Vítor*, conforme descrito anteriormente, procura apresentar o conteúdo do Teorema de Pitágoras em formato de samba para atrair os jovens e o professor *Odilon* usa um tom mais informal em sua fala e demonstra preocupação com os seus alunos como exemplificado no trecho a seguir, quando ele chegou à sala de aula e encontrou a aluna *Raquel* com o braço imobilizado por causa de um acidente que ela simulou para prejudicar sua meia-irmã *Catarina* com quem *Raquel* mantinha uma relação de competição¹¹³:

Professor Odilon: Bom dia, bom dia, bom dia galerinha. Vamos sai daí. Vamô sentando. Vã, Vã, Vamos sentar! (apressando os alunos). Tudo muito bom, tudo muito bem. Todo mundo animado? Vamô começa? O que aconteceu com o seu braço Raquel?

Raquel: Foi um acidente (para e olha para a sua meia-irmã Catarina).

Professor Odilon: Que tipo de acidente?

Raquel: Eu caí (ainda olhando para a Catarina). Desculpa! (recolhe o material dela e sai da sala).

(Começou uma nova cena da diretora Teresa conversando com a coordenadora Vera)

¹¹² ECO – apud WAQUET (2010, p.75).

¹¹³ Episódio exibido em 24/02/2011.

Conforme citei, o professor *Agenor* em suas aulas de Educação Física também demonstra essa representação de professor *estimulador*, procurando participar dos jogos e utilizando um léxico muito próximo aos dos jovens, exemplificado na transcrição abaixo, considerando que esse professor é descrito como um senhor aposentado no “site” do programa, que resolve voltar a atuar na carreira docente¹¹⁴:

(Professor Agenor com os alunos nos campo de futebol anexo ao colégio)

Professor Agenor: Atenção rapaziada. Esse jogo é apenas um amistoso, então, nada de violência, hein?

Lúcio: Pode deixar Seu Agenor. O que vale é o “fair play”.

(A imagem é deslocada para as alunas Babi e Raquel conversando na escada do colégio que dava acesso ao piso superior)

Já o professor *conteudista* é aquele que desempenha a função de transmitir o conteúdo de sua disciplina específica: sua tarefa começa e termina com o cumprimento dessa atividade. Este professor não se envolve em situações mais descontraídas; não demonstra vínculos afetivos na relação com os alunos. Sua presença se restringe ao ambiente da sala de aula, sem grandes repercussões em outros ambientes: ele dificilmente comparece a outra atividade com os alunos, como participar da festa de confraternização de fim de ano, e se dedica somente a demonstrar o seu conhecimento. Em reuniões de professores está sempre reclamando que os alunos não aprendem. O professor *Romero* em muitos episódios da temporada de 2010/2011 apresentou as características descritas acima, preocupando-se somente com o ensinar e aplicar testes. Não dava muita importância ao que acontecia em sala além do conteúdo abordado, conforme é demonstrado no trecho a seguir¹¹⁵:

O professor Romero está na sala de aula com 18 alunos sentados, divididos em grupos de 4 alunos por carteira, e em silêncio. Ele está encostado na mesa do professor, próxima ao quadro com a “smart board” ligada, explanando a respeito das figuras de linguagem. Entretanto, no canto do quadro negro está escrito: “Aula de hoje: Figuras de Linguagem”.

Professor Romero: Como já vimos, as figuras de linguagem se subdividem em: figuras de construção, figuras de som. Que mais, que mais? (olhando para os alunos).

Obama (levantando a mão): De pensamento.

Professor Romero: Me dê um exemplo de pensamento Obama.

(Entra na sala sem solicitar autorização a aluna Josiane com um vestido branco curto e fica parada próxima ao professor)

Obama: O vestido da Josiane tá de tirar o fôlego.

¹¹⁴ Episódio exibido em 21/02/2011.

¹¹⁵ Episódio exibido em 25/02/2011.

(Obama e Maicon olham para ela)

Professor Romero: Muito bem! O Obama acaba de dar um exemplo de uma hipérbole, que é uma figura de pensamento, que exagera a ideia, dá ênfase.

Maicon: Ô professor, onde é que tá o exagero ali hein? (mostrando a aluna).

(O professor Romero olha para o lado onde está em pé a aluna e assusta-se, porque não notou a presença dela e a seguir fica exaltado.)

Professor Romero: Josiane, que que é isso? Além de chegar atrasada, ainda fica tirando a atenção dos amiguinhos. Por favor, vá sentar.

(A aluna passa calmamente em frente ao professor que está bravo e se dirige ao seu lugar.)

Professor Romero: Comigo, por favor. Todos prestando atenção em mim.

(Professor continua falando. Maicon, Josiane, Obama e outro aluno começam a conversar.)

Maicon: Josiane, que vestido hein?

Josiane: Bom, depois do mico que eu paguei distribuindo amostra de bala na porta do colégio, eu tinha que dar uma levantada na autoestima né meu amor?

Obama: Na autoestima eu não sei, mas que deu uma levantada nos... (pega no peito dele para mostrar).

Josiane: Ô Maicon, fala a verdade. Barbarizei né?

Maicon: Barbarizou! Mas onde é que você arrumou esse dinheirão pra compra esse vestido hein? Você é mais dura que coco.

Josiane: Dei meu jeito oras. Ahh garoto, é (vira-se para ver a aula).

(Sem enquadrar o professor, ouve-se a sua voz explicando o mesmo conteúdo e a seguir a cena é finalizada.)

A representação de professor *conteudista*, descrita anteriormente, também apareceu na temporada de 1999/2000 no episódio transcrito abaixo com a professora e diretora *Isa*:

(A professora Isa entra na sala de aula, coloca a apostila sobre a mesa e inicia sua fala)

Isa: Oi gente, bom dia! (Alguns alunos respondem)

Desculpem o atraso. (Abre a apostila) Vamos lá. (procura na apostila a página onde parou na aula anterior). Hmm, a gente tava falando... do assoreamento dos rios. (A seguir, vira-se e começa a escrever no quadro).

(Enquanto a professora escreve no quadro, Touro se descola na sua carteira e "analisa" a professora)

Touro: É, a geografia da Isa tá cada dia melhor, hein?

Rodrigo: Cê acha? Não vejo graça em geografia, cara.

Touro: (fazendo cara de raiva contida) Tá desligado mesmo, hein Rodrigo. Fala aí, conta pro teu "brother" qual foi a mulherzinha que tu pegou que te deixou assim.

Rodrigo: Não tem mulherzinha nenhuma, Touro. Só porque não fico que nem você sacando o relevo da professora (os dois riem)

(A professora vira para os alunos e em tom nervoso diz)

Isa: Gente, dá pra prestar atenção? Alfredo, Rodrigo, presta atenção, tá? (sorriso cínico, passa a mão aberta por frente da boca e fecha, aludindo à cena de um zíper se fechando, apontando para os alunos Alfredo e Rodrigo, insinuando que eles ficassem quietos. Volta a escrever novamente no quadro negro)

Touro: Qual é, Rodrigão? Que é que tem me contar, cara? Eu posso saber dos seus casos, quem não pode saber é a sua namoradinha.

(Rodrigo faz cara de quem foi pego "no flagra")

O professor *Romero*, da temporada de 2010/2011, se relacionava com muita dificuldade com os alunos, principalmente com o *Maicon*, que era considerado por ele como um aluno relapso e sem muita motivação para os estudos, classificando-o como um mau aluno. Inclusive esse professor, ao entregar as provas de Português para a turma que *Maicon* participava, fez questão de mencionar para que todos ouvissem que a nota desse aluno era zero, acrescentando a frase “como sempre”.

Dayrell (1996), afirma que essas imagens estão ligadas aos aspectos cognitivos: o bom e o mau aluno, o responsável e o irresponsável, o “CDF”, entre outros. Normalmente os bons alunos são aqueles que cumprem corretamente os trabalhos solicitados pelos professores ou mesmo pela escola e os entregam com pontualidade, são sempre presentes, estudiosos. No entanto, os maus alunos, não fazem ou não entregam as atividades no dia marcado ou simplesmente copiam ou roubam o trabalho dos colegas de classe, matam aula, são irresponsáveis. A consequência no final do ano é a reprovação, enquanto os bons alunos passam no vestibular. O professor *Romero* julgava que o *Maicon* não era um bom aluno, conforme citei anteriormente, porque ele iniciou os estudos no colégio *Primeira Opção* como bolsista e também por uma exigência do time que ele jogava como goleiro. E isso suscitava nesse professor a impressão de que o *Maicon* não tinha o padrão exigido, conforme a concepção de um bom aluno para ele. Contudo, *Maicon* procurava participar das atividades propostas, mas aparentava ter dificuldades de aprendizagem e a escola não era uma prioridade para ele, porque o principal objetivo dele era ser um jogador de futebol reconhecido.

As avaliações são empregadas inúmeras vezes no interior das escolas, conforme Catani e Gallego (2009) “para fins de controle disciplinar dos alunos [...]” (p.68) e em *Malhação* essa finalidade de controlar os alunos ficou evidente no episódio abaixo:

Em sala de aula, professor Odilon em frente ao quadro que no centro do mesmo tem uma televisão ligada reproduzindo imagens de algumas cidades e dois painéis (um acima e outro abaixo desta televisão) com recortes, onde se destaca um desses com a proximidade da câmera que ressalta dicas de como passar no vestibular. Há em torno de 15 alunos sentados em carteiras comunitárias. Alguns estão de costas para o quadro, mas voltam as suas cabeças para olhar o professor explanando.

Professor Odilon: Várias cidades do interior do Brasil como um todo estão crescendo e reduzindo a população das grandes metrópoles. Que consequências isso pode ter?

Fred: Menos favelas.

Theo: Mais emprego.

Dodói (levanta a mão): Mais duplas de sertanejo universitário

(Theo bate na cabeça de Dodói)

Professor Odilon (ironiza): Ha, ha, ha! Adorei a sua ideia Dodói: duplas. Eu quero que vocês formem pares, discutam esse assunto e façam uma resenha de vinte linhas. Vai rápido! Rapidinhooo!

Ressalto que o professor *Odilon* na ação demarcada na transcrição acima procurou uma forma de controlar as falas dos alunos utilizando uma estratégia de avaliar a sua participação e atenção. Essa estratégia de controlar a disciplina aparece em outra cena dessa temporada com esse mesmo docente, o qual afirma que aplicaria uma prova, caso os alunos não permanecessem em silêncio.

Destaca-se como o professor *performático* aquele que se utiliza do efeito de memorização, método muito peculiar nos cursos preparatórios para o vestibular. Nessas aulas o docente age como se estivesse dando um espetáculo, procurando deixar as suas aulas sempre divertidas com fórmulas e músicas para memorização de determinados conteúdos que, muito provavelmente, estarão presentes nos exames vestibulares. Com essas características encontrei em *Malhação* o professor *Afrânio* que lecionou Biologia na temporada de 2003. O professor *Vítor* da temporada 1999/2000 também apresenta essa característica na transcrição abaixo e em outra transcrição, anteriormente demonstrada nessa dissertação, de uma aula em que ele aplicava um conteúdo de matemática, Teorema de Pitágoras, utilizando música, especificamente o samba.

Em sala de aula o professor Vítor ministra aula para o 3º ano do colégio *Múltipla Escolha*, e a câmera inicia enquadrando a aluna Marilu e, a seguir, focaliza o professor Vítor.

Vítor: Galera, matemática não é decoreba de fórmulas. (Marilu sorri) Se não raciocinar, não vai resolver. Olha, por mim as provas poderiam tranquilamente ter consulta. Podia até usar calculadora, principalmente, vocês que são do 3º ano, né?

Touro: Beleza, Vitão. Então, na próxima prova, eu tô aí de calculadora e caderno.

(Todos os alunos concordam)

Vítor: Mas não é bem assim não, Touro. O vestibular tá mudando, mas ainda não permite consulta não. E tem coisas que não adianta, tem que memorizar. (sorrindo) Por isso, as minhas musiquinhas.

Touro: É, mas não teve musiquinha para a equação do 2o grau e foi por isso que eu esqueci.

Vítor: Olha, essa não adianta, tem que repetir sempre, sempre, sempre. Chegou em casa e a mamãe perguntou tudo bem, você responde: menos b mais ou menos raiz quadrada de b dois menos quatro a c sobre dois a. Aquele irmão mala perguntou que horas são, você responde: menos b mais ou menos raiz quadrada de b dois menos quatro a c sobre dois a. Vai fazer uma declaração de amor, olha bem no fundo dos olhos e diz: menos b mais ou menos raiz quadrada de b dois menos quatro a c sobre dois a.

Marilu: (levantando a mão) Professor.

Vítor: Fala Marilu.

Marilu: (em tom amoroso) Menos b mais ou menos raiz quadrada de b dois menos quatro a c sobre dois a.

(todos aplaudem)

Vítor: Muito bem, Marilu. Podia estar aqui na frente comigo dando aula.

Marilu: (surpresa) Podia mesmo?

Vítor: Claro! Vem pra cá. Essa aula nós vamos dar juntos. Venha! (Marilu se levanta sorrindo) Por favor.

(Os colegas aplaudem)

Aluna (sem definição clara do nome): (interrompendo a aula) Aí galera. Refresco! Tem refresco de uva saindo de todas as torneiras do colégio.

(sinal toca e os alunos saem)

Vítor: Bom, até a próxima, hein. Não se esqueçam das musiquinhas, hein. Raciocinar. Até a próxima aula. Tchau. Vão com Deus. (se vira para Marilu) Bom, Marilu, acho que nossa aula fica adiada para outro dia, viu! (se vira para ir embora) Tchau. Até a próxima, hein.

Marilu: (decepcionada) Tchau.

(Após essa cena, a imagem é deslocada para o corredor onde está passando a aluna Tatiana e o aluno Rodrigo derruba suco de uva na camiseta dela e, a seguir, pede desculpas a ela.)

O professor *autoritário* é aquele que mantém uma relação de distância com os alunos e demonstra dificuldade em dialogar e se relacionar com eles. Quase sempre de mau humor, inicia as aulas sem cumprimentar os alunos. Suas fala e postura persistem na disciplina similar à militar e acentuadas de formalidade, no bom comportamento sem, contudo, interagir eficazmente com os alunos. Esse modelo de docente, geralmente, pode ser nomeado pelos alunos como “mandão” e intransigente. O professor e mantenedor *Pasqualete* se sobressai

como um modelo desse professor *autoritário*, exemplificado na transcrição abaixo, porque em suas aparições nos episódios da temporada de 1999/2000 ele exaltava a disciplina e a competência. Inclusive no primeiro episódio, ele afirmava que costumava ser sempre o primeiro a chegar ao colégio *Múltipla Escolha*. Dirigia-se aos alunos com um vocabulário bastante formal dentro e fora da sala de aula e os corrigia constantemente, conforme transcrito abaixo, e no diálogo entre ele e o aluno *Marquinhos* anteriormente transcrito. Há na segunda fase da temporada de 2000 a representação de docente autoritário com o professor de Matemática *João*¹¹⁶, *Jaleção*. Na temporada de 2006, O professor de Educação Física, *Peixotão*, também representou características de professor *autoritário*. É importante ressaltar que o professor *Romero*, da temporada de 2010/2011, se apropria de alguns desses elementos em determinados momentos das aulas que ele ministra.

(Tatiana e Marina estão conversando em sala de aula e o professor Pasqualete chega, para em frente ao quadro com uma postura rígida e um tom de voz impositivo)

Professor Pasqualete: Bom dia, bom dia a todos.

(Alguns alunos respondem com "bom dia")

Professor Pasqualete: Como passaram de ontem para hoje? Tudo bem? Dormiram bem? (Não dá abertura para os alunos responderem) Ótimo.

Vou começar com um poema belíssimo (abre o livro e começa a ler) Dá-me lírios, lírios e rosas também...

(Os alunos abrem as apostilas e procuram o conteúdo citado e cena é transferida para o pátio onde o inspetor Santos conversa com o seu filho Sávio)

Em um estudo etnográfico em que participou como sujeito, George Noblit (1995) aborda o tema do cuidado com o outro pelo desvelo como uma forma de autoridade moral, que incide no uso ético do poder, que cada professor possui, e que só pode existir em um contexto de reciprocidade e solidariedade. Ao apresentar como compreendeu como isso se relaciona com o poder, o autor cita a maneira da professora que o fez perceber o desvelo, não com as palavras, mas por intermédio de suas atitudes:

Ela compartilhava comigo e com todos os seus alunos suas idéias, sua fé em nós, seu compromisso conosco e seu desvelo. [...] Pam criou um contexto, não com poder, mas com autoridade moral – uma autoridade não apenas legitimada pelos mecanismos normais de nossa sociedade, mas também por uma negociação recíproca entre as pessoas, neste caso pessoas de poder e conhecimento desiguais. (p.136.)

Partindo desse ponto de vista, não há nenhuma proeminência de desvelo nas ações dos professores de *Malhação*, no aspecto atribuído por Noblit (1995), pois se pode perceber

¹¹⁶ Interpretada por Antônio Grassi.

que a exposição feita pelo autor do comportamento de *Pam* junto aos seus alunos, na prática, diverge das maneiras ou dos procedimentos daqueles que afirmam trabalhar pelos interesses dos alunos ou de estarem empenhados com eles nos indicativos deixados nas representações do programa. A representação dos professores em *Malhação* é de um profissional que mantém a estrutura estabelecida pela escola, na qual eles controlam o saber e buscam cobrar dos seus alunos o saber determinado pela escola. Por outro lado, buscam aproximar-se dos alunos preocupando-se com eles de alguma maneira como no caso do professor de matemática, *Antônio*¹¹⁷, que interferiu em uma situação que o aluno *Arthur* estava vivenciando como usuário de drogas. No entanto, esses professores parecem somente cumprir atos que são autorizados pelo colégio, sem avançar. Eles não se alocam na posição de “outsider”, descrita por Dalton (1996), ou mesmo mantêm essa “autoridade moral” descrita por Noblit (1995). Normalmente, os professores de *Malhação* fazem o que está na fronteira dessas práticas consentidas.

É possível afirmar que as imagens dos professores de *Malhação* são estereotipadas, concebidas socialmente por meio de uma construção histórica, porém é necessário ponderar que a representação do professor na ficção, mesmo quando superficial, não é isenta, porque as personagens designam modelos e tomam um lugar na ficção e no imaginário do espectador.

Com base nessas observações, apurei que as representações mais frequentes dos professores em *Malhação* nos remetem aos tipos modais, referidos por Marcondes Filho (1988), ou seja, modelos que poderiam ser encontrados na sociedade. As personagens estereotipadas carregam valores moralistas, como destaca Marcondes Filho (1988), e apresentam características fixas como pessoas boas e más, a casta, bandidos e policiais. Quando, porém, são apresentados tipos comuns, que podem ser encontrados na sociedade, tais como o insaciável consumidor, uma pessoa despojada que não dá valor ao dinheiro, o engajado politicamente, o professor e aluno bom ou mau, citando alguns exemplos, esses são chamados de tipo modais, porque representam um modelo padrão. Todavia, essa condição não os torna reais, pois na verdade são signos, representações do imaginário coletivo.

¹¹⁷ Interpretada por MV Bill.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comecei este trabalho com algumas curiosidades e suspeitas sobre a relação entre professores e a telenovela *Malhação*, que proporciona modelos de identidade de uma profissão, extraídos do cotidiano e remodelados em forma de representações, bem como possibilitam ao público ver-se na tela, ainda que, algumas vezes, de uma maneira mais idealizada que real. Perguntava-me como seria a representação de professor nessa telenovela, mas suspeitava que essas personagens não fossem presenças constantes na tela, apesar de o cenário central ser um colégio de ensino médio. Também me indagava se os professores e professoras da vida real conseguiriam se reconhecer nessas imagens de professores a que assistiam na televisão, e minha suspeita era de que contestariam ou recusariam qualquer semelhança. Porém, nesse trabalho não me dediquei a pesquisar os docentes reais para constatar ou não essa minha suposição.

Conforme destaquei neste trabalho, já houve algumas pesquisas que utilizaram *Malhação* como objeto de estudo para analisar o consumo ou como fonte investigativa de uma cultura juvenil. Porém, todas essas pesquisas tiveram as análises centradas na recepção do produto, diferentemente desta dissertação que não buscou analisar esse aspecto, mas o de como a produção dessa telenovela dissemina, por meio da *cultura da mídia*, especificamente na televisão, uma representação da identidade da profissão docente nos 14 anos em que utiliza como cenários dois colégios de ensino médio frequentados prioritariamente por jovens de classe média alta, embora não excluindo totalmente as personagens advindas de classes populares. Contudo, não posso desconsiderar algumas observações dos alunos de ensino fundamental e médio a respeito desse programa durante o período em que lecionava a eles, porque elas demonstram algumas conclusões importantes sobre como, possivelmente, o jovem decodifica esse produto televisivo.

Ao lecionar para jovens, que variavam entre os 12 e 17 anos de idade, na década de 90, período em que comecei a interessar-me por produtos televisivos, e por causa dos comentários desses jovens, a respeito de *Malhação*, iniciei algumas anotações para futuras análises, porque acreditava que pesquisaria a decodificação em meu projeto de pesquisa daquela época. Nessas anotações há relatos de alguns alunos que, apesar de afirmarem que se viam em diversas personagens da telenovela, demonstravam certa rejeição desses tipos comumente retratados e discordavam dos estereótipos divulgados por *Malhação* como a

menina mimada, ou o garoto que ficava com todas as garotas do colégio, entre outros. Ao mesmo tempo em que reagiam contra a padronização da imagem dos jovens, eles acreditavam que os episódios exibiam sua realidade e mostravam algumas situações que são vivenciadas pelos jovens na vida real, parecendo haver uma decodificação negociada entre eles e a produção televisiva.

Penso que a crença de que a telenovela exibia a realidade deles se consolidava por meio da rotina das personagens, que era muito semelhante à do jovem contemporâneo. Eles também revelavam as suas preferências em relação às personagens engraçadas, que naquele período eram o *Mocotó* e a seguir o *Cabeção*. Os jovens também criticavam a facilidade como se resolviam os conflitos nessa telenovela, pois a gravidez na adolescência era tratada com muita tranquilidade pelos familiares, como foi o caso das personagens *Bia* e *Marina* e como ambas conseguiram retomar os estudos após o nascimento de seus bebês. As alunas do colégio em que eu trabalhava na década de 90 ressaltavam que na realidade nada acontecia da maneira retratada em *Malhação*, pois a maioria das jovens, quando engravidada, abandona a escola, já que não têm quem cuide de seus filhos. Muitas vezes os alunos demonstravam senso crítico a respeito do produto televisivo, mas, como observou Alves (2000) em sua pesquisa, os discursos pareciam ensaiados. Em nenhum dos relatos, os alunos questionavam a função docente em *Malhação*. Não houve observações a respeito da veracidade ou não dessas personagens em comparação com os professores reais da escola em que estudavam.

Motter (2004) afirma que no modelo brasileiro de telenovela evidencia-se a existência de dois níveis constitutivos: o *melodramático*, *romântico* e *sentimental*, tendendo ora para o sério, ora para o cômico; e o *realista*, constituído pela estrutura do cotidiano, em que os elementos da realidade se constroem como representação do habitual vivido, numa busca de fidelidade com o efeito de verossimilhança potencializado ao máximo. *Malhação*, nesses aspectos, atende aos modelos descritos pela autora, pois ao inserir na trama amores impossíveis e traição, entre outros aspectos, traz para o enredo o nível melodramático, fazendo com que o público torça pelo casal protagonista que está sendo prejudicado pelas atitudes das personagens antagonistas. Por outro lado, para dar o caráter realista às histórias contadas em *Malhação*, são introduzidos assuntos do dia-a-dia juvenil e adulto, como o desemprego, os problemas familiares, a rotina escolar, a paixão de aluna ou aluno pelo professor ou professora e outros temas para aproximar a ficção da realidade vivida pelo espectador.

Ao realizar uma observação mais atenta dos cenários dos colégios *Múltipla Escolha* e *Primeira Opção* e quais histórias estavam sendo construídas nesses espaços, verifiquei que, tanto nos cenários quanto nas conversas das personagens, configurava-se a escola como um espaço de encontro. Nesse espaço de encontro, notei que a entrada dos alunos no colégio não é marcada por nenhum sinal. Só é possível concluir que as aulas acontecem durante o dia, porque há a demarcação desse período no próximo cenário, quando se demonstra o ambiente externo do colégio ou os jovens se deslocando para esse local. Também não é possível aferir quando se inicia uma aula, pois, geralmente, não há sinal sonoro ou qualquer outro tipo de signo que determine essa ação.

Nesta pesquisa avaliaram-se questões intrínsecas à atividade docente no que concerne a sua atuação em sala de aula como também em relação à sociedade, à instituição em que esse profissional exerce sua atividade e aos sujeitos com que ele interage como familiares, alunos, diretores, mantenedores e colegas de trabalho.

Tendo em vista, como sempre, a representação da identidade docente na *cultura da mídia*, especificamente na telenovela *Malhação*, pôde-se inferir por meio dessa pesquisa que no espaço da sala de aula dos colégios *Múltipla Escolha* e *Primeira Opção*, nos episódios citados na introdução, o ensinar e o aprender são centrados na questão cognitiva em relação às áreas específicas do conhecimento: Português, Biologia, Matemática, História, Geografia, entre outras disciplinas. Destaca-se uma relação de transmitir o conhecimento, representada pelo professor que ensina e o aluno que aprende, uma relação fundamentada na individualidade considerada tradicional, apesar da modificação de configuração do espaço escolar e de uma confessada teoria de ensino. O princípio da relação professor-aluno baseia-se na individualidade, apesar de o método e o conteúdo do ensino não ficarem muito distantes das formas consideradas tradicionais na ação docente.

Essa relação de ensinar e aprender representada pelos professores das temporadas analisadas de *Malhação* advém da concordância sobre a função principal da escola que seria a de instruir. Bernard Charlot (2000) em sua pesquisa sobre as relações com o saber afirma que:

do ponto de vista epistêmico, aprender pode ser se apropriar de um objeto virtual (o saber), encarnado em objetos empíricos (por exemplo, os livros), abrigado em locais (a escola), possuído por pessoas que já percorreram o caminho (os docentes). Aprender então, é colocar coisas na cabeça, tomar posse de saberes-objeto, de conteúdos intelectuais que podem ser designados, de maneira precisa ('o teorema de Pitágoras, os galos-romanos...'), ou imprecisa ('na escola se aprende um montão de coisas'). Aprender é uma atividade de apropriação de um saber que não se possui, mas cuja existência é depositada em objetos, locais, pessoas. (p.68.)

Nesse aspecto, a possível relação perante o saber configurada em *Malhação* é a epistêmica, assinalada por Charlot (2000, p. 69) na qual “o processo de construção de um saber pode, então, situar-se atrás do produto, o saber pode ser enunciado sem a evocação do processo de aprendizado; pode-se, assim, falar no teorema de Pitágoras sem nada dizer da atividade que permitiu aprendê-lo”. Assim sendo, a noção de saber expressa em *Malhação* está tão limitada quanto a do ensino, porque a apresenta como uma simples exposição de matérias escolares, como na aula do professor Vítor, que utilizava músicas e fórmulas para decorar certos conteúdos, sendo exatamente essa a representação restrita da atividade docente em *Malhação*. Conforme Charlot, a relação com o saber é algo que se constrói e sempre apresenta uma dimensão epistêmica, porém, também admite uma dimensão de identidade. Entretanto, o autor destaca que a sociedade moderna procura conferir ao saber-objeto, sucesso escolar, como um caminho obrigatório, para se ter o direito de ser alguém, como o inspetor Santos imaginava que o seu filho Sávio conseguiria por meio da escola na temporada de 1999/2000.

A sala de aula de *Malhação* é o lugar mais parecido com as escolas reais: uma sala com várias carteiras, que dependendo da temporada estão dispostas de uma determinada forma, remetendo à teoria educacional vigente da época: tradicional ou construtivista; um grande quadro negro, no caso da temporada de 1999/2000, a *Smart Board* durante a temporada de 2010/2011, e a mesa do professor próxima a esses objetos completando esse cenário didático. O espaço da sala de aula dos colégios retratados em *Malhação* revela também analogias frágeis entre o conteúdo ensinado e o interesse dos alunos, tanto que as conversas paralelas deles estão normalmente alheias às alocações dos professores, que não mudam o padrão das aulas e nem interferem nessas falas. As relações são inscritas por representações de professores que ensinam e alunos que fragilizam as interações e não fica claro o aprendizado ou não dos conteúdos expostos nessas cenas. As salas de aulas exibidas nos episódios analisados têm *design* moderno para os seus respectivos períodos, procurando adequar-se às tendências educacionais do momento, como na temporada de 2010/2011, em que a escola adotou a metodologia construtivista, e em razão disso, as carteiras aparecem dispostas em grupos; as aulas expositivas fazem uso do recurso audiovisual; e provocam-se discussões sobre temas da atualidade. Porém, não falta o quadro negro disposto no meio da parede perto da porta, que, por sinal, geralmente nem é utilizado pelos professores. Percebe-se um cuidado extremado com a caracterização do cenário e da cultura escolar, na tentativa de aproximar-se ao máximo da realidade de uma escola que teria o padrão dos colégios *Múltipla Escolha* ou *Primeira Opção*.

Notei nessa análise que nem todas as disciplinas são contempladas igualmente na telenovela, havendo assim uma predominância de aparições com os professores das disciplinas escolares consideradas como as “mais importantes” ou mais relevantes dentro da cultura escolar como Português e Matemática em uma perspectiva que os conteúdos são postos em função de sua relevância social, pois

Estima-se ordinariamente, de fato, que os conteúdos de ensino são impostos como tais à escola pela sociedade que a rodeia e pela cultura na qual ela se banha. Na opinião comum, a escola ensina as ciências, as quais fizeram suas comprovações em outro local. Ela ensina a gramática porque a gramática, criação secular dos lingüistas, expressa a verdade da língua; ela ensina as ciências exatas, como a matemática, e, quando ela se envolve com a matemática moderna é, pensa-se, porque acaba de ocorrer uma revolução na ciência matemática; ela ensina a história dos historiadores, a civilização e a cultura latina da Roma antiga, a filosofia dos grandes filósofos, o inglês que se fala na Inglaterra ou nos Estados Unidos, e o francês de todo o mundo. (CHERVEL, 1990, p.180)

Conteúdos que são nomeados por meio do conjunto cultural disponível e que são transformados em saberes escolares, cuja preferência antecipa uma sequência lógica organizada em conformidade com a série ou grau em que se encontra o aluno. Discussões a respeito do currículo nesse campo são formuladas pela pedagogia crítico-social dos conteúdos, que considera importante a existência de um currículo comum básico apreendido como um conjunto sistematizado de conhecimentos recomendados para colaborar com o trabalho das escolas e professores de um determinado sistema escolar de qualidade acessível a toda a população brasileira (SAVIANI, 2011).

No caso de Português, constatei que os docentes são representados na maioria das vezes por homens que utilizam a língua culta, apresentando um discurso de autoridade com pouca ou nenhuma variedade linguística e com uma aparência bastante recorrente¹¹⁸ destacando os professores *Pasqualete*, temporada de 1999/2000, e o professor *Romero* em 2010/2011. As disciplinas de História, Geografia e Biologia aparecem em raros episódios e, geralmente, veiculando rapidamente o conteúdo ou exaltando a vida pessoal do profissional que ministra esses conteúdos como exemplificado com os professores *Odilon* do colégio *Primeira Opção* e a professora *Isa* do colégio *Múltipla Escolha*. Ambos os exemplos citados eram responsáveis por ministrar Geografia. No entanto, *Isa* era a diretora que se relacionou com o professor *Vítor*, ao contrário, de *Odilon* que era ex-marido da diretora *Tereza* e voltou a envolver-se amorosamente com ela no decorrer da trama.

¹¹⁸ Cf. apêndice B: figuras 4,15, 18, 24, 27 e 35.

Os professores não costumam aparecer com destaque em *Malhação* e, quando isso ocorre, sua imagem é estereotipada. Elucido que a estereotipia é o lugar-comum, o clichê, porque personagens estereotipadas ou modais não apresentam densidade e são simplistas na incorporação de elementos já consagrados no imaginário popular (MARCONDES FILHO, 1988). Tais expectativas sobre a docência resultam em determinadas representações sociais, condicionadas a um aspecto histórico e temporal que as determina, e que, muitas vezes, incorporam-se às próprias identidades pessoais dos professores. O professor de Português que não utiliza a linguagem informal e não comete desvios na norma padrão, conforme destaquei com os professores *Pasqualete* e *Romero* pode ser considerado um exemplo de estereótipo utilizado em telenovelas.

Neste estudo pôde-se inferir que *Malhação*, nesses 18 anos de exibição, tem apostado em públicos amplos como crianças, jovens e adultos, de comunidades de classes sociais baixas, de bairros afastados e de capitais periféricas de várias localidades do Brasil por meio da inserção de personagens como *Maicon*, *Sávio*, *Joseane*, *Pedro*, *Theo* e *Ângela* nas respectivas temporadas, que representavam jovens da classe popular que estudavam em um colégio particular por meio de programas de bolsas destinados a pessoas de renda inferior à do público majoritário do colégio. Também inseriu a personagem *Marina*, irmã de *Mocotó*, que veio do interior para morar com irmão no Rio de Janeiro e terminar os seus estudos. Mas mantém o cenário de uma capital, no caso o Rio de Janeiro, com todas as possibilidades e conveniências que ela oferece. Essa diversidade de público é constatada também pelo BIP (Boletim Informativo para Publicitários) disponibilizado pela Rede Globo.

Essa telenovela apropria-se do padrão do jovem de classe média, estudante de um colégio particular que proporciona aos frequentadores múltiplos espaços para que usufruam de uma biblioteca diversificada, da sala de informática provida de acesso à internet, piscina para as aulas de Educação Física, quadra poliesportiva, entre outros. Porém, essa não é uma realidade na educação brasileira, mesmo em muitas escolas de ensino privado. Afirmando isto, porque ao longo de minha carreira docente em escolas particulares na cidade de São Paulo, somente uma vez deparei-me com um colégio que tinha estrutura física, ou seja, sala de aula com equipamentos de última geração, semelhante à retratada no colégio *Primeira Opção*.

Nos colégios citados nessa pesquisa da telenovela *Malhação* não fica claro e há poucas semelhanças com o controle do tempo escolar que acontece na maioria dos estabelecimentos de ensino, pois os alunos entram e saem do colégio sem haver uma demarcação de início ou fim do ano letivo. Não há destaque para o calendário de avaliações

ou datas comemorativas. A telenovela inicialmente utilizou-se da academia como cenário para gerar as histórias. Entretanto, acredito que é possível sugerir que os produtores optaram por inserir a escola como um espaço centralizador das tramas para aproximar-se mais do público em geral, baseando-se na ideia defendida por Caruso e Dussel (2001, p.158) de que: “basicamente, a escola passou a fazer parte de uma estrutura de massa, o sistema educacional, e serviu como modelo e centro de transmissão da cultura letrada”. O argumento é de que a maioria das crianças e dos adultos está habituada com experiência escolar e a compreende como fase inevitável para crescer e integrar-se na sociedade adulta. Mesmo aqueles cuja escolaridade é difícil por motivos econômicos compreendem-na como bem desejado e relevante. Assim, a escola é percebida como um local que faz parte da realidade tanto dos jovens de classes altas como dos integrantes das classes menos abastadas da sociedade. O cenário escolar também permite que as personagens jovens sejam compreendidas como tais, considerando que, socialmente, espera-se que somente jovens de até, no máximo, 18 anos frequentem o ensino médio.

Nas temporadas analisadas verifiquei que os professores e professoras têm as mesmas oportunidades e suas aparições em cenas são praticamente idênticas. No entanto, esses professores exibidos nos episódios, de um modo geral, aparecem afastados de sua prática profissional, pois são expostos prioritariamente em sua vida particular ressaltando-se os seus relacionamentos amorosos e familiares. Essa maneira de explorar a personagem docente em *Malhação* mais em sua dimensão pessoal pode ser uma estratégia de não diluí-las no decorrer das tramas, pensando que os protagonistas são os jovens alunos que frequentam os colégios *Múltipla Escolha* e *Primeira Opção*. Contudo, devem-se preservar as personagens que circulam no espaço escolar, além dos jovens, como os professores. No entanto, mantendo-se como único o enquadramento das personagens professores na atividade docente no espaço escolar, elas provavelmente se esgotariam rapidamente no enredo. Então, acredito que a produção opta por constituir-lhes outras dimensões, como as ligadas à vida pessoal, para mantê-las por mais tempo na trama e, de alguma maneira, preservar o cenário escolar nos episódios, o que acarreta uma dinâmica mais interessante para o enredo.

O programa *Malhação* em determinados momentos opera como reproduzidor de preconceitos, estereótipos e relações de poder e em outros, apresenta-se com uma abordagem transformadora, progressista e propositiva de alterações sociais. Como exemplo de característica reprodutora, pode-se mencionar uma cena exibida no episódio 3 da temporada 1999/2000, quando a personagem *Tatiana* descobre que *Rubem*, seu pai, tem um caso

extraconjugal ao encontrá-lo com a amante em um mirante no Rio de Janeiro. Em conversa com a filha no quarto dela, o pai repete os argumentos que aquilo não era nada e que não prejudicaria o amor dele pela família e pela esposa *Cláudia*, e que conversaria no momento certo com a mãe, que não era para ela se intrometer, pois era assunto de adultos. Nesse momento, ele falou de forma ameaçadora, usando a relação de poder como pai.

Também se utilizou em duas temporadas o preconceito quanto à mulher exercer uma profissão além dos cuidados com a casa, como na temporada 1999/2000, em que *Cláudia* resolveu arrumar um emprego, pois *Rubem*, seu marido, ficou desempregado; e em relação a *Lurdes*, na temporada de 2010/2011, quando decidiu trabalhar para ajudar nas despesas da casa. Ambas as personagens, *Cláudia* e *Lurdes*, tiveram a resistência de seus maridos quanto a essa decisão, entretanto, no fim *Rubem* e *Geraldo* apoiam a decisão tomada por elas.

Como aspecto progressista, pode-se citar a contratação feita pela diretora *Tereza* do professor *Agenor*¹¹⁹: professor aposentado, avô de quatro alunos do colégio, que apresentava problemas de depressão por sentir-se inútil devido à idade dele. Ele assumiu o cargo de professor de Educação Física da temporada de 2010/2011, superando o preconceito de que um idoso não pode assumir aulas que exigem disciplina e esforço físico. Também na temporada de 2008, ao contratar a professora *Duba* para ministrar as aulas de Mecânica no curso noturno do colégio *Múltipla Escolha*, apesar de ficar muito aparente que havia uma falta de confiança na capacidade técnica dessa professora.

Constatei em minhas análises uma suposição bastante recorrente durante a assistência dos episódios: mesmo com novidades nos cenários, nas abordagens temáticas e nos personagens, *Malhação* mantém uma constância na configuração de representar a profissão docente, pois coloca o professor de uma maneira que domina o conteúdo a ser explanado, que disserta para os seus ouvintes e produz as avaliações com o objetivo único e exclusivo de testar o conhecimento do aluno. Há uma idealização da função do professor determinada socialmente, mostrando-o como um mero repassador de saberes com alguns lampejos que possuem interconexão com os conteúdos discutidos na atualidade em que cada temporada está sendo exibida. Mas a tônica dominante é sempre de uma aula distante dos pensamentos dos alunos, que estão preocupados com os conflitos amorosos entre os seus pares e dos professores ou diretores, a sexualidade e desordem familiar, aparentando desta

¹¹⁹ Cf. figura 32 - apêndice B.

forma que a sala de aula é mais um local de colocar as conversas cotidianas em dia do que um local de disseminação e descoberta do conhecimento.

Ou seja, a telenovela parece difundir uma idealização da representação da identidade docente determinada socialmente, conforme destacado por Hall (2000), que salienta que a identidade é produzida no âmbito de um discurso que atribui sentidos e significados simbólicos às categorias de identificação e diferenciação representadas culturalmente, reproduzindo as relações de poder às quais a sociedade se insere ao definir as formas dominantes de representação de identidades hegemônicas em detrimento das diferenças, das identidades estigmatizadas. Entretanto, os produtos culturais e as categorias simbólicas usadas em *Malhação*, por exemplo, não são criações autônomas, elaboradas independentes da aceitação do público. Esses elementos são compartilhados pela audiência e, por esse motivo, fazem sentido para os receptores.

As construções narrativas de uma telenovela são formas que os produtores utilizam para conceber uma determinada história, personagem ou temática, de acordo com o modo como entendem a realidade e com as quais o telespectador interage, aceitando-as, apropriando-as, mesmo que temporariamente, ou ainda, rejeitando-as, provocando alterações no rumo da trama, já que a telenovela é uma história em aberto (PALLOTTINI, 1998), em processo de produção pelo autor e coprodução pela audiência. A história de uma telenovela é escrita paralelamente ao período de sua exibição, facilitando sua adaptação em detrimento daquilo que a audiência espera ver e que corresponda a sua realidade. *Malhação* se apropria desses padrões ao abrir espaço para interação com o público que a assiste por meio dos *blogs* e *Twitter* das personagens, divulgando notícias sobre as próximas cenas, consultando a audiência para manter uma conformidade com o que os telespectadores aceitam ou não como desfecho apropriado, e alterando o enredo para atender às expectativas do público que a assiste.

Essa telenovela teve muitas reformulações durante os 18 anos em que tem sido exibida pela Rede Globo, buscando adaptar-se a um determinado período que a temporada está retratando como, por exemplo, ao integrar na história as teorias educacionais com alterações no espaço físico como exposto no colégio *Primeira Opção* e ao inserir as novas tecnologias no colégio, conforme exposto no capítulo 4, procurando uma estratégia de reconhecimento por parte do telespectador. Integram-se personagens na trama que possuem características e representações partilhadas e reconhecidas pela maioria da população como no caso dos professores.

É preciso advertir que o processo de construção da identidade não é rígido. Ao contrário, está sujeito às modificações, reformulações e manipulações da experiência cotidiana e do próprio processo de formação e transformação das práticas sociais e culturais vivenciadas pelos atores sociais.

Vale ressaltar que na telenovela *Malhação* também aparecem episódios que integram à trama alguns temas sociais além do uso de drogas, lícitas e ilícitas, como a gravidez na adolescência, o sexo na juventude, o desvio de condutas morais, a privacidade nas redes sociais, entre outros, procurando fortalecer o aspecto de verossimilhança para conectar-se ao seu público alvo. *Malhação*, portanto, traz à tona o relacionamento conflituoso entre o jovem e o adulto e as experiências de ambos no cotidiano ficcional, voltando-se para assuntos de comportamento e valores éticos e profissionais, o que favorece a sua disseminação entre os adultos e pais de jovens que assistem a essa telenovela buscando uma maneira de interagir com o filho.

Sendo assim, apresenta uma característica comum à maioria das produções culturais e veículos dirigidos aos jovens: um pretense intento pedagógico, demonstrado pela aparente preocupação com a formação do jovem telespectador por meio de cenas socioeducativas. A abordagem de temas do universo juvenil vem acompanhada de ensinamentos e orientações e, por trás de cada história – ou de cada personagem – há sempre uma lição que deve ser aprendida: é o caso, por exemplo, dos antagonistas *Lúcio* e *Raquel* que no fim da trama percebem que as suas atitudes não eram benéficas para a sociedade, e eles resolvem se redimir perante as pessoas que prejudicaram tornando-se pessoas “melhores” para a sociedade.

Demonstrou-se, ao longo desta pesquisa, que os episódios analisados de *Malhação* das temporadas de 1999/2000 e 2010/2011 são marcados por uma circularidade, uma repetição exaustiva de algumas representações da identidade da profissão docente, nas quais os professores são vistos ou confundidos como amigos ou *estimuladores* da vida acadêmica do jovem, tornando-se muitas vezes uma referência na vida deles, porque mantêm uma relação muito próxima com os alunos e usam a linguagem informal e o léxico juvenil, facilitando ainda mais a proximidade entre os jovens e esses docentes. Ou como professores *conteudistas* que só estão preocupados com a matéria e as avaliações que precisam ser aplicadas, cuja função começa e termina dentro do espaço da sala de aula, evitando ao máximo uma aproximação com os alunos. Os professores também são representados como *autoritários* por meio de ações e atitudes de inspiração militar, pelo uso de uma linguagem bastante formal e pela dificuldade de aproximar-se dos alunos. Ou ainda como professores *performáticos* que

lecionam utilizando músicas e fórmulas que ajudariam os alunos a decorar conteúdos aplicados nos exames de vestibular.

Diferentemente das representações de professores no cinema, que normalmente são retratados como heróis ou salvadores (CALLES, 2012; DALTON, 1996), os professores das temporadas analisadas de *Malhação* não aparecem com essa função de resgatar jovens do declínio social e só surgem com mais destaque na trama ao terem exaltada sua vida pessoal. Não há nenhuma proeminência de desvelo nas atitudes dos professores de *Malhação*, no sentido atribuído por Noblit (1995). A representação predominante dos professores em *Malhação* é de profissionais que mantêm a composição estabelecida pela escola, na qual eles detêm o saber e cobram dos seus alunos o saber determinado pela escola. Essa representação pode ser considerada como estereotipada e idealizada socialmente por meio de uma construção histórica.

Essas representações podem ser entendidas como parte de uma estratégia que busca fixar determinados sentidos, tornando-os alusões de normalidade. Esse investimento em torno dos significados e ambientes sociais mostra, como aponta Hall (2005), que não existem significados finais, naturais ou definitivamente estabelecidos, mas sim embates, jogos de força e lutas no campo das representações.

REFERÊNCIAS

Fontes

Episódios¹²⁰

Malhação. Rede Globo, 1999/2000. Novela. 5 episódios. Direção: Edson Spinello. Roteiro: Maria Elisa, Emanuel Jacobina, Patrícia Moretzsohn, Maria Mariana e Ricardo Hofstetter.

Malhação. Rede Globo, 2010/2011. Novela. 5 episódios. Direção geral: Leonardo Nogueira. Direção: Adriano Melo. Roteiro: Emanuel Jacobina, Flávia Bessone, Gabriela Amaral, Márcio Wilson e Zé da Silva.

Bibliográficas

ABRAMO, H. W. **Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1994.

ALVES, M. I. M. **O Adolescente e a TV: O caso da telenovela *Malhação***. Campinas, SP, 2000. Tese (Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

ANDRADE, R. M. B. de. **A sexualidade, o adolescente e o mundo teleficcional: *Malhação* em destaque**. . In: VIII Congresso Latino-Americano de Ciências da Comunicação- Alaic 2006, 2006. VIII Congresso Latino-Americano de Ciências da Comunicação- Alaic 2006. Disponível em:

<http://s3.amazonaws.com/lcp/alaic-elenovela_y_ficcion/myfiles/A%20sexualidade_1.pdf>
Acesso em: 07/01/13 às 22h30.

ASSIS, S. R. de A. **Entre o pátio e a sala de aula: *Malhação* na tela e na escola**. São Paulo, SP, 2008. Dissertação (Mestrado). Pós-Graduação em Educação, Universidade Nove de Julho.

BALOGH, A. M. **O discurso ficcional na TV: sedução e sonho em doses homeopáticas**. São Paulo: EDUSP, 2002.

BARBERO, J. M.. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

_____. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. 2. ed. São Paulo: Ed. Senac, 2004.

BAUER, M.W; GASKEL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BORDENAVE, J. **O que é comunicação**. 17. ed. Ed. Brasiliense: São Paulo, 1994.

BOURDIEU, P; PASSERON, J.C. **Razões práticas: Sobre a Teoria da Ação**. Tradução: Mariza Corrêa – Campinas, SP: Papirus, 1996.

¹²⁰Episódios gravados em DVD por meio de *download* no *site* da telenovela (<http://malhacao.globo.com/malhacao>) e da plataforma *Youtube* (<http://www.youtube.com>).

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. **O Poder Simbólico**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2006.

_____. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Tradução: Daniela Kern; Guilherme J.F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

CALLES, D. C. **O ser professor em obras literárias autorreferenciadas e em filmes: dimensões profissionais e emocionais do trabalho docente**. São Paulo, 2012. Tese (doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

CAMPEDELLI, S.Y. **A Tele-Novela**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 5. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CÂNDIDO, A. *et al.* **A personagem de ficção**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CATANI, D. B. Estudos de História da Profissão Docente. In: LOPES, E. M.T; FARIA, L.M.; Veiga, C.G. **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Educadores à Meia-luz: Um estudo sobre a Revista de Ensino Beneficente do Professorado Público de São Paulo (1902-1918)**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CATANI, D. B; GALLEGGO, Rita de Cássia. **Avaliação**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 61-71.

CHARLOT, B. O fracasso escolar: um objeto inencontrável. In: **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

_____. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v.5, n.11, p.173-191,1991.

CHAVES, R. G. **A radionovela no Brasil: um estudo de Odette Machado Alamy (1913-1999)**. Belo Horizonte, MG, 2007. Dissertação (mestrado). Estudos Literários da Faculdade de Letras - Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ECAP-6ZGFWX/1/dissert..>>

Acesso em; 10/09/12 às 21h30.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, Panonica, n.2, p.177-229,1990.

COMENIUS. **Didática Magna**; aparelho crítico Marta Fatori. Tradução Ivone Castilho Benedetti. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

COMPARATO, D. **Da criação ao roteiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

CORDEIRO, J. F. P. C. **Falas do novo, figuras da tradição: o novo e o tradicional na educação brasileira (anos 70 e 80)**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

COSTA, A. H. da; SIMÕES, I. F.; KEHL, M. R. **Um país no ar: história da TV brasileira em 3 canais**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DALTON, M. M. O currículo de Hollywood: “quem é o (a) bom (a) professor (a) no currículo de Hollywood”. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 21, n. 1, p.9-280, jan/jun.1996.

- DAYRELL, J. **Múltiplos olhares sobre a Educação e a Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- _____. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40-52, 2003.
- _____. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.
- DUSSEL, I; CARUSO, M. **A Invenção da Sala de Aula**: uma genealogia das formas de ensinar. São Paulo: Moderna, 2001.
- ECO, U. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. **Apocalípticos e integrados**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- EDWARDS, V. **Os sujeitos no universo da escola**. São Paulo: Editora Ática, 2003. p.29 - 62.
- EZPELETA, J. R. E. Escolas e classes dependentes: uma história do cotidiano. In: _____. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Editora Cortez, 1989. p. 55-75.
- FERRÉS, J. **Televisão e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FILHO, Daniel. **O circo eletrônico**: fazendo TV no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- FISCHER, R. M. B. **Adolescência em Discurso**: mídia e produção de subjetividade. Porto Alegre, 1996. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS.
- _____. Uma Análise Foucaultiana Da TV: das estratégias de subjetivação na cultura. **Currículo sem Fronteiras**, v.2, n.1, p.41-54, jan/jun 2002.
- _____. Mídia e Juventude: Experiências do público e do privado na escola. **Caderno CEDES**. Campinas, vol. 25, n. 65, p. 43-58, jan/abr. 2005.
- FORSTER, E. M. **Aspectos do romance**. 4. ed. São Paulo: Globo, 2005.
- FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.
- FRAZÃO, M. J.P. **Cartas do professor da Roça**: artigos relativos à instrução publica da côrte, publicadas no Constitucional de março e abril de 1863. Typographia – Paula Brito. Praça da Constituição, 1864. Disponível em:
<<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00725800#page/1/mode/ocr>>. Acesso em: 26/08/2012 às 22h30.
- GALLEGO, R. de C. **Tempo, Temporalidades e Ritmos nas Escolas Primárias Públicas em São Paulo**: Heranças e Negociações (1846-1890). São Paulo, 2006. Tese (doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- GREENFIELD, P. M. **O desenvolvimento do raciocínio na era da eletrônica**: os efeitos da tv, computadores e videogames. São Paulo: Summus Editorial, 1988.
- HALL, S. Da codificação e decodificação. In: **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HARGREAVES, A. **Os professores em tempo de mudança**. O trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna. Portugal: Mc Graw-Hill, 1998.
- HUBERMAN, M. "O ciclo de vida profissional dos professores". In: NÓVOA, António. **Vidas de professores**. 2. ed. Porto (Portugal): Porto, 2007, p.31-61.

JESUS, P; PATRIOTA, N. S. A. Telenovela Malhação e o cotidiano de prováveis extensionistas rurais em formação: um estudo de recepção junto a estudantes em São Lourenço da Mata – Pernambuco. **INTERCOM** – Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, v. 30, n.1, p. 195-214, jan./jun. 2007.

KELLNER, D. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.

KOHLSDORF, N. **Televisão: A socialização na sociedade de consumo**. Brasília, Brasília, 2002. Dissertação (Mestrado). Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília.

LAWN, M. **Os professores e a fabricação de identidades**. Currículos sem fronteiras, v. 1, n.2, dez. 2000.

LOPES, M. I. V. de. Para uma revisão das identidades coletivas em tempo de globalização. In: LOPES, M. I. V (Org.). **Telenovela: interacionalização e interculturalidade**. São Paulo: Loyola, 2004. p. 121 – 137.

_____. Telenovela como recurso comunicativo. **Matrizes**, v.1, ano 3, p. 21- 47, ago./dez. 2009.

MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. .4. ed. São Paulo: Senac, 2000.

MCLUHAN, M.L. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1971.

MARCONDES FILHO, C. **Televisão: a vida pelo vídeo**, São Paulo: Moderna, 1988.

MARQUES, M.R. **Adolescer na era da TV: estudo de recepção da telenovela *Malhação ID***. São Leopoldo, RS, 2011. Trabalho de conclusão de curso. Ciências da Comunicação Social. Universidade do Vale do Rio Dos Sinos – UNISINOS.

MAHFOUD, J. B. **Televisão, Telejornalismo e Telenovela: Análise de Malhação como fonte de informação para adolescentes**. Curitiba, PR, 2003. Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social. Centro Universitário Positivo.

MATELLART, M; MATELLART, A. **O carnaval das imagens: A ficção na TV**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. Comunicação e Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Contato, Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação**. Ano I. n. 2, p.64, jan./mar.1999.

MENEGAZ, C.V; **Dez Anos de Malhação: E como fica a adolescência?** Porto Alegre, 2006. Dissertação (mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MÓDOLO, C. M; FREDERICO, R. L. R. Perspectiva histórica e análise quantitativa das principais temáticas do seriado brasileiro Malhação nos anos de 1995 a 2006. **INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - V Congresso de História da Mídia** – São Paulo /SP – maio/junho 2007. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0088-1.pdf>>. Acesso em: 08/09/2012 às 10h.

MOTTER, M. de L. Telenovela: documento histórico e lugar de memória. **Revista USP**, São Paulo, n. 48, p.74-87, dez./fev. 2000-2001.

_____. **Ficção e Realidade: a construção do cotidiano na telenovela**. São Paulo: Alexa Cultural, 2003.

_____. Mecanismos de renovação do gênero telenovela: empréstimos e doações. In: LOPES, Maria Imaculata Vassolato de (Org.). **Telenovela: interacionalização e interculturalidade**. São Paulo: Loyola, 2004. p. 251-291

NETTO, S. P. **Telas que ensinam - mídia e aprendizagem**: do cinema às tecnologias digitais – 3. ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

NOBLIT, G. Poder e desvelo na sala de aula. **Revista da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo**. São Paulo, v.21, n.2, jul./dez.1995.

NOVAES, C. E. **O menino sem imaginação**. 12. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

NÓVOA, A. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. **Teoria & Educação – Dossiê: Interpretando o trabalho docente**, n. 4, p.109 -139,1991.

_____. **Histoire & comparaison**: essais sur l'éducation. Lisboa: Educa, 1998.

_____. **Os professores na virada do milênio**: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, vol. 25 n.1, jan./jun., 1999.

_____. Os professores e o “novo” espaço público da educação. In: TARDIF, M; LESSARD, C. **O ofício de professor**: Histórias, perspectivas e desafios internacionais. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 217 – 233.

OLIVEIRA, E. A. **O cotidiano na tela e a esfera educacional**. Goiânia, 2003. Dissertação (Mestrado).Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás.

PALACIOS, J. O que é adolescência. In: COLL, C. *et al.* (Orgs.) **Desenvolvimento psicológico e educação**: Psicologia evolutiva, v.1 – Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p.263-272.

PALLOTTINI, R. **Dramaturgia de televisão**. São Paulo: Moderna, 1998.

PATTO, M. H. S. (Org.). **Introdução à psicologia escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

PENTEADO, H. D. **Televisão e Escola**: conflito ou cooperação? 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PORFIRIO, L. C. **A Escola pelas lentes da cultura da mídia**: um estudo das narrativas sobre o ensino na Escolinha do Professor Raimundo. Araraquara, SP, 2004. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista.

PREDIGER, S. **Mídia e representação social juvenil**: recepção do programa *Malhação*. Santa Maria, 2011. Dissertação (mestrado). Centro de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina.

ROCCO, M. T. F. As palavras na TV: um exercício autoritário? In: NOVAES, Adauto (Org.) **Rede imaginária**: televisão e democracia. Companhia das Letras, 1991.

RODRIGUES, L. V. Entre Aspas. **Observatório da Imprensa**. Disponível em:
< http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/folha_de_s_paulo__40651> Acesso em: 05/10/2010 às 10h.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011.

SETTON, M. da G. J. Juventude, Mídia e TIC. In: SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social. Belo Horizonte: Argvmentvm, v.2, cap. 07, p. 63-86, 2009.

SILVA, V. B. Uma história das leituras para professores: Análise de produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos (1930-1971). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 6, p.38, jul./dez. 2003.

SILVA, T. T. da (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SMOLKA, A.L.B. Estatuto de sujeito, desenvolvimento humano e teorização sobre a criança. In: FREITAS, C.F.; KUHLMANN M.J. (Orgs.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002. p.99-124.

SOUZA, A. M. de. Televisão, meios eletrônicos e educação. **INTERCOM** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – setembro 2001. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP11SOUZA.PDF>>. Acesso em: 08/08/2011 às 10h.

SOUZA, C. C. de. **Juventude e escola**: a interseção entre Malhação e o cotidiano dos jovens. Belo Horizonte, MG, 2007. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional** (Trad. Francisco Pereira). Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, M; LESSARD, C. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Tradução de João Batista Kreuch – Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____; LESSARD, C. **Ofício de professor**. História, perspectivas e desafios internacionais (Trad. Lucy Magalhães). Petrópolis: Vozes, 2008.

WAQUET, F. **Os filhos de Sócrates**: filiação intelectual e transmissão do saber do século XVII ao XXI. Tradução: Marcelo Rouanet. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

WALKERDINE, V. Uma análise foucaultiana da pedagogia construtivista. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **Liberdades reguladas**: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

YOUNG, M. Para que servem as escolas? **Educação e Sociedade**, Campinas, SP, vol.28, n.101, p. 1287-1302, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n101/a0228101.pdf>> Acesso em: 01/02/2013 às 22h40.

Fontes eletrônicas

Almanaque IBOPE. Disponível em:

<<http://www.ibope.com.br/pt-br/Paginas/home.aspx>> Acesso em: 08/11/2011 às 13h30.

Biografia de Edson Leite para o Museu da Televisão Brasileira. Disponível em:

<<http://www.museudatv.com.br/biografias/Edson%20Leite.htm>> Acesso em: 22/12/2011 às 15h.

Blog do Primeira Opção. Disponível em:

<<http://malhacao.globo.com/platb/primeira-opcao/>>. Acesso em: 02/02/2010 às 12h.

Centro de Estudos da Telenovela – CETVN. Disponível em:
<<http://www.eca.usp.br/cetvn/>>. Acesso em: 08/11/2011 às 12h30.

Google Imagem. Disponível em: < <http://images.google.com.br/>>. Acesso em: 17/02/2010 às 23h.

Malhação 2010. Disponível em: < <http://tv.globo.com/novelas/malhacao/2010/index.html>>. Acesso em: 08/08/2010 às 22h.

Memória Globo. Disponível em:
<<http://memoriaglobo.globo.com>>. Acesso em: 03/02/2010 às 10h.

Os professores inesquecíveis de *Malhação*. Disponível em:
<http://adm.estrelando.com.br/teen/ranking/os_professores_inesqueciveis_de_malhacao-58864.html> Acesso em: 08/07/2010 às 11h.

Programa Intervenção Web. Disponível em:
<http://www.youtube.com/watch?v=xZSTmKE8q4o&list=UUTZZ8JBtjIcbBcuQoHeMBww&index=11&feature=plpp_video>. Acesso em: 25/11/2011 às 11h.

Personagens *Malhação*. Disponível em:
<<http://especial.malhacao.globo.com/personagens/>>. Acesso em: 02/02/2010 às 11h.

Relembre os casais protagonistas de *Malhação*. Disponível em:
<<http://fulaninha-entretenimentos.blogspot.com.br/2010/12/relembre-os-casais-protagonistas-de.html##.UQqZhFL-KSo>> - Acesso em: 07/06/2010 às 12h.

Teledramaturgia: Disponível em:
<<http://www.teledramaturgia.com.br/tele/malhacao03b.asp>>. Acesso em: 05/02/2010 às 13h30.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TRANSCRIÇÕES

Transcrição 1	Data: 24/02/2011	17h40 às 18h00	22:34 minutos
----------------------	-------------------------	-----------------------	----------------------

Raquel e Pedro conversando no pátio do colégio:

Pedro (exaltado): Foi ele, não foi? Foi ele que fez isto com seu braço, né Raquel? Fala Raquel. Por que ele vive te perseguindo? Quem é esse cara?

Raquel (parecendo assustada): Pedro, do meu passado ainda eu não te contei tudo, porque eu tenho vergonha. Mas o meu braço ele não teve nada a ver com isso. Eu cai. Foi só isso.

Babi e Maicon no quarto dele, perto da cama, em pé abraçados e se beijando.

Babi empurrando Maicon: Ai Maicon. Eu não sou sorvete que tem que chupar depressa para não derreter.

Maicon: Ai, é que você não sabe como eu tava com saudade de você Babi. (Começa abraça-la novamente e a tirar a camiseta).

Babi: Para Maicon. O que você tá fazendo?

Maicon: Ah, ué! Essa calça tá apertada. Eu vou trocar antes de ir para a escola.

Babi (indignada): Ah é assim! Vai tirando sem mais nem menos. Cadê o romantismo?

Maicon: Romantismo, né? Tá bom. Me desculpa daqui pra frente vou ser o homem mais romântico do mundo (ajoelha-se e beija as mãos da Babi).

Babi: Ah, tá bom. Homem promete qualquer coisa nessas horas.

Maicon (levanta-se e beija o rosto de Babi e começa a agarrá-la novamente): Tá bom, tá bom.

Babi (empurrando Maicon): Ai, Maicon. Quero te falar uma coisinha importante antes desse seu romantismo todo.

Maicon: Se for o que eu tô pensando (mostra o pacote de preservativo masculino). Eu tô prevenido dessa vez.

Babi (indignada): Você fala que só pensa mim, mas só pensa em sexo, né?

Maicon: Não, não, não. É que sexo é bom. Mas não quero fazer com outra pessoa há não ser você. Eu sou apaixonado por você Babi (vai em direção à ela e começa a beija o seu colo).

Babi (empurrando Maicon novamente): Ai Maicon. Desculpa, mas eu tô tentando falar com você e toda hora você interrompe.

Maicon (assustado): Ai, então fala. Eu hein!

Babi: Eu não quero esse tipo de intimidade comigo em público, tá entendendo? (Pega a sua bola e começa a sair do quarto).

Maicon (confuso): Como assim, Babi? Volta aqui. Do que você tá falando?

Babi: Vamos logo que a gente tá atrasado pro colégio tá? .

Maicon: Quer dizer quem em público não poder ser, mas escondido pode, né?

Babi: Deixa de ser folgado. Eu não disse nada disso. Aliás, você quer saber? É mais fácil você ficar longe de mim, só isso. (Sai do quarto).

Maicon: Não, não Babi, Babi, vem cá vamo conversa. Eu te amo. Juro eu te amo (sai correndo atrás dela).

Catarina entra na sala de aula e chama pela sua meia-irmã Raquel que está sentada em uma carteira perto da porta.

Catarina: Raquel, o que você fez no seu braço?

Raquel: Quebrei.

Catarina: Quebrou? Como?

Raquel: Ai Catarina! Se eu te contar você não vai nem acreditar.

Catarina sai de perto da carteira e caminha pela sala e dois colegas sentados a observa.

Marcos: Nossa! Tua ex tá muito gata hoje. Dá até pra entender como tu tá com essa cara. Perde uma princesinha dessa.

Lúcio: Cala boca maluco. Eu e a Catarina, a gente só tá dando um tempo. Logo, logo a gente volta.

Marcos: Nem sei qual das irmãs é mais gata. Quem se deu bem foi o Pedro que catou uma e depois a outra.

Lúcio: Com o passado da Raquel aquele suburbano só vai se dar bem de verdade, se ele se livrar de uma vez da Raquel.

Marcos: Você tá falando do lance da morte da mãe dela, né?

Lúcio (balançando a cabeça afirmativamente): Entre outras coisas.

Chegam Pedro e Ângela na sala e sentam-se na mesma carteira onde está a Raquel.

Pedro: Que bom que você conseguiu escrever, né Raquel? O teu gesso não atrapalha?

Raquel: Dói um pouco, mas vai dando pra me virar.

O professor de Geografia Odilon entra na sala onde estão os alunos (alguns em pé e outros sentados).

Professor Odilon: Bom dia, bom dia, bom dia galerinha. Vamos sai daí. Vamô sentando. Vã, Vã, Vamos sentar! (apressando os alunos). Tudo muito bom, tudo muito bem. Todo mundo animado? Vamô começa? O que aconteceu com o seu braço Raquel?

Raquel: Foi um acidente (para e olha para a sua meia-irmã Catarina).

Professor Odilon: Que tipo de acidente?

Raquel: Eu cai (ainda olhando para a Catarina). Desculpa. (recolhe seu material e sai da sala)

Lanchonete da escola onde se encontram Vera (coordenadora) e Agenor (professor de Educação Física).

Vera: Você viu Agenor?

Professor Agenor: Vi, vi e estou muito preocupado.

Vera: E eu então! Você sabia que eu perdi toda a fiação elétrica da midiateca. A sorte é que Seu Vencelau fez em três parcelas. A primeira já dei. Dei o sinal e agora ele jurou de pé junto que em dois dias no máximo vai estar perfeita.

Professor Agenor: Vera me desculpe, mas eu estou preocupado com o braço da Raquel.

Vera: Ahhh, é! Desculpa! Poxa vida! Mas como essa menina foi quebrar o braço?

Professor Agenor (preocupado): Não tenho a menor ideia. E você reparou como foi estranho o jeito que ela se referiu ao acidente?

Vera: Reparei. Mas eu tava pensando, você acha mesmo que aquilo foi um acidente?

Professor Agenor: Eu espero que tenha sido.

Maicon corre atrás de Babi pela rua.

Maicon: Eu sou uma besta mesmo. Quando é que vou aprender que eu só sirvo pra você ri da minha cara?! Eu sou pior do que titica de galinha pra você, né Babi?

Babi: Ah Maicon, não seja dramático hein? Só não quero que ninguém saiba.

Maicon (bloqueando a passagem de Babi): Por que, por que eu não presto? Ontem à noite você não reclamou. Ontem à noite você tava tão contente.

Babi: Ontem à noite eu pensei que eu ia morrer Maicon, não conta. Só que aí eu acorde e pensei: Ah não, ah não, não é possível. Eu não fiz isso. Só pode ser castigo. É castigo! Para eu aprender a parar de falar mal de jogador de futebol pobre e ignorante.

Maicon: Ah é! Comeu e encheu a barriga e hoje não quer saber do cheiro da comida. Mas ontem à noite raspou o prato de lamber o beijo.

Babi: Mentira! Você que me obrigou com aquela sua desculpa esfarrapada de que a gente ia morrer tá? Eu não queria.

Maicon: Não queria, não queria. Não queria pouco que não queria. Mas, pelo menos foi bom? (segurando-a pelos braços).

Babi: Ah garoto se enxerga. Sai, sai (empurra Maicon). Você não é para o meu bico não. Vamo que a gente tá atrasado (dando a mão para uma aluna que passava).

Maicon (falando sozinho): Sou uma besta mesmo. Como é que pode um homem se humilhar tanto pra uma mulher que só quer cuspir nele?

Raquel e a coordenadora Vera sentadas no pátio do colégio.

Raquel: Eu já disse que não foi nada demais Vera.

Vera: Como é que não foi nada demais se você tá chorando Raquel? Tá na cara que você não tá bem. Deixa eu te ajudar.

Raquel: Ninguém pode me ajudar Vera.

Vera: Se você não falar a verdade, não pode mesmo.

Raquel: Foi, foi a Catarina. Ela me agrediu de novo.

Vera na sala da diretoria sentada manuseando o notebook. Catarina bate na porta e entra.

Catarina: Dá licença. Mandou me chamar Vera?

Vera: Mande sim. Senta Catarina, por favor.

Catarina: Aconteceu alguma coisa?

Vera: Me diz você. Aconteceu alguma coisa que você queira me contar?

Catarina: Olha Vera, se essa conversa tem a ver com a Raquel, eu queria dizer.

Vera: Ela já me contou. Que foi você quem quebrou o braço dela.

Catarina (nervosa): Ah, eu sabia. Olha só, acredita em mim, por favor. Não, não encostei na Raquel. Eu juro! Ela tá mentindo!

Vera: Catarina, por favor. Eu sei, eu compreendo que a tua família tá passando por um momento super difícil. Mas você já tinha sido avisada que se agredisse mais uma vez a sua irmã, você seria expulsa do colégio.

Catarina: Você não vai fazer isso, Vera? Me expulsar?

Vera: Não. Mesmo por que essa decisão não cabe a mim, cabe à Tereza. Mas eu só queria te alertar que depois desse último incidente a sua situação tá bem complicada aqui.

Cinco alunas conversando sob uma árvore no pátio da escola.

Josiane: Hey, mas está todo mundo falando que foi a Catarina que quebrou o braço da Raquel.

Duda: É ela tava com a maior raiva da Raquel mesmo. Elas até se estressaram demais ontem. Mas para quebrar o braço não é essa questão.

Babi: Não gente a Catarina não fez isso. Ela sabia que se ela brigasse de novo seria expulsa do colégio.

Josiane: É! Mas de cabeça fria todo mundo é muito inteligente. Quero ver na hora da raiva. Na hora da raiva a gente bate aquele teto preto. A gente esquece tudo.

Raissa: Acho que dessa vez a Tereza não vai aliviar não.

Duda: E o Fred gente, será que ele já tá sabendo dessa confusão toda?

Laura: Engraçado, eu não vi o Fred hoje. Aliás, cadê os garotos desse colégio?

Duda: Sei lá!

Maicon treinando com o Dodói no campo de futebol.

Dodói: Vamo lá.

Maicon: O Dodói quê saber? Lá do lugar de onde eu venho geralmente essas pelada é de casado contra solteiro, sabia?

Dodói: Uhum! Como não tem nenhum casado aqui no colégio é bolsista contra não bolsista.

Maicon: Ah, mas esses mauricinhos vão ver. A rapaziada do subúrbio vai arrebentar com eles.

Dodói: Maicon, você é meu amigo não é?

Maicon: Claro que sou, ué.

Dodói: Se eu chutar, você deixar entrar, por favor? Vai, vai, vai. Deixa entrar. Porque, porque senão o pessoal do colégio vai ficar falando que eu não jogo nada e é mentira. Por favor, Maicon!

Maicon: Claro que eu vou deixa.

Dodói: Jura! (entusiasmado)

Maicon: Porcaria nenhuma. Eu não tomo frango nem querendo e nem sem querer. E vamô embora que o jogo vai começa.

Dodói: Maicon, Maicon, pera aí. Pensa duas vezes (saem correndo)

Professor Agenor com os alunos nos campo.

Professor Agenor: Atenção rapaziada. Esse jogo é apenas um amistoso, então, nada de violência, hein?

Lúcio: Pode deixar Seu Agenor. O que vale é o “fair play”.

Várias alunas chegam para assistir ao jogo e Maicon manda beijos à Babi na arquibancada.

Theo: Não esperava tanta torcida para esse joguinho.

Pedro: É, mas parece que a maior torcida aqui é para o Maicon.

Theo: Dizem que ele bate um bolão hein!

Pedro: É.

Lúcio: Franja, amarra essa cara moleque. Vamo arrebentar com eles. Fecha “pit Bull”. Vai, vai. Vamô quebra molequi.

Dodói: Vem cá. É só um joguinho amisto, né?

Lúcio: Ai Dodói, totalmente amistoso.

Marcos: Sai, sai Dodói. Vai começa cara. Sai, sai, sai.

Dodói: Como é que vocês vão começar sem mim?

Fred: Esse doido vai jogar?(ironizando)

Dodói: Modéstia à parte vou acabar com a bola (rindo).

Eric: Dodói se enxerga, você ruim pra caramba. Vai sentar no banco.

Dodói: Não vou. Não sou ruim não. É que “back” que se preze não sabe jogar futebol mesmo. Ele odeia futebol. Ele só tá ali só pra destruir, entendeu?

Curso prático de futebol. Olha só, tá vendo essa linha aqui? (abaixa mostrando aos colegas)

Quem passar de cá pra lá, eu acabo, eu detono, eu destruo.

Lúcio: Dodói,

Dodói: Ahan.

Lúcio: Sai fora. Ninguém quer você no time. Vai logo, vai moleque.

Dodói sai, mas volta em seguida.

Lúcio: Vai Dodói.

Dodói sai do campo, dirige-se para a arquibancada muito chateado.

Torcida: Maicon, Maicon, Maicon.

Raissa: Vai Théo.

Lorelai: Tem como parar de gritar o nome do meu namorado ou tá muito difícil?

Brigado!

Catarina sentada nas escadas dentro do colégio sozinha chateada e a Babi chega.

Babi: E aí? O que a Vera decidiu?

Catarina: Disse que vai esperar a Tereza chegar. Depois eu vou ser expulsa do colégio.

Babi: Mas não é justo. Você não brigou com a Raquel dentro do colégio.

Catarina: Nem dentro nem fora. Não fui eu que quebrei o braço da Raquel. Se é que aquele braço tá quebrado mesmo.

Babi: Mas Catarina, a Duda disse que vocês brigaram.

Catarina: Brigamos sim. Ela mexeu nas minhas coisas, tentou roubar a estrelinha que o Pedro me deu.

Babi: Que bandida! Mas você pegou de volta?

Catarina: Arranquei do pescoço dela. Isso eu fiz. Mas eu não empurrei, eu não bati, não cheguei perto do braço dela. A Raquel tá fazendo teatro pra queimar o meu filme como sempre.

Babi: Igual da outra vez que ela se machucou no banheiro para colocar a culpa em você.

Catarina: Falei mil vezes que não fui eu. Mas todo mundo olha pra mim e só ver uma garota mimada morrendo de ciúmes dos irmãos e do Pedro.

Babi: Essa Raquel é uma louca. Ela não bate bem da bola não.

Catarina (nervosa): Uhum. E eu vou ser expulsa do Primeira Opção por causa dessa maluca.

Campo de futebol com a torcida na maioria feminina vibrando e Maicon no gol.

Integrante do time: Atenção, atenção aí.

Chutam a bola, mas o Maicon defende. Mas há uma nova oportunidade e o Lúcio do time dos não bolsistas faz um gol em Maicon. Todos desse time vibram e imitam um jogo de boliche, onde os jogadores são os pinos como forma de comemorar.

Pedro (irritado): O moleque você tá dormindo, cara? Presta atenção no jogo.

Maicon: Desculpa aí. Foi mau time. Olha só, eu vou jogar sério agora, valeu? (bate em seu próprio rosto)

Lúcio novamente chuta para o gol, mas Maicon defende dessa vez.

Torcida: Maicon, Maicon.

Pedro do time dos bolsistas pega a bola e corre para o campo adversário quando é impedido por meio de um choque de corpo feito por Lúcio e o juiz apita.

Pedro: Que isso cara? Pensei que fosse futebol, mas pelo visto é capoeira, né?

Lúcio (irônico): Não sabia que a canela era de vidro meu irmão.

Pedro novamente pega a bola e consegue marcar um gol.

Dodói comemora na arquibancada e aproxima-se de uma garota e a abraça. Ela dá um tapa no rosto dele e nesse momento o óculos de Dodói cai no chão.

Dodói (desesperado): Ai meu Deus! Josiane, Josiane. Você viu Josiane?

Josiane: Eu vi sim garoto. Ô garoto, você tá torcendo contra o seu time, é?

Dodói: Não, não. Josiane, você viu o meu óculos? Josiane, por favor, me ajuda.

Lúcio (nervoso): Que droga galera. Todo mundo joga pro, Pedro.

Eric: Fala menos e joga mais, pô.

Lúcio: Vai, vai (gritando para todos do seu time).

Maicon: Theo, Theo, esse jogador daqui da frente, tira ele daqui, tira ele.

Theo: Tá, tá. Maicon, esse cara é do nosso time (desconfiado).

Maicon: Não importa. Ele tá entregando o jogo. É melhor jogar com menos um. Vai quebra ele, chegar por trás e dá uma bota. Vai, vai, vai.

Theo derruba o jogador indicado por Maicon, que se machuca e sai do jogo.

Theo: Foi mau cara. Desculpa!

Jogador lesionado: Ai, ai, ai.

Theo vira-se para Maicon desnortado, mas Maicon acena com o dedo polegar indicando positivo e Theo fica mais confuso ainda.

Dodói se aproxima do jogador lesionado.

Dodói: Ô respira fundo. Vai!

Jogador lesionado: Ô carniceiro! Pô o cara do meu time. Que isso cara?

Dodói: Vai, pára de frescura. Pode volta. Volta, volta.

O jogador lesionado retorna ao campo.

Maicon: O Theo, o que houve? O cara tá voltando pro campo (segurando o braço de Theo).

Theo sai andando indignado sem dar atenção ao Maicon.

Maicon: Não, não, não. Theo volta aqui. Bate nele de novo cara. A gente vai perder. Ai droga!

Pedro cobra escanteio, Maicon está na área e sofre uma falta de Franja e o juiz, que é o professor Agenor, marca penalidade máxima.

Professor Agenor: Pênalti, pênalti.

Franja: Pênalti? Eu fui só na bola. Ele é goleiro. O que ele está fazendo aqui dentro da área?

Professor Agenor: Foi falta, falta é pênalti.

Todos correm e reclamam com o juiz.

Pedro cobra e faz mais um gol para o time dos bolsistas do colégio. E o time e torcida comemoram.

Lúcio corre com a bola para o campo dos bolsistas e Maicon o impede de chegar ao gol dando-lhe um “carrinho”. O juiz marca falta em Lúcio.

Professor Agenor: Falta! O jogo tá parado (levanta um cartão amarelo).

Os jogadores continuam correndo e cometendo mais faltas.

Professor Agenor: Tá parado o jogo (mostrando o cartão amarelo).

O jogo continua e acontecendo inúmeras faltas. E o professor Agenor apita, gesticula. Mas nada acontece.

Professor Agenor: Olha aí o que vocês fizeram. Acabaram com o jogo de uma vez. Estouraram a bola.

Maicon: Ai! Uma só não. As duas (cai no gramado machucado).

Babi e a Catarina paradas na porta da cantina da escola.

Babi: Essa garota é uma psicopata. Ela manipula todo mundo.

Catarina: É! E a agora ela conseguiu manipular a Vera para me expulsar do Primeira Opção.

Babi: Não é possível. Tem que ter um jeito de desmascarar essa cascavel.

Catarina: Talvez tenha mesmo Babi.

Josiane, Laura e Raissa caminham pelo pátio da escola.

Josiane: Joguinho chifrim viu. Só o Maicon que presta ali.

Laura: E o Fred.

Raissa: E o Theo.

Laura: Olha que a Lorelai vai te dar uma bifa na cara hein Raissa.

Josiane: Se liga! Bye, Bye. Vou pegar minhas coisas e vou à luta.

Raissa: Ué, vai sair mais cedo? Vai matar aula?

Josiane: Tenho um desfile marcado. Fazer o quê?! Vida de modelo é assim gente. Agenda cheia, muita saída. E todo mundo vendo o charme e o veneno da mulher brasileira nas passarelas da vida, né gente? Bye, bye. Fui (manda beijos à Laura e Raissa)!

Catarina e Babi conversando na porta da cantina.

Catarina: Se der certo, todo mundo vai saber do que a Raquel é capaz. Que você acha?

Babi: Ahan. Na teoria o plano é ótimo. Eu quero ver você botar ele em prática, isso sim.

Catarina: Eu já sei quem pode me ajudar.

Dodói e os integrantes dos times estão no vestiário.

Dodói: Se tivesse me colocado em campo não teriam perdido.

Lúcio: Ah, cala a boca Dodói. Esses bolsistas aí deram foi sorte meu querido.

Fred: Eles tiveram foi Maicon, isso sim.

Franja: Também o cara é profissional. Covardia.

Theo: Ih, o lugar de chorar é na cama que é macio e tem cobertor Franjoquinha.

Franja: Franjoquinha não Theo, porra.

Maicon: Olha só, mas a gente tem que agradecer o Pedrão aqui, porque esse sabe de bola, né moleque?

Lúcio: Sabe tudo sobre bola, mas sabe muito pouco sobre a sua namorada Raquel.

Todos: Ihhhhhh

Pedro: Você quer dizer o que com isso cara?

Lúcio: Nada não. Você não é um menino esperto? Então, logo, logo você vai descobrir quem é a verdadeira Raquel. Valeu galera (sai do vestiário)!

Pedro: Lúcio, Lúcio (corre atrás dele, mas os colegas o segura).

Theo: Que loucura é essa. Você vai sair pelo clube de toalha só.

Professores e coordenadora reunidos na sala dos professores.

Professor Agenor: Vera, a Catarina é uma boa menina. Pra mim é muito difícil acreditar que ela tenha feito isso.

Vera: Sim meu querido. É claro, eu imagino o quanto é difícil de você aceitar. Mas, Gigi ela brigou com a Ângela, depois brigou com a Raquel, brigou com a irmã de novo. Eu não sei mais o que dizer.

Professor Romero: A Catarina é talvez uma das melhores alunas do colégio.

Professor Odilon: E apesar dela ter brigado com a Ângela, brigado com a Raquel, eu não acredito que a Catarina seja uma pessoa violenta não.

Professora Márcia: É. Ela é solidária com colegas, excelente aluna. Não. Tô achando muito estranho.

Professor Antônio: Vera a Catarina me garantiu que não foi ela que quebrou o braço da Catarina. Eu acredito no que ela me disse.

Professor Agenor: Pois é! Eu também acredito que a Catarina seria incapaz de fazer algo assim. Pronto, falei!

Professor Odilon: Falô e falou bem. Vera não acha seria bom a gente dar uma ligada para a Tereza pra ver que providências a gente podia ir tomando aqui?

Vera: Não, não, não gente, por favor. Não vamos estragar a viagem da minha família. Porque depois ela já vai encarar tanto problema quando chegar aqui. Então, olha. Vamos fazer assim, quando ela chegar de Angra, ela resolve isso, pode ser?

Pedro e Raquel na sala de aula.

Pedro: Raquel, o Maicon agarra muito. Ele parecia um polvo, ele fechou o gol.

Raquel: Mas me disseram que você também é bom de bola. Quem diria, hein?! Com essa cinturinha dura pra dançar.

Pedro: Mas acontece que era futebol, a minha praia. Não era balé.

Raquel: Ok!

Pedro: Raquel, que história é essa que a Catarina quebrou o seu braço? Não foi né?

Raquel: Eu não queria que ninguém soubesse, mas foi sim.

Pedro: Engraçado. Uma vez eu quebrei o pulso e eu nem consegui mexer os dedos. Você agora mesmo esses cadernos todos da sua mochila e não sentiu nenhuma dor.

Raquel: Tá querendo dizer o que com isso?

Pedro: Nada. Só achei estranho.

Raquel: Você acha que eu tô fingindo, é? Qual foi a mentira que a Catarina te contou agora hein?

Pedro: Nenhuma, nenhuma. Eu mal falei com ela hoje.

Raquel: Tá! Tudo bem. Desculpa. É que eu tô sensível hoje.

Pedro: Sei. Vem cá, você já tirou raio-X?

Raquel: Claro, né Pedro? Como eu ia saber que o meu braço tá quebrado se não tivesse feito raio-X

Alunos reunidos na cantina da escola.

Todos: À amizade!

Maicon: Boa. Mas pelas luvas de São Barbosa, vocês batem pra caramba. Parece até zaga profissional.

Todos: Ah Maicon.

Maicon: Mas eu agarrei direitinho.

Catarina chega com a Babi.

Catarina: Oi Theo, posso falar com você?

Theo: Claro! Vamô lá (sai com a Catarina).

Maicon: Olha aqui, se você quer falar comigo pega a senha.

Babi: Hahaha

Todos saem quando o aluno Arthur chega.

Babi e Maicon andando pelo corredor da escola.

Maicon: Babi, dá para parar de fugir?

Babi: Ao contrário de você Maicon eu não mato aula, só isso. Por que eu teria que fugir? Eu devo alguma coisa por acaso?

Maicon: Pelo menos um pouquinho de atenção depois do que a gente passou ontem. Um obrigado já não cai mal, sabia?

Babi: Você que devia me agradecer por ter salvo a sua carreira.

Maicon: Claro que não. Eu é que salvei a sua vida, tá bom.

Babi: Burro. Se não fosse por mim, você nem entrava nem na sede dos Dragões Ferozes. Agora me dá licença.

Maicon: Ô Babi espera aí (sente dor no punho).

Babi: Que foi? Me falaram que você machucou a mão no futebol?

Maicon: Aquele jogo lá o pessoal só sabe batê. Aquele Lúcio não vale um tostão furado, quer saber. Tostão não, porque Tostão era craque.

Maicon: Homens, né? Só sabem pensar em futebol e sexo. Agora tem outros que parecem crianças de nove de idade, né?

Maicon: Já terminou o sermão?

Babi: Já sim. Agora você me faz um favor?

Maicon: Não precisa nem dizer o que é (agarra Babi e a beija).

Babi: Maicon, o que você tá fazendo? (empurra Maicon)

Maicon: Acho que você disfarça muito mal Babi. Mal demais. (volta a abraça-la)

Tereza e Vera na sala da diretoria.

Tereza: Ahh mãe! Que saudade!

Vera: Que bom que correu tudo bem.

Tereza: Tudo ótimo mãe. Olha o lugar, adorei a casa, tava tudo muito bom.

Vera: É! E o João você adorou também?

Tereza: O João eu adorei também.

Vera: Que delícia meu amor. Você tá com uma cara ótima. Você tá assim. Gosto de ver você pra cima. Tá com um ar leve, soltinho.

Tereza: Mas tava tudo tão gostoso, sabe? Eu só não fiquei mais, porque eu tava preocupada com você, te deixar aqui cheia de problema.

Vera: Não a gente não teve problema nenhum. Correu tudo a mil maravilhas.

Tereza: É mãe? Mas nenhum problema no colégio?

Vera: Bom, assim uma coisinha lá na midiateca, mas é uma brasinha, uma coisinha rendida. Mas já providenciei tudo.

Tereza: Olha!

Vera: Nada que vai te levar à falência filhota.

Tereza: Bom, que bom, né? Passar três dias no paraíso e voltar com tudo na mais perfeita ordem.

Vera: Quase tudo.

Tereza: Ah Dna Vera, o que houve? O que foi além da obrinha na midiateca?

Vera: A Raquel quebrou o braço.

Tereza: Bom, eu até achei que fosse coisa pior. Acontece né mãe? Imagina! Todo colégio acontece um acidente de vez em quando.

Vera: É! Só que quem quebrou o braço da Raquel foi a Catarina.

Tereza: A Catarina!

Catarina e Theo conversam em um banco no pátio da escola.

Theo: Então, o que você quer falar comigo?

Catarina: Tô correndo o risco de ser expulsa do colégio Theo.

Theo: Por causa da briga com a Raquel, né? Tô sabendo disso.

Catarina: Mas só que eu não fiz nada com ela. Ela tá mentindo. É armação da Raquel pra me botá pra fora do colégio.

Theo: Eu não entendo. Por que ela ia fazer com você Catarina?

Catarina: Ela me odeia, tem ciúmes do Pedro. É maluca, sei lá! Não é primeira vez que ela arma pra me prejudica. Por favor Theo, acredita em mim. Só você pode me ajudar a sair dessa.

Theo: Eu?! Que eu posso fazer?

Catarina: Eu tenho um plano pra desmascarar a Raquel. Mas sem você eu não vou conseguir Theo.

Theo: Catarina, a Raquel é namorada do Pedro, meu irmão. Eu não vou me meter nisso não.

Catarina: Theo me ajuda, vai, por favor.

Transcrição 2	Data: 22/02/2011	17h40 às 18h00	22:34 minutos
----------------------	-------------------------	-----------------------	----------------------

Catarina e Theo conversam no pátio do colégio.

Catarina: Você vai me ajudar?

Theo: Catarina, Raquel é namorada do Pedro. Meu irmão não vai gostar nem um pouco se eu fizer alguma coisa contra ela.

Catarina: Mas eu tô correndo risco de ser expulsa do colégio, Theo.

Theo: Eu sei, Catarina, mas é uma situação complicada pra mim.

Catarina: (cara de decepcionada) Tá, tudo bem. Eu, eu não quero ser motivo pra você brigar com o Pedro. Obrigada de qualquer jeito, tá?

Theo: Peraí, Catarina. Se não fosse você as pessoas iam continuar achando que eu que acertei o Fred. Então, tá, vai, tudo bem. Que que eu faço para desmascarar essa Raquel. (Catarina ri).

Maicon beija Babi, e ela o empurra.

Babi: Que que você tá querendo, Maicon? Ah, já sei. Tá querendo me anestesiá com esse seu bafo, né?

Maicon: Fala a verdade. Você não para de pensar em mim desde ontem, não é?

Babi: (rindo cinicamente) Maicon, só você para me fazer rir, sabia?

Maicon: (meloso) Se você ficar comigo você vai rir o tempo todo, Babi.

Babi: É, imagino. De costas. E vai tirando a mão, Maicon.

Maicon: É, tudo bem. (se afasta)

Babi: Tira as duas, antes que eu que enfie a mão na sua cara.

Maicon: Bom, se isso for pra eu me apaixonar mais por você, não precisa.

Babi: Maicon, se liga, Maicon. Você além de ignorante é infantil.

Maicon: Ô Babi. Você me deu uma chance, não deu? Então, vai dizer que você não gostou de ontem. Você tá sozinha, eu também. A gente bem que podia namorar, sabia? Podia não, a gente devia namorar, Babi.

Babi: Maicon, eu tenho vergonha de você. Eu sei que não devia ter dito, mas é isso. Os seus modos, da sua linguagem, da sua ignorância. Agora, por favor Maicon, me deixa ir pra minha aula.

Maicon: Você não tá falando isso de coração não, né, Babi? Ou você não tem um, pelo visto.

Babi: (irritada) Dá licença, Maicon. Sobre meus sentimento, eu tenho gente muito melhor pra falar do que um jogadorzinho de futebol de 3a divisão. (Babi se afasta, Maicon faz menção de ir atrás dela, para e cruza os braços).

Maicon: (com cara triste) E é de segunda, tá. Segunda divisão. Tsc.

Promotora da Vitadrops com várias meninas conversam na rua.

Promotora: E quando vocês entregarem as amostras, digam: Vitadrops vai vitaminar seu beijo. Repitam.

Meninas: Vitadrops vai vitaminar seu beijo.

Promotora: Isso.

Menina 1: (para as outras meninas) Isso não é trabalho de modelo nem aqui nem na China.

Joseane: É, mas foi graças a trabalhos como esse é que a Gisele Bundchen foi parar no Japão.

Menina 1: Jura? Tem certeza?

Joseane: Bom, certeza, certeza não. Mas todo mundo começa por baixo, né? Quem hoje tá por cima da carne seca, meu amor, já engoliu muito angu.

Promotora: Todas pra van que hoje a gente tem um dia cheio. Vamos, que nós vamos percorrer 50 colégios da cidade hoje.

Joseane: (assustada) O quê? Ela disse 50 colégios? Ai, e se o meu for um deles?

Menina 1: Só tem um jeito de descobrir. Entra logo na van, Joseane.

Joseane: Não, não, eu não posso. Imagina se alguém do meu colégio descobre que esse é o meu trabalho de modelo. Não, não, não. Eu tô ferrada. Muito ferrada (suspira)

Tereza e Vera conversam na diretoria.

Tereza: Olha, eu custo a acreditar que a Catarina tenha agredido a Raquel novamente. Eu não acredito nisso. Ela sabia que ia ser expulsa.

Vera: É, e todos os outros professores também. Ninguém tá acreditando nisso. Só que foi fora do colégio, né?

Tereza: É, fora ou dentro do colégio, tanto faz, né, mamãe? Não, eu não acredito. Não acredito. Olha, alguma coisa me diz que tenho que eu que ficar de olho é na Raquel.

Vera: E o que você pretende fazer?

Tereza: Vou chamar ela pra uma conversa. Olho no olho (as duas concordam)

Vera: Boa.

Pedro e Raquel conversam na sala de aula.

Pedro: Raquel, isso não combina com a Catarina. Não consigo acreditar que foi ela que quebrou o seu braço.

Raquel: O problema não é você acreditar em mim, e sim ainda estar apaixonado pela Catarina. Porque você não diz logo que tá louco para voltar com ela?

Pedro: Não era disso que a gente tava falando, Raquel. A Catarina pode ser expulsa do colégio, isso é grave.

Raquel: Quanto a isso não se preocupe, Pedro. Eu prometo que eu vou fazer tudo que estiver ao meu alcance para evitar a expulsão de sua queridinha.

Pedro: É. Mas isso também não combina com quem acabou de denunciar a Catarina pra direção do colégio.

As meninas descem na frente do 1ª opção. Todas saem do carro, exceto Joseane, que fecha a porta da Van.

Joseane: Hei, não posso distribuir amostra grátis de bala, tá? Não na frente do 1a opção.

Menina 1: Lembra que todo mundo que tá por cima já engoliu angu.

Joseane: Mas isso? Isso é pior que angu. É a xepa da feira, é o sopão dos mendigos do mundo das modelos.

Promotora: (se aproximando) Vamos logo, só falta vocês. (menina 1 se afasta e promotora se vira para Joseane) E você não vêm?

Joseane: (sorrindo falsamente) Sabe o que que é? Nesse colégio vou ficar aqui na van, sentadinha, quietinha, bonitinha, tá? Mas no próximo, olha, eu prometo (beija os dedos em cruz) eu vou fazer o trabalho de todas, e sozinha. Que tal?

Promotora: Ô Joseane, se você não sair dessa van agora, você nunca mais vai ter trabalho nem comigo nem com ninguém. (Joseane suspira).

Eric e Fred estão juntos e chamam Maicon que está passando.

Fred: Ô Maicon, Maicon. Vem cá, vem cá. Então, a gente vai poder te inscrever lá no intercolegial, né?

Maicon: Pô, claro que sim, meu. Pode contar comigo.

Eric: É compromisso, hein Maicon. Não vai ter outro goleiro no time a não ser você, hein?

Maicon: Falou em futebol, pode contar comigo que eu tô mais certo que a bola (eles se apertam as mãos)

Babi: (se aproximando) Não que eu tenha nada a ver com isso, tá, mas você é um idiota se pensa que meu pai vai autorizar você a disputar um campeonato do colégio sendo atleta financiando do clube do qual MEU pai é presidente.

Maicon: Deixa eu te falar uma coisinha, Babi. Não é só seus conselhos que eu tô dispensando não, tá? É você inteira. Toma sua reta e segue seu caminho, seu rumo, sua patriçona. Pode contar comigo, rapaziada. Fui. (Maicon sai)

Babi: (nervosa) Grosso. (Eric e Fred riem da Babi. Babi faz cara feia para eles e eles ficam sem graça)

A promotora e as meninas na frente da escola, inclusive Joseane.

Joseane: Por favor, não me obriga a ir, vai.

Promotora: Você que sabe. Mas com essa atitude a sua carreira de modelo já era.

Joseane: Mas é que tô, tô, atchim. Tô resfriada (finge fungar) Eu tô resfriada, não vai dar.

Promotora: E daí?

Joseane: Como e daí? Eu vou queimar o filme do produto. Não é uma bala com vitamina C? Como é que vou aparecer espirrando, com nariz escorrendo todo.

Promotora: Não. Isso não dá. Se o nariz escorrer você usa um lençinho. (tira do bolso um pacote de papel kleenex)

Joseane: (pegando o pacote) Lençinho é?

Promotora: Mais algum problema, Joseane?

Joseane: Talvez. Mas nada que uma modelo responsável, profissional como eu não possa superar, certo?

Promotora: O que que foi dessa vez?

Joseane: Os drops. Você não me deu. Eu preciso deles pra arrebentar. (promotora sai para pegar as balas e Joseane fala sozinha) Eu vou é me arrebentar. (faz o sinal da cruz e respira fundo)

Tereza e Raquel conversam na diretoria.

Tereza: Então, Raquel, você confirma o que você disse antes?

Raquel: (fingindo chorar) Eu não queria prejudicar a Catarina.

Tereza: Não, mas espera aí. Isso é um outro assunto que não cabe a você decidir. Eu só quero que você me fale agora a verdade.

Raquel: Então tá bom. Eu confirmo sim. Foi a Catarina que me agrediu. Ela quebrou meu braço. É horrível ter que admitir isso, mas eu tenho medo da Catarina. Infelizmente foi isso que aconteceu sim. Minha própria irmã quebrou meu braço.

Tereza: Tudo bem Raquel. Você pode... Obrigada mais uma vez, viu!

Raquel: Obrigada. (Raquel sai da sala e Vera entra)

Vera: E aí, Tetê? O que que você achou?

Tereza: Triste. Amanhã vou chamar a Cláudia aqui no colégio.

Vera: Então quer dizer que voce vai...

Tereza: Eu não acredito em uma palavra que essa menina disse.

Joseane na frente da escola com balas Vitadrops em uma bandeja.

Joseane: Vitadrops, tem um sabor que você sempre sonhou com um preço que você sempre quis.

Baleiro: Ô filhinha, vê se eu tô alegre com um monte de mulher bonita distribuindo bala de graça aqui no meu ponto. (se afasta)

Promotora: Joseane, você tá dando bala pro baleiro?

Joseane: Ué.

Promotora: É pra distribuir pros alunos.

Joseane: É pra já. (promotora se afasta). Vamo, Joseane, coragem. (Joseane deixa os drops caírem).

Godói: (percebe e se aproxima) E aí, você quer uma ajudinha aí, gatinha? (começa a pegar os drops no chão) Hein, gatinha? Joseane? Josi? Josi? O que que você tá fazendo aqui, Joseane?

Joseane: Eu? Eu não tô aqui. Você não me viu aqui, Godói, certo? (fazendo cara de brava)

Godói: (com cara de medo) Aham! Aham!

Duda: (se aproximando, junto com Obama, Fred, Eric, Lúcio e Franja) Ô, moça, descola aí uma bala pra galera, vai?

Joseane: (escondendo o rosto) Tá aqui, tá aqui com ele, ó. Tudo com ele.

Godói: Tá tudo aqui comigo.

Franja: Calma aí, essa aí não é a ...

Godói: É a garota que entrega balas de graça. Isso mesmo, de sabor de limão, né. (é empurrado de lado pelo Franja).

Franja: Não, não. É a Joseane.

Duda: Joseane, é você mesma?

Eric: (gritando) Olha a Joseane distribuindo bala aí, galera. (todos riem)

Joseane: Vitadrops é a única bala refrescante que garante 20% da sua necessidade diária de vitamina C.

Obama: (rindo) Então esse é o seu trabalho de modelo?

Lúcio: Joseane, cadê os desfiles chiquerérrimos, as mega produções. Você é uma mentirosa mesmo, né garota?

Joseane: (fazendo cara e voz de choro) Vitadrops, vai vitaminar seu beijo.

Maicon pratica defesa no clube.

Maicon: Ué, parou por quê? (Mílton se aproxima) Oi, seu Mílton. Tudo bem? Eu não tinha visto o senhor aí não, desculpa.

Mílton: Sinal que você tá prestando atenção no trabalho, né? (Maicon concorda) Isso é muito bom, muito bom. Diferente do que me trouxe aqui, né?

Maicon: Ô meu São Barbosa, pintou sujeira de novo.

Mílton: Eu aposto que você já deve tá adivinhando o que eu tenho pra falar, né?

Maicon: (com cara aflita) Eu não faço nem ideia, senhor.

Mílton: A Babi contou tudo.

Maicon: (assustado) Tudo? (tenta enrolar) Mas sabe como é que é, né. Não é porque eu sou uma pessoa simples que eu não tenho amor pelas pessoas na minha vida particular, entendeu?

Mílton: Claro, o amor é fundamental em tudo na vida.

Maicon: Mas olha só, é um sentimento especial e verdadeiro. É só amor, só love, só love. Entendeu, seu Mílton?

Mílton: Mas que conversa é essa? Eu tô me referindo ao fato de você jogar bola numa pelada de colégio. Mas você tá falando do quê?

Maicon: (gaguejando) Eu também. Quando eu falei só amor, é porque eu falei da bola, entendeu? Eu não posso ver a bola passar na minha frente, dá vontade de agarrar e levar pra casa.

Mílton: Mas pode agarrar Maicon.

Maicon: Agarrar quem?

Mílton: A bola, ora bolas. Você tá debochando de mim?

Maicon: Não, não, não, nunca, jamais.

Mílton: Escuta, vou deixar uma coisa bem clara pra você. A nossa relação não é afetiva, entendeu? É profissional. Tem contrato, tem dinheiro investido aí nessa brincadeira. E depois o Nacional não pode perder o goleiro porque ele se machucou jogando pelada no colégio.

Maicon: Eu sei, seu Mílton. Me desculpa, tá.

Mílton: Tá, então mostra que você sabe e se comporte como um profissional e não como um moleque.

Maicon: O senhor tem toda razão, eu agi feito um bobo mesmo. Mas olha só, pode deixar, que futebol é só pelo Nacional, treinando ou jogando.

Mílton: (cutucando Maicon) É isso que eu espero.

Maicon: Tá bom, obrigado, seu Mílton. (Mílton se afasta e ele fala sozinho) Aí, tá vendo? Você é um vacilão mesmo, né? Também, jacaré que acompanha macaco dá nisso. Tsc.

Vera, Odilon e Tereza conversam na sala.

Vera: Então quer dizer que você acha mesmo que a Raquel não tá dizendo a verdade. Agora porque motivo essa menina inventaria isso?

Tereza: Eu não sei. Sinceramente. Agora, a Catarina sempre foi uma menina séria, sabe, responsável. Ela não, jamais, iria fazer uma bobagem dessas.

Odilon: É nessas horas que eu agradeço ser apenas um professor, pra não ter que resolver um problemão desses. (silêncio cai no ambiente. Odilon despista) E a viagem com o João, como é que foi?

Tereza: Foi ótima.

Vera: Esse é o Odilon, né? Ele nunca chega pra explicar, sempre pra confundir. E a viagem dela com o João não é da tua conta.

Odilon: Já que você falou em explicar ou confundir, você já explicou pra Tereza que o pedreiro que você contratou pra consertar a midiateca sumiu?

Tereza: (faz cara de espanto) Sumiu?

Vera: Não, é exagero dele. Imagina. Ele faltou um dia, hoje.

Odilon: Faltou. Um dia. Justamente depois de colocar a mão no sinal que sua mãe deu pra ele. E a midiateca tá lá, toda quebrada.

Tereza: A midiateca toda quebrada?

Vera: (irônica) Você é um amor de pessoa, Odilon. Mas é um amor.

Odilon: (com sorriso cínico) Obrigado.

Godói, Joseane e Cadu conversam no lado de fora da escola.

Godói: (para Joseane) Não fica assim, Joseane. Se aquela galera ali tivesse um pingão de inteligência, iam saber que você ...

Joseane: ... sou um idiota. Não, porque só isso explica eu estudar num colégio com uma cambada de mauriçoca. Ai gente, vocês viram o jeito que eles me olharam? Me olharam como se eu fosse uma...

Cadu: ...uma mentirosa? Também não precisava ter mentido, né, Joseane.

Joseane: E eu ia falar o quê, Cadu? Que eu não sirvo pros estudos, que eu não tenho nenhum talento especial. Meu destino é passar a vida inteira limpando mesa de boteco.

Cadu: Você pode dizer que... (Godói gesticula para Cadu) ...que você tá correndo atrás do seu sonho. Não é verdade, Joseane?

Joseane: Olha, Cadu, a verdade é que minha carreira de modelo é um fracasso.

Cadu: Nem por isso você vai desistir, né, Joseane?

Joseane: Eu vou desistir sim. Do fracasso. Porque do sucesso, minha gente, nunquinha. Olha, eu vou falar uma coisa pra vocês, tá. Eu vou vencer na vida. Vou. Nem que seja trabalhando honestamente. Vencer, na vida. (eles fazem um high-five de grupo e celebram).

Cadu: Você vai.

Godói: Isso mesmo.

Theo e Lorelai estão no quarto. Lorelai beija Theo, que está ocupado com o celular.

Lorelai: (manhosa) Ahmm. Para com isso aí, vai.

Theo: Ai, calma, Lorelai, só um instantinho. Tô checando o volume do viva-voz do meu celular. Amanhã tem que dar tudo direitinho, sabe, a gente vai dar um flagra na Raquel.

Lorelai: A Catarina vai chamar a Raquel para conversar e vai fazer falar tudo.

Theo: É. E aí eu plugo meu celular no sistema de som do colégio, e amplifico a conversa delas pra todo mundo ouvir do colégio. É boa a ideia, né?

Lorelai: A questão é: o que o Pedro acha disso?

Theo: O Pedro não acha nada. Ele não sabe.

Lorelai: Você tá maluco, Theo? A Raquel é namorada dele.

Theo: Sim, mas eu devia esse favor pra Catarina, né? Ela sabe que de som e de eletrônica ninguém entende melhor que o mestre aqui.

Lorelai: (ouriçada) Ai, mestre? Essa sua autoconfiança tá me deixando até animada. (se beijam)

Theo: Lorelai, você acha que esse esquema vai dar certo?

Lorelai: O seu e da Catarina eu não sei, mas o meu e o seu eu tenho certeza. Seu Pintinho saiu e a Josiane foi visitar a mãe.

Theo: Quer dizer que os estudos estão liberados.

Lorelai: Liberadíssimos. Mas ó, é pra estudar com dedicação, viu!

Theo: (sorrindo) Não precisa falar duas vezes. (os dois se beijam)

No clube, Babi toma sol e lê uma revista. Maicon se aproxima.

Maicon: Olha aqui, Babi, que história é essa de você contar pro seu pai que eu tô jogando bola com o pessoal do colégio, hein?

Babi: (com desdém) Ah, caiu da boca, falei por falar.

Maicon: (irritado) Caiu da boca, falou por falar. Você tá querendo me prejudicar, queimar meu filme, isso sim.

Babi: Sim, Maicon. Eu passo dias e noites pensando num jeito de atrapalhar sua vida.

Maicon: Mas é isso que parece mesmo, sabia?

Babi: Maicon, dá pra parar de me encher o saco e sair da frente do sol que você tá tampando.

Maicon: Sabe o que que é, eu tava pensando: você tem vergonha de mim por causa de seu pai, né, quer dizer, por ele ser o presidente do clube, ser dono de rede de hotéis, piloto de iate, não é?

Babi: Olha Maicon, não que eu precise de uma razão pra ter vergonha de você que não seja você mesmo, mas sim, meu pai é um cara culto, inteligente, elegante, bonito, rico... ah, meu pai é tudo de bom, né Maicon.

Maicon: E é óbvio que não gostaria de saber que a princesinha dele passou uma noite com jogador de futebol, não é?

Babi: Maicon, você não se atreva, tá? Foi uma noite só, e mesmo assim eu achei que ia morrer e me arrependo.

Maicon: Ah é, então continua falando da minha vida pro seu pai que eu também vou começar a contar da sua, tá? Patricinha.

Babi: (levantando a voz) Maicon. Volta aqui. Maicon. Você não se atreva. Volta aqui (bate com a revista na perna).

Theo e Lorelai continuam se beijando. Theo se levanta agitado.

Lorelai: Você tem que ir pra casa, né?

Theo: Tenho. Tenho que pegar um trem, tenho que pegar um ônibus. Tô morto de cansado.

Lorelai: (decepcionada) Então pra você chega de namoro, né?

Theo: Ah, eu acho melhor. Eu vou chegar tardão em casa.

Lorelai: Você quer mesmo encarar?

Theo: Você não acha melhor?

Lorelai: Ah, se você não quiser continuar namorando, se tiver muito cansado.

Theo: Não. Pensando... Cansado? Não, não tô cansado não. (os dois voltam a se beijar e deitam na cama)

Mapa indo de Montana para Rocca. Catarina e Cláudia conversam na sala de casa.

Catarina: Mãe, eu sei, eu sei que você não vai acreditar em mim, mas eu não fiz isso. Eu não quebrei o braço da Raquel. Aliás, eu nem acho que o braço dela tá quebrado de verdade.

Cláudia: Filha, eu acredito em você. Eu acredito sim. E olha, amanhã eu vou lá no colégio e vou dizer pra Tereza que eu não aceito que você seja expulsa. E que eu vou abrir até um inquérito na polícia se for preciso. Chega. Chega dessa garota atrapalhar a sua vida desse jeito.

Catarina: Não, mãe, não vai precisar disso não.

Cláudia: Porque não, filha?

Catarina: Já pensei em outro jeito de desmascarar a Raquel.

Cláudia: De que jeito, Catarina?

Theo e Lorelai entram na sala, aflitos.

Lorelai: Ai Theo, isso não podia ter acontecido. Não podia mesmo.

Theo: Eu sei. Você acha o quê? Que eu fiz de propósito, é?

Lorelai: Não, mas... mas você podia ter tomado mais cuidado, né?

Theo: Foi um acidente, caramba.

Lorelai: (cobrindo o rosto) Ai meu Deus. (tirando a mão do rosto) O que a gente faz agora, Theo? (Theo faz cara de aflito)

Dona Zica e Maicon conversam no quarto dele.

Dona Zica: Ah, isso é verdade. Tá uma beleza mesmo. Eu hein. Não aguentava mais ficar com aquela tipóia, sabe? Meu braço parecia uma peça de carne pendurada num frigorífico de um açougue. (ri) Mas não muda de assunto não, hein garoto.

Maicon: Ô mãe, não precisa ficar nervosa, né?

Dona Zica: (nervosa) Quem disse que eu tô nervosa?

Maicon: Ninguém, mas já é a sexta vez que a senhora dobra minhas camisas.

Dona Zica: Era só o que me faltava. A tal chega aqui no seu quarto, né, achando que era dona da casa e vem dizer que meu filho não serve pra ela? Ah, comigo não, violão.

Maicon: Ah, ela acha que é uma princesa que não serve pra qualquer um.

Dona Zica: Ah, mas é claro, agora ela vai ter que correr muito atrás, viu! Que príncipe, meu filho, ó, não está fácil não.

Maicon: Ô mãe. Sabe qual é o prazer dela? Tirar a azeitona da minha empada e botar caroço no meu angu.

Dona Zica: Olha a boca, Maicon. Eu hein. Você fala como um estivador e quer namorar a filha de presidente de clube.

Maicon: Eu não quero não, mãe. Nem quero a peça. E a senhora que não se meta, tá!

Dona Zica: (apertando o braço de Maicon) Olha lá como fala com tua mãe, hein!

Maicon: Desculpa, mãe. Eu fiquei meio nervoso. O que eu quero dizer é que é pra senhora não se aborrecer e deixar que eu resolvo, tá?

Dona Zica: Claro, claro. Pilatos também lavou as mãos, não é? (Maicon concorda) Então se a professorinha chegar aqui e começar a te desancar na minha frente, que que eu faço, hein?

Viro pro lado. Finjo que nem é comigo. Que tu nem é meu filho. Ela que me apareça pra ver o que vai ouvir, tá?

Maicon: Ô mãe, não faz assim não, tá. Olha só, deixa que eu resolvo isso. EU vou esculachar ela, tá?

Dona Zica: Que é isso. Tu tá louco, Maicon? Ela é filha de presidente de clube, garoto. Tu não pode fazer isso não. Quer ficar de reserva de novo?

Maicon: Mas não foi isso que a senhora tava dizendo?

Dona Zica: Não, não vou dizer nada disso. Tu é que faz tudo errado, né? Maicon, meu filho, meu filho, Maicon. Tu quer me ver acabada, hein? Quer me ver de cabelo branco, é isso?

Maicon: Não, mãe, imagina. Ó, pensando nisso, eu até já comprei aquela tinta que a senhora pediu, porque no salão é muito caro, é mais barato.

Dona Zica: Não muda de assunto não, hein, garoto. Anda, que tu vai fazer?

Maicon: O que eu vou fazer, mãe? O que a senhora me falou, né?

Dona Zica: (se acalmando) Ah, ótimo. (pausa) Mas o que foi que eu te falei?

Maicon: Que a senhora me falou? Falou que... Falou que com a Babi já não tem mais amizade nem mais conversa.

Dona Zica: Isso, meu cabrito, é isso. Se ela tá se achando muito boa pra você, tira essa garota da tua cabeça, entendeu? Tu tem que cuidar da sua vida, Maicon.

Maicon: Ô, mãe. A senhora é a melhor mãe do mundo, sabia. Ó, sempre que eu tô com um problema, eu já penso na senhora, troco de ânimo, e tô pronto pra qualquer pedreira que vier.

Dona Zica: Ah, meu cabrito safado.

Maicon: Vamos continuar a dobrar.

Dona Zica: Não aguento mais dobrar isso aqui. Leva isso aqui, leva. (pegando uma camiseta)

Pedro e Theo conversam na rua.

Pedro: E quando foi isso, Theo?

Theo: Ontem, Pedro.

Pedro: (exaltado) Theo, como é que você foi deixar isso acontecer, cara? Você não usou camisinha?

Theo: Usei, mas estourou.

Pedro: Cara, foi ontem isso, né. Você tem certeza?

Theo: Lógico que tenho. Você acha que vou me enganar com um troço desses?

Pedro: Calma. Calma. Ainda deve dar pra usar a pílula do dia seguinte.

Theo: Deve dar ou dá?

Pedro: Dá, acho que dá. Não sei cara, não sei. Eu nunca passei por isso antes.

Theo: Dá pra parar de me criticar e me ajudar um pouco?

Pedro: Faz o seguinte. Dá meia volta e vai pro hospital, tá. E lá você procura a Cláudia, a mãe da Catarina. Ela vai te orientar.

Theo: Mas agora?

Pedro: Não. Não, não é urgente. Vai semana que vem. Aliás, o nome da pílula é esse, pílula da semana que vem, não é isso.

Theo: Tá bom Pedro. Mas agora não posso.

Pedro: Por que não, Theo? (o celular de Theo toca)

Theo: (pegando o celular) Ô Pedro, eu vou depois da aula, tá. Confia em mim. Vai. Vai pra aula, tá. Vai pra aula, tá.

Pedro: Acho bom que você saiba que tá fazendo. (Pedro vai embora e Theo atende o telefone).

Theo: (ao celular) Pronto Catarina. Tô, tô aqui já sim.

Catarina: (na rua) Tá certo, Theo. É só deixar o celular no viva-voz, tá? Vai se preparando aí, Theo. A Raquel acabou de chegar. (se vira e chama) Raquel (volta ao celular) Tô indo falar com ela, Theo. Boa sorte pra você também (põe o celular ligado na bolsa enquanto Raquel se aproxima)

Raquel: (sorrindo) Veio me esperar perto do colégio, é? Ah, não, acho que é porque você não pode mais entrar. Que pena.

Catarina: Eu quero olhar bem pra tua cara pra tentar entender como uma pessoa tem coragem de mentir tanto.

Theo mexe no sistema de áudio da escola.

Theo: Pronto. Celular, ok. Agora é só ligar o som com o áudio. Droga, era pra ter ligado. Deve ser algum fio desplugado, só pode ser. Só pode ser. Vai Theozinho, a Raquel tá abrindo o bico.

Vera: (se aproxima sorrateiramente) Eu posso saber quem é que te deu autorização pra meter a sua mão no circuito interno de som do colégio, hein, Theo?

Catarina e Raquel continua conversando na rua.

Catarina: Como é que você teve coragem de mentir tanto pra tanta gente, hein?

Raquel: (com desdém) Você teve o que merecia.

Catarina: Só queria saber o que motivava uma pessoa a fazer tudo o que você fez comigo, Raquel.

Raquel: Você quer mesmo saber?

Catarina: É tudo que eu mais quero nessa vida.

Raquel: Então eu vou te contar, Catarina.

Transcrição 3	Data: 23/02/2011	17h40 às 18h00	22:34 minutos
----------------------	-------------------------	-----------------------	----------------------

Catarina e Raquel discutem no meio da rua.

Catarina: Você armou direitinha pra mim, não é, Raquel? Disse que ia me fazer ser expulsa do colégio e vai conseguir isso.

Raquel: Ao contrário de você, desde pequena eu tive que aprender a lutar pelas coisas, tá?

Catarina: Agora todo mundo acha que eu quebrei seu braço.

Raquel: Quem manda ter fama de brigona. Brigou com a Ângela depois bateu em mim no banheiro do colégio (sorrindo).

Catarina: (agitada) Eu nunca bati em você, Raquel.

Raquel: Eu sei disso e você também. Pena que ninguém mais saiba, não é, Catarina (close de um celular conectado ao Theo).

Dentro da escola.

Vera: E aí, Theo, tô aqui, continuo esperando uma explicação. Você não sabia que é proibido aluno mexer aí?

Theo: Eu sei Vera, eu sei, mas é importante.

Vera: (parecendo nervosa) Importante pra quê? Ou pra quem? Ah, já sei. (irônica) Você teve uma brilhante ideia e vai fazer uma declaração de amor em público, é isso, Theo?

Theo: Sério Vera, é importante pra Catarina.

Vera: (com cara de dúvida) Catarina?

No pátio, Maicon, Eric e Fred.

Maicon: (nervoso) Ô galera, vocês vão me desculpar, mas não vai dar pra eu jogar não, valeu?

Eric: Mas você prometeu, Maicon.

Maicon: Claro, pra não deixar vocês na mão, pô. Mas eu sou profissional, rapaziada. Olha só. Eu tenho compromisso lá com meu clube. Se o presidente descobre, ele me mata. Ó, uma vez, outro dia, só porque eu joguei uma bolinha ele queria pegar meu pescoço. Eu hein! Por falar na peste, ó!

Um carro preto se aproxima, com a Bárbara e o presidente do clube. Dentro do carro:

Presidente Milton: Olha o Maicon lá! Vamos falar com ele.

Babi: (séria) Não tô a fim de papo com ele não.

Presidente Milton: (preocupado) Bárbara, você jura que você não tá tendo nada com esse rapaz, né?

Babi: Pai, esse cara é um boçal. Qualquer dia ele se afoga com a própria baba.

No pátio:

Maicon: Tá vendo rapaziada. Ele tá "rodiando" aqui, ó. Vai sujar pra mim se eu jogar esse intercolegial no time do 1a opção, pô.

Fred: A gente não vai conta pra ninguém, Maicon. A gente promete, né Eric.

Eric: É, é cara. E outra coisa, é só um joguinho. É bom para manter a forma.

Fred: Vamo.

Maicon: Tá bom, mas vocês não podem contar pra ninguém. Principalmente pra Babi, tá bom? (eles se apertam as mãos).

Catarina e Raquel continuam discutindo no meio da rua.

Catarina: Você sabia que seu fosse acusada de outra agressão ia ser expulsa do colégio. Então foi só dizer que eu quebrei seu braço e pronto, não é, Raquel?

Raquel: As melhores ideias são as mais simples.

Catarina: Me diz uma coisa, como você arranhou esse gesso fajuto, hein?

Raquel: Quem disse que é fajuto?

Catarina: Não vai me dizer que você quebrou o braço de propósito só pra me acusar? (Raquel faz cara de culpada) Se bem que você seria capaz disso, não é? Não se bateu toda no banheiro do colégio só pra me acusar?

Raquel: (rindo) Precisava ver sua cara aquele dia. Confessa, vai. Você esperava tudo menos aquilo.

Catarina: Foi você que me prendeu na sauna do clube, não foi?

Raquel: (com ar de superioridade) Essa foi fácil.

Catarina: Quanto trabalho, hein, Raquel? Só pra me prejudicar.

Raquel: (se gabando) Não, trabalho mesmo deu colar sua agenda nas paredes do colégio. (close de um celular conectado com Theo, com o tempo passando) Nossa, coitada da Ângela, apanhou sem ter feito nada.

Catarina: (assustada) Isso foi você também? (Raquel ri). Claro, tinha que ser.

Raquel: Viu como é fácil enganar você, Catarina? É tão fácil que quase perde a graça. Quase.

Catarina: Por que, Raquel? Que eu fiz pra você me odiar tanto, hein?

Raquel: Seu pai me rejeitou. Ele me escondeu do mundo. O Fausto me humilhou de todas as formas que um pai pode humilhar uma filha. Eu era só uma criança, Catarina. Foi muita crueldade dele.

Catarina: Mas eu não sou meu pai.

Raquel: (irritada) Mas é a filhinha querida dele. Tanto que quando o Fausto soube que a Cláudia tava grávida ele abandonou minha mãe. Aminha mãe também tava grávida. Mas ele preferiu você. Será que é tão difícil assim entender porque eu tenho raiva de você, Catarina? (close no celular conectado com o Theo e o tempo passando) Se você não existisse a minha vida teria sido outra.

No colégio, Theo segura um celular conectado ao sistema de áudio da escola:

Catarina: (só a voz) Então é isso? (a câmera passa pelos alunos que ouvem a conversa das duas) Então você fez todas essas armações porque acha que eu sou culpada de tudo de ruim que aconteceu na sua vida?

Raquel: Eu não acho que você é culpada. Eu tenho certeza. Não reclama, porque não sofreu nem um décimo do que eu já sofri na vida, tá? E o melhor é que o colégio todo pensa que a irmã legal sou eu. (rindo) E você, Catarina, é a ruim da história.

Theo: Não falei que era importante, Vera? (Vera com cara de abismada).

Catarina e Raquel de novo na rua.

Catarina: Bem, Raquel. Eu acho que eu ouvi tudo que eu precisava ouvir. (indo embora)

Raquel: (estica o braço e a para) Calma, eu ainda não acabei com você.

Catarina: Mas eu já acabei com você. Mais do que você imagina.

Raquel: O que você quer dizer com isso?

Catarina: Você se acha muito esperta, não é, Raquel? Acha que pode manipular todo mundo, inclusive a mim. Você me manipulou mesmo, eu reconheço. Mas agora acabou. Daqui pra frente vai ser muito difícil você me pegar nas suas armaçõeszinhas.

Raquel: Isso é o que vamos ver.

Catarina: É, vamo vê. E algo me diz que não vai demorar muito. (Raquel sai fazendo ar de desdém. Catarina sorri).

Raquel entra na escola. Após avançar alguns metros, os colegas a cercam e o Professor Agenor se aproxima.

Raquel: (ri nervosa) Oi gente.

Professor Agenor: Mineca, há um limite pra tudo.

Raquel: Tá falando do quê, vô?

Professor Agenor: Minha querida, você vai enfrentar muita dificuldade. Você vai chega à beira do abismo, mas vai ser um momento muito importante para você. Um momento para você definir o seu verdadeiro caráter.

Raquel: (ri nervosa e olha em volta) Vô, não tô entendendo. (Tereza se aproxima).

Tereza: (séria) Raquel, pra minha sala agora.

Raquel: Gente, o que deu em vocês?

Tereza: (se impacientando) Eu falei agora (Tereza e Raquel saem).

Tereza e Raquel conversam na sala da Tereza.

Raquel: Era uma conversa particular. A Catarina não tinha o direito de me expor assim.

Tereza: E quanto à cópia do diário da sua irmã nas paredes do colégio. Se isso não for expor a vida particular de alguém, eu realmente não sei o que que é!

Raquel: Eu não fiz isso. Só falei essas coisas no calor da discussão.

Tereza: (irritada) Para. Para, Raquel, que você tá se complicando. Meu Deus, onde é que você tava com a cabeça quando fez essas barbaridades com a Catarina? Ela é sua irmã.

Raquel: (com cara de coitada) A Catarina sempre teve tudo. O amor, o respeito em casa e no colégio. Eu nunca tive nada disso.

Tereza: Olha, agir assim com uma pessoa que nunca fez nada contra você.

Raquel: Caráter se aprende em casa. Você sabe que eu não tive os melhores exemplos disso. Pelo menos não da parte do meu pai.

Tereza: Muito bem, Raquel. Por conta das suas dificuldades pessoais e seus problemas familiares, em nome da amizade que eu tinha com sua mãe, e também pelo pedido do seu avô, eu não vou te expulsar. Você vai ser suspensa por dois dias, o que é muito pouco pelo que você aprontou. Agora quero que você saiba uma coisa: você não vai ter uma segunda chance, você entendeu. (Raquel concorda)

Catarina e Theo conversam no pátio.

Catarina: Nem sei como te agradecer, Theo. Você foi demais.

Theo: (faz cara de pouca modéstia) Não, que é isso. (os dois riem) Você despencou atrás do Arthur. Eu é que devia ter visto essa. Mas agora eu tenho que falar com a TUA mãe no hospital.

Catarina (cara de preocupada) Por quê? Aconteceu alguma coisa com a D. Lourdes?

Theo: Não, ainda não. Quer dizer, não! É um outro lance que eu tenho que desenrolar aí, tá? Tchau gatinha. (sai correndo).

Chegam Professor Agenor, Fred, Babi e Duda.

Fred: Caraca, Catarina. A história da Raquel é muito sinistra. Essa garota é completamente maluca.

Duda: Desculpa, Catarina, desculpa mesmo. Desculpa, desculpa. A gente nunca devia ter duvidado do você

Catarina: Tudo bem. Se a Raquel conseguiu me enganar, imagine você que é 1000 vezes mais bobinha, né? (aperta as bochechas da Duda)

Duda: Tava demorando para dar o troco. (as duas riem).

Arthur: (se aproximando) Quer dizer que essa garota não prestava, né? Fui o único que sempre tive do seu lado, Catarina.

Catarina: Eu não esqueci isso. Obrigada.

Pedro: (se aproximando) Catarina, posso falar com você?

Catarina: (cara séria) Parece que já tá falando...

Pedro: Queria pedir desculpas. A Raquel me enrolou direitinho. Eu pensei que era você que vivia implicando com ela por...

Catarina: Ciúmes?

Pedro: É. Por ciúmes.

Catarina: Você não foi o único que achou isso.

Babi: Por falar da perigosa, ó. (todos se viram para Raquel, que chega do lado oposto do pátio, e é vaiada. Ela fica constrangida e sai correndo. A câmera focaliza Godói e Joseane)

Joseane: Nossa Godói, e eu que achei que não tivesse vergonha maior do que essa aí que eu passei ontem na porta do colégio.

Godói: Ô Joseane, relaxa, Jô. Olha só, comparado com esse king kong da Raquel, fingir que é modelo é um miquinho básico.

Volta para Professor Agenor, Pedro, Babi, Duda e Catarina.

Pedro: Tomara que essa garota suma logo de uma vez.

Duda: Pode crer. Vai ser melhor pra todo mundo aqui.

Professor Agenor: Crianças, a Raquel cometeu erros muito graves, mas ela continua sendo irmã de vocês. (todos se entreolham)

Aparece um mapa indo do colégio 1ª opção até Correntes. Theo conversa com a Dra. Cláudia em um consultório.

Theo: A gente usou camisinha, mas com um arzinho dentro.

Cláudia: Sei, e aí o preservativo arrebentou.

Theo: (cara aflita) É. O que a gente faz, hein, doutora? Dizem que tem uma tal da pílula do dia seguinte, mas a gente não sabe direito o que é.

Cláudia: Bom, ela é parecida com a pílula convencional, só que com uma quantidade de hormônio muito maior. Me diz uma coisa, Theo: faz mais de 3 dias que vocês transaram?

Theo: Não. Mas por quê?

Cláudia: Porque a 1ª dose ela só pode ser tomada até 72 horas depois da relação sexual, senão não adianta mais. Daí, a segunda dose só pode ser tomada 12 horas depois da primeira, entendeu? A Lorelai ela vai ter que vir correndo pro hospital porque a cada minuto que passa diminui a eficácia.

Theo: Ah, você não pode me dar a pílula para entregar para a Lorelai?

Cláudia: Bom, os postos de saúde, os hospitais públicos distribuem a pílula. É um direito da mulher. Só que ela tem que passar primeiro no ginecologista, por que não é todo mundo que pode tomar.

Theo: (assustado) Caraca, não sabia disso.

Cláudia: Pois é. Agora já sabe. Agora, Theo, eu quero deixar uma coisa muito clara: a pílula do dia seguinte ela só pode ser tomada em casos de emergência, tá? Ela não substitui a pílula anticoncepcional, entendeu?

Theo: Por quê? Ela faz mal à saúde?

Cláudia: Além de ela ter pouca eficácia, ela tem uma quantidade muito grande de hormônio, então ela pode causar dor-de-cabeça, enjoos, vômitos, além de bagunçar o ciclo menstrual da mulher, entendeu? Agora, Theo, outra coisa: nem essa pílula do dia seguinte e nem a pílula convencional liberam o uso da camisinha, por favor!

Theo: Ah, eu sei. Por causa da AIDS.

Cláudia: Além de todas as doenças sexualmente transmissíveis. Agora faz um favor. Liga já pra sua namorada que eu vou tentar marcar com o ginecologista pra ela aqui no hospital, tá?

Theo: Tá bom.

Cláudia: E juízo, hein? (Theo faz cara de envergonhado).

Raquel passa pelo pátio rapidamente, seguido por Pedro.

Pedro: (chamando) Raquel!

Raquel: Eu vou embora daqui Pedro.

Pedro: (puxando Raquel pelo braço) Raquel. Porque você fez isso com a Catarina?

Raquel: Você só pensa na Catarina. Mesmo eu tendo sido vaiada por todo mundo no colégio, é com ela que você tá preocupado.

Pedro: (exaltado) Tudo bem! Me fala de outra pessoa então. Porque você mentiu pra mim desde o primeiro segundo que você me conheceu?

Raquel: Eu?

Pedro: Não me faz de idiota, Raquel! Eu quero saber a verdade.

Raquel: Tá legal Pedro. Eu vou te contar a verdade.

Lorelai fala ao telefone da sala de casa com Theo.

Lorelai: (agitada) Simples? Você só diz que é simples por que não é o seu corpo, né? Esquece, Theo. Eu só vou poder ir no médico amanhã, e antes disso não vou tomar pílula do dia seguinte coisa nenhuma. (porta se abre, e entra Joseane. As duas se olham.) Tem gente aqui agora, depois a gente se fala, tá? (Joseane faz cara de constrangida).

Theo fala da sala de casa.

Theo: Não desliga, Lorelai. Não desliga. Ó, me escuta. Eu conversei com a Dra. Cláudia, tá, e ela me explicou tudo, não tem perigo. Ela até dá receita. É, você tem que tomar logo a pílula senão não vai fazer efeito. Não, Lorelai, depois não. Não. Não. Não. Depois não. (desliga o telefone).

Lurdes: Ô Theo. (Theo se assusta e se vira) Você transou sem camisinha?

Pedro e Raquel conversam no pátio do colégio.

Pedro: (nervoso) Fala o que tá acontecendo, Raquel.

Raquel: Eu vou te contar, Pedro.

Pedro: Não, mas eu quero a verdade. Cê entendeu? Então tudo o que você fez, tudo o que você disse até agora era mentira? Era uma farsa, era um teatro que você montou, é isso? Foi tudo só para prejudicar a Catarina? Sem medir, sem se preocupar com o sentimento dos outros, Raquel. Você... você mentiu até sobre ter gostado de mim?

Raquel: (chorando) Não Pedro. Isso não. Deixa eu te contar. Eu fiz tudo isso, no início era só pra prejudicar a Catarina mesmo, e fui atrás de você pra infernizar a vida dela, mas depois me apaixonei por você de verdade.

Pedro: Como é que vou acreditar em você, Raquel, depois de tudo que você fez.

Raquel: Pedro, eu juro que nunca mais minto pra você. Mas me perdoa pelo amor de Deus. Eu fiz tudo isso, não tem desculpa, eu sei, mas eu te amo mais do que tudo nessa vida. Você é a única pessoa que me resta, Pedro. A única pessoa que eu tenho no mundo.
 Pedro: Não dá pra acreditar. Pra mim é tudo mentira, Raquel. Essa paixão que você diz ter por mim, esse teu pavor por sexo, esse cara que fica te seguindo, Raquel. Pra mim é tudo mentira. (Pedro sai).

Raquel: (sozinha e chorando) Não é mentira, Pedro. Não é mentira.

Tereza, professor Agenor, professor Odilon e Vera conversam na sala de Tereza.

Vera: Bom, eu acho que dessa vez essa menina toma juízo, né?

Professor Odilon: Tereza, a Raquel não tem um responsável com quem você possa conversar?

Tereza: Ela é órfã, Professor Odilon! E ela fez a matrícula dela sozinha. Ela é maior de idade.

Professor Agenor: Mas eu, eu lembro que a Maria Eduarda casou, pelo menos duas vezes.

Tereza: É, mas no preenchimento dos documentos ela deixou o campo pai em branco. Ela não reconhece ninguém como pai dela.

Professor Odilon: Será que essa moça vai querer continuar estudando aqui depois de tudo que aconteceu? Desculpa, Agenor, mas ela passou muita vergonha hoje aqui, não foi?

Professor Agenor: Tudo bem, Odilon. Eu não vou desistir da Raquel e espero que ela também não desista do colégio. (se levanta) Bem, vocês vão me dar licença, mas hoje o dia foi muito puxado, mesmo para um jovem como eu (Vera e Professor Agenor riem). Eu vou para casa.

Professor Odilon: (se levanta também) Eu também já vou indo, meninas. Beijo, beijo. (todos se despedem)

Vera: Ah, que dia, bom, pelo menos acho que está tudo resolvido, né?

Tereza: Nem tudo, né, mamãe. A obrinha que a senhora contratou e pagou tá completamente parada. (Vera sorri sem graça)

Vera e Pintinho conversam do lado de fora do restaurante do tio Pintinho.

Pintinho: Vai lá. Vai lá rapaz. Leva as coisa lá pra dentro.

Vera: Ô seu Pintinho, o Vincelau deu as caras hoje?

Pintinho: Ah, quem dera, rapaz. É que a mãe dele ficou doente lá no Maranhão e ele teve que sair correndo para cuidar dela, coitado.

Vera: Coitada de mim, né? Não deixou endereço, telefone, nenhum contato, nada?

Pintinho: Não, não deixou nada.

Vera: Deixou sim. Deixou a midiateca do colégio inteira quebrada, acredita?

Pintinho: Se a senhor quiser eu falo com o engenheiro que assumiu a obra no lugar do Vencelau, ele é muito bom.

Vera: É, seu Pintinho. Vamo com calma que a última pessoa que o senhor me indicou levou meu dinheiro e não acabou o serviço.

Pintinho: É, tem razão. Desculpe, então é melhor eu não indicar ninguém mais...

Vera: Tudo bem. (para e pensa) Pensando bem, seu Pintinho, é melhor o senhor me indicar sim. Por que ó, eu tenho que arrumar um jeito, não tem nada pior, eu tô aguentando a Tereza me acusando, os alunos reclamando e o Odilon na minha orelha zombando. É melhor o senhor me dar o telefone.

Pintinho: Eu vou pegar pra senhora. Aguarda um minutinho.

Vera: Tá.

Pintinho: Vai Juca, vamo produzir. Que é que você vai ficar fazendo aqui, meu filho.

Tereza e João conversam. Milena e Andréa ao fundo comentam.

Andréa: Ié, parece que o João tá mesmo namorando mesmo a diretora do nosso colégio.

Milena: Eu pergunto se eu tive a pouca sorte de ter os gens dele, ou se eu sou adotada.

Andréa: Acho que adotada.

Milena: Se o João namorar mesmo a Tereza, ele pode me pedir de joelhos que eu nunca mais chamo ele de pai, nem com uma escopeta na cabeça.

João: (se vira para Milena e Andréa) Vamos mocinhas.

Tereza, João, Milena e Andréa saem do colégio.

Milena: Você tinha dito que ia me levar no boliche. Agora deu pra mentir, é? Isso é meio infantil.

João: Eu falei que ia te levar ao boliche quando a gente voltasse de Angra. Não falei que era hoje.

Milena: Então, já não voltou?

João: Sim meu amor, mas eu queria levar a Tereza para jantar hoje. A gente não pode ir amanhã, Milena? Qual é o problema?

Milena: Ai, tá bom. Se você não tem maturidade para cumprir com seus compromissos.

Andréa: Ô, Milena, deixa de ser chata, ele te leva amanhã. Dá no mesmo.

Milena: Não dá no mesmo, não.

João: Escuta aqui, Milena...

Tereza: (interrompendo João) Olha, por que a gente não faz o seguinte? Podemos ir todos ao boliche e depois a gente pode comer numa pizzaria. Que que vocês acham?

João: (debochado) Eu acho uma ótima ideia.

Andréa: Eu também acho. E com duas duplas vai até ser mais divertido. Não é, Milena?

Milena: Era pra ser um programa familiar, mas se a maioria prefere assim... A democracia é o pior dos regimes, mas ainda não inventaram melhor. (todos riem)

Cláudia, Professor Agenor, Catarina, Duda e Fred conversam na sala de casa.

Cláudia: Eu não acredito que a Raquel planejou tudo nos mínimos detalhes só pra te prejudicar.

Duda: Todas as coisas que ela fez. Não dá pra acreditar, mãe.

Fred: O colégio inteiro ouviu confessar tudo que ela fez.

Duda: E aquela história do suco no meu vestido. Óbvio que foi ela, e eu culpando você. Desculpa. (para si) Burra. Burra.

Catarina: Não, tudo bem, gente. O importante é que esse pesadelo agora acabou, graças a Deus.

Cláudia: Acabou mesmo. Por que eu não quero mais ver essa Raquel na minha frente.

Professor Agenor: Mas Cláudia, veja bem. Tudo bem, a Raquel cometeu erros terríveis, mas é evidente que esta moça está perturbada. Ela precisa de um apoio psicológico e de uma coisa que ela nunca teve na vida: carinho.

Cláudia: Nossa, Seu Agenor, me desculpe, mas essa Raquel ela vai procurar o que precisa longe dos meus filhos, por que aqui em casa ela não põe mais os pés.

Joseane e Lorelai conversam.

Joseane: Transar sem camisinha, Lorelai? Maior vacilona você, hein?

Lorelai: Ah, Joseane, não foi nada disso.

Joseane: Pra cima de mim, Lorelai? Eu escutei o papo de vocês.

Lorelai: A gente usou camisinha, tá? O problema é que deu errado. A gente botou de um jeito que não era pra botar e entrou ar, sei lá, só sei que estourou. Agora o Theo quer que eu use a pílula do dia seguinte.

Joseane: Nossa, mas existe isso?

Lorelai: Existe. Mas eu não tomo um troço desse sem falar com meu médico de jeito nenhum. E mesmo assim, não sei não.

Joseane: Nem eu.

Lorelai: Vai saber.

Theo e Lurdes conversam em casa.

Lurdes: (aos berros) Mas porque é que você não usou camisinha, criatura?

Theo: (exaltado) Eu usei, mãe, eu usei. (se acalmando) Eu usei, mas acho que usei errado, por que deu um probleminha e estourou.

Geraldo: (entrando) Lurdes, para de gritar com o menino. Ó, os vizinhos estão ouvindo tudo.

Lurdes: Eu vou parar, eu vou parar de gritar com ele para gritar com você, Geraldo.

Geraldo: Comigo? Mas eu não fiz nada.

Lurdes: Ah, é por isso mesmo. Se tivesse feito, agora o Theo não corria o risco de ser pai.

Geraldo: Pai? Theo, você não usou as camisinhas que eu deixei pela casa, meu filho?

Theo: (nervoso) Eu usei, pai, eu usei. Deu errado. Na hora estourou, sabe?

Geraldo: (para Lurdes) Tá vendo, Lurdes, tá vendo? Camisinha ele tinha.

Lurdes: Se você tivesse explicado pra ele direitinho como um pai deve fazer, ele não tinha feito as coisas de um jeito errado, Geraldo. Bem que eu quis, né? Eu quis pegar a banana, colocar a camisinha, explicar direitinho como é que funcionava, mas não, não deixaram.

Geraldo: (interrompendo Lurdes) Banana ia ser um exagero, né Lurdes.

Lurdes: (aos berros novamente) Cala a boca Geraldo, cala a boca, que você tá me deixando mais irritada, mais nervosa ainda.

Geraldo: Theo, vai pegar o remedinho da sua mãe. (Theo sai às pressas)

Lurdes: Olha Geraldo, Geraldo, se a namorada desse aí fica grávida eu vou ter que triplicar a dose desse remédio.

Geraldo: Calma, Lurdes, calma. Olha, vamos pensar positivo. Daqui pra frente o Theo não vai fazer mais besteira.

Theo: É mãezinha, eu prometo que nunca mais vai...

Lurdes: (interrompendo Theo) Tira a mão de mim. E precisa fazer mais alguma coisa, precisa, Theo, precisa? Ai, incrível.

Pedro ouve música e relembra parte do dia.

Raquel: Mesmo sendo a melhor amiga da Cláudia, o Fausto se aproveitou da fragilidade dela. Nove meses depois eu nasci. Ele dizia que ia abandonar a Cláudia para ficar com ela, mas o problema todo é que a Cláudia também engravidou alguns meses depois.

Pedro: Aí não teve coragem de abandonar uma mulher grávida.

Raquel: Não Pedro. Aí ele teve que escolher que mulher grávida que ele ia abandonar.

Pedro: (suspirando) Então ele decidiu abandonar sua mãe e esconder sua existência dos outros filhos e da Cláudia esse tempo todo.

Raquel: Pra você ver como a decisão de uma pessoa pode mudar radicalmente a vida de tantas outras.

Pedro relembra outro momento.

Raquel: Ele não vai parar de me perseguir. Ele vai me procurar em toda parte. Não tem como conversar, ele quer que eu me engane.

Pedro: Você tá falando de quê? É do Fausto, você está falando do Fausto? Ele te agrediu, foi isso?

Raquel: Aquele desgraçado teve coragem de fazer isso. Ele quer descobrir onde eu tô. Ele quer usar tudo que é podre a meu respeito e eu tô aqui, feito uma boba esperando ele me pegar. Ai que ódio. Eu quero que ele morra.

Pedro: Calma, vai ficar tudo bem. Vem cá.

Pedro: (no presente) Raquel, o que tem de errado com você?

Catarina e Cláudia conversam na cozinha de casa.

Cláudia: Vai engordar hein?

Catarina: É melhor que passar fome.

Cláudia: Filha, me diz uma coisa. Agora que passou tudo isso, como é que fica, hein, entre você e o Pedro?

Catarina: Eu vou procurar ele e dizer que tô a fim. Vou falar pro Pedro que se ele quiser voltar, eu também quero.

Cláudia: (sorrindo) Hmm, que decidida. (as duas riem).

Catarina: Fiz muita besteira, mãe. Dei ouvido ao meu pai, viajei, namorei o Lúcio, mas eu nunca esqueci o Pedro. Só espero que ele não tenha esquecido de mim, né?

Cláudia: Filha, será que não é melhor esperar um tempinho pro Pedro também esquecer a Raquel?

Catarina: Não tô preocupada com a Raquel na vida do Pedro. Eu só quero que ele volte a lembrar da gente. De nós dois, só isso, mãe.

Mais tarde, Catarina e Cláudia conversam.

Catarina: Não vai jantar em casa hoje, mãe?

Cláudia: Ih, filha, não vai dar. Tô cheia de trabalho, tenho plantão, será que você pode providenciar o jantar de seus irmãos pra mim, por favor?

Catarina: Ih, eu vou pedir para o vovô providenciar, tá? É que eu tô pensando em ligar pro Pedro. Quem sabe jantar com ele. Se ele quiser, é claro.

Cláudia: (sorrindo) Hmm, faz muito bem. (as duas se beijam) Bom dia, amor.

Catarina: Bom dia pra você também.

Cláudia: Tchau querida.

Passa alguns segundos e a campainha toca. Catarina abre a porta.

Catarina: Voltou mãe?

Henrique: Bom dia. Essa aqui é a casa do Fausto Barreto?

Catarina: Não. Quer dizer, já foi um dia.

Henrique: Já vi que a explicação é um pouco complexa, né?

Catarina: Ele é meu pai, mas tá separado da minha mãe. Não mora mais aqui.

Henrique: (constrangido) Ah, Desculpe. Mas é um tipo de coisa que eu não podia prever, né?

Catarina: Quer o telefone dele?

Henrique: Vou querer sim. Meu nome é Henrique e eu tô procurando a Raquel Bazan.

Catarina: A Raquel?

Henrique: É. Você conhece ela?

Catarina: Conheço sim.

Henrique: E sabe me dizer onde ela tá?

Catarina: Não, mas o senhor é alguma coisa dela?

Henrique: Sou sim. Sou o padrasto da Raquel. (Raquel faz cara desconfiada)

Transcrição 4	Data: 24/02/2011	17h40 às 18h00	22:34 minutos
----------------------	-------------------------	-----------------------	----------------------

Catarina e o padrasto da Raquel.

Catarina: Padrasto da Raquel?

Henrique: Eu mesmo! Será que eu posso entrar?

Catarina: Claro! Desculpa. Entra.

Henrique: Obrigado.

Catarina: É, meu nome é Catarina. Eu sou a filha do Fausto.

Henrique: Ah, você é a irmã da Raquel. Nossa, eu tinha muita vontade de conhecer você.

Catarina: Senta, por favor.

Henrique: Olha não precisa ficar constrangida, viu Catarina. Eu sei que a relação do Fausto com a Raquel era ruim. E com vocês nunca existiu, né? E sei também que a minha filhota tem um temperamento bem difícil.

Catarina: O senhor quer um café, um copo d'água?

Henrique: Bom, já que você tá oferecendo, eu vou querer os dois. Mas você não tem nenhuma ideia onde eu posso encontrar a Raquel?

Catarina: Uhummm! Talvez meu pai ou então o Pedro possa saber.

Henrique: Quem que é esse Pedro?

Catarina: É o namorado da Raquel.

Maicon e sua mãe, dona Zica, no quarto dele.

Dona Zica (desconfiada): Ontem eu vindo pra cá eu ouvi uns meninos lá do colégio dizendo que tu ia agarrar, que não ia fazer feio. Éé que agora o Primeira Opção ia ganhar o campeonato. Cê tá sabendo de alguma coisa disso Maicon?

Maicon (se fazendo de desentendido): Óó mãe, tu deve tá confundindo as coisas, sabe como é né? Ouviu o galo cantar e não sabe aonde. Miro no coelho e acabou acertando no papagaio. Viu o que essa molecada é? Um bando de papagaio, isso sim.

Dona Zica: Huummm! Então quer dizer que tu não sabe nada?

Maicon: Não tô sabendo de nada mãezinha.

Dona Zica (irritada e apertando a orelha de Maicon): Sabe sim é não quê me conta. Mas vai ou então eu arranco essa orelha e depois eu arranco a outra pra ficar igual.

Maicon: Aii mãe! O pessoal faz fofoca e eu que pago o pato, é? Eu sou profissional mãe. Só jogo pelo Nacional, a senhora sabe.

Dona Zica: Maicon, Maicon, ô Maicon! Tira minhoca dessa sua cabeça meu filho. Eu já achei muito da estranha a Babi se meter a falar mal de você do nada.

Maicon: Ah, mas isso é o esporte favorito dela. Ela não vive sem isso.

Dona Zica: É. E qual é o seu esporte profissional hein que o clube Nacional te paga? O futebol. Por isso vamos parar de jogar peladinha de um colégio contra o outro, entendeu?

Maicon: Jamais dona Zica. Ih, nunca. Eu sou um profissional. Nunca ia me meter a fazer uma besteira dessa. Mas olha só. Pensa comigo. Se por um acaso eu me envolvesse num campeonato de intercolegial a senhora taria ali comemorando por mim na arquibancada, não é mãezinha?

Dona Zica (aparentando chateada): Ih meu filho. Não ia dá tempo.

Maicon (surpreso): Não ia? Por quê?

Dona Zica: Não ia, porque eu ia tá muito ocupada com o teu enterro (gritando).

Maicon (assustado): Que isso?!

Dona Zica: Seu estrupício, irresponsável.

Maicon: Ai mãe, calma!

Dona Zica: Ai Maicon (gritando). Meu Deus!

Maicon: Eu não fiz nada.

Catarina e Henrique, padrasto da Raquel, tomando café e conversando sentados no sofá da sala.

Catarina: O senhor aceita mais um?

Henrique: Não, obrigado Catarina. E, por favor, pode me chamar de você. Os amigos, inclusive, me chamam de Rique.

Catarina: Rique.

Henrique (receoso): É, a Raquel entrou em contato com você Catarina? Vocês conversaram?

Catarina: É. Nós nos conhecemos sim. Ela tá estudando no mesmo colégio que eu e meus irmãos.

Henrique: Ah, sei. Catarina, a Raquel é uma pessoa doce. Ela só precisa de atenção, de cuidado, sabe? Ela ficou muito tempo amargurada, com raiva por não ter sido reconhecida como filha do seu pai e acabo projetando essa raiva pra cima de você também.

Catarina (pensativa): Humm.

Henrique (chateado): Ah, desculpa. Eu não devia ter falado isso.

Catarina: Não, não. Tudo bem. Não é novidade que a Raquel não gosta de mim, né?

Henrique: Olha eu nem sabia que ela tinha se mudado pra cá. Não entendi nada, porque lá em casa ela tem tudo que quer: dinheiro, espaço, liberdade, empregados; enfim tudo que ela quiser.

Catarina: É. Não foi atrás de herança que a Raquel veio né? Só olha a nossa casa. Uma casa comum.

Henrique (pensativo): É. Talvez a Raquel esteja precisando mais de mim do que do meu dinheiro, né?

Olha Catarina, eu vim praticamente direto do aeroporto pra cá. Eu tô doido pra saber como ela tá, o que ela tem feito. Será que você não podia me apresentar esse Pedro, namorado dela?

Catarina fica apreensiva.

Lorelai e doutora Cláudia no consultório.

Dr^a Cláudia: Pode ficar tranquila que eu não comentei com ninguém o que a gente conversou. Nem com a Catarina.

Lorelai: Ah, pra ela não tem problema. É minha melhor amiga. Eu mesmo vou contar.

Dr^a Cláudia: Então, agora que você já sabe tudo sobre a pílula do dia seguinte, o ginecologista te examinou, te liberou e aí, vai tomar?

Lorelai (confusa): Não sei. Porque tem os efeitos colaterais: enjoo, dor de cabeça; e pelo o que eu entendi, pode nem funcionar.

Dr^a Cláudia: Bom, já se passaram mais de 48 horas da relação sexual, né? Então o índice de falha pode chegar a quarenta e dois por cento. Mas melhor que nada, né?

Lorelai (apreensiva): Aii que saco! Por que que essa droga de camisinha foi estourar, hein?

Dr^a Cláudia: Porque vocês não colocaram direito né, dona Lorelai? Espero que tenha aprendido a lição.

Lorelai: Pode fica tranquila que depois desse susto, eu e o Théo vamo tomar todo o cuidado desse mundo.

Dr^a Cláudia: É bom mesmo.

Lorelai: Brigada.

Maicon, Eric e Fred conversando no corredor da escola.

Eric: Aí Maicon, o pessoal do time ficou animadão quando soube que você ia jogar cara.

Fred: Com você no time dá pra gente ganha o campeonato, cara.

Eric: É a cara a gente vai ganhar.

Maicon (desesperado): Fala baixo, fala baixo a Babi tá aqui do lado. Disfarça pô.

Eric e Fred: Tá bom (saem e deixam o Maicon sozinho).

Maicon (olhando o Fred e Eric saindo): Não, não. Vou quebrar a sua cara. Ahhaannn

Babi que está observando se aproxima de Maicon.

Babi: Vem cá! Posso saber qual é o segredo?

Maicon (falando baixinho): Nada.

Babi: Ah, já sei. Vai dá aula de comportamento, né? Na hípica? Ensinar cavalo a dar coice.

Maicon: Ah, tá curiosa né? Mulher é assim mesmo. Adora ver pelo em ovo, chifre em cabeça de cavalo, não é?

Babi: É. Mulher adora fofoca, homem não.

Maicon: Homem não faz fofoca não, não mesmo! Homem só conversa.

Babi: Verdade. Acabei de ver um bando de homem conversando sobre você participar do Intercolegial pelo Primeira Opção.

Maicon: O quê? O cambada de fofoqueiro, né? (indignado)

Babi (irritada): Ah Maicon, eu sei que você não é responsável desde o primeiro segundo que eu te vi e você enfiou a mão debaixo do capô do meu carro, tá?

Maicon: Eu perdi uma unha naquele dia. Olha o meu dedo como é que ficou.

Babi: Ai que nojo! Tira esse dedo daqui, credo. Mas nem você Maicon seria capaz de cometer uma boçalidade de colocar em risco a sua carreira profissional de jogar de futebol por fama de garoto de colégio, né? Vem cá, o que que é hein? Tá querendo pagar de gostoso para alguma garota da sua turma? Faz o seguinte: leva ela pra ver o jogo do Nacional que é mais negócio. Olha essa tua burrice é demais até pra você Maicon (brava).

Maicon: É! E por que você tá preocupada comigo hein Babi?

Babi: Porque você é um bom goleiro Maicon e se você tomar um tranco e se machucar, você vai prejudicar o time do qual o meu pai é presidente. Você se machucar é problema seu. Agora você prejudicar o meu pai, eu não admito.

Maicon: Por um segundo, por um segundinho eu achei que você tava preocupada comigo de verdade.

Babi: Ridículo! (sai andando e deixa Maicon sozinho)

Maicon (indignado): Ô Babi, vem... Você sempre faz isso.

Dodói chega perto de Maicon oferecendo um suco a ele.

Dodói: E aí Michael, vai arrebentar lá no jogo do colégio, né?

Maicon (bravo): Cala boca, fofoqueiro (sai andando apressado).

Dodói (confuso): Que foi?! O que que eu disse? Eu não disse nada Maicon.

Theo e Pedro caminhando pela rua nas proximidades da escola.

Theo: Tomara que a Cláudia tenha convencido a Lorelai de tomar a pílula do dia seguinte, cara. Ela tava toda insegura.

Pedro: Normal. Essa pílula tem vários efeitos colaterais.

Theo: Ah, quer efeito colateral pior do que gravidez na nossa idade?

Pedro: Theo, se você não sabia usar a camisinha, por que você não falou comigo? Eu te explicava.

Theo: Eu não sabia que eu não sabia tá! Vamos fazer o seguinte? Vai pra sua aula tá. Eu vou ligar aqui para a Lorelai pra saber que decisão ela tomo.

Pedro: Theo não vai forçar a garota a fazer nada hein.

Theo levanta os dois braços, faz uma careta e sai andando enquanto o Pedro observa.

Catarina aproxima-se de Pedro na rua com o padrasto da Raquel, Henrique.

Catarina: Oi Pedro. Tava querendo falar com você.

Pedro: Aconteceu alguma coisa?

Catarina: Não. Eu queria te apresentar uma pessoa. Esse aqui é o Henrique. Ele tá precisando falar com você.

Henrique: Oi, tudo bem?

Pedro: Tudo bem Henrique. Tudo bom?

Henrique: Tudo bem Pedro. Mas tirando umas tias aí do interior, ninguém me chama de Henrique, tá bom? Para os amigos eu sou Rique.

Pedro: Tudo bem Rique. Como é que eu posso te ajudar?

Henrique: Bom, se eu entendi bem, você é o namorado da minha filhota, né? Da Raquel.

Pedro olha para a Catarina apreensivo.

Henrique: É, você não é o namorado da Raquel?

Pedro: É. Eu e a Raquel... Sou (apreensivo e confuso). Eu sou o namorado da Raquel sim. Mas, você falou que é o pai dela?

Henrique: É, padrasto. Mas pra mim não faz a menor diferença, sabe Pedro? É como se ela fosse a minha filha.

Catarina: Bom, eu vou deixar vocês conversarem. Pode deixar viu Pedro, eu copio a matéria pra você. Tchau.

Henrique: Tchau Catarina. Obrigado.

(Catarina sai).

Henrique: Pedro eu tô precisando de sua ajuda, cara. Eu queria saber se eu posso contar com você?

Pedro: Contar comigo pra quê?

A coordenadora Vera e o engenheiro da obra conversando na midiateca em obras por causa de um vazamento.

Engenheiro: Olha dna Vera, só tem um jeito de saber: quebrando.

Vera: Quebrando?! Mas o senhor não tá vendo que já tá tudo quebrado.

Engenheiro: Mas não tá quebrado nos lugares certos.

Vera: Tá. Sei. E não dá para o senhor me dar um orçamento assim por cima, só para eu ter uma ideia?

Engenheiro: Olha eu tenho que quebrar o piso e quebrar a parede. Pode ser que tenha algum cano furado ou alguma coisa pior ainda. Pode ser que tenha que trocar tudo aqui, entende?

Vera: Entendo (desanimada). Bom, já que não tem jeito, pode quebrar.

Engenheiro (passando as ordens aos pedreiros): Pode começar.

(O pedreiro começa a bater na parede).

Vera: Escuta, quanto tempo vai demora pra fica pronto?

Engenheiro: Não sei dona Vera. Só quebrando.

(Vera balança cabeça e faz gesto de pouco caso).

Vera (balbuciando): Só quebrando, só quebrando.

A diretora Tereza na sala da diretoria conferindo a sua agenda e entra a sua mãe, a Vera, que é a coordenadora da escola.

Vera: Tetê, já falei com o engenheiro. Ele já começou.

Tereza: E quanto é que vai ficar a obra?

Vera: Então... ele disse que só quebrando pra sabê.

Tereza: Ahhhhaaa, claro! Quebrada vai ficar a minha conta bancária, né mamãe?

Vera: Imagina. Escuta, vamos falar de coisas mais agradáveis, vai. Me conta como é que foi ontem à noite.

Tereza: Uhum, tirando o fato que eu sou uma péssima jogadora de boliche, que eu tô com a minha lombar doendo...

Vera: (risos)

Tereza: Foi ótimo. Ah, o João é tão carinhosos com as filhas.

Vera: E a Milena e a Andréa, elas ficaram à vontade com você?

Tereza: A Andréa sim, a Milena não. A Milena não tá gostando dessa história de eu namorar o pai dela.

Vera: ah, mas a Milena vai se acostumar. Agora, tá. Você vai ter um bom trabalho pra domar as feras, né? Agora o que eu tô gostando mesmo, tô achando tão bonitinho esse brilho nos teus olhos. Tá parecendo uma adolescente apaixonada (empolgada).

Tereza: Não, não, não. Não é bem assim não, dona Vera. Tá muito bom mesmo, mas vamô com calma viu. Eu não vou mergulhar nessa relação de cabeça, não.

Vera: Ai Tereza, pelo amor de Deus! Você pondera demais fillha. Escuta, vocês são adultos, maduros, já separaram porque não deu certo, já estão prontos pra outra. Aproveita, relaxa. O que é que pode dá errado nisso? Me fala.

Milena e Andréa, filhas de João que está namorando a diretora.

Milena: Como o que é que não pode ter nada de errado nisso Andréa? O João tá namorando a diretora do nosso colégio.

Andréa: Ué, qual o problema? A Tereza é legal e é bem inteligente.

Milena: Bem mais inteligente é Marico Hill, Virginia Wolf.

Andréa: Mas elas estão mortas. Eu prefiro madrasta de carne e osso.

Milena: Já eu prefiro não ter madrasta nenhuma.

Andréa: Milena, qual é? O João é novo, bonito, inteligente. Uma hora ele ia se ajeita. Melhor que seja com alguém que a gente conhece.

Milena: A gente conhece a mulher ideal pra ele.

Andréa: Milena, mamãe e João não vão voltar.

Pedro e Henrique continuam conversando na rua da escola.

Pedro: Rique olha eu queria poder te ajudar, mas eu não sei onde a Raquel mora.

Henrique: ô Pedro, você pode confiar em mim cara. Tudo bem que a Raquel nem sempre foi como eu gostaria que ela fosse, mas eu gosto muito dela. Só queria conversar, saber se ela tá precisando de alguma coisa.

Pedro: Pois é! Mas eu tô falando a verdade. Eu nem sei onde é a casa dela.

Henrique: Ahan, ô Pedro como é que você não sabe onde é a casa da Raquel, se você é o namorado dela.

Theo: E aí Pedrão! Eu tive conversando com a Catarina. Tô sentindo cheiro de romance no ar (eufórico).

Pedro (constrangido): Theo, esse...

Theo: Ah, não. Agora que você se livrou da mala da Raquel, vocês podiam voltar a namorar. Você não acha? (Theo pergunta ao Rique)

Theo: Hoo, prazer (animado cumprimentando o Rique). Theo irmão do Pedro.

Henrique: Prazer! Rique, pai da Raquel.

Theo (constrangido): Prazer, seu Rique.

Pedro: Bom, Rique. A gente tá atrasado pra ir pro colégio, tá?

Henrique: É claro. Vão pra aula. Mais tarde, outra hora a gente conversa com calma. Prazer Theo. E ô esquece o seu, é só Rique.

Theo: Tá. Té mais Rique

Theo e Pedro deixam Henrique e saem caminhando.

Theo: Você viu o furo que eu dei?

Pedro: Pra variar, né Theo?

Theo: Como é que eu ia saber que esse cara é o pai da Raquel. Mas pera aí, o pai da Raquel não é o Fausto?

Pedro: Esse aí é o padrasto da Raquel.

Theo: Mas manero o cara né? Depois do furo que eu dei, ele podia me dar uma bela de uma esculachada. Mas não, ele foi bem simpático.

Pedro (desconfiado): Simpático demais pro meu gosto.

Duda, Laura, Obama e Maicon sentados juntos em uma carteira na sala de aula folheando a revista com fotos da Duda. Os outros alunos estão conversando e não há nenhum professor no ambiente.

Laura: Caramba Duda, cê arrasou. Essas fotos daqui ficaram até melhor do que as outras.

Duda: Sabe como é. Com a experiência, tô pegando um pouco mais de afinidade com a câmera.

Obama: Tu tá uma gata hein!

(Maicon olha sério para Obama)

Obama: Com todo respeito, é claro.

Milena e Josiane em outra mesa observam a conversa.

Josiane: Coisa mais ridícula essa babação de ovo pra cima da Duda.

Milena: Pois é. Onde já se viu valorizarem mais um Gisele Bundchen do que uma Hanna Arendt?

Josiane: Ah é. Olha nem sei que é essa Hanna aí, mas deve ser muito mais modelo que essa Gisele aí. Ah se é.

Milena: Se o mundo gostasse de mulheres inteligentes, aí que você tava na lama mesmo Josiane. O que é bonito hoje pode não ser mais no futuro.

Josiane: Ah isso é Mileninha. Se a mulher não se cuida cáí tudo. Embaranga geral. Cruz credo (faz sinal da cruz).

Milena: Eu tô falando historicamente Josiane. Você sabia que ser gorda já foi sinal de beleza?

Josiane: Pera aí, cê tá me gastando (ironizando). Como assim, ser gorda já foi sinal de beleza, gente. É sério?!

João é a diretora Tereza juntos na sala da diretoria do colégio.

João: Você vai continuar recusando o meu convite pra almoça?

Tereza: Ah João desculpa, mas não dá, não dá. Tô cheia de coisa pra resolver aqui: infiltração na midiateca, indisciplina de aluno. Ai parece que às vezes tem uma nuvem negra em cima do colégio, sabe?

João: É. O colégio começou o ano com o pé esquerdo. Ainda mais depois daquela agressão ao Fred no início do ano.

Tereza: Nossa até você tá sabendo disso!

João: O seu colégio tá com problema de imagem Tereza. Você já pensou em consultar um especialista em marketing?

Tereza: (risos) Engraçadinho! Por acaso esse especialista é você é?

João: Tô falando sério Tereza. Teu colégio tá precisando de uma campanha que tire (pausa) essa imagem agressiva do ambiente, sabe?

Tereza (irônica): Han han. E você pelo jeito já sabe exatamente o que fazer né?

João: Eu sou marqueteiro, não sou mágico. Mas quem sabe depois de uma conversa eu possa ter uma grande ideia. Quem sabe depois de um almoço de trabalho.

Tereza (rindo): Almoço pra discutir essas ideias hein!

João: Aliás, eu acabei de ter uma ótima ideia. Vamos ver o que você acha? (abraça a Tereza, a beija e é correspondido)

Em sala de aula, professor Odilon em frente ao quadro que no centro do mesmo tem uma televisão ligada reproduzindo imagens de algumas cidades e dois painéis (um acima e outro abaixo desta televisão) com recortes, onde se destaca um com a proximidade da câmera que ressalta dicas de como passar no vestibular. Há em torno de 15 alunos sentados em carteiras comunitárias. Alguns estão de costas para o quadro, mas voltam as suas cabeças para olhar o professor explanando.

Professor Odilon: Várias cidades do interior do Brasil como um todo estão crescendo e reduzindo a população das grandes metrópoles. Que consequências isso pode ter?

Fred: Menos favelas.

Theo: Mais emprego.

Dodói (levanta a mão): Mais duplas de sertanejo universitário

(Theo bate na cabeça de Dodói)

Professor Odilon (ironiza): Ha, ha, ha! Adorei a sua ideia Dodói: duplas. Eu quero que vocês formem pares, discutam esse assunto e façam uma resenha de vinte linhas. Vai rápido! Rapidinhooo!

A cena é deslocada do professor e centralizada em uma das carteiras onde está o Arthur e outros dois alunos. Depois passa para onde estão Theo, Dodói e mais uma aluna. Chega Arthur e chama Dodói.

Arthur: Dodói, eu posso fazer com você?

Dodói: Desculpa Arthur, mas eu já tinha combinado de fazer com o Theo. Foi mal.

Arthur: Tá, tudo bem!

Arthur sai e volta para a carteira onde estava sentado anteriormente:

Arthur: Quê fazer comigo cara?

Aluno: Pô cara, valeu! Mas eu já tenho dupla (arruma seus materiais e levanta-se).

Aluna: Eu também. (pega os materiais e sai)

Professor Odilon está apoiado com uma das mãos na parede observando a sala. Depois anda um pouco até perto do quadro. Andréa senta-se junto ao Arthur e o professor permanece no mesmo lugar.

Andréa: Oi! Tá sem dupla?

Arthur: Ninguém quer fazer comigo, né?

Andréa: Eu faço com você vai!

Arthur (surpreso): Jura!

Andréa: Pega logo esse livro antes que eu desista.

Em outra sala de aula a professora Márcia, que leciona História, está em pé, atrás da mesa, em frente ao quadro que contém uma tela interativa com o logo do colégio. A sala está com todas as carteiras ocupadas.

Professora Márcia: Não esqueçam de ler o texto sobre o início do Estado Novo para a próxima aula, ok?

(Todos os alunos levantam-se rapidamente, muitas conversas e a professora sai logo em seguida sem despedir-se).

Pedro está arrumando os seus cadernos na mochila e Catarina se aproxima.

Catarina: Oi Pedro. Falou com Rique?

Pedro: Esse tal de Rique fez várias perguntas sobre a Raquel, se eu sei onde ela mora, como ela tá. Achei muito esquisito, viu!

Catarina: Por quê? Ele é padrasto da garota, deve tá preocupado.

Pedro: Se isso é verdade, como é que ele não sabe onde é que ela mora? Achei esse cara meio esquisito, viu! Acho que você não devia dá corda pra ele não.

Catarina: Que corda que eu dei Pedro?! o sujeito apareceu na minha casa perguntando pela enteada, eu ia fazer o quê?

Pedro: Devia ter perguntado pra Raquel se esse cara é de confiança, se é do bem, antes de trazer o cara pro colégio onde ela estuda.

Catarina: Não sei se você percebeu Pedro. Mas depois do que aconteceu ontem, eu e a Raquel não somos assim melhores amigas.

Pedro: Por que que você não me ligou então?

Catarina: Às seis da manhã (irritada), Pedro! Deixa de paranoia. É o padrasto da garota. Ela tá precisando mesmo de alguém pra cuida dela. De preferência dá limites.

Pedro: Bom, eu vou vê com a Raquel se esse cara é de confiança.

Catarina: Eu não acredito Pedro! (indignada)

Pedro: Que que é?! (surpreso)

Catarina: Agora que você sabe quem é a Raquel, de tudo que ela fez, você continua namorando com ela?

Pedro: Escuta Catarina, é complicado.

Catarina: Não, não é. É simples. É sim ou não?!

Pedro: Bom, Catarina eu (pausa). Eu não sei. Eu não sei se eu tô namorando a Raquel.

(Catarina fica olhando muito chateada para Pedro)

Arthur e Andréa saindo da sala de aula e dirigindo-se para o pátio.

Andréa: A tua popularidade não anda tão em alta por aqui, né?

Arthur: Nunca fui grande coisas, mas piorou bastante.

Andréa: É! Você se drogou e agrediu um cara. Quem ficaria confortável perto de um viciado? Ainda mais um viciado agressivo.

Arthur: Eu sou um dependente químico em tratamento.

Andréa: E depois do tratamento? Você nunca mais se drogou?

Arthur: Não! Claro que não!

Joseane, Duda e Milena juntas na cantina da escola.

Atendente: Duda, seu suco.

Joseane: Que absurdo! Por que que o suco da Duda veio antes do meu?

Duda: Ué, que tal por que eu pedi primeiro. Olha Josiane, definitivamente isto não tem nada a ver com o fato da minha carreira de modelo ter decolado, mas a sua não!

Joseane: Ah Duda, você se acha a única garota bonita do colégio, né? (irônica) Mas fique sabendo que não é bem assim não, tá meu amor? Tem muitas outras garotas bonitas por aqui, tá Duda?

Duda: (risos) Tá bom então. (sai)

Joseane: (grita) Deixa estar jacaré, que quem ri por último ri muito melhor.

Milena: Nem sempre Josiane. Às vezes que ri por último é porque não entendeu a piada (risos).

Josiane: Ahan! Não entendi (constrangida)

Milena: Esquece!

João e Tereza caminhando no corredor do colégio.

João: Já que não vai rolar o nosso almoço, bem que podia rolar outra ida ao boliche. Foi bem legal ontem.

Tereza: Foi. Suas filhas são ótimas. Sem falar que elas são lindas, né?

João: Elas e o colégio todo né? A começar da diretora.

Tereza: (risos) Sabe que eu queria que essa imagem que você tem de mim durasse pra sempre.

João: É isso Tereza! Como é que eu não pensei nisso antes?

Tereza: Nisso o quê? (confusa)

João: Tereza, esse colégio tá cheio de menina bonita. É esse o caminho pra tal campanha alto astral que eu te falei. Vamô bota essa moçada pra eleger a gata do colégio e aí a imagem dessa menina vai ficar vinculada com a imagem do colégio pra sempre.

Tereza: Você tá propondo fazer um concurso de beleza, é isso?

João: Não Tereza. Muito mais que isso. É uma campanha de mobilização da moçada pra escolher a garota propaganda do Primeira Opção! Hein?!

Tereza: (sorri satisfeita)

Theo e Seu Pintinho em pé na sala da casa.

Seu Pintinho: Ela tá mal Theo. Tá muito mal! Eu tô até levando esse chazinho aqui pra ela.

Theo: Mal?! Mas mal como?

Seu Pintinho: (assoprando o chá) Ela tá sentindo enjoo, dor de cabeça, dá até ânsia de vômito.

Theo: (assustado) Mas ela disse por quê? Por que esses sintomas podem ter várias explicações, né?

Seu Pintinho: Eu sei bem quais são essas várias explicações viu Théo? (enfático)

Theo: Sabe?

Seu Pintinho: Sei Theo, sei sim. Vocês, jovens, são uns irresponsáveis, tá bom?!

Theo: ô Seu Pintinho, também não é assim.

Seu Pintinho: É assim sim Theo. É assim sim. A Lorelai tá assim desse jeito porque ela comeu o que não te devia, não é seu Theo?

Theo: (esboça um sorriso tímido).

Seu Pintinho: Deixa eu vê com ela (sai em direção do quarto da Lorelai)

Theo: (Suspira preocupado)

Pedro, Dona Lurdes (mãe dele), Geraldo (pai dele) na sala de casa deles olhando alguns papéis.

Geraldo: Filho, tá aqui meu filho a escritura da nossa casa. Agora a gente é dono mesmo hein!

Dona Lurdes: Ai que bom! Mas olha filho, se não fosse essas festas que você deu nos últimos meses, a gente não tinha conseguido.

Geraldo: É filho.

Pedro: Não, não mãe. Eu ajudei sim, mas o grosso quem pagou foi o pai.

Dona Lurdes: (sorri) Olha só!

Todos estão sorrindo e olhando a escritura, quando alguém bate na porta.

Pedro: Deixa que eu atendo.

Geraldo: (olhando a escritura e mostrando à dona Lurdes) Olha isso aqui.

Dona Lurdes: É. Você viu tudo direitinho?

Pedro abre a porta e vê à Raquel.

Raquel: Recebi seu recado Pedro. Diz que é trote. O Rique não apareceu no colégio me procurando não né? (assustada)

(Pedro fica olhando fixamente para ela)

Arthur e Andréa andando na rua.

Andréa: Me conta como é o tratamento para viciados em drogas Arthur. É muito sinistro?

Arthur: Andréa prefiro não falar sobre isso.

Andréa: Tá, tudo bem. Voltando ao trabalho de Geografia.

(Eles encontram o aluno Marcos e outro rapaz conversando)

Marcos: Chega aí Arthur rapidinho (pausa de repente).

Rapaz: Ô cumpadi. Essa mulher não é sujeira não?

Andréa: Chega aí aonde? E por que eu seria sujeira?

Rapaz (olhando para Marcos): Ihhh tudo tá de K.O hein!

Andréa: (confusa) Arthur, o que que tá acontecendo aqui?

(Marcos olha bravo para Arthur, que fica quieto).

Maicon e o time correndo do Nacional pelo campo treinando. Maicon para e bebe água e o presidente Milton aproxima-se dele.

Maicon: Oi Seu Milton, tudo bem?

Presidente Milton: Ia tá bem como se você só me apronta Maicon?

Maicon: Eu? Mas o que eu fiz dessa vez?

Presidente Milton: você mentiu pra mim. Você disse que ia se dedicar só ao clube, mas se inscreveu para participar do campeonato intercolegial pela tua escola.

Maicon: Mas, olha Seu Milton...

Presidente Milton: Olha nada rapaz. Você pensa que sou idiota?

Maicon: Ai depende!

Presidente Milton: (indignado) Como é que é?

Maicon: Isso mesmo! Ai depende.

Presidente Milton: Dependendo do quê?

Maicon: Depende de quem contou isso pro senhor.

Presidente Milton: (irritado) Quem contou isso foi a minha filha, por quê? Ela tá mentindo por acaso?

(Babi, filha do presidente, chega e segura em um dos braços do pai)

Maicon olhando para a Babi: Não, ela não tá mentindo não. Mas já que ela contou isso, ela também contou sobre nós dois?

Presidente Milton olhando para a Babi: Sobre vocês dois? Que que tem vocês dois?! Você e a Babi Maicon?

(Babi observa fazendo cara de surpresa e Maicon demonstra irritação)

Pedro e Raquel no quarto dele.

Raquel muito chateada: Começou o inferno de novo. Ele dizendo que quer chegar perto de mim! O sonho do Rique é que eu tivesse presa no porão da casa dele.

Pedro: Esse cara fala como se fosse extremamente preocupado com você. Como se fosse teu pai.

Raquel: (indignada) Meu pai o Rique? Ele é um cínico, maldito, canalha. Ele é o meu pior pesadelo, isso sim Pedro!

Pedro: Mas o que ele quer com você então?

Raquel: (muito desconfortável) Não interessa! É coisa minha. Maldade!

Pedro: Raquel acho que você devia ter procurado a polícia já ou advogado pra resolver essa história de uma vez por todas. Se esse cara é tão perigoso assim...

Raquel: Como é que ele chegou em você Pedro?

Pedro: Ele me encontrou no colégio.

Raquel: (chorando) como é que ele descobriu que eu estudava lá?!

Pedro: Ele foi procurar primeiro a Catarina e a Catarina...

Raquel: A Catarina! Meu Deus! Ela me odeia tanto assim ao ponto de trazer esse homem de volta pra minha vida. Pedro a minha irmã quer que eu morra.

Transcrição 5	Data: 25/02/2011	17h40 às 18h00	22:34 minutos
----------------------	-------------------------	-----------------------	----------------------

Raquel e Pedro conversam no quarto dele.

Raquel (nervosa): ... ela quer que eu morra.

Pedro: Olha só, você é que tem que escutar você mesmo repetindo essa mesma ladainha. Parece que tudo que acontece de errado na sua vida é culpa da Catarina, não é. Você tem que se tratar Raquel.

Raquel (chorando): Eu agi errado, eu sei. Eu admito. Eu não devia ter culpado ela pelo o que o Fausto fez comigo.

Pedro: Você tava mais errada ainda por ter sido falsa, cínica, cretina, do jeito que você tratou todo mundo do colégio, até os seus irmãos.

Raquel: Eu tenho que reaprender a ser responsável pela minha própria vida Pedro. Só que não é fácil.

Pedro: Finalmente parece que a gente tá falando a mesma língua, né?

Raquel: Mas a Catarina não devia ter trazido o Rique.

Pedro: Não foi a Catarina que trouxe o Rique. Eu já te disse isso. Afinal que é esse cara? Por que que você tem tanto medo dele?

(Raquel permanece em silêncio)

Babi, o presidente Milton (pai de Babi) e Maicon no campo de treinamento.

Presidente Milton: Então, voltando ao nosso assunto Maicon, você ia dizer alguma coisas em sua defesa antes da Babi nos interromper.

Maicon: É isso mesmo seu Milton. Olha só, nada que livre a minha cara ou me isente de qualquer culpa, mas essa brincadeira de denunciar um ao outro...; o senhor tem que saber que nós dois, eu e a Babi, nós (interrompido pela Babi).

Babi: Nos odiamos.

Presidente Milton: O quê?

Babi: É isso mesmo pai. Foi ódio a primeira vista.

Maicon: Não, não é nada disso não.

Babi: Não precisa mentir Maicon. Pai você sabe que eu sou geniosa.

Presidente Milton: Ohh se sei!

Babi: Então. Esse garoto me irrita tanto mais tanto que eu não aguentei e resolvi dedurar que ele ia participar do intercolegial.

Maicon: Mmmaass...

Presidente Milton e Babi: Cala a boca!

(Maicon olha desapontado e irritado para os dois)

Presidente Milton: Fala minha filha. Então papai é isso. Olha Maicon desculpa por ter te dedurado, tá? Mas eu só estava pensando no bem-estar do clube, o qual o papai é presidente.

Maicon tentando falar: Seu Milton...

Presidente Milton: Calado. Muito bem Babi. Como filha do presidente do clube você não fez mais nada que a sua obrigação.

Maicon: Só que seu Milton eu e a Babi e a Babi e eu...

Babi: Chega Maicon! Nada do que você disser vai mudar a sua situação. Papai vai te perdoar pela sua falta de profissionalismo, porque você é o melhor jogador do time. Mas pare de fazer besteira (enfática).

Maicon: Seu Milton, só um minutinho.

Babi: Agora se você continuar dando notícias que adoeça ou aborreça o meu papai, você não sabe o que ele é capaz de fazer... com você.

Presidente Milton: É Maicon. É a segunda vez que você falta com responsabilidade em menos de uma semana da minha gestão.

Maicon: Eu sei seu Milton, mas...

Presidente Milton: Se sabe, por que é que insiste? Ou você acha que desculpa é uma palavra mágica que vai te livrar de todos os males?

Maicon: Não, não...

Presidente Milton: A Babi tem razão viu. Se você continuar me trazendo notícia ruim, eu tenho ponho pra fora do Nacional.

(Maicon esboça reação)

Presidente Milton: Tamô entendido?! (Beija a Babi e sai)

(Babi observa tudo satisfeita)

Babi: Tchau papai.

Maicon: Seu Milton eu...

(Maicon faz bico para a Babi)

Babi: Não adianta fazer biquinho não tá? Porque você mereceu. (sai andando)

Maicon: Olha só Babi, sua... Volta, volta aqui (sai atrás dela).

Andréa, Artur, Marcos e um rapaz conversam na rua perto da escola.

Marcos: Chega aí Arthur. Vamô tira esse peso dos ombros, alivia essa tensão que a vida põe na gente. Chega aí. Eu sei que você tá precisando. Vem! (gesticula chamando Arthur)

Andréa: Faz o que você quiser da tua vida, tá? Eu vou nessa.

Arthur: Pera aí Andréa. Eu vou com você.

Marcos: Ih eu já entendi. Você tá se fazendo de careta por causa da gatinha, é isso?

Andréa: Olha aqui de careta ele não tem nada, nem eu tenho. Mas eu não preciso me drogar para me sentir mais, ou melhor, do que os outros. (indignada)

Marcos (irônico): Aahhh que discurso lindo.

Arthur: Se cuida Marcos (sai andando com Andréa)

Arthur: Andréa posso te acompanhar até em casa?

Andréa: Claro!

(Arthur e Andréa olham para trás onde estão Marcos e o rapaz que estão conversando)

Babi e Maicon caminhando pelo clube.

Babi: Você é maluco Maicon. Você ia contar pro meu pai o que aconteceu aquela noite. Você quer que ele te odei pelo resto da vida, é isso né?

Maicon: Ah, vai dizer que você entrou pra atrapalhar a minha conversa com teu pai pra me ajudar, pra podê me proteger do seu paizinho?

Babi: Olha aqui Maicon, eu não te ajudo mais. Nem em caso de calamidade públicas. Aliás, você é uma calamidade. Você é um ignorante, irresponsável, ridículo,...

Maicon: Chheeggaa, chega. Mas lembre-se que o ignorante aqui naquela noite foi àquele cara que você chamou de gostoso, né?

Babi: Caallaa a boca (irritada).

Maicon (irônico): Encheu a boca pra fala gostoso. (Imitando a voz da Babi) Ai Maicon como você é gostoso.

Babi: Ô desgraçado cala a boca. Parece que faz de propósito.

Maicon: Foi sem quer tá. Mas foi totalmente sem querer que eu me apaixonei por você. Mas se Deus quiser isso vai passar. Nem que eu tenha que fazer um buraco aqui e arrancar o meu coração de uma vez só. (mostrando o lado direito)

Babi (irritada): Maicon esse não é o lado do coração, seu idiota, imbecil. (saí e deixa Maicon falando sozinho)

Maicon: Mass sabe o que é Babi, o meu amor é tão grande por você...; droga!

Pedro e Raquel no quarto dele.

Raquel: Eu era só uma menina quando ele conheceu a minha mãe. Mas no início ele me tratava normal. Foi quando eu fui ficando mais velha, ele começou a me olhar de um jeito diferente que uma noite eu acordei ele tava parado do lado da minha cama me olhando. (Demonstrando bastante desconforto e tristeza)

Pedro: Foi só isso?

Raquel: Não, não foi só isso.

Pedro: Que mais ele fez então? Ele falou alguma coisa pra você? Ele fez alguma coisa? (pausa) Não vai me dizer que...

Raquel: Não, não, não é isso.

Pedro (ansioso): O que então Raquel? Me fala.

Raquel (chorando): Eu não gosto de falar nesse assunto Pedro!

Pedro: Raquel pensa assim. Se você não me disser que tipo de homem o Rique é, eu não vou poder te ajudar.

Raquel: Ah Pedro, você não tem nem ideia do que ele é capaz. Até me bateu.

Pedro: Ele te bateu?

Raquel: Ele me batia sem a minha mãe saber. Até que um dia eu contei pra ela.

Pedro: Raquel pera aí, você não tá mentindo não? Raquel isso não é mais uma história sua não né?

Raquel (desesperada): Nãooo Pedro! Acredita em mim pelo amor de Deus.

Pedro: Calma Raquel. Eu acredito em você tá?! Calma.

Raquel: Eu morro de vergonha de tudo isso Pedro. Não conta nada pra ninguém, muito menos pra Catarina, por favor. Não conta nem que a gente tava junto, nem que eu vim aqui, tá?

Pedro: Tá! Mas se esse cara fez isso tudo, ele é um canalha.

Raquel: Pedro eu não quero que ninguém saiba. Eu tenho vergonha. Principalmente a Catarina. Não fala nada disso pra ela, nem que eu tive com você tá?

Pedro: Mas a Catarina...

Raquel: A Catarina tá com raiva de mim Pedro. Por favor, não conta nada disso pra ela.

Pedro: Tá. Se você não quiser que eu não conte, não vou contar.

Raquel: Tá. Então me promete que não vai contar nada pra Catarina, não vai contar pra minha irmã o que eu fiz (pausa) o que o Rique fez. Me promete que ela não vai ficar sabendo nem que eu estive aqui. Promete Pedro!

Pedro: Eu prometo tá. Calma. Te prometo.

Tereza e João no clube.

Tereza: Muito boa essa sua ideia da gente passar aqui no clube antes de ir trabalhar.

João: Eu lembro que você era ótima nadadora no colégio. Podia ter sido atleta.

Tereza: Ah, imagina! Eu gostava mesmo daquela bagunça, daquela farra, das viagens que a gente fazia para as competições. E você gostava mais do que na natação?

João: Uuhumm. Ver as mocinhas de maiô, talvez.

(risos)

Tereza: Tão boa àquela época, né?

João: É! Mas é esse o conceito do concurso garota Primeira Opção Tereza. É você mostra que o colégio é lugar pra estudar sim, claro! Mas é um lugar de sei lá, curtir, conhecer gente nova, fazer novas amizades, gente interessante.

Tereza: É! Você sabe que eu conheci gente muito interessante no colégio (dirigi-se ao João tocando no seu rosto)

(Os dois se beijam)

Tereza: Sabe o que tava pensando? Eu fiquei um pouco preocupada. Eu não queria que a seleção pro garota Primeira Opção fosse um concurso de beleza sem conteúdo, sabe?

João: Não, mas isso não vai acontecer. A garota Primeira Opção tem que ter estilo, personalidade, talento, alto astral.

Tereza: É. Isso é legal! E quando é que a gente começa?

João: É só o material de divulgação ficar pronto e ver se as meninas se interessam, né?

Tereza: Ahan, é claro que elas vão ter interesse, imagina. Se bobear até a dona Vera vai querer ser a garota Primeira Opção.

(Saem andando e rindo)

Pedro está sentado em um banco no pátio da escola e Catarina se aproxima.

Catarina: Oi Pedro. Posso falar com você?

Pedro (levanta): Claro!

Catarina: Eu fiquei preocupada sobre o que você sobre o padrasto da Raquel. Você falou com ela sobre o Rique?

Pedro (desconfiado): Você quer saber se eu falei com a Raquel? Mas quando você diz falar, você quer dizer o que exatamente?

Catarina: Falar com a boca ou por telefone, e-mail, sei lá. Aí Pedro, você falou não falou com ela?

Pedro (relutante): Eu, eu não, não falei.

(Theo, irmão do Pedro, chega e abraça Catarina)

Theo: Oi gente, tudo bem? Tudo bem Catarina? Como é que foi o papo com a Raquel?

(Pedro olha para o Theo chateado)

Catarina: Então você falou com ela Pedro?

Pedro: Então é que eu assim... é...

Theo: Não. Você disse que ia encontrar ela, não ia?

Pedro (olhando bravo para o irmão): Você tá com uma boquinha grande hoje, né maninho.

Catarina (chateada): Você mentiu pra mim Pedro. Por quê?

Theo (desconcertado): Foi mal gente. Desculpa tá. Eu vou ali. (saí)

Catarina: Que que é, você aprendeu com a Raquel a mentir?

Pedro: Não é nada disso Catarina. É que a Raquel me pediu, ela me implorou que eu não contasse pra ninguém que tive com ela.

Catarina: Por isso você mentiu Pedro? Fala sério, vocês se merecem.

Pedro (segura o braço de Catarina que tenta sair): Calma tá. Eu não fiz nada demais. A Raquel só não quer que o padrasto dela saiba onde é que ela tá.

Catarina: Tá. Então era só falar isso pra mim. Não precisa mentir né?

Pedro: É. Não tô entendendo por que você tá tão chateada assim, tão magoada? Quantas vezes você mentiu pra mim e quantas vezes você escondeu coisas de mim?! Você esqueceu disso tudo Catarina? Porque eu não esqueci não.

Fred e Theo sentados sobre a carteira na sala de aula onde há outros alunos em pé conversando. Alguns estão sentados sobre a carteira do professor e outros encostados no quadro que tem um monitor ligado com o logo da escola.

Fred: Então Theo o Maicon vai agarrar no time. Você não tá afim de participar do campeonato intercolegial com a gente?

Theo: Olha só Fred, sabe o que é? Tô meio enrolado com os estudos cara. Tô preocupado também com uns lances aí. Bom, não vai dá, mas valeu cara.

Fred: Valeu.

(Eles se cumprimentam e se abraçam. Em seguida Fred levanta e passa ao lado da carteira onde está Arthur e Andréa e o olha por um tempo)

Andréa: Que que foi Arthur?

Arthur: Antigamente sempre me chamavam pra joga bola. Hoje em dia não me chamam pra nada.

Andréa: Ué, por quê? Você sempre foi bom de bola.

Arthur: Você acha que alguém quer jogar bola perto de um cara que se drogava, que quebrou a cabeça do amigo?

(Fred observa a conversa sentado em outra mesa)

O professor Romero está na sala de aula com 18 alunos sentados, divididos em grupos de 4 alunos por carteira, e em silêncio. Ele está encostado na mesa do professor, próxima ao quadro com a “smart board” ligada, explanando a respeito das figuras de linguagem. Entretanto, no canto do quadro negro está escrito: “Aula de hoje: Figuras de Linguagem”.

Professor Romero: Como já vimos as figuras de linguagem se subdividem em: figuras de construção, figuras de som. Que mais, que mais? (olhando para os alunos)

Obama (levantando a mão): De pensamento.

Professor Romero: Me dê um exemplo de pensamento Obama.

(Entra na sala sem solicitar autorização a aluna Josiane com um vestido branco curto e fica parada próxima ao professor)

Obama: O vestido da Josiane tá de tirar o fôlego.

(Obama e Maicon olham para ela)

Professor Romero: Muito bem! O Obama acaba de dar um exemplo de uma hipérbole, que é uma figura de pensamento, que exagera a ideia, dá ênfase.

Maicon: Ô professor, onde é que tá o exagero ali hein? (mostrando a aluna)

(O professor Romero olha para o lado onde está em pé a aluna e assusta-se, porque não notou a presença dela e a seguir fica exaltado)

Professor Romero: Josiane, que que é isso? Além de chegar atrasada, ainda fica tirando a atenção dos amiguinhos. Por favor, vá sentar.

(A aluna passa calmamente em frente ao professor que está bravo e se dirige ao seu lugar)

Professor Romero: Comigo, por favor. Todos prestando atenção em mim.

(Professor continua falando. Maicon, Josiane, Obama e outro aluno começam a conversar)

Maicon: Josiane, que vestido hein?

Josiane: Bom, depois do mico que eu paguei distribuindo amostra de bala na porta do colégio, eu tinha que dar uma levantada na autoestima né meu amor?

Obama: Na autoestima eu não sei, mas que deu uma levantada nos... (pega no peito dele para mostrar)

Josiane: Ô Maicon, fala a verdade. Barbarizei né?

Maicon: Barbarizou! Mas onde é que você arrumou esse dinheirão pra compra esse vestido hein? Você é mais dura que coco.

Josiane: Dei meu jeito oras. Ahh garoto, é (vira-se para ver a aula).

(Sem enquadrar o professor, ouve-se a sua voz explicando o mesmo conteúdo e a seguir a cena é finalizada)

Em casa seu Pintinho mexendo na caixa de ferramentas na sala dele e Lorelai chega.

Lorelai: Seu Pintinho, que mal lhe pergunte, essa obra não vai terminar nunca não?

Seu Pintinho: Ah, já era pra ter acabado né minha filha. Mas quando aparece a "jáqui" você sabe como é.

Lorelai: "Jáqui", que "Jáqui"?

Seu Pintinho: Já que, olha já que mudou encanamento que tal trocar a parede? Já que trocou a parede, que tal trocar o piso? Já que, já que... só Deus sabe quando é que isso vai ter fim.

Lorelai: Tomara que acabe logo. Que as minhas graninhas da gorjeta tá fazendo uma falta seu Pintinho.

Seu Pintinho: Minha filha você já melhorou daquele enjoo que você tava sentindo?

Lorelai: Já sim.

Seu Pintinho: Vem cá. Você tá sabendo que a mãe da Josiane tá doente?

Lorelai (desconfiada): A mãe da Josiane tá doente?

Seu Pintinho: Tá, tá doente minha filha. E parece que é coisa brava. Eu tive até que emprestar uma grana pra ela comprar remédio para mãe dela. Oh meu Deus, coitada dessa menina, né?

Lorelai: Coitada...

Josiane e o Franja andando no pátio próximo à cantina. Há vários alunos no local e alguns assoviam para ela por causa do vestido branco, justo e curto que está usando.

Franja: Ô, Ô que parada é essa rapa?! Tá maluco! Ninguém tem mais respeito Josiane, tá vendo?!

(Ainda acontecem alguns assovios)

Franja (apontando para vários alunos): Olha só meu irmão, se alguém assoviar de novo... (interrompido por Josiane que o puxa)

Josiane: Para garoto. Eu investi uma baba neste vestido exatamente pra isso. (Para e olha para a Duda que está sentada com Obama)

É quem é bonita é pra se mostra.

Duda (ri): Ela é muito burrinha mesmo. Aconteceu que o certo é: "o que é bonito é pra se mostrar".

Josiane: Ahhhh, você gosta de ditado, ditadinho, né. Então que tal esse? Que me perdoe as machas, mas beleza é fundamental.

(Duda olha chateada e Josiane ri)

Maicon, Lúcio, Eric, Fred em um banco no pátio da escola. Arthur, Andréa e Milena estão próximos.

Andréa: Então, você não tá mais se drogando. Devia tomar coragem e pedir pra jogar. Esporte é bom pra quem quer ficar longe do vício.

Milena: Adrenalina é uma droga natural produzida por quem faz esporte e só faz bem sabia?

Maicon: Galera na verdade ficou difícil. O presidente me deu a maior dura. Se eu jogar é capaz dele me dar multa, suspensão e o "escambau", tá bom.

Fred: ô Maicon joga só um jogo. Depois a gente dá um jeito.

Eric: É Maicon. Agora não dá tempo da gente consegui outro goleiro cara.

Lúcio: Cê não vai deixar a gente não mão né? Você prometeu Maicon!

Maicon: Então tá. Tudo bem. Mas é só esse jogo falô. Ponto final. Depois a gente conversa.

Eric, Fred e Lúcio: Tá.

(Maicon sai e Lúcio fala com Eric)

Lúcio: Não acredito nisso cara. Você quer apostar que o Maicon vai amarelar?

Eric: Que mané amarelar Lúcio, que mané amarelar. O cara é profissional. Ele tá em outro esquema.

Lúcio: Exatamente por causa disso, mas se ele amarelar, quem é que vai pegar no gol?

(Arthur se aproxima)

Arthur: Eu jogo. Na boa. To afinzão de jogar mesmo.

Fred: Meu irmão em time meu tu não é nem reserva. Aliás, se tu for gandula do campeonato eu já tô fora, valeu. Vamô borá. (chama o Eric e Lúcio que olham para o Arthur)

(Eric e Fred saem e Lúcio se dirige ao Arthur)

Lúcio: Eu te avisei pra você ficar longe, não te avisei? Você devia ter me escutado. (sai)

(Andréa chateada se aproxima de Arthur)

Andréa: Acho que eu dei um conselho péssimo, né?

Arthur: Não, o conselho foi bom. A realidade que é ruim.

Tereza e Vera na sala da diretoria olhando fotos das alunas.

Tereza: Olha aqui mamãe. O João tem razão, menina bonita nós temos aos montes aqui no colégio.

Vera: Mas elas vão topar participar desse concurso aí?

Tereza: Bom, ser eleita a garota mais bonita do colégio pelos próprios alunos já é divertido e depois tem o cachê da garota propaganda Primeira Opção.

Vera: Garota propaganda Tereza! Vai ter anúncios, essas coisas assim?

Tereza: É. É esta estratégia de marketing que o João bolou.

Vera: Mas o colégio tem dinheiro pra bancar isso?

Tereza: O João ofereceu a campanha a preço de custo e me convenceu que vale a pena a gente investir na nossa imagem.

Vera: Mas pra quê? Tetê você tá me escondendo alguma coisa? O colégio tá com algum problema de caixa? O colégio está sem dinheiro?

Tereza: Não mamãe, não está.

(Vera fica sem jeito)

Tereza: Pera aí, por que que você fez essa pergunta? O que foi que você fez dessa vez mamãe?

Vera (gagueja inicialmente); Contratei um engenheiro pra dá um jeito lá na midiateca e ele é um pouquinho caro. Mas...

Tereza: Caro quanto?

Vera: Bom, é...

Doutora Cláudia e doutor Roberto no consultório do hospital.

Roberto: Para com isso né Cláudia. A Raquel não enganou só você, enganou a diretora da escola e o colégio todo também.

Cláudia: É. Essa menina não é brincadeira não.

Roberto: Brincadeira? A Raquel é uma pessoa má Cláudia.

Cláudia: Ah não sei não Roberto. Eu não sei se isso pode ser maldade, pode ser recalque, carência, falta de amor.

Roberto: É. Falta de amor eu me solidarizo. De falta de amor eu entendo. Isso tá acabando comigo também.

Cláudia: Ah, é mesmo! Falta de amor. Não me diga.

Roberto: Pra você ver. Médico, bem sucedido, diretor do hospital e mal amado.

Cláudia: Ah, mas a gente tem que resolver isso agora mesmo.

Roberto: Agora mesmo.

(Cláudia se aproxima dele para examina-lo)

Cláudia: Deixa ver. Uhum, como eu imaginava.

Roberto: E tem remédio doutora?

Cláudia: Ahan. Cem miligramas.

Roberto: Do quê?

Cláudia: De beijos.

Roberto: Ah sim eu gosto.

(Eles se beijam)

No campo de futebol com os times se aquecendo. Maicon aparece no gol. Arthur observa sentado. Andréa entra no campo e se aproxima do Fred.

Andréa: Fred, eu preciso falar com você.

Fred: Depois. Agora tá na hora do jogo.

Andréa: Mas é sobre esse jogo mesmo que eu preciso falar.

Fred: Então fala. Fala antes que o juiz comece.

Andréa: O Arthur sempre foi bom de bola. É preconceito puro não deixar jogar só porque ele se meteu com drogas uma vez.

Fred: Preconceito não. É raiva mesmo. Esse cara se drogava, arrebitou a minha cabeça e me deixou epilético.

Andréa: Mas esporte é importante pro Arthur.

(O juiz apita)

Fred: Eu posso jogar Andréa?

Andréa: Tá. Mas esse papo ainda não acabou hein?

(Andréa sai do campo para o jogo começar)

O juiz coloca a bola no meio de campo, apita e o jogo começa. Há vários alunos sentados na arquibancada torcendo.

A torcida grita o nome de Maicon que faz várias defesas.

Maicon: Chutinho fraquinho. Isso até me ofende rapaz.

Theo e Lorelai no portão da casa dela.

Lorelai: Não, não era enjoo de gravidez Theo.

(Josiane chega)

Josiane: E aí Theteozinho, belê? Com licença.

(Passa pelos dois e entra)

Lorelai gesticula com o dedo polegar: Belê! Beleza pura.

Theo: É por que então?

Lorelai: Era por causa da pílula do dia seguinte, me deixou péssima.

Theo: Bom, pelo menos a gente agora tem certeza que você não tá grávida, né?

Lorelai: Eu não tenho certeza de nada disso. Eu só tomei a pílula 48 horas depois da gente... você sabe. Então não é certo que eu consegui evitar a gravidez.

Theo (chateado): Ai meu Deus, que droga! Por que que a camisinha tinha logo que estourar comigo hein?

Lorelai: Porque logo você não aprendeu a colocar ela direito né Theo?

Lurdes e Geraldo, pais de Theo e Pedro, aflitos na sala da casa deles.

Lurdes: Ah, eu não quero ser avó.

Geraldo: Eu prefiria comprar um cachorro.

Lurdes: Ai dá muito trabalho.

Geraldo: O cachorro?

Lurdes: Não Geraldo! Tô falando do filho que a Lorelai pode tá esperando.

Geraldo: Lurdes você não acha um pouco exagerada essa tua preocupação não?

Lurdes: Exagerada por quê? Você por um acaso sabe as chances que uma mulher tem de engravidar se transar sem camisinha, sabe?

Geraldo: Não! E você sabe?

Lurdes: Não.

Geraldo: Ahan.

Lurdes: Mas hoje em dia é muito fácil de se descobrir isso. É só a gente olha na internet.

Geraldo: Então vamô no computador dos meninos.

Lurdes: Isso! Boa, boa. Vamô.

Lorelai e Theo no portão da casa dela.

Theo: Mas será que não jeito de saber que chance tem de ter engravidado?

Lorelai: E como é que se calcula essa chance?

Theo: Ah, deve ter algum jeito de pesquisa isso.

(Os dois ficam pensativos e se olham)

Lorelai e Theo: Internet!

(Entram rapidamente na casa dela)

No campo de futebol com o jogo do intercolegial. A torcida gritando o nome do Maicon.

Menina1: Mas esse Maicon agarra!

Menina2: Ô!!

(Babi observa ambas)

Menina1: Com essas mãos grandes bem que eu ia adorar se ele me agarrasse.

Menina2: Eu também.

Babi: Primeira Opção ÔOOO (gesticula e empurra as duas meninas da arquibancada)

(A torcida continua gritando, as meninas olham para a Babi que faz cara de pouco caso)

Babi: Esse Maicon. Exibido mesmo hein.

(O jogo continua e chutam a bola para o gol que Maicon está. Ele defende, mas cai no chão segurando a mão. O juiz interrompe a partida)

Maicon: Ai, ai, ai.

(Todos do time e da arquibancada observam apreensivos. Os integrantes do time gritam por gelo)

Seu Pintinho sentado no sofá de sua casa lendo o jornal e Josiane arrumando as almofadas do outro sofá na mesma sala.

Seu Pintinho: Aii, vai fazer falta viu fenômeno. (Ele solta o jornal e se dirige à Josiane)

Ahsn, eu falei com a sua mãe, ela ligou viu Josiane?

Josiane: Ah é. Você falou com ela?

Seu Pintinho: Falei.

(Entram Lorelai e Theo apressados. Cumprimentam seu Pintinho e Lorelai e saem em direção ao quarto da Lorelai. Josiane anda em direção a eles)

Seu Pintinho: Eu falei com a sua mãe Josiane. Falei com a sua mãe e ela deixou um recado longuíssimo pra você viu?

Josiane: É mesmo seu Pintinho, uhum. O que foi que ela te disse?

Seu Pintinho: Você sabe que eu não me lembro muito disso não.

Josiane: Como assim? O senhor não lembra?

Seu Pintinho: Não, do recado todo não Josiane. Eu só lembro da tua mãe me dizer que ela tá muito bem de saúde e que ela não teve problema nenhum não.

Josiane: Deixa eu te explicar. É que assim, eu fui ô...

(Seu Pintinho a interrompe)

Seu Pintinho: Você não vai explicar nada não Josiane. A única explicação que eu quero ouvir de você é o dinheiro de volta que eu lhe emprestei pra comprar os remedinhos pra sua mamãezinha querida, isso sim.

Josiane (chateada): Seu Pintinho eu fiz besteira. Olha eu comprei esse vestido aqui.

Seu Pintinho: Bonito isso viu Josiane.

Josiane (feliz): Ai, você achou? Olha. Dá uma olhada (gira). Fofo! Modéstia à parte eu também achei.

(Seu Pintinho olha para ela emburrado)

Um carro muito caro se aproxima de Duda, Catarina e Fred na rua. Eles estão com os materiais escolares.

O carro pertence ao Henrique (Rique), padrasto de Raquel.

Henrique: Catarina, oi.

Catarina: Oi.

Henrique: Vocês tão indo pro colégio?

Duda: Tamô, tamô sim.

Henrique: Então entra aí que eu vou pra lá também.

(Entreolham-se rapidamente e eles entram no carro. Catarina não parece contente e senta-se no banco do passageiro. Henrique a olha.)

Arthur caminhando sozinho na rua e é chamado por Marcos e outro rapaz.

Marcos: Fala aí Arthur. Tá devagar hein!

Arthur: Devagar não. Tô parado.

Marcos: Vem. É só uma.

(O professor Antônio, que leciona Matemática aparece)

Professor Antônio: Tudo bem aí Arthur? Marcos?!

Marcos (cabeça baixa e desconfiado): Tô só de passagem professor. Só de passagem

(Marcos sai rapidamente do local)

Rapaz: Marcos, Marcos.

Arthur: Que cê tá fazendo por aqui professor Antônio?

Professor Antônio: Conheço a área, os hábitos. Só as pessoas que se metem com isso é que mudam e nem duram muito nessa vida (olha para o rapaz que estava com Marcos). Esse aí, por exemplo, eu não conhecia.

Rapaz: Ah, qualé grande! Vai querer melá meu esquema agora?

Professor Antônio: Depende de qual é o seu esquema.

(O rapaz olha fixamente para o professor)

Maicon e sua mãe, dona Zica, no quarto dele sentados na cama. Ela está cuidando da mãe dele.

Maicon: Ai, ai, ai.

Dona Zica: Eu te falei quinhentas vezes, não te falei?

Maicon: Ai tá doendo. Deixa eu fazer.

Dona Zica: Bem feito. Não me ouve. O seu Milton vai te multar e pode até te suspender do treino,né? Isso se ele não cancelar o teu contrato, né Maicon?

Maicon: Mas é mãe, eu já tinha dado a minha palavra pra rapaziada lá. Não podia voltar atrás, né?

Dona Zica: Ééé! E pra quem paga o teu salário, teu estudos, você não deu a sua palavra garoto?

Maicon: Calma mãe. Olha só, amanhã a minha mão já vai ficar boa de novo.

Dona Zica: hahaha

(Presidente do clube, seu Milton, entra no quarto)

Milton: Quer dizer que você vai faltar no treino hoje no mínimo, né Maicon?

Maicon: Seu Milton (fica bastante sem graça)

(Dona Zica olha para Maicon que está encabulado e seu Milton olha bravo para o Maicon)

O carro de Henrique aproxima-se da rua do colégio, onde estão inúmeros estudantes. Dentre eles, estão Raquel e Pedro.

Raquel: Eu não queria ter vindo Pedro.

Pedro: Você ia ficar fugindo até quando Raquel? É melhor enfrentar esse cara de uma vez.

(Raquel olha e vê o carro de Henrique)

Raquel: Olha lá Pedro. É o Rique.

(Henrique abre a porta para Catarina sair do carro e Duda e Fred saem também)

Raquel: E com a Catarina (brava)!

(Todos se veem)

APÊNDICE B - PERSONAGENS/PROFESSORES

Quadro 1 – PROFESSORES DA TELENOVELA¹²¹

Nº da figura	Professor (a)	Disciplina/ Função	Temporada	Colégio
1	Prof. Dado (Cláudio Heinrich)	Judô	1995	Academia Malhação
2	Profª Úrsula (Bianca Rinaldi)	Ginástica Olímpica	1997	Academia Malhação
3	Prof. Robson (Alexandre Frota)	Jiu Jitsu	1999	Academia Malhação
4	Prof. Pasqualete (Nuno Leal Maia)	Língua Portuguesa, mantenedor e diretor	1999/2000/ 2001/2004/ 2005/2006/ 2007/2008	Múltipla Escolha
5	Prof. Marcão (José Loretto)	Capoeira	2002	Múltipla Escolha

Continua

¹²¹ Todas as imagens foram pesquisadas no *site* Google Imagem. Disponível em:
< <http://images.google.com.br/> >.

Continuação

6	<p>Profª Beth (Cris Couto)</p>	Língua Inglesa	2004/2005	Múltipla Escolha
7	<p>Prof. Lula (Thiago Lacerda)</p>	Natação	1997	Academia
8	<p>Profª Daniela Amorim (Maitê Proença)</p>	Matemática e Diretora	2003	Múltipla Escolha
9	<p>Prof. Orfeu (Sérgio Lorosa)</p>	Música	2007	Múltipla Escolha
10	<p>Prof. Odilon (Marcos Winter)</p>	Geografia	2010/2011	Primeira Opção

Continua

Continuação

11	<p>Prof. Clóvis (Kaká Santana)</p>	Geografia	2010	Primeira Opção (Malhação Id)
12	<p>Prof. Afonso (Giuseppe Oristânio)</p>	História e diretor	2000/2001	Múltipla Escolha
13	<p>Profª Linda (Giselle Tigre)</p>	Geografia	2000/2001	Múltipla Escolha
14	<p>Profª Eneida Marmontel (Deborah Kaluma)</p>	Teatro	2007	Múltipla Escolha
15	<p>Prof. Adriano (Daniel Boaventura)</p>	Língua Portuguesa e diretor	2008	Múltipla Escolha/ Ernesto Ribeiro

Continua

Continuação

16	Profª Tereza Lopes (Camila Rodrigues)	Teatro	2008	Múltipla escolha
17	Profª Juliana (Georgiana Góes)	Literatura e diretora	2009	Ernesto Ribeiro
18	Prof. Oscar Medeiros (Dalton Vigh)	Literatura	2004	Múltipla Escolha
19	Profa Sabrina (Íris Bustamante)	Geografia	2004	Múltipla Escolha
21	Nana (Rosa Maria Murtinho)	Coordenador a Pedagógica	2005	Múltipla escolha

Continua

Continuação

22	Prof. Thales (Isaac Benart)	Matemática e Física	2010	Primeira Opção
23	Profª Letícia (Graziella Schmitt)	Biologia	2009/2010	Primeira Opção
24	Prof. Romero (Márcio Ribeiro)	Língua Portuguesa	2010/2011	Primeira Opção
25	Prof. Antônio (MV Bill)	Física e Matemática	2010	Primeira Opção
26	Prof. Afrânio (Charles Adrian Paraventi)	Biologia	2001/2002	Múltipla Escolha

Continua

Continuação

27	Profª Letícia (Joana Limaverde)	Português	2002	Múltipla Escolha
28	Profª Isaura (Eva Todor)	Geografia	2002	Múltipla Escolha
29	Prof. Livramento (José de Abreu)	Diretor e Filosofia	2009/2010	Primeira opção
30	Prof. Serjão (Ricardo Cicciliano)	Educação física	2009/2010	Primeira opção
31	Prof. Casca (Ricardo Casanova)	Química	2009/2010	Primeira opção

Continua

Continuação

32	Prof. Agenor (Walter Breda)	Educação física	2010/2011	Primeira opção
33	Profª Vera (Cris Nicolloti)	Coordenador a Pedagógica	2010/2011	Primeira Opção
34	Profª Tereza (Helena Ranaldi)	Diretora	2010/2011	Primeira Opção
35	Profª Dionísia Pimenta (Norma Blum)	Língua Portuguesa e Literatura	2006/2007	Múltipla Escolha
36	Profª Béatrice (Carolina Kasting)	Diretora	2009	Múltipla Escolha/ Ernesto Ribeiro

Continua

Continuação

37	Profª Forte (Beth Lamas)	Educação Física	2009	Múltipla Escolha
38	Montanhas (Eliane Costa)	Inspetora	2009/2010	Múltipla Escolha/ Ernesto Riberiro
39	Profa. Márcia (Arlete Heringer)	História	2010/2011	Primeira opção
40	Prof. Vitor Maia (Licurgo Spínola)	Matemática	1999/2000	Múltipla Escolha
41	Prof. Guto (Fernando Pavão)	Educação Física	1999/2000	Múltipla Escolha

Continua

Continuação

42	Prof. Isa (Giovana Antonelli)	Diretora e Geografia	1999/2000	Múltipla Escolha
43	Prof. Leando (Leonardo Miggiolin)	Física	2012	Colégio Quadrante
44	Prof. Mathias (Blota Filho)	Diretor	2012	Colégio Quadrante
45	Profª Marcela (Danielle Winits)	Ed. Física	2012	Colégio Quadrante
46	Profª Isabela (Elisa Pinheiro)	Literatura	2012	Colégio Quadrante

Continua

Continuação

47	<p>Prof. Humberto (Beto) (Felipe Camargo)</p>	-	1999/2000	Múltipla Escolha
48	<p>Prof. João (Jalecão) (Antônio Grassi)</p>	Matemática	2000	Múltipla Escolha
49	<p>Prof. Maciel (Mário Hermeto)</p>	Geografia	2003	Múltipla Escolha
50	<p>Prof. Rodrigo (Nicola Trevijano)</p>	Educação Física	2005	Múltipla Escolha
51	<p>Prof. Adolfo (Othon Bastos)</p>	Português	2005	Múltipla Escolha

Continua

Continuação

52	Prof. Peixotão (Otto Júnior)	Educação Física	2006	Múltipla Escolha
54	Profa. Raquel (Cláudia Ohana)	História	2006	Múltipla Escolha
55	Profa. Duba (Larissa Bracher)	Profissionalizante de Mecânica	2007	Múltipla Escolha / Ernesto Ribeiro
56	Prof. Suzana Menezes (Esther Dias)	Música	2009	Primeira Opção
57	Prof. Rodrigo Oliveira (Guga Coelho)	Sociologia, Filosofia e História	2009	Primeira Opção

Continua

Continuação

58	<p>Profa. Kátia (Antônia Fontenelle)</p>	Dança	2009	Primeira Opção
59	<p>Profa. Lise (Regina Remencius)</p>	Português e Literatura	2010	Primeira Opção
60	<p>Prof. Tiago Junqueira (Guilherme Winter)</p>	Geografia	2007	Múltipla Escolha

APÊNDICE C - LISTA DE EPISÓDIOS GRAVADOS EM DVD

TEMPORADA	DATA	PARTES	TEMPO DE GRAVAÇÃO [MIN]	INSTITUIÇÃO	DOCENTES (S)
1995	N/D	2	16:58	Malhação	Dado
1999	Capítulo 1	2	21:34	Múltipla Escolha	Pasqualete
1999	Capítulo 2	2	20:15	Múltipla Escolha	Pasqualete, Isa, Vitor
1999	Capítulo 3	2	20:26	Múltipla Escolha	Pasqualete, Vitor, Isa e Guto
1999	Capítulo 4	2	00:43	Múltipla Escolha	Pasqualete, Vitor, Isa e Guto
1999	Capítulo 5	2	19:32	Múltipla Escolha	Pasqualete, Vitor, Isa e Guto
1999	Capítulo 7	2	20:37	Múltipla Escolha	Pasqualete, Vitor, Isa
1999	Capítulo 9	2	05:38	Múltipla Escolha	Pasqualete, Vitor, Isa e Rosa
1999	Capítulo 10	5	09:01	Múltipla Escolha	Pasqualete, Santos, Lima
1999	Capítulo 11	5	17:32	Múltipla Escolha	Pasqualete, Vitor, Isa, Rosa, Guto
1999	Capítulo 12	2	10:31	Múltipla Escolha	Pasqualete, Guto
1999	Capítulo 13	2	09:27	Múltipla Escolha	Pasqualete, Isa, Vitor, Wilson, Mercedes
1999	Capítulo 14	3	01:47	Múltipla Escolha	Vitor, Isa, Guto
1999	Capítulo 15	3	20:17	Múltipla Escolha	Pasqualete, Isa, Vitor, Rosa, Guto
1999	Capítulo 16	3	01:47	Múltipla Escolha	Vitor, Isa
1999	Capítulo 17	3	11:49	Múltipla Escolha	Pasqualete, Vitor, Isa
1999	Capítulo 18	2	20:47	Múltipla Escolha	Pasqualete, Vitor, Isa, Guto
2000	N/D	-	05:24	Múltipla Escolha	Vitor, Malta, Linda
2001	N/D	-	01:42	Múltipla Escolha	Malta
2001	N/D	-	00:49	Múltipla Escolha	Linda
2002	N/D	-	07:00	Múltipla Escolha	Sem professor evidenciado
2004	N/D	-	01:47	Múltipla Escolha	Pasqualete, Afrânio, Oscar
2004	N/D	7	37:13	Múltipla Escolha	Pasqualete, Afrânio, Oscar, Beth, Cláudia.
2007	15/06/2007	1	02:53	Múltipla Escolha	Dionísia
2007	03/07/2007	1	06:11	Múltipla Escolha	Adriano
2007	06/07/2007		05:52	Múltipla Escolha	Adriano
2007	9 a 13/7/2007	1	01:57	Múltipla Escolha	Adriano, Dionísia
2007	12/07/2007	1	06:38	Múltipla Escolha	Adriano, Dionísia, Raquel
2007	17/07/2007	1	06:14	Múltipla Escolha	Adriano, Raquel
2007	06/08/2007	1	09:28	Múltipla Escolha	Adriano
2007	8 a 12/10/2007	1	15:47	Múltipla Escolha	Adriano, Raquel
2007	08/11/2007	1	11:15	Ernesto Ribeiro	Beatrice, Adriano, Orfeu, Eneida
2007	26/11/2007	1	07:35	Ernesto Ribeiro	Beatrice, Adriano, Forte

Continua

Continuação

TEMPORADA	DATA	PARTES	TEMPO DE GRAVAÇÃO [MIN]	INSTITUIÇÃO	DOCENTES (S)
2007	27/11/2007	1	10:19	Ernesto Ribeiro	Beatrice, Adriano, Forte, Orfeu, Eneida
2007	06/12/2007	1	06:15	Ernesto Ribeiro	Beatrice, Adriano
2007	10 a 14/12/2007	1	16:23	Ernesto Ribeiro	Beatrice, Adriano, Orfeu
2007	24 a 28/12/2007	1	15:47	Ernesto Ribeiro	Beatrice, Adriano, Forte, Orfeu
2008	15/08/2008	3	05:32	Ernesto Ribeiro	Beatrice
2008	21/11/2008	1	06:00	Ernesto Ribeiro	Beatrice, Adriano, Tereza
2008	28/11/2008	2	06:17	Ernesto Ribeiro	Beatrice, Adriano, Tereza
2008	01/12/2008	1	09:58	Ernesto Ribeiro	Beatrice, Adriano, Tereza
2008	02/12/2008	2	14:37	Ernesto Ribeiro	Beatrice, Adriano, Tereza
2008	03/12/2008	2	07:17	Ernesto Ribeiro	Beatrice, Adriano
2008	05/12/2008	3	24:13	Ernesto Ribeiro	Beatrice, Adriano, Forte, Orfeu
2008	09/01/2009	2	18:58	Ernesto Ribeiro	Beatrice, Adriano, Forte, Orfeu
2010	22/02/2010	3	08:12	Primeira opção	Livramento, Lise, Letícia
2010	23/02/2010	3	07:08	Primeira opção	Livramento, Letícia
2010	24/02/2010	3	08:44	Primeira opção	Livramento
2010	25/02/2010	3	06:41	Primeira opção	Livramento, Lise, Sérgio
2010	26/02/2010	3	08:59	Primeira opção	Livramento, Lise
2010	01/03/2010	3	14:47	Primeira opção	Livramento, Lise, Sérgio
2010	03/03/2010	3	15:06	Primeira opção	Livramento
2010	04/03/2010	2	12:16	Primeira opção	Livramento, Lise, Sérgio
2010	N/D	1	11:44	Primeira opção	Vera, Tereza, Romero
2010/2011	09/09/2010	2	04:46	Primeira opção	Romero, Tereza, Antônio
2010/2011	15/09/2010	2	14:08	Primeira opção	Romero, Tereza, Antônio
2010/2011	22/09/2010	1	07:32	Primeira opção	Odilon
2010/2011	27/09/2010	1	11:53	Primeira opção	Vera, Tereza, Romero, Odilon
2010/2011	28/09/2010	1	06:17	Primeira opção	Tereza, Odilon
2010/2011	10/10/2010	2	01:36	Primeira opção	Tereza, Antônio
2010/2011	12/10/2010	2	01:53	Primeira opção	Tereza
2010/2011	13/10/2010	3	09:54	Primeira opção	Vera, Tereza, Antônio
2010/2011	15/10/2010	3	18:51	Primeira opção	Romero
2010/2011	20/10/2010	2	01:36	Primeira opção	Tereza, Antônio
2010/2011	21/10/2010	2	00:44	Primeira opção	Sem professor evidenciado
2010/2011	12/11/2010	3	02:25	Primeira opção	Odilon
2011	21/02/2011	2	21:00	Primeira opção	Vera, Odilon, Agenor, Antônio, Romero, Tereza, Márcia
2011	22/02/2011	3	21:34	Primeira opção	Vera, Tereza, Odilon
2011	23/02/2011	3	22:59	Primeira opção	Vera, Tereza, Romero, Agenor, Odilon
2011	24/02/2011	3	22:39	Primeira opção	Vera, Tereza, Odilon, Márcia
2011	25/02/2011	3	22:45	Primeira opção	Vera, Tereza, Romero, Antônio

ANEXOS

ANEXO A - AVALIAÇÃO

Prisma – Escola de Educação Integral

“Movida por Amor e Qualidade”

NOME: _____ No _____ SÉRIE: 8ª _____

PROFESSORA: _____ DATA: ____/____/05

Como o jovem vê TV no Brasil

Pesquisa promovida pela MTV revela os hábitos de telespectadores brasileiros que têm entre 12 e 30 anos.

Desvendar a relação do jovem brasileiro com as mídias e a influência delas em seu comportamento. Foi com esse objetivo que a MTV realizou uma grande pesquisa, Universo Jovem 2, entregue ao mercado publicitário na semana passada.

O estudo, realizado entre abril e junho, envolveu quase 2000 pessoas entre 12 e 30 anos, de 8 cidades brasileiras, e revelou aspectos curiosos sobre a interação da geração com TV e outros veículos.

O jovem do dossiê se revela um telespectador nômade por gosto e necessidade, que não se segura num único canal por muito tempo (73% mudam de emissora mesmo quando a atração lhes interessa).

Medo de perder algo – Esse hábito de “zapear” é visto pelo jovem não como uma atitude de desagrado ante um programa ou canal, mas a necessidade constante de registrar o maior número de informações. “É o famoso medo de não perder nada”, diz André Mantovani, diretor-geral da MTV.

A pesquisa aponta a necessidade que essa geração tem de receber estímulos visuais e sonoros simultaneamente, o que assusta emissoras e anunciantes. “O jovem vê TV e lê revista ou escuta música e vê TV, tudo ao mesmo tempo, pois tem vários focos de interesse simultâneos”, diz Mantovani. “O segredo é saber quantos segundos são necessários para essa geração assimilar uma informação sem mudar de canal, e como prender sua atenção.” [...]

“Percebemos na pesquisa que o jovem quer conversar, pois, com tantas mídias à sua disposição, eles têm necessidade de dividir experiências” [...]

JIMENEZ, Keila. In: *O Estado de S. Paulo*, 29 out. 2000. p. T6.

Aparecer no vídeo é mais importante do que ser um bom cidadão

A televisão já foi chamada de babá eletrônica, máquina de fazer louco e coisas piores. Seu mais novo apelido não é menos desairoso: aquário eletrônico. Ela bem que o merece. [...] O que levou o jornalista Marshall Sella a comparar o vídeo àquele depósito de água onde os peixes ficam submissos à nossa observação foi assistir a programas que se esmeram em aproveitar a atual obsessão das pessoas por se auto-expor aos olhos da multidão, pois este tem se mostrado o caminho mais rápido para a fama instantânea.

Segundo Jeffrey Rosen, autor do livro *O olhar indesejado*, “aparecer na TV virou algo muito mais importante do que ser um bom cidadão. As pessoas fazem qualquer coisa para aparecer na mídia e desfrutar os seus 15 minutos de glória. Qualquer coisa mesmo, já que, para elas, o mau comportamento só se torna embaraçoso quando desprezado pela mídia”.

SÉRGIO AUGUSTO. In: *O Estado de S. Paulo*, 8 jul. 2000. Caderno 2, p. D12. Adaptado.

1. Você assiste a TV com frequência? Quanto tempo por dia?
2. Quais são os seus programas prediletos? Por quê?
3. Você conversa com seus pais sobre o que vê na TV?
4. Quais as qualidades que você considera importantes para um bom programa de TV?
5. E quais os defeitos de um mau programa, na sua opinião?
6. Quando assistimos a TV, acontece uma comunicação unilateral, pois não existe a possibilidade de quem assiste discutir a programação. Que efeitos você acha que podem ocorrer, numa pessoa que passa muitas horas por dia diante da TV?
7. Você concorda com Jeffrey Rosen, quando diz que atualmente “aparecer na TV virou algo mais importante do que ser um bom cidadão”? Explique.
8. O que você acha de programas em que pessoas que não são artistas expõem sua intimidade ou são submetidas a provas de resistência? Na sua opinião, o que as pessoas ganham e o que perdem com isso?

ANEXO B - FIGURAS

Figura 8 - Fachada do colégio na temporada de 2010/2011¹²²

Figura 9– Sala dos professores – colégio Primeira Opção (2010/2011)¹²³

Figura 10 - Planta denominada construtivista do colégio Primeira Opção (2010/2011)¹²⁴

¹²² Disponível em: <<http://tv.globo.com/novelas/malhacao/2010/index.html>>. Acesso em: 06/12/2010 às 23h10.

¹²³ Disponível em: <<http://tv.globo.com/novelas/malhacao/2010/index.html>>. Acesso em: 06/12/2010 às 23h15.

¹²⁴ Disponível em: <<http://especial.malhacao.globo.com/colégio>>. Acesso em: 06/12/2010 às 23h20.

ANEXO C - ELENCO POR ANO E TEMPORADA¹²⁵

Quadro 2 – 1ª TEMPORADA: de 8 DE ABRIL DE 1996 a 28 DE MARÇO DE 1997

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
Juliana Martins	Bella (Isabella Bittencourt)
Danton Mello	Hericles Barreto
Sílvia Pfeifer	Paula Pratta
Carolina Dieckmann	Juli (Juliana Siqueira)
Fernanda Rodrigues	Luiza Pratta Gonzalez Filho
Luigi Baricelli	Romão Marques Macieira
Dill Costa	Candelária
Fabiano Miranda	Bróduei
Bruno de Lucca	Fabinho (Fábio Gonzalez Filho)
Daniela Pessoa	Magali Albuquerque
André Marques	Mocotó (Alexandre Ferreira)
Cláudio Heinrich	Dado (Eduardo Siqueira Júnior)
Ana Paula Tabalipa	Tainá Rebouças
Pablo Uranga	Léo (Leonardo)
Ademir Zanyor	Israel da Conceição
John Herbert	Nabuco (Nabucodonosor Pereira)
Nair Bello	Olga Pratta
Mário Gomes	Roberto Gonzalez Filho
Nuno Leal Maia	Fábio Gonzalez
Carla Regina	Jane
Maria Flor	Nininha Marques Macieira
Duda Nagle	Gabriel Rebouças
Danielle Soares	Teca
Guga Coelho	João Carlos
Danielle Winits	Melissa Brown
Nívea Maria	Antônia
Totia Meireles	Elaine
Guilherme Fontes	Rei Star
Renata Castro Barbosa	Su
Petrônio Gontijo	Gregório
Milla Christie	Branca / Ava
Henri Pagnocelli	Dr. Augusto Chaves
Nico Puig	Raul (Bad Boy)
Lúcio Mauro	Ferreira

Continua

¹²⁵ Elencos pesquisados no “site” *Memória Globo*. Disponível em: < <http://memoriaglobo.globo.com>>. Acesso em: 08/08/2010 às 21h40.

Continuação

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
Fábio Villa Verde	Afonso César
Murilo Rosa	Jurandir
Otávio Muller	Cruzeirinho
Guilherme Piva	Merreca
Tamara Taxman	Maria Eudóxia
Patrícia de Sabrit	Micaela
Luciana Vendramini	Paulinha
Felipe Martins	Mickey
Gisele Fraga	Lola
Cláudia Lira	Carla
Myriam Rios	Tereza
Rubens Caribé	Aranha
Alexandre Frota	Pavão
Eduardo Caldas	Lucas
Antônio Pedro	Conde Fortuna
Rogério Cardoso	Flávio Silvestre
Cláudio Correia e Castro	Aristides Maia
Flávia Bonato	Rafa
Júlio Levy	Cachorrão
Suzana Faini	Hilda
Giovanna Gold	Vera
Evandro Mesquita	Ivan
João Rebello	Caco
Oswaldo Loureiro	General Milton
Rodrigo Penna	Tomás G.
Lúcia Alves	Tulê Berná
Daniel Dantas	Marcos
Lucas Rodrigues	Henrique Luís
Alexandra Marzo	Suzy
Nina de Pádua	Vívian
Paulo Reis	Antenor
Fábio Junqueira	Márcio
Marcelo Garcia	Zeca
Carla Ceccato	Raquel
Mônica Areal	Tininha
Marcelo Faustini	Juca
Viviane Novaes	Lúcia
Fabiano Nogueira	Pedraão

Continua

Continuação

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
Gustavo Long	Bruno
Alexia Dechamps	Lorena
Mariana Leoni	Tuca
Duda Pinheiro	Maurício
Ricardo Sampaio	Carlão
Henrique Farias	Cabelo

Quadro 3 – 2ª TEMPORADA: de 24 DE ABRIL DE 1995 a 29 DE JANEIRO DE 1996

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
Fernanda Rodrigues	Luiza Pratta Gonzalez
Cláudio Heinrich	Dado (Eduardo Siqueira Júnior)
Ademir Zanyor	Israel
Ana Paula Tabalipa	Tainá
André Marques	Mocotó (Alexandre Ferreira)
Bruno De Luca	Fábinho (Fábio Gonzalez Filho)
Daniela Pessoa	Magali
Danton Mello	Hérciles Barreto
Dill Costa	Candelária
Fabiano Miranda	Bróduei
Juliana Martins	Bella (Isabella Bittencourt)
Luigi Baricelli	Romão Macieira
Paulo Uranga	Léo (Leonardo)
Elizângela	Zizi
Renata Fronzi	Jasmin
Camila Pitanga	Alex (Alexandra Bittencourt)
Bianca Byington	Dóris
Adriano Reis	Ferraz
John Herbert	Nabuco (Nabucodonosor Pereira)
Nico Puig	Raul, o Bad Boy
Thierry Figueira	Gabriel
Maria Ribeiro	Denise
Beto Simas	Júlio Herman
Ludmila Dayer	Taty
Danielle Soares	Teca
Viviane Ribeiro	Lúcia
Renata Mor	Juliana
Carolina Abranches	Chris
Oscar Magrini	Pavão
Lucas Margutti	Paulista
Íris Bustamante	Fernanda Matias
Nívea Stelmann	Luana
André Vieira	Guto
Diogo Albuquerque	Mateus

Continua

Continuação

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
Frederico Mayrink	Farinha
Carlos Satto	Akira
Flávia Bonato	Rafa
Cristiane Horta	Alice
Rodrigo Drippe	Pedro
Xuxa Lopes	Laura Macieira
Thiago Fragoso	Carlos Alberto
Castro Gonzaga	Papai Noel
Tatyane Goulart	Fátima
Luiza Curvo	Jade Siqueira
Pedro Brício	Vinícius
Antonio Calloni	Leon
Patrick de Oliveira	Sílvio
Manitou Felipe	Serginho Rota
Renata Maciel	Natália
Ricardo Garcia	Elétron
Danton Jardim	Renato
Ana Luiza Barros	Lavínia
Giuliano Nandi	Street
Jarcko Paes	Beto
Karina Perez	Bianca
Alice Lima e Silva	Luli
Guti Fraga	Valdomiro
Abrahão Farc	Nestor
Paloma Pedrine	Carolina
Carlos Bonow	Montanha
Katia Bronstein	Lila Shue

Quadro 4 – 3ª TEMPORADA: de 31 DE MARÇO DE 1997 a 27 DE MARÇO DE 1998

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
Luana Piovani	Patrícia (Lorão)
Pedro Vasconcelos	Victor (Vodu)
Daniela Pessoa	Magali
Marcos Pasquim	Milton
Roberta Cipriani	Maria Cátia
Cláudio Heinrich	Eduardo (Dado)
Talita Castro	Maria
Thierry Figueira	Lau
André Marques	Mocotó
Bruno De Luca	Fabio (Fabinho)
Raquel Nunes	Pamela (Pam)
Luigi Baricelli	Romão
Ana Paula Guimarães	Nani
Beth Goulart	Lígia
Camila Pitanga	Alexandra Bittencourt (Alex)
Dill Costa	Candelária
Raul Gazolla	Marcel
Renata Mor	Juliana
Carolina Abranches	Cristiane (Cris)
Lucas Margutti	Paulista
Guilherme Madalha	Gaúcho
Walter Verve[1]	Antonio (Tony)
Fabiano Miranda	Bróduei
Samantha Monteiro	Joana
Rodrigo Drippê	Pedro
Caio Junqueira	Flávio
Juliana Knust	Laura
Mario Frias	Ivan
Thiago Lacerda	Lucas (Lula)
Bianca Rinaldi	Úrsula
Thaís Fersoza	Ângela
Karina Barum	Débora
Susana Werner	Mariana
Lucinha Lins	Bárbara Dias Cabral

Continua

Continuação

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
Bianca Byington	Dóris
Nuno Leal Maia	Pasqualete
Francisco Cuoco	Orestes
Norton Nascimento	Fausto
Ronaldo Nazário	Betinho namorado de Mariana
Carolina Dieckmann	Juliana "Juli" Siqueira
Guilherme Leme	Celso namorado da Luiza
Ângelo Paes Leme	Nando
Tato Gabus Mendes	Eduardo Siqueira
Danielle Soares	Teca
Daniel Ávila	Príncipe Hassan
Rita Guedes	Luana
Mônica Carvalho	Naomi
Nívea Stelmann	Mônica
Renée de Vielmond	Lorena
Kadu Moliterno	Paulo
Cristina Prochaska	Sílvia
Leila Lopes	Rosa
Antônio Rocco	Jackson
Jorge Só	Bulldog
Cristina Mullins	Andréia
Fernando Almeida	Franklin
Flávio Colatrello Jr.	Rômulo
Danielle Colatrello	Beth
Viviane Ribeiro	Lúcia
André Vieira	Guto
Thiago Picchi	Padre Francisco
Daisy Braga	Silvinha
Waldir Gozzi	Alan
Andressa Koetz	Gilda
Karla Nogueira	Betânia
Andréa Guerra	Afrodite
Fábio Villa Verde	Pedro Ivo
Kiko Mascarenhas	Victor / Victória
Nildo Parente	Severo

Continua

Continuação

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
Walmor Chagas	William
Carolina Pavanelli	Rafaela
Antônio Gonzalez	Rolando
Francisco Milani	Falcão
Michelle Martins	Sheila
Cláudio Caparica	Gerente de Banco
Jon Bon Jovi	Como ele mesmo – participação especial

Quadro 5 – 4ª TEMPORADA: de 30 DE MARÇO DE 1998 a 2 DE OUTUBRO DE 1998

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
Cássia Linhares	Alice
Rodrigo Faro	Bruno
Daniele Valente	Flávia
Hugo Gross	Rui
Adriana Matoso	Dani
Alexandre Barillari	Tadeu
Alexandre Barros	Ele Mesmo
Ana Paula Guimarães	Nani
Andréia Faria	Luana
Ariel Coelho	Danilo
Beto Simas	Hugo
Bruno Gradim	Barrão
Carlos Casagrande	Juan
Castrinho	Oscar
Catarina Abdalla	Dona Manu
Cissa Guimarães	Tereza
Danielle Soares	Teca
Danielle Winitz	Vicky
Diego Codazzi	Picolé
Elaine Mickelly	Simone
Elvira Elena	Lúcia
Gustavo Paso	Branco
Jonas Torres	Beto
José D'Artagnan Júnior	Guga
Juliana Baroni	Cacau
Juliana Medela	Bia
Lavínia Vlasak	Érica
Luiza Mariani	Isa
Marcelo Novaes	Paulinho Kelê
Marcos Breda	Mestre Rava
Márcio Garcia	Adriano
Maria Ribeiro	Denise
Mariana Moura	Juju
Marinara Costa	Bete
Mário Frias	Escova

Continua

Continuação

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
Matheus Rocha	Agamenon
Oswaldo Loureiro	Esmeraldino Sampaio
Péricles Amin	Tito
Renata Dutra	Cléo
Ricardo Macchi	Rafael
Rita Guedes	Carla
Samara Felippo	Sabrina
Samuel Costa	Gafanhoto
Tatiane Manzan	Hanna
Thierry Figueira	Lau
Wagner Molina	Jacinto
Nuno Leal Maia	Pasqualete
Jonas Bloch	Tatuí
Caio Junqueira	Puruca
Francisco Milani	Milton
Cecil Thiré	H.O. (Henrique Otávio)
Totia Meireles	Dulce
Lúcia Veríssimo	Cristine
André Marques	Mocotó (Alexandre Ferreira)

Quadro 6 – 5ª TEMPORADA: de 5 DE OUTUBRO DE 1998 a 15 DE OUTUBRO DE 1999

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
André Marques	Mocotó
Bruno de Lucca	Fabinho
Juliana Baroni	Cacau
Fly	Tide
Gisele Policarpo	Duda
Alexandre Barillari	Tadeu
Thaís Fersoza	Carla
Alexandre Frota	Róbson
Edward Boggis	Caio
Fabiano Miranda	Bróduei
Fernanda Badaue	Laís
Flávio Colatrello Jr.	Metraton
Giselle Fraga	Priscila
Jonas Torres	Beto
Juliana Garavatti	Tati
Marco Mastronelli	Professor Júlio / Anjeliel (anjo)
Maria Ribeiro	Denise
Natália Lage	Marina
Nathália França	Natália
Nelson Freitas	Tony
Vera Zimmerman	Rachel
Yuri Jaimolevitch	Stalone
Caio Graco	Artur
Luiz Antônio do Nascimento	Rafael (Rafa)
Stepan Nercessian	Petruchio
Maria Zilda Bethlem	Catarina
Adriana Bombom	Juju
Anderson Müller	Bermuda
Carolina Kasting	Laila
Elaine Mickelly	Laura
Carlos Machado	Bené
Luciano Szafir	Sérgio
Cláudia Alencar	Inês
Leonardo Vieira	Zeca Vergueiro

Continua

Continuação

ATOR/ATRIZ	PERSONAGEM
Mônica Carvalho	Verônica
Jonathan Nogueira	Rubinho
Rubens Caribé	Aranha
Bruno Padilha	André
Liane Souza	Paulinha
Vavá	Chico Samba
Débora Falabella	Antônia
Carina Ignácio Ferreira	Carina
Théo Barossi	Théo
Bruno Gradim	Barrão
Daniela Pessoa	Magali
Daniele Valente	Flávia
Fred Mayrinkl	Guel
Luigi Baricelli	Romão
Luíza Mariani	Isadora
Mário Gomes	Roberto
Nair Bello	Olga
Ana Paula Tabalipa	Tainá
Fernanda Rodrigues	Luiza

Quadro 7 - 6ª TEMPORADA: de 18 DE OUTUBRO DE 1999 a 7 DE ABRIL DE 2000

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
Priscila Fantin	Tatiana Almeida (Tati)
Mário Frias	Rodrigo Chaves
Samara Felippo	Érica Schmidt
Roger Gobeth	Alfredo Fernandes (Touro)
Natália Lage	Marina Ferreira
Lília Cabral	Cláudia Almeida
Paulo Gorgulho	Rubem Almeida
Maria Padilha	Alberta Gonzaga
Giovanna Antonelli	Isabel Pasqualete (Isa)
Nuno Leal Maia	Paulo Pasqualete
Licurgo Spínola	Vítor Maia
Daniel de Oliveira	Marcos Almeida (Marquinhos)
André Marques	Alexandre Ferreira (Mocotó)
Márcio Kieling	Bernardo Crisântemo (Perereca)
Robson Nunes	Sávio Santos
Fernando Pavão	Gustavo (Guto)
Paula Newlands	Rosa
Fernanda Souza	Heloísa Castro (Helo)
Camila Farias	Carolina Maia (Carol)
Sílvia Poggetti	Maria Maravilha
Giselle Policarpo	Eduarda (Duda)
Tito Junior	Aderbal
Rosana Stavis	Dª Ondina
Carolina Abranches	Maria Lúcia Poetia (Marilu)
Mateus Rocha	Papa Léguas
Milton Gonçalves	Leal Calabar
Ilva Niño	Yolanda Silva
Alexandre Zacchia	Carlão
Othon Bastos	Calota
Marinara Costa	Milena
Fábio Saback	Ruan Batista
Bruno Padilha	André
Mônica Torres	Valquíria Castro
Eloísa Mafalda	Dona Antônia

Continua

Continuação

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
Felipe Camargo	Humberto (Beto)
Raul Gazolla	Ricardo (Ricardão)
Nizo Neto	Detetive Penalva
Petrônio Gontijo	Padre
Jerusa Franco	Gabriela
Gustavo Haddad	Plínio
Geovanna Tominaga	Letícia
Marco Mastronelli	Jeliel
Stepan Nercessian	Petrúcio
Julio Guedes	Paulão do polo aquático
Lucio Andrey	Gilson

Quadro 8 - 7ª TEMPORADA: de 10 DE ABRIL DE 2000 a 4 DE MAIO DE 2001

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
Ludmila Dayer	Joana Carneiro (Joaninha)
Fábio Azevedo	Marcelo Malta (Celo)
Priscila Fantin	Tatiana Almeida (Tati)
Mário Frias	Rodrigo Chaves
Samara Felippo	Érica Schmidt
Roger Gobeth	Alfredo Fernandes (Touro)
Fernanda Nobre	Beatriz Albuquerque de Vasconcelos (Bia)
Márcio Kieling	Bernardo Crisântemo (Perereca)
Giuseppe Oristânio	Afonso Malta
Giselle Tigre	Linda Albuquerque
Denise Del Vecchio	Yolanda Albuquerque Castro (Ioiô)
Guilherme Leme	Jorge Vasconcelos
Sérgio Hondjakoff	Artur Malta (Cabeção)
Fernanda Souza	Maria Heloísa Pereira Vieira de Moura e Souza (Helô)
Daniel de Oliveira	Marcos Almeida (Marquinhos)
Natália Lage	Marina Granato Almeida
Robson Nunes	Sávio Santos
Aisha Jambo	Naomí
Giselle Policarpo	Eduarda Quaresma (Duda)
Fernando Pavão	Gustavo (Guto)
Nuno Leal Maia	Paulo Pasqualete
Paula Newlands	Rosa
Erik Marmo	Sócrates Coelho (Só)
Licurgo Spínola	Vítor Maia
Sílvia Poggetti	Maria Maravilha
Paulo Pompéia	Seu Santos
Rosana Stavis	Dª Ondina
Fernando Caruso	Théo
Daniel Andrade	Zezinho
Miguel Thiré	Jacaré
Geovanna Tominaga	Letícia
Gabriel Gracindo	Carlos
Marcelo Cavalcanti	Bujão

Continua

Continuação

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
Ricardo Duque	Cleiton
Daniel Ávila	Bruno
Tito Junior	Aderbal
Helder Agostini	Fernando Malta (FM)
Camila Farias	Carolina Maia (Carol)
Luã Ubacker	Arnaldinho (AM)
Luis Otávio	Bilico dos Anjos
Lília Cabral	Cláudia Almeida
Bruno Padilha	André
Paulo Gorgulho	Rubem Almeida
Cláudio Lins	Antônio
Tânia Bondezan	Raquel Fernandes
Débora Duarte	Leila Schmidt
Betina Vianny	Madalena
Mila Moreira	Úrsula
Carlos Eduardo Dolabella	Marco Antonio
César Pezzuoli	Enrique Simões
Carolina Abranches	Marilu
Jayme Periard	Dr. Praxedes
Luiz André Alvim	Lucas
Júlio Braga	Dr. Ribeiro
Thiago Mendonça	Andrezinho
Java Mayan	Emerson
Helena Fernandes	Doutora Tânia
Toni Tornado	Dr.

Quadro 9 - 8ª TEMPORADA: de 7 DE MAIO DE 2001 a 19 DE ABRIL DE 2002

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
Rafaela Mandelli	Fernanda Lemos (Nanda)
Iran Malfitano	Guilherme Ferreira (Gui)
Lucélia Santos	Jaqueline Lemos
Tato Gabus Mendes	Renato Ferreira
Bia Seidl	Vera Ferreira
André D'Biase	Vinícius Lemos
Giselle Tigre	Linda Albuquerque
Max Fercondini	Leonardo Ferreira (Léo)
Bianca Castanho	Valéria Oliveira
Fernanda Nobre	Beatriz Albuquerque (Bia)
Fernanda Souza	Heloísa Castro (Helô)
Sérgio Hondjakoff	Arthur Malta (Cabeção)
Sérgio Abreu	Beto
Helder Agostini	Fernando Malta (Fernandinho)
Sidney Sampaio	Daniel Bittencourt
Gisele Frade	Drica Spinelli
Eric Muller	Farofa
Aisha Jambo	Naomi
Clara Garcia	Andressa
Fernando Pavão	Gustavo (Guto)
Bia Montez	Vilma Ribeiro da Silva
Charles Paraventi	Afrânio
Roger Gobeth	Alfredo Fernandes (Touro)
Maytê Piragibe	Liliane
Ricardo Kosovski	Caio
Paula Newlands	Rosa
Juliana Lohmann	Gabriela Ferreira
Renata Dominguez	Solene Ribeiro da Silva (Sol)
Dado Dolabella	Robson Silveira
Rômulo Simões	Alemão
Tatiana Muniz	Mel
Giuseppe Oristanio	Afonso Malta
Antônio Grassi	João
Renata Mattos	Estela

Quadro 10 - 9ª TEMPORADA: 22 DE ABRIL DE 2002 a 25 DE ABRIL DE 2003

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
Juliana Silveira	Júlia Miranda (Ju)
Henri Castelli	Pedro Rodrigues
Bárbara Borges	Thaíssa Bandioli
Kadu Moliterno	César Rodrigues
Lu Grimaldi	Íris Miranda
André D'Biase	Vinícius Lemos
Rafaela Mandelli	Fernanda Lemos (Nanda)
Iran Malfitano	Guilherme Ferreira (Gui)
Sérgio Abreu	Beto
Renata Dominguez	Solene Ribeiro da Silva (Sol)
Miguel Thiré	Charles Alencar Castro Jr. (Charles Jr.)
Sérgio Hondjakoff	Artur Malta (Cabeção)
Helder Agostini	Fernando Malta (Fernandinho)
Fernanda Nobre	Beatriz Albuquerque (Bia)
Sidney Sampaio	Daniel Bittencourt
Giselle Tigre	Linda Albuquerque
Gisele Frade	Adriana Spinelli (Drica)
Eric Muller	Farofa
Aisha Jambo	Naomí
Joana Limaverde	Letícia
Carlos Bonow	Marcos (Marcão)
Mariana Hein	Isabel Mendes (Bebel)
Márcia Barros	Mariana
Bia Montez	Vilma Ribeiro da Silva
Charles Paraventi	Afrânio
Tiago Armani	Ricardo Miranda
Cauã Reymond	Maurício Terra (Maumau)
Letícia Colin	Kailani Rodrigues
Tereza Seiblit	Débora Batista
Odilon Wagner	Otávio Miranda
Giuseppe Oristanio	Afonso Malta
Bianca Castanho	Valeria Oliveira
Eva Todor	Isaura
Bel Kutner	Sônia
Betina Vianny	Dora
Rodolfo Freitas	Alexandre
Marie Lanna	Marilise
Guilherme Medaglia	Mário
Juan Alba	Paulinho
Jardel Mello	Comandante Rodolfo
Antônio Pedro	Seu Tonho
Ernani Moraes	Senhor Armando
Rosana Oliveira	Christianne (Chris)
Marisol Ribeiro	Cristina (Tinha)

Quadro 11 - 10ª temporada: 28 DE ABRIL DE 2003 a 16 DE JANEIRO DE 2004

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
Manuela do Monte	Luísa Linhares Viana (Lu)
Sérgio Marone	Victor Correia Amorim
Evandro Mesquita	Rômulo Amorim
André D'Biase	Vinícius Lemos
Suely Franco	Laila Amorim
Totia Meirelles	Sandra Linhares
Juliana Silveira	Júlia Miranda (Jú)
Henri Castelli	Pedro Rodrigues
Renata Dominguez	Solene Ribeiro da Silva
Sérgio Abreu	Beto
Mariah Rocha	Patricia (Paty)
Bárbara Borges	Thaíssa Bandioli
Gisele Frade	Adriana Spinelli (Drica)
Sérgio Hondjakoff	Artur Malta (Cabeção)
Cauã Reymond	Maurício Terra (Maumau)
Bia Montez	Vilma Ribeiro da Silva
Charles Paraventi	Afrânio
Paulo César Grande	Heitor Brito
Paulo Nigro	Murilo Andrade Brito
Márcia Barros	Mariana
Mário Hermeto	Maciel
Nathália Rodrigues	Carla Martins
Daniele Suzuki	Miyuki Shimahara
Alexandre Slaviero	Carlos Henrique (Kiko)
Jorge de Sá	Mateus Bueno
Maria Flor	Regina Portobelo (Rê)
Tatiana Muniz	Manuela Ribeiro (Manu)
Carla Regina	Ana Paula
Renata Nascimento	Mônica Linhares Viana
Mauro Mendonça	Osvaldo
Ana Carolina Dias	Juju
Evenly Oliveira	Joana
Jéssica Marina	Helena
Kaian Raia	Bruno Correia Amorim

Continua

Continuação

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
Maitê Proença	Daniela Correia Amorim
José de Abreu	Paulo Viana
Giuseppe Oristanio	Afonso Malta
Marjorie Estiano	Fabianna
Duda Nagle	Gabriel
Luma Costa	Duda
Ana Beatriz Cisneiros	Vilminha
Walter Breda	Bigodão
Monique Alfradique	Natália
Rodrigo Penna	Aderbal
Janaina Moura	Beth
Omar Docena	Podes Crer
Lívia de Bueno	Marinalva (Marina)
Tamara Barreto	Luciana Trator
Nuno Leal Maia	Pasqualete

Quadro 12 - 11ª temporada: 19 DE JANEIRO DE 2004 a 14 DE JANEIRO DE 2005

ATOR/ATRIZ	PERSONAGEM
Juliana Didone	Letícia Gomes da Silva
Guilherme Berenguer	Gustavo Soares da Costa
Marjorie Estiano	Natasha Ferreira
João Velho	Olavo Ribeiro Jr (Catraca)
Bruno Ferrari	Carlos Eduardo Gomes da Silva (Cadu)
Pedro Nercessian	Fabício Pereira
Jean Fercondini	Felipe Saldanha
Graziella Schmitt	Viviane Reis (Vivi)
Laila Zaid	Isabel freitas (Bel)
Íris Bustamante	Sabrina
Dalton Vigh	Prof. Oscar Medeiros
Vanessa Bueno	Cláudia
Nuno Leal Maia	Pasqualete
André D'Biase	Vinícius Lemos
Chris Couto	Beth
Bia Montez	Vilma Ribeiro da Silva
Charles Paraventi	Afrânio
Thaís Vaz	Flávia
Paulo Nigro	Murilo Brito
Lidi Lisboa	Aline Coimbra
Alex Gomes	Alexandre (TDB)
Gisele Frade	Adriana Spinelli (Drica)
Alexandre Slaviero	Carlos Henrique (Kiko)
Ana Carolina Dias	Juju
Sérgio Hondjakoff	Artur Malta (Cabeção)
Daniele Suzuki	Miyuki Shimahara
Ícaro Silva	Rafael (Rafa)
Lara Rodrigues	Camila
Humberto Carrão	Diogo
Cleslay Delfino	William
Eduardo Lago	Marcelo Henrique Soares da Costa
Cissa Guimarães	Beatriz Soares da Costa
Ricardo Petraglia	José Gomes da Silva
Tássia Camargo	Lúcia Gomes da Silva

Continua

Continuação

Mônica Torres	Elisa
Bruna di Tullio	Mônica
Aline Borges	Giovana Lima
Milton Gonçalves	Juiz
Flávio Bauraqui	Sebastião
Raul Gazolla	Francisco Roberto
Stepan Nercessian	Dr. Gusmão
Marcos Breda	Fernando
Júlio Levy	Sérgio
Floriano Peixoto	Rodrigo Otávio
Anderson Lau	Koji
José Rubens Chachá	Calixto
Karla Tenório	Jasmim
Marta Mellinger	Solange
Mariana Spinello	Cecília
Keli Freitas	Marcela
Joe Wolfart	Waldisney
Evelyn Oliveira	Joana Furtado

Quadro 13 - 12ª TEMPORADA: de 17 DE JANEIRO DE 2005 a 13 DE JANEIRO DE 2006

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
Fernanda Vasconcellos	Betina Sorrento (Tina)
Thiago Rodrigues	Bernardo Barreto (Bê)
Joana Balaguer	Jaqueline Garcia (Jaque)
Marco Antônio Gimenez	Alexandre Camello (Urubu)
Juliana Didone	Letícia Gomes da Silva
Guilherme Berenguer	Gustavo
Marjorie Estiano	Natasha Ferreira
Alexandre Slaviero	Carlos Henrique (Kiko)
Sérgio Hondjakoff	Artur Malta (Cabeção)
José Loreto	Marcão
Thiara Palmieri	Amanda
Java Mayan	João Garcia
Laila Zaid	Isabel Freitas (Bel)
Danielle Suzuki	Myiuki
Wagner Santisteban	Igor (Download)
Daniel Erthal	Leonardo Miranda (Leo)
Graziella Schmitt	Viviane Reis (Vivi)
Ícaro Silva	Rafael (Rafa)
Tássia Camargo	Lúcia Gomes da Silva
Nuno Leal Maia	Paullo Pasqualete
Felipe Titto	Frederico (Marley)
Ana Carolina Dias	Juju
Eduardo Pires	Beto
Lidi Lisboa	Aline Coimbra
Fany Georguleas	Christhiana (Kitthy)
Renato Franco	Julião
Íris Bustamante	Sabrina
Charles Paraventi	Afrânio
Chris Couto	Beth
Bia Montez	Dona Vilma (Vilma Ribeiro da Silva)
Rocco Pitanga	Rico
Eliete Cigarini	Laura
Nicolas Trevijano	Rodrigo

Continua

Continuação

Bia Junqueira	Cida
Evelyn Oliveira	Joana
Thaiane Maciel	Juliana Garcia (Ju)
Debby Lagranha	Tatyane (Taty)
César Cardadeiro	Pedro
John Herbert	Horácio Barreto
Rosamaria Murtinho	Nair (Naná)
Oscar Magrini	Júlio César Garcia
Paulo Betti	Miguel Barreto
Cristiana Oliveira	Rita Garcia
Thiago Oliveira	Daniel
Othon Bastos	Professor Adolfo
Sophie Charlotte	Azaléia
Lucy Ramos	Valeria
Cássia Linhares	Gracinha
Daniel Del Sarto	Renzo
Dudu Pelizzari	Hugo
Sônia Lima	Susana
Greta Antoine	Carla
Luma Costa	Flávia
Thiago de Los Reyes	Jonas
Juliana Lohmann	Ciça
José Dumont	Sebastião
Ida Gomes	Helga
Bruno Padilha	Mauro
Xuxa Lopes	Vanessa Ávila
Bete Mendes	Filó
Beatriz Blancsak	Liz
Giselle Delaia	Bianca
Anna Cotrim	Fabiane
Luciana Malavasi	Kelly
Filipe Kammer	Roberto
Aline Aguiar	Rossana
Alexsandro Palermo	Hélio

Quadro 14 - 13ª TEMPORADA: de 16 DE JANEIRO DE 2006 e 12 DE JANEIRO DE 2007

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
Luiza Valdetaro	Manuela Prado (Manu)
Bernardo Melo Barreto	Cauã San Martin
Monique Alfradique	Priscila Bittencourt (Priscilittle)
Gabriel Wainer	Eduardo Andrade (Edu)
Cláudia Ohana	Raquel Valença
Juan Alba	Marco Aurélio Andrade
Ângela Figueiredo	Sônia Andrade
Daniel Boaventura	Adriano Benelli / Mariano Benelli
Francisca Queiroz	Vitória Vilela
Juliana Boller	Marina
André D'Biase	Vinícius Lemos
Charles Paraventi	Afrânio
Bia Montez	Dona Vilma
Tássia Camargo	Lúcia
Joana Balaguer	Jaqueline Garcia (Jaque)
Marco Antônio Gimenez	Alexandre Camelo (Urubu)
Dudu Pelizzari	Frederico Bittencourt (Fred)
Alexandre Slaviero	Carlos Henrique (Kiko)
Java Mayan	João Garcia
José Loreto	Marcolino (Marcão)
Leonardo Machado	Hugo
Marcos Pitombo	Roger (Siri)
Camila dos Anjos	Roberta Valença
Gian Bernini	Wellington (Mulambo)
Laila Zaid	Isabel Freitas (Bel)
Wagner Santisteban	Igor (Download)
Thiara Palmieri	Amanda
Ícaro Silva	Rafael (Rafa)
Karen Junqueira	Teresa Maia (Tuca)
Giordanna Forte	Giovana Scarponi
Chris Couto	Beth
Fabício Santiago	Cleiton
Alessa Monticelli	Karina
Karla Muga	Bárbara Ramos

Continua

Continuação

Otto Jr.	Peixotão
Cidinha Millan	Cida
Bernardo Mendes	Ivan (Bodão)
Karla Nogueira	Aurélia
Evelyn Oliveira	Joana
César Cardadeiro	Pedro
Marcela Barrozo	Antônia Valença
Arthur Lopes	Lucas (Luquinhas)
Marcello Novaes	Daniel San Martin
Luiza Valdetaro	Manuela Prado (Manu)
Bernardo Melo Barreto	Cauã San Martin
Monique Alfradique	Priscila Bittencourt (Priscilittle)
Gabriel Wainer	Eduardo Andrade (Edu)
Cláudia Ohana	Raquel Valença
Juan Alba	Marco Aurélio Andrade
Ângela Figueiredo	Sônia Andrade
Daniel Boaventura	Adriano Benelli / Mariano Benelli
Francisca Queiroz	Vitória Vilela
Juliana Boller	Marina
André D'Biase	Vinícius Lemos
Charles Paraventi	Afrânio
Bia Montez	Dona Vilma
Tássia Camargo	Lúcia
Joana Balaguer	Jaqueline Garcia (Jaque)
Marco Antônio Gimenez	Alexandre Camelo (Urubu)
Dudu Pelizzari	Frederico Bittencourt (Fred)
Alexandre Slaviero	Carlos Henrique (Kiko)
Java Mayan	João Garcia
José Loreto	Marcolino (Marcão)
Leonardo Machado	Hugo
Marcos Pitombo	Roger (Siri)
Camila dos Anjos	Roberta Valença
Gian Bernini	Wellington (Mulambo)

Quadro 15 - 14ª TEMPORADA: de 15 DE JANEIRO 2007 a 12 DE OUTUBRO DE 2007

ATOR/ATRIZ	PERSONAGEM
Thaila Ayala	Marcela Pereira da Silva (Marcela Persí)
Rômulo Arantes Neto	André Dias
Maria Eduarda Machado	Cecília Junqueira Albuquerque (Ciça)
Klebber Toledo	Mateus Molina
Gabriel Wainer	Eduardo Andrade
Fiorella Mattheis	Vivian Pimenta (Vivi)
Gabriella Vigol	Bruna Capettini
Bruno Udovic	Murilo Jaguar
José Rubens Chachá	Arnaldo Pereira da Silva (Arnaldo Persí)
Victor Ferreira	Rogério (Roleta)
Ricardo Fogliato	Marcos (Sequela)
Giovanna Ewbank	Márcia de Souza (Marcinha)
Giselle Batista	Clara Viana
Michelle Batista	Clarissa Viana
Guilherme Fernandes	Patrick de Leon
Bianca Byington	Talita Albuquerque (Tatá)
Guilherme Fontes	Fernando Albuquerque (Naninho)
Soraya Ravenle	Alaíde Pereira da Silva (Alaíde Persí)
Norma Blum	Dionísia Pimenta
Antônio Pedro Borges	Valério Pimenta (Capitão)
Daniel Boaventura	Adriano Lopes
Claudia Ohana	Raquel Valença
Java Mayan	João Garcia
Fabrizio Santiago	Cleiton
Marcos Pitombo	Roger (Siri)
Bernardo Mendes	Ivan (Bodão)
Ícaro Silva	Rafael (Rafa)
Gian Bernini	Wellington (Mulambo)
Karen Junqueira	Teresa Maia (Tuca)
Monique Alfradique	Priscila Bittencourt (Priscilittle)
Karla Nogueira	Aurélia
Jarbas Toledo	Investigador Rajão
Larissa Bracher	Maria Eduarda (Duba)
Guilherme Winter	Thiago Junqueira

Continua

Continuação

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
Charles Paraventi	Afrânio
Otto Jr.	Professor Peixoto (Peixotão)
Cidinha Milan	Cida
Bia Montez	Dona Vilma
Evelyn Oliveira	Joana Furtado
Luiz Américo	Caco
João Vítor Silva	Claudionor de Oliveira (Goiaba)
Tamara Ribeiro	Flora Luiza Junqueira Albuquerque (Florinha)
Juliano Lessa	Jorge (Jorginho)
Igor Trípoli	Leandro Pimenta
Ricardo Tozzi	Fábio
Fernanda de Freitas	Francesca
Roberto Frota	Gabriel Dias
Karina Mello	Cristina Pimenta
Caroline Abras	Anita
Marcos Damigo	Luciano Rocha
Elias Gleizer	Tarcísio Pereira
Lucio Mauro	Delegado Silva
Guilherme Weber	Leôncio Gurgel
Alexia Dechamps	Teresa Gurgel
Geovanna Tominaga	Ana Olívia
Rômulo Estrela	Edílson
Sylvia Massari	Marta Jaguar
Elaine Mickely	Dada
Thalita Ribeiro	Dani
Helena Fernandes	Scarleth
Marina Rigueira	Dilene
Sandro Rocha	Policial
Jonatas Faro	Fernando
Jacqueline Laurence	Maria Pia
Marco Antônio Pâmio	Bernard Higgins
Karina Dohme	Regininha Chicletinho
Chico Expedito	Rosalvo
Giselle Delaia	Paloma Giovanni
Eduardo Gil	Breno

Quadro 16– 15ª TEMPORADA: de 15 DE OUTUBRO DE 2007 a 9 DE JANEIRO DE 2009

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
Sophie Charlotte	Angelina Maciel
Rafael Almeida	Gustavo Bergantin (Guga)
Nathalia Dill	Débora Rios
Cleiton Moraes	Andréas Campadelli
Mariana Rios	Yasmin Fontes / Blue Spencer
Mariah Rocha	Kyara Marcondes
Jonatas Faro	Waldemar Peralta (Peralta)
Bernardo Mendes	Ivan (Bodão)
Johnny Massaro	Fernando Chalfon (Fernandinho)
Daniel Uemura	Raiden Nishimira
Sophia Abrahão	Felipa Gentil
Maxwell Nascimento	Pedro Firmino
Caio Castro	Bruno Oliveira Guimarães (Bruno)
Raisa Gaio	Giselle Marmotel
Carolinie Figueiredo	Domingas Gentil
Rael Barja	Caju
Eliane Costa	Maria das Montanhas
Beth Lamas	Professora Forte
Guilherme Winter	Thiago Junqueira
Dulcinéia Dibo	Zulaide
Sóstenes Vidal	Isidoro
Déborah Kalume	Eneida Marmotel
Karla Nogueira	Aurélia
Evelyn Oliveira	Joana
Sidney Sampaio	Tony Fontes
Zezé Motta	Maria Perpétua
Keli Freitas	Luana
Henrique Taipas	Godofredo (Gordofredo)
Kaleo Maciel	Marcelo Forte (Fortinho)
Fabiana Motta	Carolina Forte (Fortinha)
Lucas de Jesus	Leonardo Maciel (Léo)
Larissa Pereira	Antonieta Bergantin
Carolina Kasting	Béatrice Loprèt Lopes
Norma Blum	Dionísia Pimenta
Sílvia Salgado	Daisy Lininirro Bergantin
Isabel Fillardis	Rita de Cássia Dutra
Camila Rodrigues	Tereza Lopes
Licurgo	Félix Rios / Ernesto Ribeiro
Antônio Pedro Borges	Valério Pimenta (Capitão)
Daniel Boaventura	Adriano Lopes / Mariano Lopes / Dona Drica Lopes
Serjão Loroza	Orfeu
Zécarlos Machado	Joaquim Bergantin
Paulo Giardini	Gerson Siqueira (Siqueira)

Quadro 17 - 16ª TEMPORADA: 12 DE JANEIRO 2009 a 6 DE NOVEMBRO DE 2009

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
Bianca Bin	Marina Vidal Monteiro Miranda (Marininha)
Micael Borges	Luciano Ribeiro
Humberto Carrão	Caio Lemgruber
Amanda Richter	Veridiana Cavaleira
Daniel Dalcin	Alex Bacelar
Jéssika Alves	Norma Jean Valadares Bacelar
Milena Toscano	Paloma Limeira
Mariana Rios	Yasmin Fontes (Yayá)
Jonatas Faro	Waldemar Peralta ("Peralta")
Caio Castro	Bruno Oliveira
Sophia Abrahão	Felipa Gentil
Johnny Massaro	Fernando Chalfon (Fernandinho)
Carolinie Figueiredo	Domingas Gentil
Lisa Fávero	Paula Paes (Paulinha)
Peter Mark	Bogumil
Helder Agostini	Marcelo Rodrigues
Bernardo Castro Alves	Diego dos Santos
Nêmera Cavaleiro	Rejane Vidal Monteiro Miranda
Rael Barja	Caju / Cajuina
Eliane Costa	Maria Montanhas
Henrique Taipas	Godofredo ("Gordofredo")
Karla Nogueira	Aurélia
Evelyn Oliveira	Joana
Cláudia Mauro	Iracema Vidal
Maurício Mattar	Guilherme Cavaleira
Alice Borges	Cecília dos Santos
Paulo César Grande	Adamastor Peralta
Georgiana Góes	Juliana Monteiro Miranda
Guga Coelho	Rodrigo Oliveira
Esther Dias	Suzana Menezes
Pablo Padilha	Osvaldo Monteiro Miranda
Gustavo Rodrigues	Mauro Bacelar
Antônia Fontenelle	Kátia Valadares Bacelar
Luigi Matheus	Rudá Vidal Monteiro Miranda
Maria Clara David	Letícia Menezes
Rosaly Papadopol	Olga Monteiro Miranda
Louise Cardoso	Filó Fontes
Antônio Pedro Borges	Valério Pimenta
Beto Quirino	Tomé Ribeiro
Renato Borgui	Dr.Lemgrüber

Quadro 18 - 17ª TEMPORADA: de 9 DE NOVEMBRO DE 2009 a 20 DE AGOSTO DE 2010

ATOR/ATRIZ	PERSONAGEM
Cristiana Peres	Cristiana Araújo (Cris)
Fiuk	Bernardo Oliveira (Bê)
Mariana Molina	Bia Gomes
Murillo Couto	Beto
Élida Muniz	Tati Fernandes (Thai)
Giovanna Echeverria	Fernanda Araújo (Nanda)
Rafaela Ferreira	Juju
João Maia	Jotapeg
Isabella Dionísio	Maria Cláudia Guimarães
Erich Pelitz	Victor Cardoso
Olívia Torres	Rita Silveira
Cristiano Sauma	Bimba
Daniel Belmonte	Renato Cornélio (Reco)
Erik Vesch	Lucca Azevedo
William Barbier	Alexandre Dias (Alê)
Julia Bernat	Valentina Duarte
Thaís Botelho	Samira
Vitor Lucas	Rafael Antunes
Ricky Tavares	Rodrigo Cerqueira
Rael Barja	Caju
Johnny Massaro	Fernando Chalfon (Fernandinho)
Igor Rudolf	Guilherme Cardoso (Limão)
Luciana Didone	Ana Clara Oliveira (Clarinha)
João Vithor Oliveira	Jonas Duarte
Glaucio Gomes	Ricardo Casanova (Casca)
Regina Remencius	Lise Fischer Ribeiro
Ricardo Ciciliano	Sérgio Teixeira (Serjão)
Graziella Schmitt	Letícia dos Santos
Isaac Bernat	Thales Alvim
Ângela Dip	Dona Tânia
Vera Zimmermann	Cissa Oliveira
Priscilla Marinho	Zuleide Borboleta
Tarcísio Filho	Paulo Roberto Oliveira
Sergio Mastropasqua	Antônio Araújo
Lafayette Galvão	Emílio
Eri Johnson	Anselmo Colibri
José de Abreu	Livramento

Quadro 19 - 18ª TEMPORADA: de 23 DE AGOSTO DE 2010 a 26 DE AGOSTO DE 2011

ATOR/ ATRIZ	PERSONAGEM
Daniela Carvalho	Catarina Leal (Cat)
Bruno Gissoni	Pedro Lopes
Alice Wegmann	Andrea
Ana Terra	Ângela (Anjinha)
André Pellegrino	Marcos
Anna Rita Cerqueira	Milena
Ariela Massotti	Raquel Bazin
Bernardo Mesquita	Frederico Leal (Fred)
Binho Beltrão	Cadu
Carolina Lavigne	Laura Segadas
Dandara de Moraes	Júlia
Duam Socci	Eric
Flávia Cunha	Raíssa
Gabriel Chadan	Lúcio
Igor Cosso	Rafael
Ivan Mendes	Guilherme
Júlia Oristânio	Joseane
Junior Madalena	Franja (Carlos Francisco)
Lucas Salles	Dodói (Eduardo Godói)
Luiza Casé	Lorelai
Marcello Melo Jr.	Maicon
Maria Pinna	Bárbara (Babi)
Nathalie Jourdan	Eduarda Leal (Duda)
Pedro Maya	Carlos (Carlinhos/Obama)
Pedro Van-Held	Arthur Coelho
Ronny Kriwat	Theo Lopes
Yago Machado	Flávio (Flavinho)
Alexandre Barros	Dr. Roberto Segadas
Arlette Heringer	Márcia Carneiro
Christiane Alves	Dra. Luíza
Cris Nicolotti	Vera Marins
Gisela Reimann	Cláudia Leal
Henrique Schaffer	Milton
Inez Vianna	Dona Zica
Jacqueline Dalabona	Iara
Joelson Medeiros	Fausto Barreto
Kiko Vianello	Inspetor Moraes
Helena Ranaldi	Tereza Marins
Ailton Graça	Seu Pintinho
Sandra Corveloni	Lurdes Lopes
Marcos Winter	Odilon
Marcio Ribeiro	Romero
MV Bill	Antônio

ANEXO D - REPORTAGENS COM DICAS ESCOLARES

Notas baixas no 1º bimestre?

Confira dicas para se recuperar e tirar notas melhores até o fim do ano

Curtir

8 curtiram. Cadastre-se para ver do que seus amigos gostam.

25/04/11 às 16h49 - Atualizado em 03/05/11 às 12h24

[imprimir](#)

Notas baixas?

Na maioria dos colégios, o primeiro bimestre escolar já acabou e alguns dos alunos começam a se preocupar com as notas baixas desse início de ano letivo. O importante, agora, é tentar se recuperar e organizar os estudos. A psicóloga e pedagoga Eloiza Oliveira, do Laboratório de Estudos da Aprendizagem Humana, diz que pequenas atitudes podem ajudar e muito nesse processo.

Cada um estuda de um jeito diferente, não é mesmo? Para Eloiza, o primeiro passo é descobrir qual é o melhor método para você: “Tem estudante que assimila mais o conteúdo escrevendo resumo, outros sublinhando... uns precisam fazer muito exercícios e tem até os que aprendem melhor lendo em voz alta”.

[Vestibular sem desespero? Confira dicas para se organizar melhor!](#)

A pedagoga também ressalta que é importante prestar bastante atenção nas aulas. “É uma forma de poupar tempo de estudo em casa. O aluno já vai ter aprendido em sala e, em casa, pode se concentrar em reler a matéria e fazer exercícios. Mas tem que fazer mesmo. Nada de copiar a resposta”, adverte. Outra vantagem em prestar atenção nas explicações dos professores é que as dúvidas vão surgir na escola e poderão ser tiradas diretamente na sala de aula, na mesma hora.

Continua

Continuação

Duda foi mal em prova e terá que correr atrás

Para os que não conseguem ficar com a boca fechada, Eloiza pondera: “Claro que não dá para ficar mudo durante a aula inteira. O ideal é escolher o momento certo de conversar com o colega e a hora de prestar atenção”.

A psicóloga também recomenda não deixar muito conteúdo acumulado e correr atrás do prejuízo só depois. “Estudar um pouquinho todo dia é um ótimo começo. Aprender aos poucos é mais fácil. Não é recomendável deixar a matéria acumular. Com a proximidade das provas, o estudante fica mais nervoso e diminui a capacidade de aprendizado”.

Em casa, é preciso encontrar um lugar calmo e criar uma rotina. “Procure um ambiente silencioso e sem tentações, como TV e computador, e crie o hábito de estudar sempre na mesma hora”, afirma a pedagoga.

Nada de preguiça, então! Estude com responsabilidade e evite dores de cabeça no final do ano.

[Leia mais matérias de Se Liga](#)

[Saiba o que vem por aí na trama](#)

[Confira as últimas de Malhação](#)

- Link <http://j.mp/oRVYRX>

Redação é fundamental para garantir uma boa classificação no vestibular

Veja dicas para fazer uma composição nota dez!

[Curtir](#)37 curtiram. [Cadastre-se](#) para ver do que seus amigos gostam.

14/05/11 às 21h41 - Atualizado em 14/07/11 às 16h27

[imprimir](#)

Na trama de *Malhação*, Maicon se esforça...

Quem vai fazer [vestibular](#) já sabe: a redação tem um peso enorme para uma boa classificação. Só que, para a maioria dos candidatos, não é tão fácil ter inspiração e redigir um bom texto. Por isso, é importante dedicar um tempo de estudo e preparo para realizar uma boa redação.

COMO COMEÇAR

O primeiro passo a seguir é ver o tipo textual que foi pedido no enunciado. Os mais comuns são o dissertativo, que reúne argumentos sobre uma ideia central, e o narrativo, que conta uma história. Entre esses, o dissertativo é o mais pedido. Por isso a doutora em Letras e professora adjunta de Língua Portuguesa do Instituto de Aplicação da UERJ, Rosa Cuba Riche, dá as principais dicas sobre como fazer uma boa dissertação.

O aluno poderá receber fragmentos de texto para analisar e emitir uma opinião. Neste caso, ele deve ler os textos com atenção para tirar as informações principais e decidir qual será seu ponto de vista. Esse ponto de vista deve estar na introdução.

Continua

Continuação

- Link <http://j.mp/qCUln8>

... e acaba mandando bem na redação do colégio!

DESENVOLVIMENTO

Em seguida, o candidato deve escrever os parágrafos do desenvolvimento, com argumentos para fundamentar os pontos de vista que está defendendo. Pode-se usar exemplos, pesquisas sobre o tema, etc. Para conseguir informações e ter de fato uma opinião, o grande segredo é estar atualizado. Ler revistas informativas, jornais e estar conectado com o mundo para ter melhores argumentos para discutir.

De acordo com a professora Rosa Cuba Riche, o candidato não pode esquecer de abordar a questão social respeitando a defesa dos direitos humanos. O ponto de vista do autor da redação não pode ser contra direitos básicos como o da liberdade de expressão ou da liberdade religiosa, mesmo que ele professe um credo ou uma fé que seja contra esses preceitos.

TREINO

Fazer exercícios de redação é a melhor maneira de se preparar para a prova, porque estruturar um texto é principalmente um questão de treino.

"A gente aprende a escrever escrevendo. A primeira vez é ruim, a segunda, um pouco melhor". A professora lembra que o poeta Carlos Drummond de Andrade costumava encher uma lata de lixo com bolinhas de papel. "Se Drummond fazia e refazia seus textos, porque nós não vamos fazer o mesmo?"

Depois que terminar a composição, o aluno deve fazer uma revisão ortográfica e verificar se a caligrafia está legível. "A letra do aluno não elimina ninguém, mas o examinador tem que entender o que está escrito", diz a professora.

O QUE EVITAR:

- Clichês
- Frases feitas
- Modelos de redação de cursos
- Frases muito longas

[Confira outras matérias de Se Liga](#)

[Leia matérias de bastidores](#)

[Saiba o que vem por aí na trama](#)

Voltou a acordar cedo e está morrendo de sono nas aulas?

Confira as dicas para acordar bem e se manter acordado no colégio!

Curtir

15 curtiram. [Cadastre-se](#) para ver do que seus amigos gostam.

07/04/11 às 18h38 - Atualizado em 14/07/11 às 16h25

[imprimir](#)

Acorda, Obama! Nada de dormir na sala de aula!

Acordar cedo pode ser um sacrifício para quem estuda de manhã. Além do sono, o mau humor vira o companheiro do dia. Se você não quiser ser tachado de o mala da turma, se liga nas dicas da Silmara Rodrigues, fisioterapeuta e especialista em Medicina do Sono pelo Hospital das Clínicas:

- Procure jantar 3 horas antes de dormir. Prefira pratos ricos em carboidratos (macarrão, por exemplo).
- Evite bebidas à base de caféina, já que são estimulantes. Beba chás calmantes, como camomila, ou leite quente.

Continua

Continuação

- Deixe o material escolar e o uniforme separados. Dessa forma, você não perde tempo e fica despreocupado de manhã.
- Não assista à TV nem fique no computador antes de dormir. São atividades estimulantes e você terá dificuldades para pegar no sono. Prefira ler livros ou revistas ou escutar músicas relaxantes.
- Cada pessoa precisa de um número determinado de horas para acordar bem. Para adolescente, o ideal é dormir de 8 a 10 horas por dia.
- Cuidado com a postura para não acordar com dores nas costas! O ideal é dormir de lado e o travesseiro não pode ser muito alto ou baixo.
- “Só mais 10 minutinhos”. Esqueça essa frase. Você não vai ficar mais descansado só por dormir esses minutinhos a mais. É melhor dormir 10 minutos mais cedo!
- Alongue-se na cama mesmo. Contraia todo o corpo e dê uma bela espreguiçada! É bom para acordar os músculos.
- Tome um banho morno pela manhã para ficar bem acordado!
- Reforce o café da manhã. E leve um lanche para comer 3 horas depois.

[Confira mais matérias de Se Liga](#)

[Leia matérias de bastidores](#)

[Saiba o que vem por aí na trama](#)

- Link <http://j.mp/o7NIYA>

ANEXO E - REPORTAGENS SOBRE A AUDIÊNCIA DE *MALHAÇÃO*

Novela Malhação tem pior audiência da década

Publicado por Rafael Vaz | Terça-feira, 1 Junho, 2010

VITOR MORENO
DE SÃO PAULO

No começo, era uma academia, que virou colégio, que mudou de direção e de dono. Recentemente, mudou também de lugar e de nome.

Em 15 anos, "Malhação" passou por diversas modificações para se adaptar ao gosto das várias gerações que acompanharam o programa de dramaturgia mais longo da TV brasileira.

As opiniões dos jovens se dividem: uns se identificam com a trama, outros acham o formato desgastado.

"São sempre as mesmas histórias insossas", reclama Mário Cesar dos Anjos, 19.

"Fazer uma história nova, diferente de todas as que já foram feitas, dá muito trabalho", justifica Ricardo Hoffstetter, atual autor da novela.

Mesmo assim, o "excesso de clichês" incomoda o estudante Francisco Vitelli Maciel, 17, que acompanha o programa há sete anos.

Ele enumera: "O bonzinho que namora a mocinha. A mocinha que fica com o carinha mau para transformá-lo em bom. A novinha que fica grávida. A protagonista que tem uma irmã má".

Alheia à opinião da mãe, que não gosta quando homossexualidade ou sexo são abordados, Gabriela de Jesus, 13, diz que o programa é "a novela teen do momento".

"Não conheço um adolescente que não assista a 'Malhação'", diz ela, que adora as calças coloridas de Fiuk.

Para o professor de psicologia da PUC-SP Miguel Angelo Yalente Perosa, essa empolgação é resultado de pesquisas nas quais a novela se baseia para atingir os jovens. "As questões levantadas dão ibope", afirma.

Ibope, aliás, é uma preocupação. A audiência vem caindo desde 2004, quando atingiu 31,7 pontos de média. Hoje, a novela amarga a pior audiência da década —18 pontos de média até 26 de maio. Cada ponto equivale a cerca de 60 mil residências na Grande São Paulo.

Ambientada, atualmente, em um colégio —o Primeira Opção—, "Malhação" se tornou também uma espécie de escola para jovens atores.

Carolina Dieckmann, Débora Falabella, Daniel de Oliveira, Cauã Reymond, Fernanda Vasconcellos, Thiago Rodrigues e Nathalia Dill estão entre os nomes que passaram pela atração.

A autora e atriz Maria Mariana, 37, escreveu "Malhação" nos anos 90, após lançar o livro "Confissões de Adolescente" (ed. Agir).

Para ela, o desafio da novela é ter atores que já não venham com clichês. "A maioria já vem com um jeitinho 'Malhação' de ser", brinca.

Colaboraram MAYRA MALDJIAN e SAMIA MAZZUCCO, de São Paulo.

[+] **Folha Teen**

Receba gratuitamente nosso conteúdo.

Cadastre seu e-mail:

Cadastrar

Continua

Continuação

kristhony

| **Terça-feira, 19 Julho, 2011 at 17:50** escreveu:

se malhação ja era boa na geração academia malhação e quando botaram o colegio multipla escolha posso dizer que todas as temporadas no colegio multipla escolha foram todas boas de 1999 a 2009 agora não sei por que tiraram o multipla escolha e botaram o colegio primeira opção que colegio e esse em se eu fosse a globo botava pra reprise aparti da temporada de 1999 conserteza a audiencia ia aumenta.

maria

| **Sexta-feira, 1 Julho, 2011 at 23:18** escreveu:

nunca vi uma malhação tão besta quanto essa, não vejo a hora que acabe logo.
e porcaria da rackel que não aparece , aaaf ಾಫ

dani

| **Quarta-feira, 16 Março, 2011 at 22:32** escreveu:

eu amo malhação,mas eu concordo qe precisa mudar muita coisa.

pra que eles foram tirar o multipla escolha,o chigabyte,a republica essa era a melhor epoca,eles precisam fazer historias qe tenham mais a ver com a vida dos adolescentes,maioria das coisas qe ta rolando agoora nao tem nda a veer,eu espero qe mude meesmo,poorque eu amo malhação veey,melhor qe rebelde יי

Letícia

| **Sexta-feira, 11 Março, 2011 at 8:35** escreveu:

Eu gosto muito de malhação, sempre achei bem interessante, apesar de nem sempre poder ver pois tenho alguns compromissos está hora.

Sempre que posso eu vejo.. Eu gosto desta de agora, acho que tem atores interessantes, mas tenho que concorda com algumas criticas acima, pois sempre é a mesma historia, irmã mal que quer rouba o namorado...Eu acho legal a historia, mas acho que tem logo que descobrir que foi o lucio que deu a pedrada no Theo, coloca a Catarina com o Pedro, e ir desenvolvendo a historia, pois ai para de fica enjoativo. TENHA CRIATIVIDADE !

karla

| **Terça-feira, 14 Dezembro, 2010 at 14:09** escreveu:

Tenho 13 anos gosto de malhação mais tenho algumas surjestoes que tal voce acabarem logo com o drama da pedrada do fred colocarem o predro com a cataria e mudarem o foco de que alguem tem que separar os dois perae ne? voces sao criativo nao tenho nada contra malhação eu ate assisto e leio o resumo da semana mais se voces na mudarem o foco vao acabar se perdendo.

Fernanda

| **Quarta-feira, 10 Novembro, 2010 at 12:10** escreveu:

Nossa malhação é muito sem graça,começando pelos atores novos são pessimos,e o linguajar da novela é uma absurdo em plena 5hs da tarde os pais não querem que seus filhos de 11,13 anos fiquem ouvindo "fulano tranzou não sei com quem"que baixaria eu em,alias da muito mal exemplo malhação...:@

UOL Assine 0800 703 3000 SAC Bate-papo E-mail Notícias Esporte Entretenimento Estilo Shopping BUSCAR

JP
ONLINE

NOTÍCIAS
ESPORTES
ENTRETENIMENTO
VÍDEOS
BLOGS
JUKEBOX

Pesquisar

Newsletter Parábola
Assine e receba todas as novidades no seu e-mail

Desde que estreou, "Amor & Sexo" perde audiência

Audiências Entrevistas Memória Novelas Reportagens Pergunte ao Vannucci

20/11/11 - 15h10
Leão exalta triunfo
são-paulino sobre
América/MG

20/11/11 - 14h50
George Clooney deve
viver Steve Jobs no
cinema

20/11/11 - 14h40
Silvio Berlusconi já
ataca novo premiê
italiano

20/11/11 - 14h33
Tricolor estuda forma
de trazer unguiaio
Coates

20/11/11 - 13h55
Juventus vence
Palermo e segura
ponta do italiano

20/11/11 - 13h37
Economia brasileira
em processo de
desaceleração

20/11/11 - 13h36
Lupi não respeita a
inteligência dos
brasileiros

Audiências, Geral

"Malhação" perde 46% de audiência entre 2004 e 2010

Publicado em 5 de janeiro de 2011 por José Armando Vannucci

Compartilhe |

Curtir

Cadastre-se para ver do que seus amigos gostam.

Não é de hoje que alguns setores da Globo demonstram uma certa preocupação com "Malhação". O seriado destinado ao público jovem vem perdendo audiência e mostra dificuldades em encontrar o caminho que leve ao telespectador deste horário. Na última década oscilou de 31,7 (melhor resultado) a apenas 17 pontos, uma diferença de 14,7, redução de 46%. Algumas temáticas repetidas e situações que não retratam a realidade dos jovens afastaram quem acompanhou outras temporadas do seriado. Entretanto, é importante reconhecer que assuntos importantes como gravidez na adolescência e drogas foram debatidos através de "Malhação" e essa prestação de serviço é fundamental quando se pensa no público jovem.

Nos bastidores da Globo são muitos os que defendem o fim do projeto e a criação de algum programa capaz de atender melhor às

necessidades do adolescente de 2011, que é muito diferente daquele que assistia ao seriado no início da década passada, em 2001. O comportamento mudou, a realidade do país é outra e o consumo de informação é diferente nesta geração. Algo que, mais cedo ou mais tarde, terá que ser discutido com mais seriedade pelos responsáveis na programação da Globo

Continua

Continuação

Citibank

Conveniência em qualquer lugar: saque em moeda local em mais de 120 países. Existe um Citi para cada cliente. Descubra o seu.

Publicidade

0

Curtir

Share

0

1

O mundo do Entretenimento a um clique - Lazer, cultura, dicas, celebridades, novelas, cinema, música e muito mais!

Publicidade

Esta entrada foi publicada em Audiências, Geral e marcada com a tag audiência, Ibope, Malhação, números, queda, resultados da década. Adicione o link permanente aos seus favoritos.

Curtir

Login

Adicionar novo comentário

Ordenar por: populares

Mostrando 5 de 18 comentários

Giovane

Acho que dois fatores contribuíram para essa queda brusca de Malhação: 1- os jovens de hoje já nasceram com seus celulares e ipads a mão, são totalmente tecnológicos, muitos já namoram com 10 anos (poxa, eu brincava de carrinho nessa época!). 2- a fórmula está batida, já são 16 anos de Malhação, houve esgotamento.

Acho que o melhor era acabar com a novelinha mesmo. A Globo já tentou de tudo, mudou cenário, deixou a novela "mais adulta" (não sei onde né, mas enfim) mudou o foco. É que o pessoal cresceu e cansou daquela ladainha que, há 6 anos, era sucesso aqui.

Eu tinha 12 anos quando passou a temporada de 2004 e gostava muito! Toda a galera assistia, a Vagabanda era um sucesso e até a chatinha da Leticia (Juliana Didone) era amada pelos jovens rsrsrs Melhor temporada com certeza! Assisti de 1999 até 2006, 2007, depois perdeu totalmente a graça.

Globo, acorda e inova no horário das 17:30h!

1 semana atrás

Curtir Responder

marcelle

No meu tempo de colegio, todo mundo assistia malhação era sagrado e tinha tudo a ver com a geração! porém hoje a geração de jovens mudou, não conheço nenhum jovem que assista a novela... sempre com historinhas repetidas!! hoje o jovem prefere outras coisas!!

9 meses atrás

Curtir Responder

Larissa

Amo' Malhação Desde De Cinco Anos de idade. Não perco nenhum Capítulo. Mas acho que está muito repetitiva e sem graça

diversão » gente » tv » novelas » **novelas**

'Malhação' cai no Ibope

07 de maio de 2007 • 07h57 • atualizado às 08h21

O público de *Malhação* não é mais o mesmo. A novelinha jovem que faz sucesso há mais de dez anos na Globo teve queda significativa em sua audiência, que se manteve na casa dos 30 pontos por bom tempo.

» [Leia o resumo da novela](#)
» [Leia mais notícias do O Dia](#)

A história mudou e nos últimos dois meses o programa ficou abaixo do esperado. Depois de registrar 24 pontos de média e 50% de participação em março, os índices subiram um pouco: em abril marcou 27, com 51% de participação.

Mesmo assim, *Malhação* tem sido alvo de comentários sobre a insatisfação da direção da Globo quanto à audiência e está longe da época em que chegou atingir 42 pontos de pico, nos tempos de Marjorie Estiano e Guilherme Berenger.

A autora Paula Amaral, descarta qualquer tipo de mal-estar. "Não damos bola para estes comentários. Para nós o que vale é que fazemos um programa de sucesso. O retorno é fantástico, a emissora está satisfeita, temos diretores e atores maravilhosos e um clima muito bacana", afirma. "Seguimos no caminho certo, mas estamos sempre abertos a boas sugestões e críticas."

O surgimento de outras produções, como *Alta Estação*, da Record, e *Rebelde*, que no ano passado foi febre no SBT, não assustam a escritora, que desde a temporada de 2006 está à frente do programa - na última temporada ela dividiu a função com Izabel Oliveira, que este ano foi substituída por Márcio Wilson.

"Todas as iniciativas de produção nacional são bem-vindas, mas não vemos relação aí com *Malhação*", descarta ela, reforçando que o público não se limita aos jovens. "Temos telespectadores de todas as classes sociais, sexo e idades. Têm muitas mães e avós, por exemplo, que adoram assistir à *Malhação* até para poder discutir determinados assuntos com os jovens que têm em casa", acredita.

A assessoria de imprensa da Globo nega o desgaste do programa e afirma que nos corredores o clima é de satisfação, apesar da queda de audiência. "Estamos de olho na audiência, claro, mas também nas outras formas de comunicação com o público. Um 'feedback' muito importante é o que nos é dado pela direção, equipe e elenco", despista Paula Amaral.

A autora defende seu elenco, também alvo de críticas por ser 'bonitinho demais, mas com talento de menos'. "O critério não é estético, é artístico. A maior parte dos atores é escalada por meio de teste, atendendo a adequação do ator ao perfil do personagem. Uma das características marcantes de *Malhação* é a de descobrir e desenvolver novos talentos, como no caso da Priscila Fantin, Guilherme Berenger, Max Fercondini e Fernanda Vasconcellos. Continuamos nesta linha", recorda.

O Dia - © Copyright Editora O Dia S.A. - Para reprodução deste conteúdo, contate a Agência O Dia.

Leia esta notícia em:

Terra - Novelas

<http://diversao.terra.com.br/gente/noticias/0,,OI3571904-EI13467,00-Malhação+cai+no+Ibope.html>

ANEXO F – REPORTAGEM SOBRE OS PROFESSORES DOS “PROFESSORES” DE MALHAÇÃO

Malhação > Bastidores - ARTICLE IMPRIMIR - Os professores dos “pro... <http://malhacaoid.globo.com/Novela/Malhacao/0,,AL1548907-4030,00.html>

IMPRIMIR

Quem não se lembra daquele professor de história que transformava a aula - que poderia muito bem ser entediante - numa incursão divertida aos fatos históricos? Ou então aquele que fazia da matemática um bicho de apenas duas cabeças? Pois é, os atores que interpretam os professores do Múltipla Escolha viajaram um pouquinho no tempo e revelam as suas

fontes de inspiração.

Guilherme Winter

Ao contrário do Tiago, seu personagem, Guilherme se amarrava mesmo é nas aulas de física, tanto que se inspirou em um professor dessa disciplina para fazer o papel. “Busquei como referência um professor de física, que eu adorava. Ele explicava de uma maneira muito informal e isso fazia com que nós gostássemos muito da matéria. Também tenho amigos que começaram a dar aula há um tempo e que já vieram com uma visão mais moderna de transmitir o ensino. Eu acho que o Tiago é assim. No começo, os alunos e os outros professores não colocavam muita fé nele, por ele ser jovem e surfista, mas ele já está mostrando a que veio. Ele é um professor antenado com tudo o que acontece no mundo e traz o aluno para perto dele. Isso é que é legal: saber conquistar o aluno, ministrando uma aula interessante, contextualizando os assuntos abordados em aula com a realidade em torno dele”, diz Guilherme, que nunca pensou em ser professor, mas não descarta totalmente a hipótese: “Quem sabe um dia eu possa vir a dar aulas de teatro?”.

Otto Júnior

O bordão ‘hopi’ do Peixotão, o ator pegou emprestado de um antigo professor.

“O Peixotão é um professor de origem militar. Quando me chamaram para fazer esse personagem, me veio logo à memória um professor da época em que eu estudava no Colégio Militar de Belo Horizonte. Até o bordão ‘hopi’,

Encontre essa matéria em:

<http://malhacao.globo.com/Novela/Malhacao/0,,AL1548907-4030,00.html>
que o meu personagem usa, eu peguei emprestado do memorável sargento Rosário, que era um tremendo linha-dura, assim como Peixotão”, relembra o ator, que adoeceu a aula por das aulas de educação física. “Tinham alunos que matavam aula direto. Como eu sempre gostei de esportes, estava sempre presente nas aulas”. Otto, assim como seus colegas de elenco, é partidário da ideia de o professor deve tornar a aula mais interessante para o aluno. “É sempre bom o professor contextualizar a sua matéria com a realidade. Eu, por exemplo, não gostava de matemática, porque eu questionava qual era o sentido de aprender uma equação, por exemplo. Talvez não me tenha sido dada a consciência de que aquilo me servia para abrir o raciocínio”.